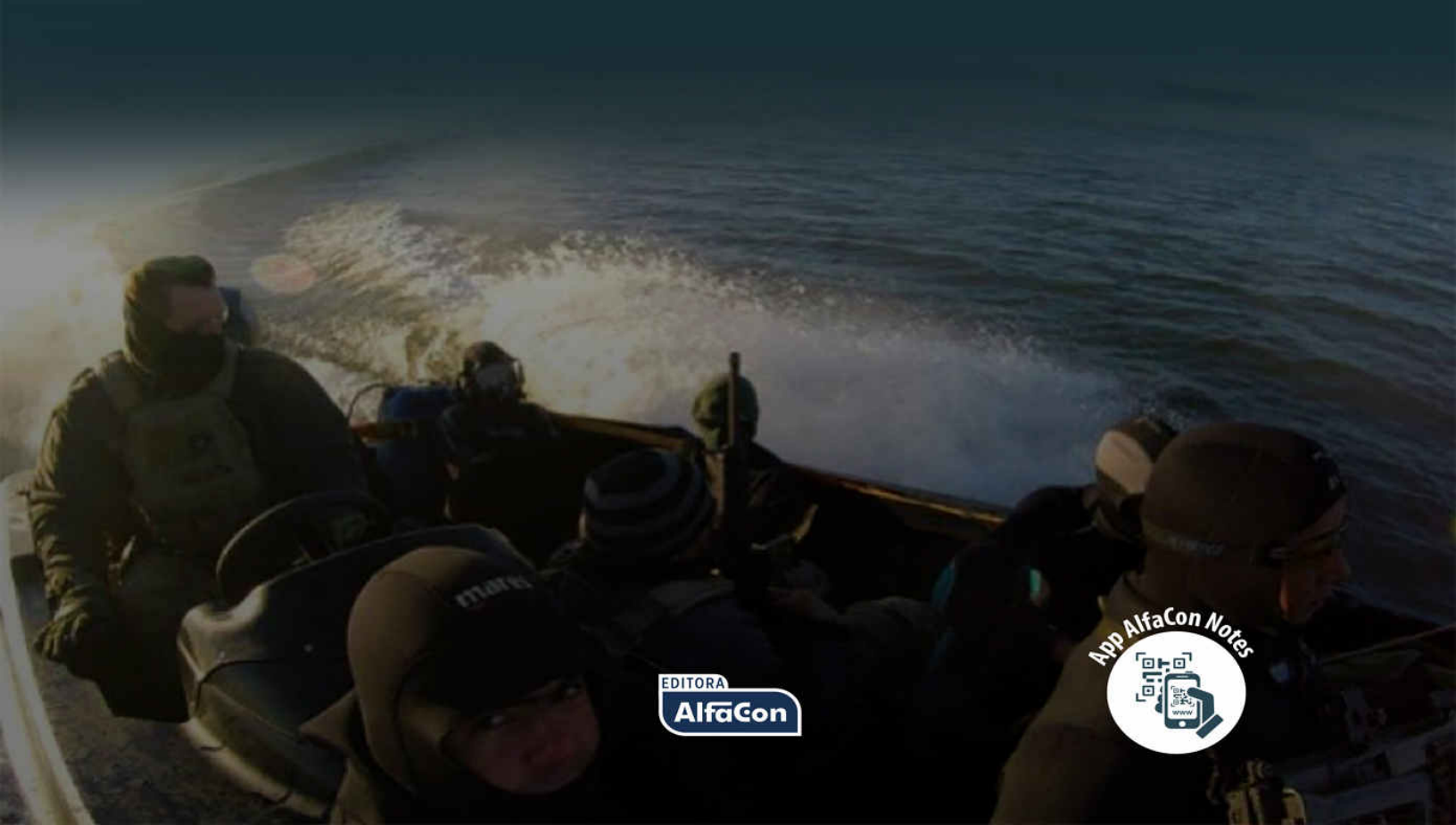
Eduardo Bettini

# MAMBA NEGRA

## O COMBATE AO NOVO CANGAÇO



EDITORA AlfaCon

App AlfaCon Notes

# MAMBA NEGRA

## O COMBATE AO NOVO CANGAÇO

**Proteção de direitos**

Todos os direitos autorais desta obra são reservados e protegidos pela Lei nº 9.610/98. É proibida a reprodução de qualquer parte deste material didático, sem autorização prévia expressa por escrito do autor e da editora, por quaisquer meios empregados, sejam eletrônicos, mecânicos, videográficos, fonográficos, reprográficos, microfílmicos, fotográficos, gráficos ou quaisquer outros que possam vir a ser criados. Essas proibições também se aplicam à editoração da obra, bem como às suas características gráficas.

---

**Diretor Presidente**
Evandro Guedes

**Diretor da Editora / Operações e Gestão**
Javert Falco

**Diretor de Marketing / TI**
Jadson Siqueira

**Coordenação Editorial**
Wilza Castro

**Supervisão Editorial**
Mariana Castro

**Supervisão de Editoração**
Alexandre Rossa

**Analista de Conteúdo**
Mateus Ruhmke Vazzoller

**Assistente Editorial**
Tatiane Zmorzenski

**Consultor Editorial**
Fabio Oliveira

**Revisão Ortográfica**

Suzana Ceccato

**Capa**
Nara Azevedo

**Projeto Gráfico e Finalização**
Nara Azevedo

**Editoração Eletrônica**
Nara Azevedo

**Fotos**
Acervo do autor

**Ilustração**
Ideário Lab/Reinaldo Rosa

---

B466mn

BETTINI. Eduardo. Mamba Negra – O Combate ao Novo Cangaço. Editora AlfaCon: Cascavel/PR, 2020.

ISBN: 978-65-8719-103-4

Missão PF. Novo Cangaço. Caveira. Crime Organizado. Prevenção contra o crime. Bettini. Brasil. AlfaCon.

CDU: 355.5

---

EDITORA AlfaCon

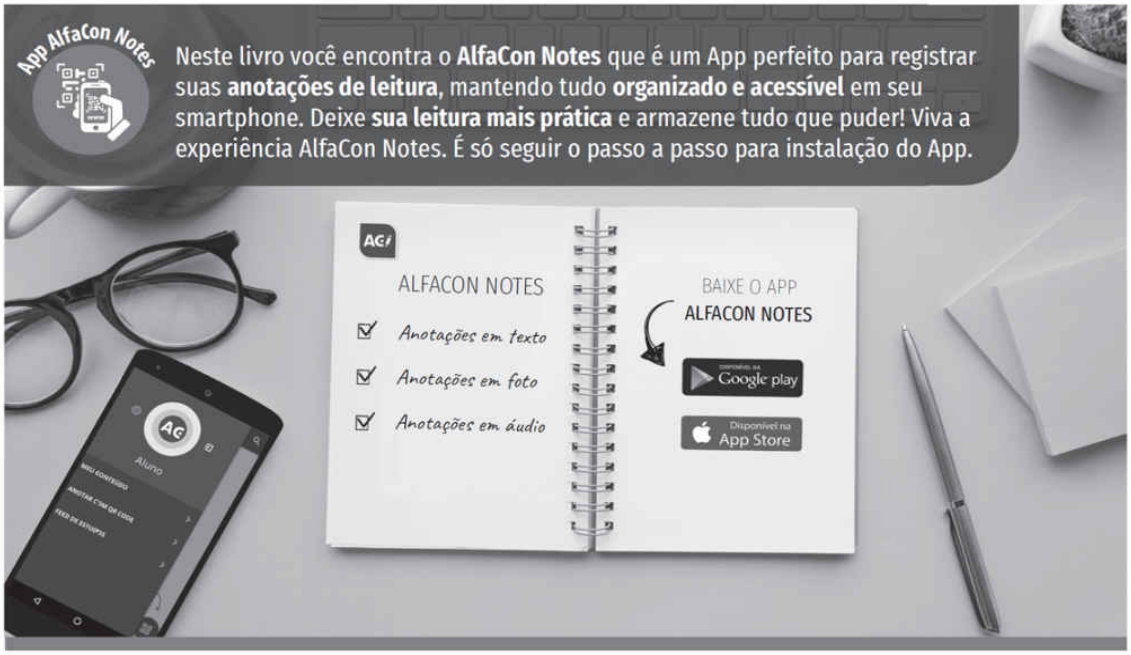
**Dúvidas?**
**Acesse: www.alfaconcursos.com.br/atendimento**
**Núcleo Editorial:**
Rua: Paraná, nº 3193, Centro – Cascavel/PR
CEP: 85.810-010
**Núcleo Comercial/Centro de Distribuição:**
Rua: Dias Leme, nº 489, Mooca – São Paulo/SP

CEP: 03118-040

SAC: (45) 3037-8888

A minha esposa Adriana, pelos maiores presentes que eu poderia receber: Stella e Hector.

# RECURSOS




*Passo 01:*

Instale o **Aplicativo AlfaCon Notes** em seu smartphone.

DISPONÍVEL NA Google play

Disponível na App Store

*Passo 02:*

Você terá acesso ao seu Feed de estudos, no qual poderá encontrar todas as suas anotações.

**App AlfaCon Notes**

Para criar uma nova anotação, clique no ícone localizado no canto inferior direito da tela.

*Passo 03:*

Cada tópico de seu livro contém **um Código QR** ao lado.

**App AlfaCon Notes**

Escolha o tópico e faça a leitura do Código QR utilizando o aplicativo AlfaCon Notes para registrar sua anotação.

*Passo 04:*

Pronto! Agora você poderá escolher o formato de suas anotações:

**Texto:**
Basta clicar no campo ***"Escreva sua anotação"*** e digitar seu comentário, **relacionado ao conteúdo** escolhido.

**Áudio:**
Clique no ícone ***"microfone"***, na lateral inferior direita, mantenha o ícone pressionado enquanto grava suas considerações de voz sobre o tópico que está lendo.

**Foto:**

1) Clique no ícone, na lateral **inferior esquerda**.
2) **Fotografe** as anotações realizadas durante sua leitura.
3) Envie no ícone na lateral **inferior direita**.

» Agora você tem suas **anotações organizadas** e sempre à mão. Elas ficarão **disponíveis** em seu smartphone.

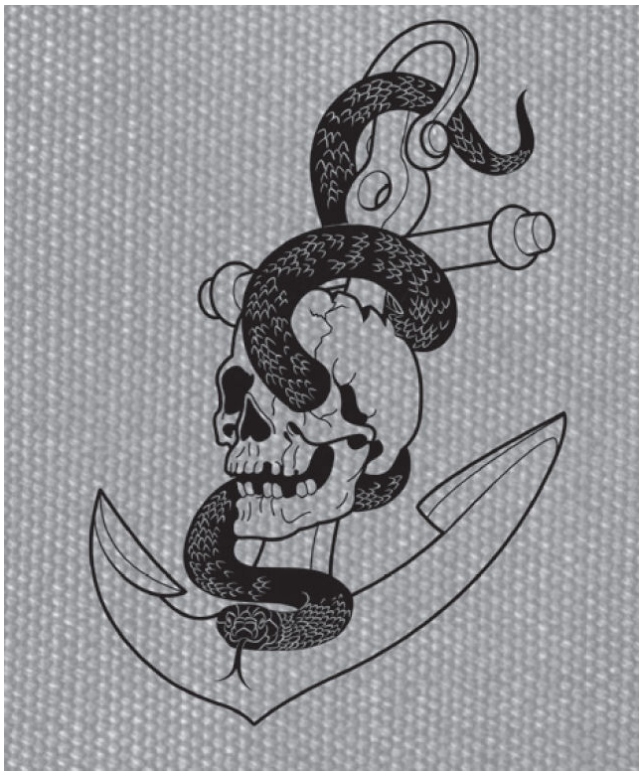
» Pronto para essa **nova experiência?** Então, baixe o app **AlfaCon Notes** e crie suas anotações.

## + Recursos

Acesso a vídeos reais, por meio de Qr Code, da ação da PF em pleno Rio Paranapanema.

Se liga no **vídeo**!

*Mais que um livro. É uma experiência!*



# Sobre o autor

Filho amoroso, marido e pai que se esforça para ser o melhor, além de Policial Federal e autor de vários livros.

Ocupa atualmente o cargo de Coordenador-Geral de Fronteiras (CGFRON) da Secretaria de Operações Integradas – SEOPI do Ministério da Justiça e Segurança Pública – MJSP.

A missão agora é consolidar e expandir a nível Nacional a síntese de uma vida dedicada as operações e ao estudo doutrinário delas: O Programa V.I.G.I.A (Vigilância, Integração, Governança, Interoperabilidade e Autonomia) de Segurança Nacional das Fronteiras e Divisas.

# Sumário


Folha de rosto

Página de direitos autorais

Dedicatória

Sobre o autor

Sumário

Prefácio

Prelúdio

1 Se não nós, quem?

2 Se não hoje, quando?

3 Terra Rica

4 Porecatu

5 A Equipe

6 Força-Tarefa

7 Rancho Alegre

8 Pedrinhas e Alvorada

9 Jaguapitã e Cambé

10 Incerteza

11 Infiltração

**12 Expectativa**

**13 Frustração**

**14 Contato**

**15 Fase Pós-Confronto**

**16 O Granjeiro**

**17 A morte**

**18 A célula**

**Dois anos…**

# PREFÁCIO

Rogério Greco

Pela primeira vez, não sei como começar. Isso porque fui tomado por um turbilhão de pensamentos após a leitura do livro, que devorei em algumas horas. Muito mais do que a história de uma missão bem sucedida, o livro é uma lição de vida.

Nele, meu querido amigo Bettini narra, na verdade, a vida de um ser humano diferenciado, de um combatente que todos gostariam de ter ao lado, de um filho amoroso, de um marido e pai que se esforça para ser o melhor, e, talvez, acima de tudo, um amigo leal.

O pano de fundo é uma missão especial, entregue a homens especiais. Sabemos que a criminalidade no Brasil cresceu assustadoramente, fruto dos desmandos de governos que nunca se importaram com o cumprimento do Estado Social. Egoístas, genocidas e corruptos, sempre, e tão somente, pensaram em seus benefícios próprios, com seus planos de eternização de poder, fazendo da sociedade sua vítima.

A criminalidade veio ganhando novos contornos ao longo dos anos. Desde a criação do Comando Vermelho, no Rio de Janeiro, no final da década de 1970, onde os chamados "presos políticos" introduziram as táticas de guerrilhas no sistema prisional da Ilha Grande, com leituras e ensinamentos de livros como o Manual do Guerrilheiro Urbano, de Carlos Marighella, e A guerra de guerrilhas, de Che Guevara, passando pela formação do Primeiro Comando da Capital, em Taubaté, em 1993, inúmeras foram as facções criminosas que surgiram em todo o país.

É do conhecimento de todos que também o foco criminoso dessas facções se adapta às suas necessidades, procurando sempre praticar as infrações penais que lhes sejam mais lucrativas. No final da década de 1980 e início da de 1990, nosso problema maior era com as extorsões mediante sequestro, daí o surgimento da Lei n º 8.072/90, que teve como mola propulsora os sequestros dos empresários Abílio Diniz e Roberto Medina. Os roubos a bancos e a carros-fortes também sempre estiveram presentes.

Já há alguns anos, esses grupos criminosos se especializaram em furtos e roubos a caixas eletrônicos. Ultimamente, como forma estratégica de cometimento desses últimos crimes, principalmente do roubo de caixas eletrônicos em agências bancárias, surgiu o Novo Cangaço.

É aqui, portanto, no combate ao Novo Cangaço, que o livro tem o seu auge. A estratégia dessas organizações criminosas que praticam o Novo Cangaço consiste em escolher cidades pequenas, localizadas no interior do país. Então, fortemente armados, os criminosos chegam durante a madrugada (por isso, para alguns, é chamado de Novo Cangaço Noturno, já que também existem os grupos que atacam essas cidades durante o dia) e praticam seus atos de terror.

Armados com fuzis e munidos de explosivos, imediatamente neutralizam qualquer possibilidade de reação policial, haja vista que, nesses lugares, o número do efetivo chega a ser ridículo, contando, muitas vezes, com apenas dois policiais militares. Fazem a população como refém e, covardemente, muitas vezes transformam em escudos humanos quaisquer pessoas que encontrarem pelo caminho.

Indignados com fatos dessa natureza, ocorridos no interior de São Paulo e no Paraná, um grupo de policiais federais de Maringá resolveu agir, com a finalidade de combater essa nova forma de criminalidade. Este livro mostra como funciona o trabalho em equipe, a começar pelo serviço de Inteligência. Sem Inteligência, o trabalho é em vão, pura perda de tempo.

Depois de um trabalho meticuloso de investigação, a equipe da Polícia Federal conseguiu identificar o grupo criminoso que atuava, com frequência, naquela região. A partir daí, começava a caçada. O grande problema desses marginais, a partir daquele momento, era que nessa equipe da Polícia Federal estava um sujeito abnegado, disposto a encontrá-los a qualquer custo.

Dentre seus incontáveis cursos, Bettini era Caveira formado no Curso de Operações Especiais Policial – COESP – do BOPE do Rio de Janeiro, considerado um dos mais duros de chegar ao fim, além de também ter o Curso de Operações Táticas – COT – da Polícia Federal, Curso de Atirador de Precisão – COT/DPF, Estágio Básico de Combatente de Montanha – do

Exército Brasileiro, Curso de APH tático, também pelo BOPE RJ, enfim, esses criminosos não tinham ideia da pedreira que tinham pela frente.

Após algumas tentativas frustradas buscando se antecipar ao grupo criminoso, finalmente chegou o grande dia. Descobriu-se que o grupo se utilizava dos rios como estratégia de fuga. Esse talvez tenha sido o seu maior erro, pois ali era território da Mamba Negra, a temida embarcação da Polícia Federal, que antes servia aos criminosos, mas agora se dedicava exclusivamente a combatê-los.

Tive o privilégio de conhecer a Mamba Negra pessoalmente. Coincidentemente, no mesmo ano em que se passaram os fatos narrados neste livro, Bettini me concedeu a oportunidade de navegar com eles nos rios do Paraná. Juntamente com a Retomada do Complexo do Alemão, onde também estive com Bettini em uma das patrulhas do BOPE RJ, a experiência de navegar nesse rio durante a noite e toda a madrugada, em um breu absoluto, sentindo o vento gelado, cortante, a tensão de ocorrer um confronto, o cansaço extremo, enfim, foi uma das mais importantes experiências que tive durante os 30 anos em que exerci minhas funções no Ministério Público.

Para mim, foram aproximadamente 36 horas sem dormir, desde a minha partida de Belo Horizonte, até os rios do Paraná. A sensação de estar embarcado, utilizando Óculos de Visão Noturna, à procura de traficantes de drogas e de armas, e também de contrabandistas de cigarro, muito comum naquela região, fez com que eu entendesse e sentisse exatamente o que passa um policial que atua nessa linha de frente. Foi uma sensação única, extraordinária.

Um amigo comum, o Coronel Alessandro Visacro, que já foi Chefe do Estado Maior do Comando de Operações Especiais do Exército Brasileiro e Comandante do Batalhão de Forças Especiais, define bem as características do Bettini, a quem reconhece ser um dos maiores combatentes de nossas forças policiais, e também das Forças Armadas. O Coronel Visacro, ratificando o que lhe havia sido dito pelo Delegado Federal Carlos Afonso G. G. Coelho, outro amigo comum, esclarece que quando alguém ingressa na Polícia Federal dá início ao “Ciclo Bettini”,ou seja, quer ser um policial operacional. Equipar-se, escolher e conferir os armamentos necessários, as provisões a serem utilizadas, e as constantes missões passam a fazer parte

do dia a dia. No entanto, após poucos meses, já tomados pelo cansaço, pela fadiga absoluta, o "Ciclo Bettini" acaba. Realmente, eu que já tive essa grata oportunidade de estar, ombro a ombro, com esse guerreiro incansável, sei que esse destino é para poucos, principalmente se forem liderados por ele.

Bettini não tem hora, não tem sede, não tem fome, não tem sono, não sente frio, não sente calor. Isso faz com que todos da sua equipe tenham uma motivação fora do comum em serem liderados por alguém que, única e exclusivamente, quer cumprir, e com êxito, a missão que lhe foi conferida. Foi isso tudo que fez com que sucumbissem os criminosos investigados pela prática do Novo Cangaço.

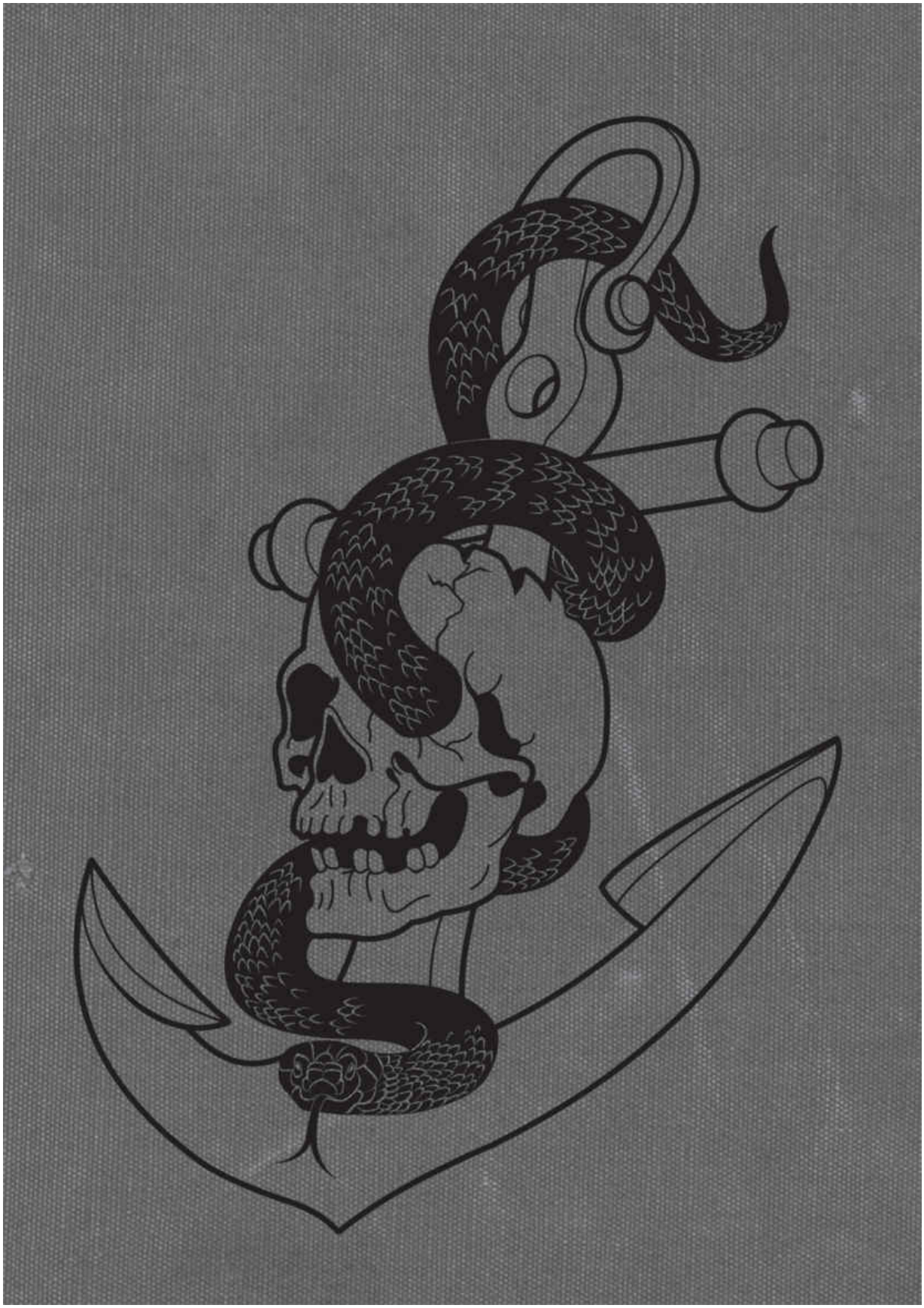
No dia do confronto, após abordarem dois barcos que, supostamente, eram utilizados por pescadores, ao perceber que se tratava do grupo a que estavam no encalço, começou o salseiro. Graças aos treinamentos e à *expertise* de toda a sua equipe, e, principalmente, pela vontade de Deus, mesmo estando em quantidade numérica inferior à dos criminosos, à exceção de um deles que conseguiu escapar, todos os demais foram mortos, após uma intensa troca de tiros.

Enfim, o livro nos mostra, com intensidade impressionante, o que esses heróis anônimos passam em defesa de nossa sociedade. Tive a honra de conhecer muitos deles quando da minha visita à Delegacia de Polícia Federal de Maringá, a exemplo dos delegados Dias e Fabiano, bem como dos agentes Fabio e Calixto, que participaram da missão que culminou com a morte dos criminosos. Pouco tempo depois, mesmo que remotamente, também conheceria o Martin. Ou seja, além de ter as imagens de toda aquela região ainda povoando minha mente, já que havia estado por lá pouco tempo antes do confronto, também tive o privilégio de conhecer a maioria dos que participaram dessa missão.

A mim só resta agradecer ao meu querido amigo Bettini por ter me presenteado com a oportunidade de conhecer, de antemão, as páginas deste livro, que mostra que nosso país é composto por homens e mulheres de honra, e que o mal, com certeza, será derrotado. A todos os policiais, independentemente do local onde exercem suas funções, fica registrada a minha gratidão por se doarem, diariamente, para que tenhamos um país melhor, mesmo que à custa de suas próprias vidas.

Rogério Greco

Pós-doutor, doutor e mestre em Direito
Professor de Direito Penal



# O PRELÚDIO

**Angela Maria Mardegan**[1]

A mamba negra[2] não ataca voluntariamente. A menos que se sinta ameaçada. Com o nome dessa venenosa serpente africana, foi batizada – informalmente – a nossa embarcação "Tempestade 02". Foi como um presságio, uma premonição. A Mamba Negra não atacaria, mas foi ameaçada.

---

1 Agente de Polícia Federal desde 1997. Trabalhou na Interpol/Brasil e na Divisão de Combate a Crimes contra o Meio Ambiente. Lotada desde 2008 na Polícia Federal em Maringá, exceto no período de 2011 a 2013, quando foi nomeada adida adjunta da Polícia Federal na Itália.

2 Nome popular da *Dendroaspis polylepis,* uma das serpentes mais venenosas do continente africano.

Trabalhávamos em um novo formato de investigação, ao menos na Delegacia da Polícia Federal em Maringá: a área de Inteligência conectada à área operacional. Tratava-se de unidades distintas, mas intimamente ligadas: uma daria vida à outra.

Esse novo formato se iniciou após diversos ataques sofridos pela equipe operacional em missões na água, na prevenção de crimes de tráfico de drogas e do contrabando de maneira geral, na circunscrição fluvial da Delegacia de Polícia Federal em Maringá.

Meses antes do início dessa nova metodologia de atuação, no dia 17/12/2015, por volta de 1h, uma equipe composta por policiais militares e federais que faziam patrulhamento no rio Paraná, na região de Querência do Norte/PR, em uma lancha ostensiva da Polícia Federal, foi alvo de dezenas de disparos de fuzis, realizados por ocupantes de uma embarcação[3] que fazia a escolta de outras três lanchas maiores[4]. Obviamente, as embarcações maiores transportavam algo ilícito, tanto que eram escoltadas. Mas esse não foi o único ato de hostilidade sofrido por policiais que tentavam realizar o seu trabalho de prevenção a atos criminosos na região.

No início de 2016, enquanto rebocava uma embarcação apreendida, uma equipe de policiais foi atacada com tiros que partiram das margens do Rio Ivaí, nas proximidades do Porto Jundiá, na divisa entre Icaraíma e Querência do Norte, ocasião em que os criminosos afundaram as próprias embarcações para depois recuperá-las, prática recorrente, a fim de evitar a apreensão e o consequente prejuízo financeiro da perda do barco.

O Corpo de Bombeiros foi chamado para reflutuar os barcos, e um grupo armado tentou impedir o trabalho dessa tão importante e respeitada corporação. Alguns dos criminosos seriam paraguaios. A recuperação dos barcos foi feita sob escolta de uma guarnição da Polícia Ambiental de Umuarama, liderada pelo Subtenente Pereira.

Em outra ocasião, pouco tempo depois, verificou-se nova troca de tiros em uma abordagem perto do porto Natal, também na região de Querência do Norte.

Em março de 2016, a Inteligência descobriu que uma ilha no rio Paraná era utilizada como um verdadeiro covil do crime. Os moradores do local davam guarida a toda espécie de piratas do Paranazão: forneciam abrigo, alimentação, hospedagem, combustível e comunicação via rádio, de forma clandestina. Em vez, por exemplo, de hospedar turistas e pescadores desportivos, que gerariam renda lícita, abrigavam criminosos. A vigilância verificou que vinte e duas embarcações já estavam ou atracariam no local. Em função do número inferior de policiais, dentre outros problemas, diversos barcos conseguiram se evadir. Não obstante, foram presas oito pessoas, tendo sido apreendidas várias caixas de cigarros contrabandeados, uma espingarda calibre 12 e quatro barcos, sendo que um deles estava carregado com fardos de maconha, totalizando 700 quilos de droga, além de outros materiais que indicavam a prática reiterada de delitos. Era a comprovação de que não apenas contrabandistas comandavam a navegação no rio Paraná, mas também os traficantes de drogas e de armas.

O contrabando de cigarros, em especial, que por anos fora taxado como "apenas" sonegação de impostos, crescera, encontrando uma via livre nas águas do Paranazão, do Piquiri e do Ivaí, locais onde não só não enfrentou resistência, como encontrou apoio, um tipo de suporte, seja por parte de uma parcela da população, seja pela complacência dos órgãos encarregados em combatê-lo. E onde o Estado não se faz presente, o crime toma o seu posto e passa a comandar. Não existe vácuo de poder. Esse foi um dos fundamentos que resultaram na criação do Grupo Especial de Polícia Marítima – GEPOM em Maringá, em outubro de 2015. A prevenção e a repressão aos delitos que eram praticados utilizando-se do meio fluvial, necessitavam de uma atuação específica e ordenada. Para os desavisados, Querência do Norte está situada na área da circunscrição da Delegacia de Polícia Federal de Maringá/PR. E portos clandestinos (ou não) são utilizados para o desembarque de toda sorte de mercadoria nessa região, o que foi comprovado com as diversas apreensões realizadas desde então. Sim, não apenas pontos informais de embarque e desembarque nas margens dos Rios Paraná e Ivaí são usados para a prática de crimes. Pudemos comprovar que, mesmo durante o dia, em portos conhecidos e movimentados, barcos atracam para descarregar mercadorias, ilícitas inclusive.

Quando abnegados policiais passaram a patrulhar a região fluvial de Querência do Norte, no extremo noroeste do Estado do Paraná, nos confins com o Mato Grosso do Sul, logo perceberam que não existiam mais "pobres cigarreiros", que "apenas enganavam o governo" passando por ali. Tínhamos informações de que organizações criminosas estariam até mesmo ditando as regras para a navegação fluvial na região, especialmente no período noturno. Os pescadores – amadores ou profissionais – não podiam mais pescar durante a noite sem ser efetivamente abordados por criminosos, que verificavam se realmente se tratava de civis ou se se tratava de policiais utilizando-se de tal "disfarce" para realizar fiscalizações.Além disso, os motores potentes dos barcos dos criminosos, que navegam em altíssima velocidade para evitar qualquer aproximação, provocam ondas que colocam em risco a navegação dos pequenos barcos de turistas e pescadores, o que gera temor e afasta os usuários dos rios, especialmente no período noturno.

Apesar de criar tantos pontos negativos, uma parcela da população ainda apoia tal prática criminosa. Em parte, pelo desconhecimento de toda a herança ruim que ela traz: furto e roubo de veículos, aumento dos valores de seguros, transferência de poder para os criminosos em detrimento do Estado, homicídios, ligação com o tráfico de drogas e de armas, corrupção, dentre outros, além da questão fiscal; em parte porque essa parcela se beneficia dos "empregos" informais gerados pelo crime, em especial, na região em comento, os de "bate-caixas", vale dizer, trabalhadores braçais que carregam e descarregam a mercadoria ilícita e os de "olheiros", pessoas que ficam ao longo de estradas, rios, ilhas, vias de acesso e trevos, com o objetivo de monitorar e informar sobre a atividade policial. Aqui, vale ressaltar que essa atividade econômica é extremamente prejudicial para o desenvolvimento sustentável do local. Desprovida de vínculo legal, não aparecerá nas estatísticas, não gerará direitos trabalhistas ou aposentadorias e essa conta um dia chegará para aqueles que sobreviverem aos anos dedicados à prática de crimes.

Outro ponto a se destacar é o aumento dos crimes violentos verificados na região e que decorrem do contrabando e de outros delitos, geralmente advindos de "acertos de contas" em razão de dívidas, reais ou imaginárias. Como os "juízes" do crime não obedecem ao devido processo legal, as suas sentenças certamente não são acertadas ou justas e, certamente, não são

passíveis de recursos em outras instâncias, mesmo porque, na maioria dos casos, a "pena cominada" é a de morte, e a execução é imediata. Os condenados são assassinados sem direito à apelação.

O Delegado de Polícia Federal Fabiano Lúcio Zanin, um experiente policial na área, enumera ao menos vinte e dois diferentes tipos de crimes potencialmente relacionados ao contrabando, sem prejuízo de outros muitas vezes inimagináveis: porte ilegal de arma de fogo, recordando-se que policiais já foram alvejados por contrabandistas e que armas foram apreendidas em locais ligados ao contrabando; furto, roubo e receptação, que são crimes fomentados pelo contrabando, pois, em grande parte, os veículos utilizados no transporte da mercadoria foram anteriormente furtados/roubados até serem receptados pelas quadrilhas; adulteração de veículo automotor, falsificação de documentos públicos e inserção de dados falsos em sistemas informatizados ou em bancos de dados da Administração Pública, crimes estes habitualmente decorrentes dos crimes contra o patrimônio (roubo/furto de veículos); falsidade ideológica, especialmente ligada às notas fiscais falsificadas, que servem para acobertar os carregamentos de ilícitos; expor embarcação a perigo, em função da forma perigosa como os barcos carregados com contrabando são conduzidos; aliciamento de menores, os quais são usados pelas quadrilhas corriqueiramente para exercerem a função de "olheiros", dentre outras; corrupção passiva e corrupção ativa, necessárias para que a mercadoria chegue ao seu destino final sem ser apreendida; contrabando em si; crime de organização criminosa, já que o contrabando exige um grande número de atores para ser levado a cabo; evasão de divisas, quando o dinheiro para pagar as cargas é enviado ilegalmente para os países fornecedores, sem pagamento de impostos; lavagem de dinheiro, uma vez que o patrimônio dos "patrões" raramente está em nome próprio; ameaça, lesão e homicídio, dirigidos especialmente a policiais que estiverem se opondo ao crime, ou aos "maus pagadores" e, ainda, aos autores de furto de cargas de contrabando; coação de testemunha, falso testemunho e fraude processual, delitos interligados, posto que testemunhas são coagidas a prestar falsas declarações, a fim de acobertar os reais responsáveis pelo crime. É claro que essa lista não se exaure. A mente criminosa não tem limites.

O monstro crescera e estava armado. E estava armado não com as "velhas garruchas" dos pioneiros que colonizaram o noroeste paranaense; estava armado com armas de guerra. E guerra não se vence sem inteligência. Foi aí que as equipes de operações e da base (de Inteligência) se uniram. Houve uma verdadeira fusão entre equipes distintas, cada uma com sua especialidade, mas agora trabalhando em estreita integração e de maneira cooperativa e sinérgica.

A operação Pleura foi o primeiro resultado desse matrimônio: enxuta, mas eficiente. Oito flagrantes realizados, incluindo o "estouro" de depósitos de cigarros contrabandeados; mais de duas dezenas de indiciados; cumprimento de vinte mandados de busca, em cinco cidades; apreensões de várias embarcações clandestinas de alta performance, armas, munições, veículos e dinheiro em espécie.

Mais do que a quantidade de pessoas presas ou de caixas de cigarros apreendidas, vale ressaltar o impacto que a investigação teve na região. A equipe de policiais federais focou os trabalhos nos principais articuladores das quadrilhas, dentre eles, um advogado e um médico, o qual, entre um parto e outro, repassava orientações a seus subordinados sobre como executar a atividade ilegal. Até então, esses articuladores atuavam como os "donos" do local, determinando condutas e espalhando o medo e o terror. Assim, foram desarticuladas pelo menos onze células de contrabandistas na região de Querência do Norte.

Para além dos resultados palpáveis, há outro imensurável: o agradecimento recebido pelos policiais daqueles cidadãos que não se curvaram ao ganho "fácil" oferecido pelas quadrilhas e que tentavam, apesar de todas as adversidades, conduzir suas vidas de forma honesta, mas que eram tremendamente importunados pelos criminosos, exatamente por terem escolhido o caminho correto. Não havia notícias, até então, de uma atuação tão marcante por parte do Estado, o que trouxe um pouco de tranquilidade para os ribeirinhos. Existe uma parcela – que eu desejo que seja a maioria – que almeja realizar suas atividades legalmente e que espera a contrapartida do Estado.

Um fato curioso: um dos investigados, tempos depois, procurou um dos policiais federais e pediu que ele "desse um jeito" em um parente, que estava seguindo o seu caminho no crime. Quando até mesmo uma pessoa

que supostamente abandonou a atividade pede socorro ao policial que o prendeu, para salvar um ente querido da estrada equivocada, podemos dizer que uma boa herança foi deixada.

É claro que uma única ação não irá resolver o problema da criminalidade em um setor tão complexo como o da área de fronteira brasileira. Estamos falando de nada menos do que aproximadamente 16 mil quilômetros de fronteiras com países como Paraguai, Venezuela, Peru e Bolívia, além de outros seis. Sim, ao todo são onze Estados brasileiros fazendo fronteira com dez países. Há diversos outros fatores que influem direta ou indiretamente na questão, que não vêm ao caso neste momento. Mas é certo que aquela foi uma investigação marcante, seja para nós, seja para quem foi beneficiado com o refreamento das ações dos criminosos que as exerciam de maneira tão aberta e impune em uma área até então tecnicamente classificada como um *black spot,* ou seja, um local de "sombreamento", onde o braço do Estado não chegava e, quando chegava, o fazia de maneira débil e de forma a propiciar a corrupção dos agentes estatais praticamente abandonados à sua própria sorte nestas "áreas sombrias". Nossa missão era levar um pouco de luz àquele local e àquelas pessoas, em sua maioria, brasileiros de bem, trabalhadores e produtores, pagadores de impostos e cidadãos.

Deflagrada a Pleura em 12/07/2016, no compasso de espera pela realização das Olimpíadas no mesmo ano, minha mente fervilhava: precisávamos fazer uma incursão de reconhecimento do rio juntos, Inteligência e Operações. A equipe da base precisava conhecer as dificuldades reais enfrentadas pelos colegas da linha de frente, entender os problemas de comunicação, de locomoção, de atuação em um ambiente hostil em todos os sentidos. Uma coisa é estar em um ambiente seguro, confortável, ter uma refeição quente e disponível a dois passos, estar abrigado do frio e do calor e utilizar-se de todos os meios tecnológicos disponíveis para poder se comunicar com quem se deseja. Outra coisa é navegar por um dos maiores rios do mundo, em um ambiente de guerra, sabendo que você pode se tornar um alvo móvel, prestes a ser atacado a qualquer momento. O histórico já demonstrara que isso era factível e que não era uma paranoia que o sentido constantemente alerta de um policial criara. Some-se a isso o frio enregelante produzido pelo vento em um barco

em movimento, a ausência de certezas e a abundância de incertezas quanto ao que vai acontecer na próxima curva, o que lhe espera na próxima ilha, o quão crescido estará aquele banco de areia que semana passada era pequeno e facilmente transposto. E, ainda, longas paradas para reabastecimento, a crueza do trabalho braçal que é exigido ao se navegar e a dificuldade em se comunicar com o "mundo lá fora", quando os embarcados é que estavam "fora".Nós, da base, tínhamos consciência das dificuldades. Mas entre a consciência e o viver há um grande abismo que só é transposto quando, fisicamente, percebem-se tais sensações.

*– Mas você quis passar por tais provações Ângela?*

*– Sim. Talvez uma mistura de inveja boa de realizar uma atividade ao ar livre em uma das paisagens mais bonitas que conheço, longe de uma escrivaninha e de um computador, com um pouco de redenção, olha, a gente entende o que vocês passam, tá?!*

É claro que o motivo primordial era o reconhecimento da área. Tudo fica mais fácil quando se conhece o ambiente onde se atua, ainda que remotamente. E o período de "entressafra" das operações era o ideal para tal reconhecimento.

Como de costume, fizemos o planejamento detalhado da missão de reconhecimento. No dia 02/08/2016, lá fomos nós: Bettini, Vendrami, Monteiro e eu, ou seja, apenas parte das duas equipes, os que estavam disponíveis naquele momento e em número que a única embarcação existente, a Órion, comportava. É certo que um número muito superior de colegas trabalhara nas ações conjuntas, mas outros fatores nos obrigaram a realizar a incursão apenas em quatro policiais: férias, outras missões, e o próprio recrutamento para o evento olímpico.

Partimos em duas viaturas, uma mais adiantada, que já começou a preparar a embarcação; e outra, que saiu um pouco depois, onde eu estava. Chegando à base em terra, ponto de partida, mais preparativos, um *briefing* para nivelar a atuação e partimos na Órion, uma lancha da década de 1980, de casco semiflexível e motor de 90HP, que estava parada no Núcleo de Polícia Marítima – NEPOM de Foz do Iguaçu/PR, há algum tempo. O Bettini "acautelara" a Órion para que o GEPOM de Maringá pudesse dar início às suas atividades.

Por cerca de meia hora de navegação, pudemos apreciar o quão belo é o Paranazão, o segundo maior rio em extensão da América do Sul. Falamos sobre o seu potencial, imaginamos a riqueza que a exploração do turismo poderia trazer para a região e como um local como aquele seria aproveitado em países desenvolvidos, e como nós, enquanto nação, deixamos de valorizar o meio ambiente e nos submetemos a grupos criminosos em detrimento de causas nobres. Falamos sobre o Parque Nacional de Ilha Grande, criado em 1997, pouco conhecido, e que abrange todas as ilhas a partir do lago de Itaipu até a foz dos rios Amambai e Ivaí, no Rio Paraná, sendo que as águas fluviais destinadas à navegação não fazem parte do Parque. Trata-se de uma zona importantíssima para a preservação da fauna e da flora, que abriga, por exemplo, exemplares da onça pintada, ameaçada de extinção. É uma área dotada de grande potencial para visitação. E lamentamos – com tristeza e mágoa – a utilização daquelas águas como um corredor de escoamento de ilícitos.

Como se disse, a intenção era apenas "apresentar" o ambiente aquático, onde os enfrentamentos ocorriam, para o pessoal da base. Mas, quando se tem o Bettini na equipe, nada é tão simples assim. Ele não deixaria que nossa missão fosse um reconhecimento "recreativo". "Está na chuva? Vai se molhar e vai se molhar muito, até os ossos", ele não disse, mas deve ter pensado. Fosse para outro, ele teria dito: "se eu quero que eu me foda, imagine você!". Mas para mim, ele não diria isso. Pode não parecer, mas o Bettini é um cavalheiro, uma pessoa extremamente educada. Na Academia Nacional de Polícia havia um cartaz amarelado pelo tempo que dizia algo como "seja humilde com os humildes e arrogante com os arrogantes". Não sei se tal cartaz ainda está pendurado em alguma parede da ANP, e também não sei se o Bettini o leu. Mas nada se aplica tão bem a ele.

Tudo seguia como previsto: reconhecimento da área, marcação de pontos no GPS, clima aprazível, até que, por volta das 17h, chegamos ao Porto Brasílio, em Querência do Norte. Ali, uma lancha de cor amarela, tripulada por dois indivíduos, ambos utilizando capacetes de motociclistas, "arrancou" em altíssima velocidade, claramente em fuga, após avistar a nossa embarcação. Nesta "arrancada", o passageiro da lancha chegou a tombar para trás, tamanha a força empreendida no deslocamento.

Sejamos razoáveis, ninguém sai por aí para apreciar a paisagem usando um capacete de motociclista em um barco com casco esportivo e motores de 250 HP. Menos ainda, em alta velocidade, causando pânico nos pescadores que se encontravam no rio naquele momento. Nós não deixaríamos por menos: lá fomos nós cumprir com o nosso juramento, feito há tantos anos na formatura na Academia Nacional de Polícia, quando ainda éramos jovens e acreditávamos que mudaríamos o mundo. A perseguição foi inútil, já que o nosso motor era infinitamente menos potente que o da embarcação avistada. Navegamos por aproximadamente quinze minutos, sem sequer avistar a lancha. Sempre que encontrávamos algum pescador, perguntávamos se ela havia passado por ali, e a resposta era afirmativa. Continuamos seguindo as pistas nada animadoras. Contudo, em uma espécie de "golpe de sorte", que acaba acometendo os policiais mais obstinados vez ou outra, pudemos ver que a lancha fugitiva saíra das proximidades de uma ilha, na região do Porto Natal, outro atracadouro conhecido em Querência do Norte, o que fez com que a equipe suspeitasse de que havia algo escondido na região. Isso, somado à informação da existência de um suposto barco ocultado em uma ilha no rio Paraná, fez com que seguíssemos à sua procura.

E, assim, "batemos" todas as margens dos possíveis locais onde a suposta embarcação poderia estar atracada de forma camuflada. Não seria uma empreitada fácil. A vegetação típica e preservada das margens das ilhas se torna uma barreira visual, dificultando a fácil e rápida localização de qualquer objeto que estivesse ali "mocozado". Foram várias passagens pelos mesmos pontos, para confirmar que não havia nada escondido.

Após cerca de uma hora de tentativas, em meio a uma fechada vegetação, quase que simultaneamente, eu e o Bettini a avistamos, apenas uma nesga do casco refletindo o sol que já se punha, mas que possibilitou encontrar a "bichona". Sim, ela era uma "monstra", enorme, se comparada ao nosso pequeno barco, e estava equipada com um potente e moderno motor de 250 HP, inegavelmente muito superior ao que usávamos naquela missão, a futura Mamba Negra.

A ausência de bancos, à exceção daquele do piloto, "entregava" a sua utilização no transporte de diversos ilícitos, desde o Paraguai até o noroeste do Paraná, e dali, para todo o território nacional. Essa é uma das formas que

os criminosos encontram para liberar espaço útil dentro das embarcações, dinamizando os ganhos e ainda aumentando a velocidade da navegação por conta da redução do peso bruto do barco.

Atracamos junto a ela. Enquanto os agentes Vendrami e Monteiro faziam a varredura do local, em busca de eventuais pessoas que pudessem estar por ali, à espreita, fiquei na cobertura da retaguarda. A lancha amarela – que desaparecera em um primeiro momento – voltou e acompanhou o nosso trabalho a distância, e era preciso estar atenta a uma possível aproximação. Enquanto isso, o Bettini passou a vasculhar a lancha recém-descoberta, com seu potente motor.

Se me fosse determinado exemplificar o que é felicidade, este seria um desses momentos: o Bettini descobrindo cada detalhe dessa embarcação, como um menino que acabara de ganhar o brinquedo mais desejado como presente.

Achou que era só passar a mão na lancha e sair dali? Não, você está engando. É preciso verificar se está tudo em ordem, se não há nenhum dispositivo instalado, abastecê-la, e, finalmente, dar partida. Considerando que a lancha estava sem a sua chave e que foi preciso improvisar uma "chave micha", essa tarefa foi particularmente trabalhosa, ainda mais no escuro, que a essa altura já tomara conta do Paranazão.

A noite caíra quando conseguimos nos desvencilhar daquele esconderijo e retornar com o barco apreendido até o nosso ponto de partida. Foi um retorno difícil, lento, perigoso e congelante, para dizer o mínimo, a respeito da sensação térmica, durante a noite, em uma área úmida.

Eu seria injusta se neste ponto não ressaltasse a bravura do Vendrami e do Monteiro. Corajosamente, mesmo sem a experiência do pessoal do GEPOM, conduziram uma das embarcações, enquanto eu e o Bettini viemos em outra. Parece fácil, né? Vai lá e faz, então! Imagine a total escuridão, o frio, os bancos de areia, o receio de não saber se há uma emboscada ali à frente. Mas, quando se começa uma missão, ela precisa ser concluída (a famosa "missão dada, missão cumprida"). E esses dois foram bravos guerreiros naquela noite.

Durante o percurso de volta, o Bettini me passou o nosso único binóculo termal, já que não era possível enxergar nada à nossa frente.

Daquela maneira, eu poderia ajudá-lo na navegação, aumentando nossa segurança consideravelmente.

– Pessoal, dentro da lancha nenhum de vocês será "passageiro". Todos nós seremos tripulantes. A diferença entre um e outro é que o tripulante tem uma ou várias funções dentro da embarcação e da coordenação e cooperação entre os tripulantes depende a segurança da navegação, sobretudo quando falamos em navegação noturna em uma área tão complexa, como a do rio Paraná, – dissera o Bettini no nosso *briefing,* pouco antes de embarcarmos na Órion, naquela mesma tarde, antes de sairmos da nossa base em terra.

Em determinado momento, avistei uma massa disforme, esbranquiçada, indicando que havia algo que irradiava calor, mais adiante.

– Pessoal, tem alguma coisa ali na ponta daquela ilha, tem algo emitindo calor, não sei o que é ainda!

Tensão no ar, alerta total, poderia ser uma emboscada? Seria um grupo de criminosos que faria mais uma investida contra uma equipe da Polícia Federal? Eu não conseguia identificar do que se tratava, uma vez que, como eu disse, era uma massa irregular, indefinida. Até que, segundos depois, uma silhueta se estacou do grupo e eu pude ver o contorno típico de um animal bovino. Era um rebanho em seu repouso noturno, em uma das muitas ilhas existentes no trajeto.

– São vacas! – com alívio informei.

– Vacas vivas! – soltou o Bettini, e gargalhou.

Não entendi.

– Sim, são vacas vivas, né! Mortas é que não estão.

Ele então relatou o ocorrido em uma missão, em que um colega carioca, à frente do grupo de viaturas, enquanto trafegavam em uma estrada, alertou pelo rádio: *"atenção, comboio!* À *nossa direita, vacas vivas!"*. Rimos muito. As nossas também eram vacas vivas, felizmente, e não um grupo armado querendo recuperar o barco apreendido.

Atracamos, já no meio da madrugada na base, enrijecidos pelo frio cortante da noite passada nos barcos. Agora, outra parte da missão. Para quem acha que ser Policial Federal é só *glamour,* saiba que depois de tão

importante apreensão, éramos nós mesmos que deveríamos fazer todo o rescaldo: retirar embarcações da água, recolher todo o material, deixar tudo guardado de forma segura e organizada, e preparar nossa própria refeição, além de deixar tudo limpo e pronto para a próxima missão, que nunca sabemos quando será. Trabalho braçal. Não, nenhum "ser" sobrenatural desce e faz esse trabalho por você. Isto leva horas. Você tem fome, sede, frio e está cansado. Mas a missão ainda não acabou e você precisa fazer isso também. Tudo ordenado, finalmente pudemos comer algo e ir descansar.

– A gente passou por tanta coisa hoje, mas quando a gente retorna, parece que não aconteceu nada. – confidenciou-me o Bettini, com um ar quase melancólico.

De pronto percebi o que ele estava falando. Quem nos avistasse, naquele momento, não imaginaria o que havíamos passado, pensaria que tínhamos apenas feito um passeio recreativo pelo rio. Eu nunca raciocinara sobre isso, mas era exatamente a impressão que eu tinha naquele instante. Apenas nós quatro havíamos vivenciado aqueles momentos e apenas nós, em nosso íntimo, conhecíamos as sensações percebidas ao realizar aquele trabalho. Qualquer relato não seria capaz de reproduzir fidedignamente a atividade que havíamos feito, desde o encontro com uma lancha em fuga, até atracarmos de volta, congelados – mas felizes – e com uma bela lancha apreendida. Senti falta de todos os meus companheiros da Inteligência, gostaria que eles todos pudessem ter passado por aquela experiência.

Ninguém nunca reclamou a Mamba Negra, nem poderia, afinal, ela era utilizada para a prática de ilícitos. A Justiça atendeu ao nosso pedido, e ela foi incorporada ao patrimônio da Polícia Federal. Agora ela era nossa! Abandonou sua vida de servir ao crime, para servir à sociedade.

Nós ainda não sabíamos, mas a "Monstra" se tornaria vital nas operações em água que a Delegacia de Polícia Federal em Maringá realizaria nos anos seguintes. Em especial, ela fez a diferença para que vidas de Policiais Federais fossem preservadas na manhã de 7 de abril de 2017. Talvez a alegria toda do Bettini ao se deparar com ela naquele início de uma noite fria, úmida e cansativa, no Paranazão, fosse uma espécie de pressentimento, um prelúdio do que aquela máquina fantástica poderia fazer por ele e por todos nós, integrantes daquele "bando de irmãos e irmãs" algum tempo depois. Não mudamos o mundo. Mas mudamos o mundo

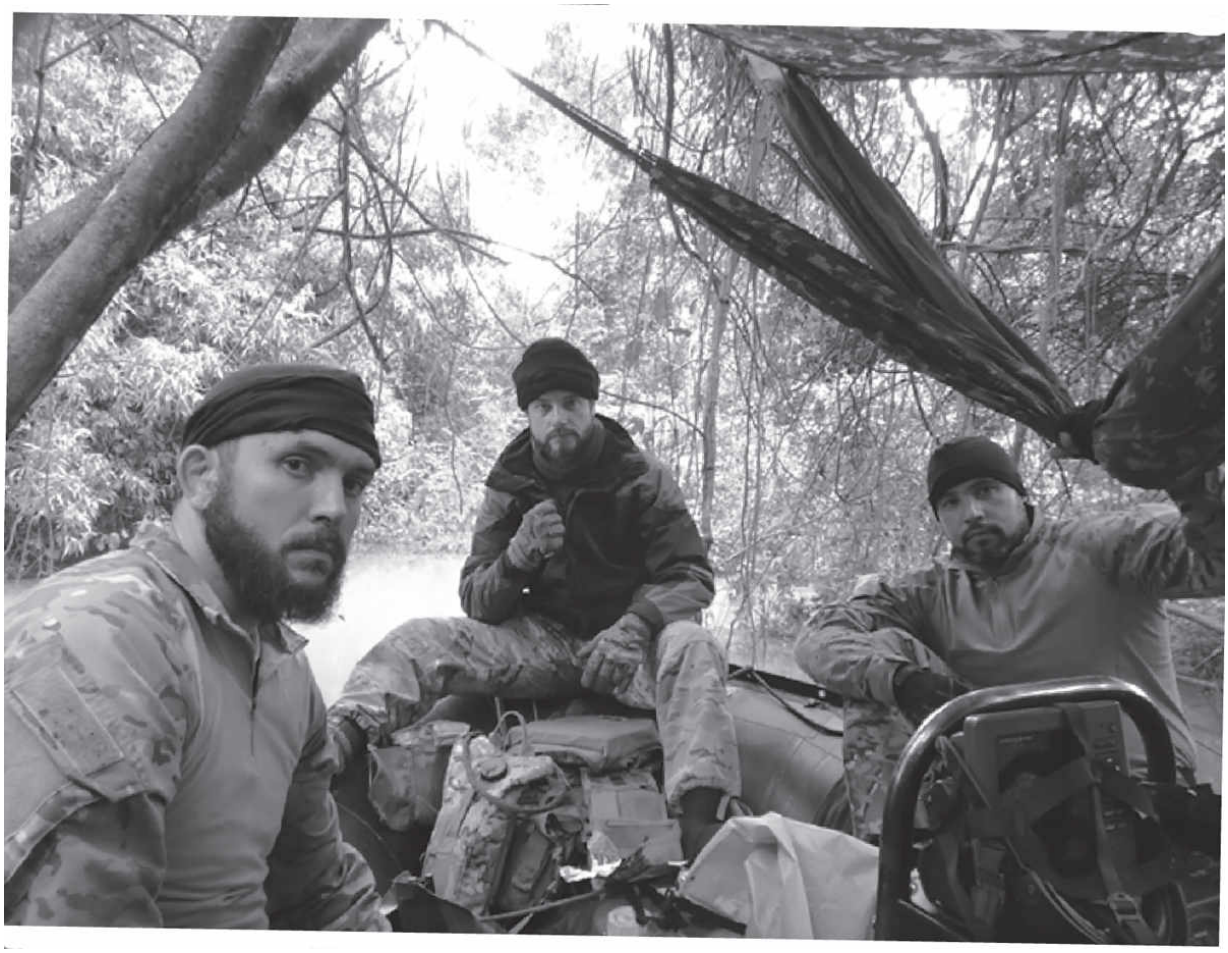
daquela lancha. E ela mudou o destino daqueles policiais e de potenciais vítimas inocentes.

Esse foi o começo do começo!

Momento em que a embarcação era rebocada, no rio Ivaí, próximo à região do Porto Jundiá. A ação e a perseguição haviam ocorrido durante a madrugada anterior. Das margens, a equipe do GEPOM-PF-Maringá/COE-PMPR, foi alvo de uma violenta sequência de disparos efetuados por contrabandistas escondidos na mata ciliar

Bombeiros reflutuando embarcação de ferro, afundada pelos contrabandistas na madrugada enquanto tentavam fugir da ação do GEPOM-Polícia Federal. Estas embarcações eram chamadas de “galos”

Embarcação tipo "galo" reflutuada e apreendida pela Polícia Federal de Maringá (obras da ampliação da delegacia, ao fundo).



Ponto de espera da equipe que abordou a ilha utilizada como base da organização criminosa. Os policiais passaram três dias no pequeno espaço livre da lancha Órion. Por conta da limitação de espaço, as redes eram armadas em árvores. O local utilizado para o acampamento era alagado e não foi possível a equipe desembarcar durante os dias da espera.

Equipe composta pelo GEPOM Maringá e pelo NEPOM Guaíra, que realizou a operação na ilha, a partir da esquerda, APFs Prates, Calixto (o nosso "02"), Tracz e Bettini.

Espingarda calibre 12 apreendida com os contrabandistas/traficantes na ilha, na região do Parque Nacional de Ilha Grande. À esquerda, uma das lanchas apreendidas, do tipo "Rápidas", motor 200 HP.

A lancha apreendida – ao fundo – embaixo da vegetação das margens, sendo inspecionada pelo APF Bettini.

A partir da esquerda, Monteiro, Bettini e Vendrami ajustam os equipamentos e improvisam bancos para a navegação na Mamba Negra.

Mamba Negra sendo preparada para o transporte no dia seguinte à apreensão.

A partir da esquerda, Bettini e Ângela; ao fundo, a Mamba Negra.

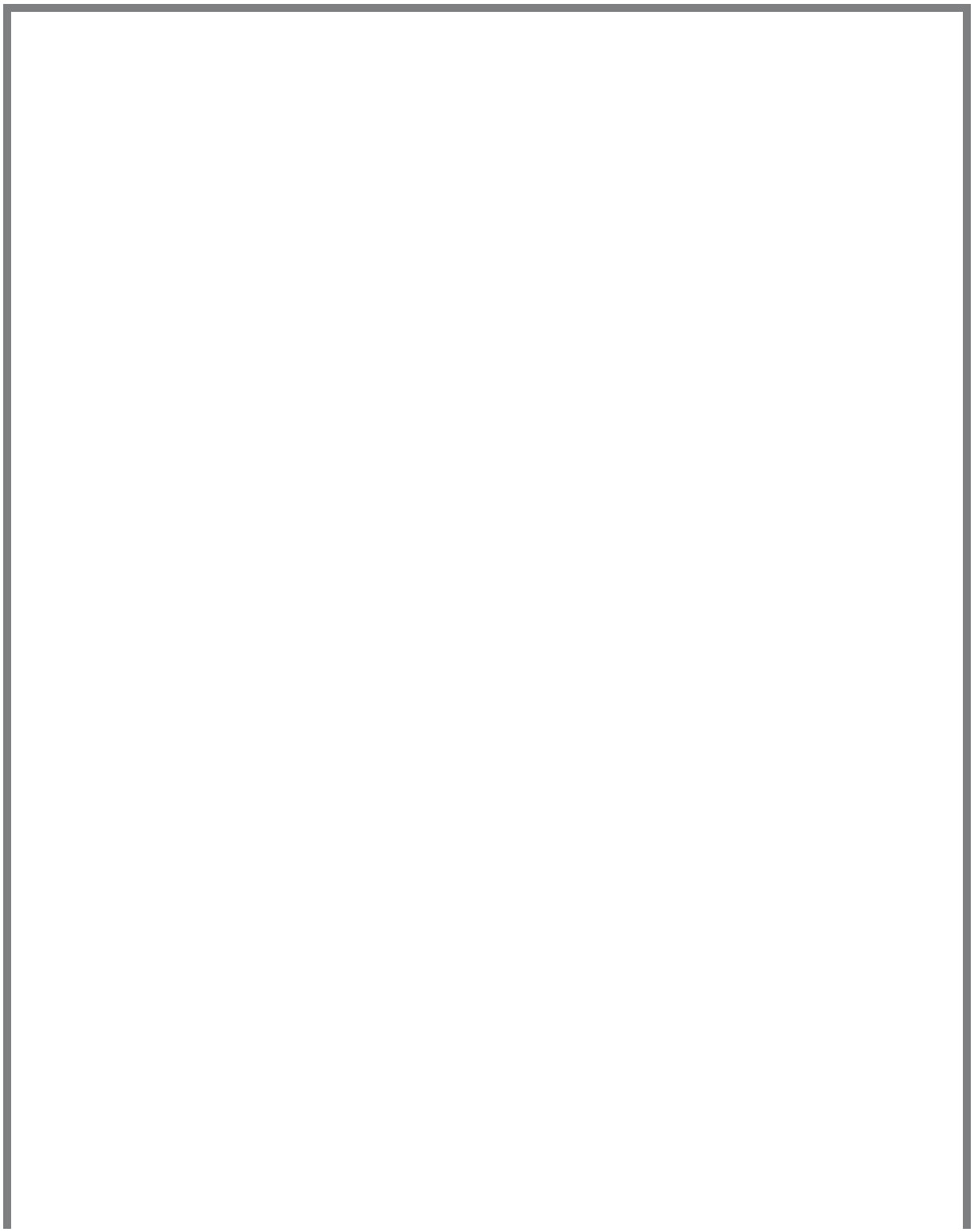
Belíssimo pôr do sol em um dos inúmeros canais do rio Paraná, visto a partir da popa da Mamba Negra.

A falta de padronização no uniforme revela que se trata da equipe da Inteligência, e não de membros de operações especiais. A partir da esquerda, Vendrami, Ângela e Monteiro; ao fundo, a Mamba Negra.

---

3 Embarcações de fibra, modelo “Quest”, geralmente equipadas com motores de 200 ou 250 HP, são muito rápidas, geralmente de cor preta e sem qualquer inscrição que as identifique. São embarcações clandestinas.

4 São embarcações de ferro, com capacidade de carga que varia de dois mil a mais de cinco mil quilogramas. Geralmente, são equipadas com potentes motores de 200 HP e são de cor verde-oliva para facilitar a camuflagem no ambiente do rio Paraná.



# 1

# SE NÃO NÓS, QUEM?

# 1

# Se não nós, quem?

> *"Embora somente três homens fossem responsáveis por puxar o gatilho, dezenas deles – por meio de vários níveis de comando e em diferentes países – fizeram contribuições vitais*
>
> Stanley McChystal[5]

Quarta-feira, 13 de julho de 2016, 9h30min da manhã.

– Servição esse, hein! – disse Vicentini.

– Sim, quatro lanchas carregadas de cigarro contrabandeado do Paraguai, três barcos com os batedores e onze presos – respondi.

– Vocês passaram quantos dias no mato?

– Cinco dias.

– Tava muito frio?

– Demais! Pegamos temperatura de 1°C. Acampados em uma ilha, sem poder acender fogueira, com essa umidade aí… foi doído.

– Imagino! Nós, que estávamos aqui na cidade, estávamos com muito frio! Imagina vocês lá! O tempo todo falávamos sobre isso.

– Mas valeu a pena.

No dia anterior, havíamos desencadeado a operação "Pleura", de combate ao contrabando de cigarro proveniente do Paraguai, que era trazido por lanchas, através do rio Paraná. Várias pessoas foram presas, inclusive um médico da região e seu irmão advogado, líderes de uma das células da organização criminosa.

– E agora? Passamos seis meses neste trabalho… tem ideia de qual vai ser nosso próximo serviço?

– Tenho, sim. Você viu as imagens do assalto a banco em Ortigueira semana passada?

– Vi, sim. Revoltante. Aquilo parece uma provocação.

– Sim. Passei esses dias todos no mato pensando naquilo. Quando começamos a operar no rio Paraná, há dois anos, todos falavam que era impossível que conseguíssemos combater com efetividade as ações dos contrabandistas no rio. Diziam que os caras dominavam a região. Hoje está aí o resultado de nossas ações, conseguimos desmantelar uma organização gigantesca. Tenho certeza de que se nos empenharmos da mesma forma em um serviço para combater o Novo Cangaço, obteremos êxito.

– É verdade. Mas não é brincadeira lidar com esses caras. Eles vão para o "tudo ou nada", são muito bem armados e violentos. É muito perigoso.

– Perigoso…

– Sim, é perigoso.

– Nestas horas me lembro sempre de um pensamento do ex-Presidente norte-americano Ronald Reagan: "Se não nós, quem? Se não hoje, quando?"

– É verdade.

– Vou pedir ao Dias, ao Fabiano e ao pessoal da Inteligência prioridade em uma investigação para pegarmos esses caras, não estou me sentindo bem com tudo isso que está acontecendo na nossa área, eu me sinto omisso.

Dias era o delegado chefe de operações e Fabiano o chefe substituto, portanto, o segundo na hierarquia da delegacia.

– De repente, é hora de aproveitar que o Chefe Carrer está feliz com o resultado dessa operação…

Chegamos à delegacia eram quase 11h. A equipe de oito policiais que havia se infiltrado no rio, permanecendo escondida em uma ilha por vários dias aguardando o melhor momento para a ação, estava imunda. Nosso cheiro logo se espalhou pela delegacia. Alguns colegas reclamavam que aquilo era nauseante. Entrei na sala do delegado Dias e ele sorriu.

– Parabéns, seu monstro!

– Parabéns para todos nós parceiro. Sem o empenho dos delegados na parte jurídica e dos colegas da Inteligência não teríamos feito nada. Vocês nos colocam de "cara para o gol" mais uma vez, sou fã do pessoal da Inteligência.

– Eles são muito bons!

– Demais cara! A Raiani tem se superado a cada dia! Que aquisição espetacular para a delegacia!

– Nossa, a capacidade dela de leitura da situação é impressionante.

– Sim, parece que ela está vendo a mesma coisa que nós! Essa equipe é sensacional, todos estão de parabéns.

– Foi um trabalho bonito, hein!

– Foi sim. Te falei que conseguiríamos pegar os caras na água também.

– Vocês são foda! Aproveita agora, tira uns dias de folga, cuida um pouco da esposa. Ela deve estar abalada com a situação da gravidez que não tem dado certo.

– Está, sim. Vou dormir por uns dois dias. Sobre a Adriana, na hora certa a gravidez vai acontecer, tenho certeza. Mas vou dar uma atenção especial para ela. Agora, parceiro, preciso te pedir um favor pessoal.

– Sim, pode pedir!

– Um serviço de “Alfa Bravo”.

– Eu sabia! Imaginei isso parceiro, você deve estar muito puto com esses assaltos a banco, esse pessoal do Novo Cangaço está acabando com nossa região.

– Nem me fala! Estou me sentindo um merda com tudo isso acontecendo enquanto nós permanecemos passivos em relação a essa situação.

– Então, olha só, eu te prometo que vamos dar prioridade nisto, beleza? E pra você se animar mais um pouco, te digo que eu e Miranda fomos até Terra Rica pra investigar o assalto que teve lá no início do mês e falamos com a P2 de Londrina sobre Ortigueira. Achamos que é a mesma quadrilha que está realizando todos esses assaltos aqui na região.

– Que beleza!

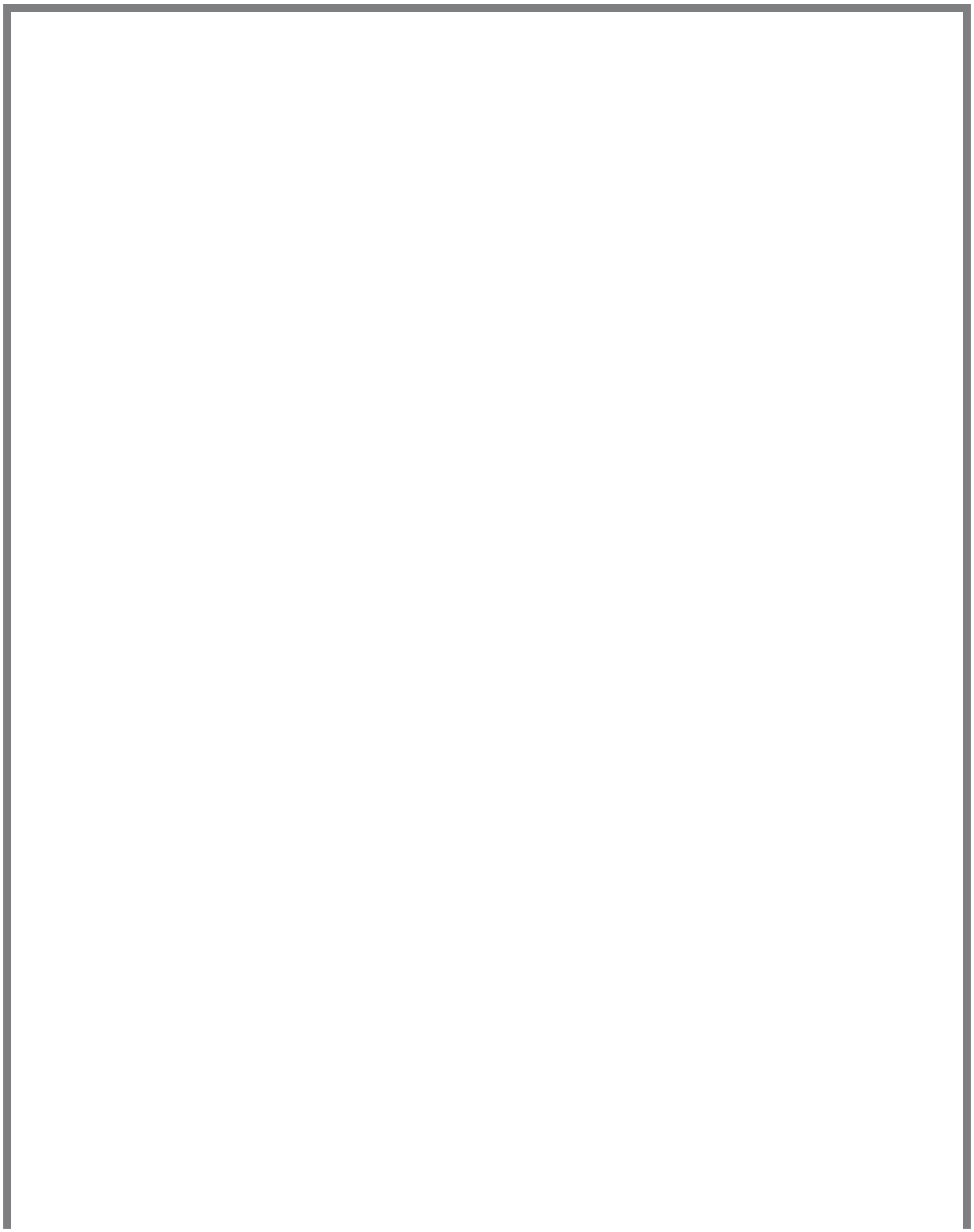
– Se você assistir aos vídeos das câmeras de segurança que nós conseguimos, vai ficar louco. São uns doze vagabundos, todos com armas longas, fuzil, calibre 12, etc. Ficam atirando pra tudo o que é lado, fazem um cordão de reféns, dão coronhadas nas pessoas, é revoltante. Na hora comentei com o Miranda que se você visse aquilo iria ficar maluco.

– Prefiro nem ver isso!

Nos dias que se seguiram, finalizamos os procedimentos relativos à operação Pleura. Sempre que acaba uma missão assim, sou tomado por duas sensações. Uma boa, de alívio pelo trabalho realizado. A outra, diferentemente, é um misto de melancolia com um pouco de solidão. Enquanto estamos envolvidos com determinado serviço permanecemos o tempo todo inseridos em uma equipe. Quando acaba a operação, acaba também aquele objetivo em comum, aquela dificuldade a ser vencida, que une a todos em torno de um só ideal. Por um curto período, cada membro da equipe vai focar na sua própria vida, lidar com pendências pessoais e dar conta do *déficit* de convivência familiar. Isto é ainda mais forte nas equipes operacionais em missões em que os integrantes, muitas vezes, permanecem "isolados do mundo" por longos períodos. E quanto maiores as dificuldades relacionadas à missão, maior é o vínculo criado entre a equipe e maior a tendência de acontecer o que chamamos, em tom de brincadeira, de "TPM", ou "Tensão Pós Missão". Muitas vezes, a reinserção ao cotidiano urbano e agitado de nossas vidas é difícil após um período de isolamento na selva.

---

5 McChrystal, Stanley. Team Of Teams: New rules of engagement for a complex word. Portfolio-Penguin. New York. 2015.



# 2

# SE NÃO HOJE, QUANDO?

# 2

# Se não hoje, quando?

Nos grupos de WhatsApp começaram a chegar mensagens sobre o assalto em Mandaguaçu/PR[6], uma cidade pequena e pacata, com população composta em sua maioria por agricultores, distante aproximadamente 25 km de Maringá. Os criminosos mantiveram um grupo, atirando contra o destacamento da Polícia Militar. As ações estavam cada vez mais ousadas. Cheguei em casa 7h45min, geralmente acordo às 6h e faço um treino físico que dura cerca de uma hora. É o que eu chamo de "mínimo necessário". Quando consigo, complemento esse treinamento com lutas. Mas havia lesionado meu ombro em setembro, durante uma missão no Rio de Janeiro. Havia sido cedido ao BOPE para uma operação na favela do Salgueiro, com o objetivo de prender o criminoso conhecido como "Fat Family". Por conta dessa lesão, minha preparação se resumia à parte física, com uma boa limitação. O café da manhã já estava pronto quando cheguei em casa. Liguei a televisão e no jornal local já havia imagens da ação criminosa. Aquilo era uma provocação ostensiva ao chamado Estado Democrático de Direito. Mais uma vez, um bando criminoso conseguia se apoderar de uma cidade inteira, deixando-a de joelhos à sua vontade diabólica. Sem pressa, destruíam uma a uma as agências bancárias, atiravam contra edifícios, humilhavam pessoas e partiam sem a mínima chance de as polícias locais fazerem frente àquela situação. Dessa vez, atiraram contra uma viatura da Polícia Militar e, por muito pouco, não atingiram os policiais, por pura sorte. O mesmo havia acontecido no assalto de Querência do Norte, alguns meses antes. Aquilo me incomodava e não podia deixar de pensar que logo aquele bando de criminosos ousados estaria dominando outra cidade, assaltando mais bancos.

Após um curto período de descanso na sequência da deflagração da operação Pleura, retornamos ao trabalho, focados em obter pistas sobre a quadrilha de assaltantes de bancos. Os assaltos, por sua vez, repetiam-se todos os meses. Às vezes aconteciam dois ou mais assaltos em um mesmo mês. O *modus operandi,* ou seja, a maneira de fazer as coisas, era sempre a

mesma: os criminosos surgiam do “nada”, em grupos de dez a doze homens fortemente armados, dominavam a cidade, atiravam contra os destacamentos da Polícia Militar e delegacias da Polícia Civil, muitas vezes com somente um ou dois policiais cada e sem armamento pesado, ao contrário dos bandidos, que sempre estavam muito bem armados. Um a um, sem pressa, eles explodiam todos os bancos das cidades. Enquanto os explosivos eram montados, parte da quadrilha se mantinha atirando a esmo contra edificações, simplesmente para provocar o pânico na população, que se via abandonada à própria sorte, permanecendo completamente à mercê do bando. Terminados os saques, todos embarcavam em veículos, os quais geralmente haviam sido roubados nas semanas anteriores, e desapareciam no emaranhado de estradas rurais secundárias que compõem a complexa malha viária do Estado do Paraná. Por mais que unidades policiais táticas fossem enviadas no reforço e fosse estabelecido um cerco, somente uma única vez, um dos veículos utilizados na fuga havia sido encontrado. Foi uma caminhonete L200 achada semissubmersa na barranca do rio Paranapanema, na cidade de Terra Rica/PR. O restante dos veículos jamais fora encontrado. A cidade atacada, por sua vez, parecia ter sido alvo de um bombardeio, era um cenário de guerra. Prédios inteiros vinham abaixo, buracos provocados pelos projéteis de fuzis marcavam as paredes de edificações a centenas de metros dos bancos atacados e vidraças de lojas se transformavam em vidros estilhaçados espalhados pelo chão. Nesses casos, enviar unidades táticas para responder a esse tipo de ação criminosa geralmente não é uma conduta produtiva, apesar de constituir-se em ação louvável. O ideal é que as forças policiais possam antecipar-se às ações dos grupos criminosos. No mundo das operações especiais, costumamos sempre repetir o “mantra”: “nenhuma reação é tão rápida quanto a ação”. Portanto, quando vidas estão envolvidas, o ideal é que o problema da ação criminosa seja sanado com a antecipação por parte da polícia. E isto só é possível por meio da Inteligência. Sem ela, o trabalho policial muitas vezes resume-se a “correr atrás do próprio rabo”, perder tempo e gastar recursos exíguos com ações extemporâneas.

Após mais de uma década de trabalhos prestados a unidades de operações especiais como COT, CAOP e GEPOM, além dos longos períodos que passei cedido a unidades como SAER/CORE/PCERJ e

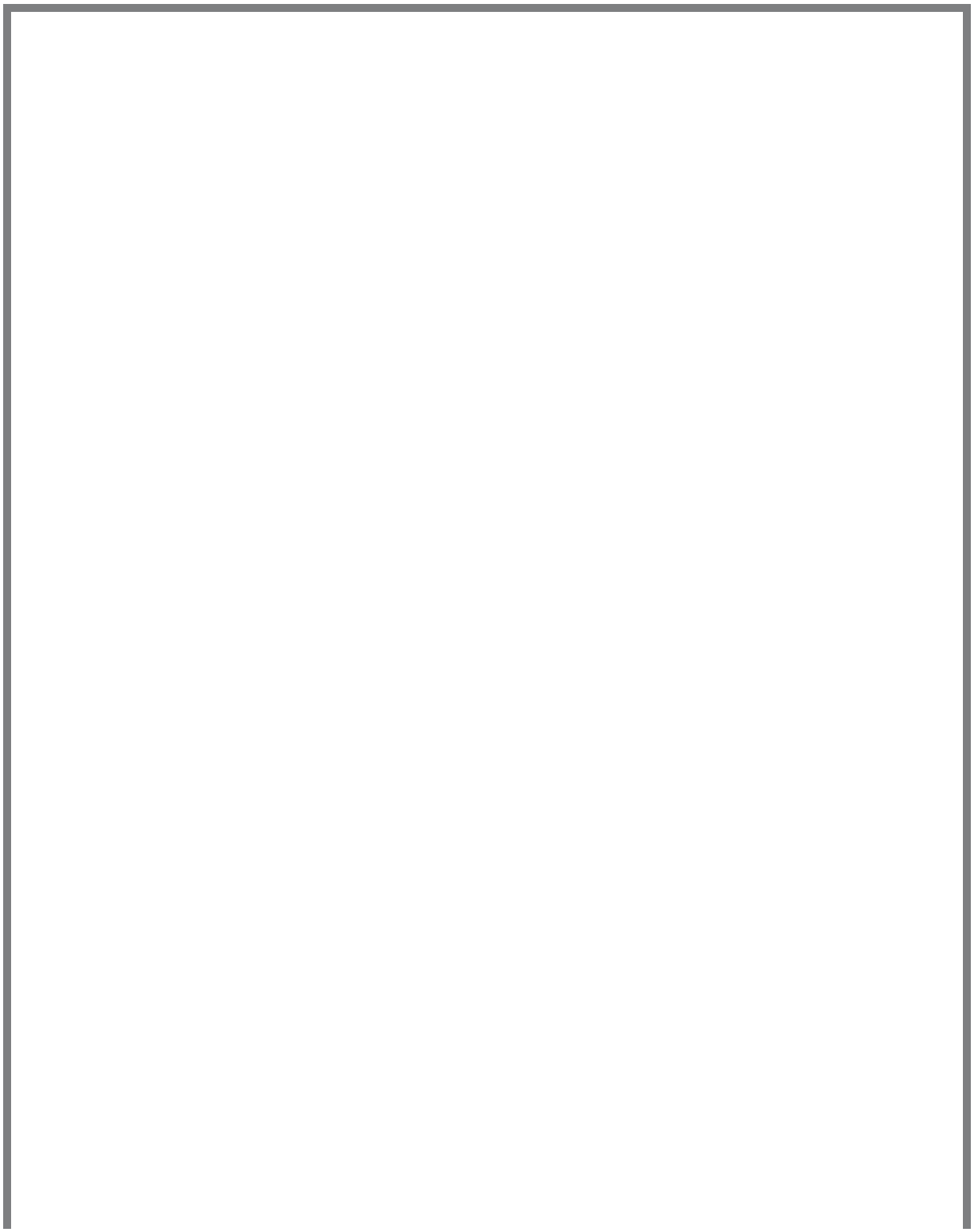
BOPE/PMERJ, eu já sabia que a única chance que um grupo pequeno como o nosso teria em uma eventual refrega com aquela complexa organização criminosa seria dada pela Inteligência. Desde o início eu acreditava que ela, a Inteligência, seria nossa melhor arma. O modelo de trabalho já havia sido testado antes, durante a operação Pleura e havia sido adaptado da doutrina F3EAD *(find, fix, finish, exploit, analise and difuse* encontrar, fixar, finalizar, explorar, analisar e difundir) criada pelo General Mc Christhal, durante as ações do USarmy no Afeganistão. O "segredo" seria a fusão entre operações e Inteligência, uma "fusão multiorganizacional de células". Por outro lado, nossa pequena unidade de operações estava, aos poucos, agregando as capacidades operacionais que seriam essenciais para concluirmos nossa missão: Comando, Controle, Comunicações, Computadores, Inteligência, Observação, Reconhecimento e Aquisição de Alvos (C4ISTAR).

Tentamos descobrir uma linha de investigação, mas estava difícil. Em novembro de 2016 ainda não tínhamos praticamente nada sobre o caso. Era sempre a mesma coisa, procurávamos informações após cada ação, levantando pistas e elaborando o modo de ação mais provável do grupo criminoso, em uma tentativa de elucidar a maneira de agir da quadrilha, mas não evoluíamos e, com o passar do tempo, nossa expectativa inicial foi se transformando em frustração. Descobrimos que o pessoal do DIEP (Diretoria de Investigações Especiais Policiais) da Secretaria de Segurança Pública do Paraná estava investigando os roubos também. Naquela época, o delegado da Polícia Federal, Wagner Mesquita, era o Secretário de Segurança e sabíamos da sua disposição em fazer o que fosse necessário para neutralizar aquela situação. Contudo, apesar de estar no caso há quase dois anos, assim como nós, eles também não conseguiram evoluir significativamente. Dias resolveu juntar os esforços e criar uma espécie de Força-Tarefa entre o DIEP, constituído na sua maior parte por Policiais Militares, liderados pelo Tenente Kummer, e a Polícia Federal de Maringá. Uma gama de detalhes que estava solta em cada investigação passou a fazer algum sentido quando foram "juntadas" a outros fragmentos. Desse modo, a união dos esforços deu um novo ar ao trabalho investigativo, mas ainda era pouco.

Já era dezembro de 2016 e prosseguíamos “patinando” e repisando os mesmos poucos e tênues indícios que encontramos.

---

6 No ano de 2016 ocorreram várias explosões de caixas eletrônicos e/ou cofres de agências bancárias da região de Maringá, sendo que quatro delas atingiram diretamente unidades da CEF – Caixa Econômica Federal situadas nas cidades de PAIÇANDU/PR, MARIALVA/PR, MANDAGUAÇU/PR e TERRA RICA/PR, respectivamente, em 09/01/2016, 10/06/2016, 01/07/2016 e 05/08/2016.



# 3

# TERRA RICA

# 3

# Terra Rica

– Bom dia, Bettini, você está muito ocupado aí em cima?

– Não, estou trocando a mira do “Bebezão”, vou tirar a holográfica e montar a “Sword” termal nele. Tá querendo falar comigo?

– Sim, se você não estiver muito ocupado aí…

Eu costumo dizer que o Dias é “irritantemente humilde”. É impressionante como alguém pode ser tão educado e discreto. Mesmo sendo o meu chefe imediato, ele nunca deixava uma ordem parecer uma ordem, por mais que isso fosse natural para alguém com a minha formação. Parecia sempre que ele estava me pedindo um favor. A questão é que, quando alguém trata você assim, a responsabilidade de estar sempre à disposição é ainda maior, pois não se trata de dar ou receber ordens simplesmente, é mais do que isso, trata-se de camaradagem, algo muito mais complexo do que a hierarquia pura e simples.

– Estou descendo.

– Cara, nós fomos lá pra Terra Rica, logo após o assalto. Mas ficou faltando coletar as imagens de algumas câmeras, porque acabou escurecendo e o comércio fechou. Além disso, tem a questão de uma caminhonete L200 branca que foi encontrada semissubmersa no Paranapanema. O pessoal da polícia local acha que eles acabaram derrapando em uma curva e caíram na água. Mas não sei, acho que esses caras podem ter fugido pela água.

– Interessante…

– Sim, demais. Além disso, eu gostaria de dar uma olhada nesse veículo, parece que ele foi roubado em Londrina. Podemos ter algo nesta situação do roubo que nos leve a quem está praticando as ações nos bancos.

– Também acho. O que você precisa que eu faça?

– Então… estou pensando em ir lá hoje com o Miranda, o que você acha?

– Que horas saímos?

– Eita! Pode ser às 13h?

-Fechado! Vou deixar uma viatura no jeito.

Fui até o GEPOM e peguei a chave de uma das viaturas no claviculário. Separei uma garrafa térmica de água, o Mini Draco que costumo chamar de "Bebezinho" e minha "mochila de barreira".

– Calixto, vou viajar às 13h. Vou com Dias e Miranda para Terra Rica tentar levantar alguma informação relevante sobre aquele assalto a bancos da semana passada.

– OK. Ligue o "Spot".

– OK, vou ligar o Spot e deixar a localização online do aplicativo ativada.

– Você precisa que alguém mais vá com vocês?

– Acho que nós três é suficiente, Calixto. É importante vocês ficarem aqui para caso o pessoal da Inteligência precise.

– OK, ficamos no jeito aqui, se vocês precisarem também é só avisar.

– Aviso sim. Vou sair agora para almoçar. Abraço a todos.

– Até mais Bettini.

Pouco antes das 13h, o Miranda, sempre pontual, já estava pronto. Logo depois o Dias chegou.

– Bettini, vou pegar o HD externo e um pendrive e já volto.

– Tranquilo, Miranda, ainda faltam quinze minutos para o horário que combinamos.

Quando faltavam cinco minutos para as 13 horas, estávamos saindo da delegacia.

– Na volta vamos passar no Guido, em Paranavaí, para jantar?

– Por isso você está gordo, Dias.

– É porque você não conhece o melhor filé com alho do mundo.

– Cara, do jeito que você fala desse lugar… poderíamos passar lá na volta mesmo. Com certeza não vamos sair de Terra Rica antes das 19h.

– Então fechou!

– Gordo.

Após uma hora de viagem estávamos passando por Paranavaí, o que significava que havíamos percorrido pouco mais da metade do caminho para Terra Rica.

– Miranda, esse é o bairro mais afastado de Maringá.

– Hahahaha! E é um bairro pequeno hein, Bettini.

– Respeita a minha metrópole, rapaz! Essa é a cidade mais desenvolvida do Paraná! Acho que até do Brasil.

– Hahahaha.

Seguimos até Terra Rica conversando. O assunto praticamente girou em torno das investigações sobre os assaltos a bancos. Dias estava desenvolvendo a sua teoria de que os criminosos estariam utilizando o rio para as fugas. Miranda, com sua vasta experiência, fazia algumas colocações, sempre muito pertinentes. Eu aproveitava para ouvir e tentar compreender um pouco mais sobre aquele misterioso caso.

– Estamos chegando. Para onde eu vou?

– Acho que podemos ir até a delegacia, tem um policial com quem venho conversando sobre o caso e acho que ele pode nos ajudar, depois acho que poderíamos ir ao posto de gasolina, tem um vigilante lá que foi feito refém, podemos conversar com ele.

– OK, Miranda, se você puder me orientar…

– Beleza, Bettini, pode ir reto, na segunda avenida vire à esquerda.

Enquanto passávamos pelas ruas da pequena Terra Rica, em minha cabeça passava o filme de como as coisas teriam acontecido ali, na madrugada das explosões dos bancos, e o que nossa equipe poderia ter feito para impedir a ação – caso tivéssemos as informações da Inteligência. As pessoas pareciam ordeiras e amistosas e fiquei irritado com o que elas devem ter sofrido.

– Pronto, Bettini, a delegacia fica no próximo quarteirão, à esquerda.

Entramos na delegacia e nos identificamos. Logo o policial de plantão apareceu, era o contato do Miranda, ele foi muito solícito conosco e explicou detalhadamente a cinemática dos eventos na noite das explosões.

Perguntamos a ele qual seria o melhor caminho para buscarmos por pistas, por evidências.

– Acho que vocês podem começar com o posto de gasolina onde o frentista foi feito refém. Além do testemunho dele, tem as gravações do posto.

– OK, vamos lá então!

Percorremos algumas centenas de metros até chegarmos ao posto. Estacionei a viatura, entramos em uma pequena loja de conveniências, identificamo-nos e solicitamos as imagens. O gerente se prontificou a chamar o vigilante que havia sido rendido pelos assaltantes. Aguardamos ali por alguns minutos. Logo chegou um homem alto e corpulento. Seu olhar triste novamente me fez sentir vergonha. De alguma maneira, eu me sentia responsável pelo sofrimento daquelas pessoas. Em sua perna havia uma grande ferida, por conta de problemas de saúde pelos quais ele estava passando.

– Boa tarde. Ele é o vigilante que foi abordado. – disse o gerente do posto.

– Boa tarde, o senhor pode nos dizer exatamente o que aconteceu no dia?

– Posso, sim…

Permanecemos todos ali, parados, olhando para ele.

– Eu posso sentar? A minha perna está doendo muito.

– Lógico, sente-se, por favor.

– Foi assim, eu estava aqui no posto, cuidando. Por volta de umas duas ou duas e meia da madrugada, parou uma caminhonete branca com cinco homens dentro. Eles desceram e me mandaram entrar no carro. Eu levantei e fui andando até eles, eles me chutaram porque eu não conseguia correr. Aí falaram pra eu subir na caçamba da caminhonete. Eu tentei subir, mas era difícil por conta do meu peso e da minha perna. Tinha um mais baixo, com chapéu e aqueles cintos de peão, que era o mais nervoso, ele me xingava o tempo todo e falava que ia me matar. Eles abriram a tampa da carroceria e eu me arrastei lá pra dentro. Eles saíram com a caminhonete em direção aos

bancos, mas pararam um pouco antes e fizeram “nós descer”. Os criminosos já haviam capturado outros reféns antes do vigilante.

– E então?

– Aí um ficou com a gente, apontando o fuzil pra nós, que servíamos de escudo pra eles. Daí a um pouco explodiu um banco, depois eles começaram a dar um monte de tiro em uma viatura da polícia civil que veio atender a ocorrência. Eles atiraram demais nos “polícias”, que não puderam fazer nada, eram muitos contra dois “polícias” e acho que nem arma longa eles tinham. Os assaltantes estavam todos com armas longas.

– Eram quantos?

– Eu calculo que eram uns dez. Porque tinha cinco nessa caminhonete e tinha mais um outro carro sedan que tinha mais gente, devia ter mais uns quatro ou cinco.

– E depois que eles explodiram os bancos e trocaram tiro com a polícia, o que fizeram?

– Eles atiraram em uma vitrine de uma loja, entraram lá e roubaram várias roupas, depois entraram nos carros e foram embora.

– Tudo bem, obrigado por suas informações.

– Foi muito errado isso que eles fizeram. Eu achei que eles iam me matar porque eu não conseguia subir na caminhonete, olha a minha situação, eu estou doente, trabalhando a noite aqui, de vigilante, porque não tenho outra opção, não tenho aposentadoria, não tem como eu comprar remédio. É difícil “pra mim” andar, como eles queriam que eu subisse na carroceria?!

– Nós entendemos, senhor, vamos fazer o possível para pegar esses caras.

– Obrigado…

O gerente do posto avisou que as imagens já haviam sido transferidas para o HD externo. Dias abriu seu laptop e assistimos a tudo ali mesmo. A ação no posto aconteceu exatamente como o vigilante disse. O homem mais baixo e com os adereços de peão foi apelidado por nós de “Cowboy”. Ao ver aquelas imagens soubemos que ele era o líder da quadrilha.

Miranda circulou por vários outros locais e sempre que alguma testemunha indicava um local novo, lá estava ele, fazendo perguntas, tirando fotos, anotando tudo e gravando todo tipo de imagem que ele conseguia no comércio local.

Dias concentrou sua atenção nos bancos, conversando com os gerentes e coletando as imagens das agências destruídas enquanto eu acompanhava os dois e tentava ajudar no que fosse possível.

Paramos em uma lanchonete para tentar colher o depoimento de um homem que teria sido feito refém, juntamente com o vigilante e outras pessoas. Seu estabelecimento estava fechado, mas conseguimos chamá-lo ligando no telefone escrito em uma placa. Após uns dez minutos ele chegou, de carro, com a esposa e uma filha. Todos entraram no pequeno comércio e sentamos, junto com a família, em uma das mesas da lanchonete.

– Pra vocês verem, eu me mudei de São Paulo porque achei que aqui era um lugar tranquilo de se viver, eu queria criar minha filha longe da violência da cidade grande. Vendi tudo o que eu tinha em São Paulo e vim pra cá, pra viver tranquilamente do comércio que eu abri há pouco tempo… Aí os caras vêm e fazem uma coisa dessas… Eu não consigo mais dormir, estou com depressão, minha esposa está com depressão e minha filha também. A família toda está apavorada, estamos com medo, eu não sei o que fazer. As duas choram o tempo todo. A nossa vida era tão tranquila, agora acabou tudo. Já decidi, vou embora, vou vender isso aqui por qualquer preço e vamos embora daqui, não consigo mais ficar nessa cidade.

A família estava visivelmente abalada. Nós três também ficamos. De alguma maneira as coisas que estavam acontecendo tinham relação com nosso trabalho e conosco. Acho que o Dias e o Miranda também se sentiram estranhamente culpados pela situação daquela família.

Ficamos ali conversando por alguns minutos, coletando todas as informações que poderiam ser úteis. Mas tudo ainda era muito vago, nebuloso e indefinido. Estávamos procurando por fantasmas.

– E aí, Bettini, o que você acha?

– Dias, eu não vejo a hora de encontrarmos esses caras…

– Eu imagino como você esteja se sentindo parceiro… se eu estou com vontade de encontrar esses caras, imagino como esteja a sua cabeça.

– Parceiro, esses caras estão fodendo com nossa região. Uma cidade como esta aqui fica sem banco por meses. As pessoas não têm onde receber os benefícios, pensões, aposentadorias, nada.

– Sem contar que muitas agências acabam fechando mesmo e as pessoas perdem seus empregos, Bettini. É uma desgraça só.

– Então, velho… não é fácil arrumar emprego em pequenas cidades do interior. Além disso, tem o caso desse rapaz que conversou conosco há pouco. Uma família inteira apavorada e com problemas psicológicos graves por conta do que esses caras estão fazendo. – eu disse.

– É terrível isso.

– Mas nós vamos pegar eles. Deus está observando isso tudo que eles estão fazendo e Ele vai nos colocar frente a frente com esses caras.

– Vamos, sim! – concluiu Dias.

Miranda terminou de gravar mais algumas imagens de estabelecimentos comerciais da região. Sempre muito criterioso, ele retornou para conversar com os proprietários da loja de roupas que havia sido saqueada pelos criminosos. Todos os detalhes eram anotados em uma caderneta e registrados em sua máquina fotográfica. Eu aproveitei para ir até uma das esquinas onde, segundo as testemunhas, um integrante da quadrilha permaneceu com aproximadamente oito pessoas que foram feitas de reféns, utilizando-as como “escudos humanos”. Eram aproximadamente 17 horas. Com base nas imagens que eu havia visto no posto e nos depoimentos das pessoas que havíamos entrevistado, passou um filme na minha cabeça. Eu imaginei a rua escura e deserta da pequena Terra Rica na noite dos assaltos. Pude ver as pessoas ajoelhadas diante de um homem com fuzil. Eu imaginei onde nossa equipe estacionaria a viatura e a partir de onde progrediríamos a pé, na conduta de patrulha urbana que eu conhecia bem. Pude sentir a minha pulsação aumentar durante o “fatiamento” na esquina mais ao sul, eu visualizei o homem com fuzil e balaclava. Contei os reféns e pude sentir o nervosismo deles. Aguardei o Calixto se abrigar no poste próximo ao meu abrigo, o Cidinei fazia a retaguarda, e o Fábio se posicionava bem atrás de mim, pronto para cobrir o meu avanço. Nós aguardamos a primeira

explosão e praticamente ao mesmo tempo eu efetuava um único disparo na cabeça do homem com o fuzil. Os reféns não entenderam o que aconteceu ao verem seu corpo desabar no chão, em seguida correram para longe daquele inferno. Nós aproveitamos os contornos das edificações, postes e árvores para nos aproximar rapidamente e, antes que os criminosos se dessem conta, já estávamos em uma luta encarniçada, a curta distância. Um a um, nossa equipe aniquilava os criminosos e, em poucos minutos, o silêncio novamente tomava conta da cidade. Os assaltantes estavam todos mortos.

– Bettini! Tá surdo, desgraçado?!

– Fala, Dias.

– Tá viajando aí, não é parceiro?!

– Estou…

– Percebi. Te chamei umas cinco vezes e você nem ouviu, parece que estava em outro mundo.

– Sim, eu acho que estava em outro mundo.

– Eu sei exatamente o que você estava pensando parceiro.

Uma das coisas mais intrigantes que aconteceram comigo quando cheguei a Maringá foi a relação com o Dias e com o Fabiano. Parecia que trabalhávamos juntos há vários anos. Ambos me conheciam bem, a ponto de entenderem as minhas intenções antes mesmo de eu as expor. O serviço fluía fácil e, mesmo quando eu não concordava com alguma posição deles e eles com as minhas, havia um tremendo respeito entre nós, porque eu sabia e eles também que todos nós queríamos o que fosse melhor para o serviço e para a equipe. A nossa equipe, de modo geral, era heterogênea. Cada um tinha uma habilidade e uma personalidade distinta e, na maioria das vezes, complementares. Assim era com os dois. Enquanto o Dias era mais extrovertido e brincalhão, Fabiano era mais contido e introspectivo, aquele tipo de pessoa que você vai gostando mais conforme passa o tempo. No caso desse serviço, mais uma vez, eu tinha a sensação de que os dois sabiam exatamente o que estava se passando na minha cabeça.

– E agora, Dias?

– Então, eu acho que poderíamos dar uma olhada no lugar onde a caminhonete foi abandonada, depois poderíamos dar uma olhada nela, está na delegacia.

Entramos no carro e seguimos o provável itinerário dos criminosos na noite do assalto. Miranda reclamou que estava com fome. Eu dei uma laranja para ele.

– Obrigado, Bettini.

– Tem mais aqui, Miranda, fique à vontade. Água e laranja nunca faltam nas missões.

Após algum tempo transitando em uma estrada de terra, chegamos à margem do Paranapanema. O policial civil que seguia conosco indicou onde teria sido encontrada a caminhonete. Ela ficou com a parte da carroceria fora da água.

– E aí, Bettini, o que você acha?

– Eu acho que você tem razão, Dias. Na minha opinião, eles não saíram da estrada e caíram na água com a caminhonete, mas jogaram ela na água, que deveria ter submergido completamente e não submergiu. Se evadiram de barco para São Paulo.

– Sim, acho que têm boas chances de ter acontecido isso.

Miranda tirou algumas fotos do local e fez mais algumas anotações.

– Vamos para a delegacia, pessoal? Ver a caminhonete?

– Só se for agora, Miranda!

Já estava quase anoitecendo quando chegamos à delegacia da Polícia Civil de Terra Rica, onde estava apreendida a caminhonete branca. Conversamos com os policiais que atenderam a ocorrência no dia do assalto. Miranda tirou mais fotos, fez mais uma série de anotações e conseguiu uma cópia do Boletim de Ocorrência do roubo da caminhonete, que havia sido feito pelo proprietário, em Londrina.

– Estou achando que esses caras são da região de Londrina. – disse Miranda.

– É verdade, Miranda, eles podem ter roubado o carro perto de onde são baseados.

– Sim, depois vem para cá fazer o assalto.

Saímos da delegacia e já era noite.

– Guido?! – disse o Dias.

– Guido! – concordamos, eu e Miranda, em uma empolgação súbita.

Durante o deslocamento para Paranavaí conversávamos sobre as várias hipóteses, prováveis linhas de ação dos criminosos e *modus operandi* da quadrilha.

– Agora sim! – disse o Dias ao chegarmos.

Desci com minha mochila e o Mini Draco – "Bebezinho" – devidamente acondicionado no seu "case", escolhemos uma mesa na parte de fora do restaurante, ao ar livre, posicionada em uma lateral do local. Pedimos todos o mesmo prato: filé na manteiga com alho, a sugestão do Dias.

– Agora vocês vão comer o melhor filé da vida de vocês!

– Hahahaha. Tá empolgado heim gordo!

Aproveitamos para falar sobre a nossa estratégia de ação, sobre como poderíamos pegar aqueles caras.

– Aqui está senhor.

– Eita! Tá bonito! – eu disse.

– Não te falei! – respondeu Dias, orgulhoso.

Um corte alto, cuidadosamente passado "ao ponto pra menos", acompanhado de uma porção generosa de manteiga temperada com alho e ervas, batatas fritas "rústicas", arroz e alho frito.

– Cara, esse alho frito parece batata chips! Muito bom!

– Realmente, Bettini, só comi um alho assim aqui.

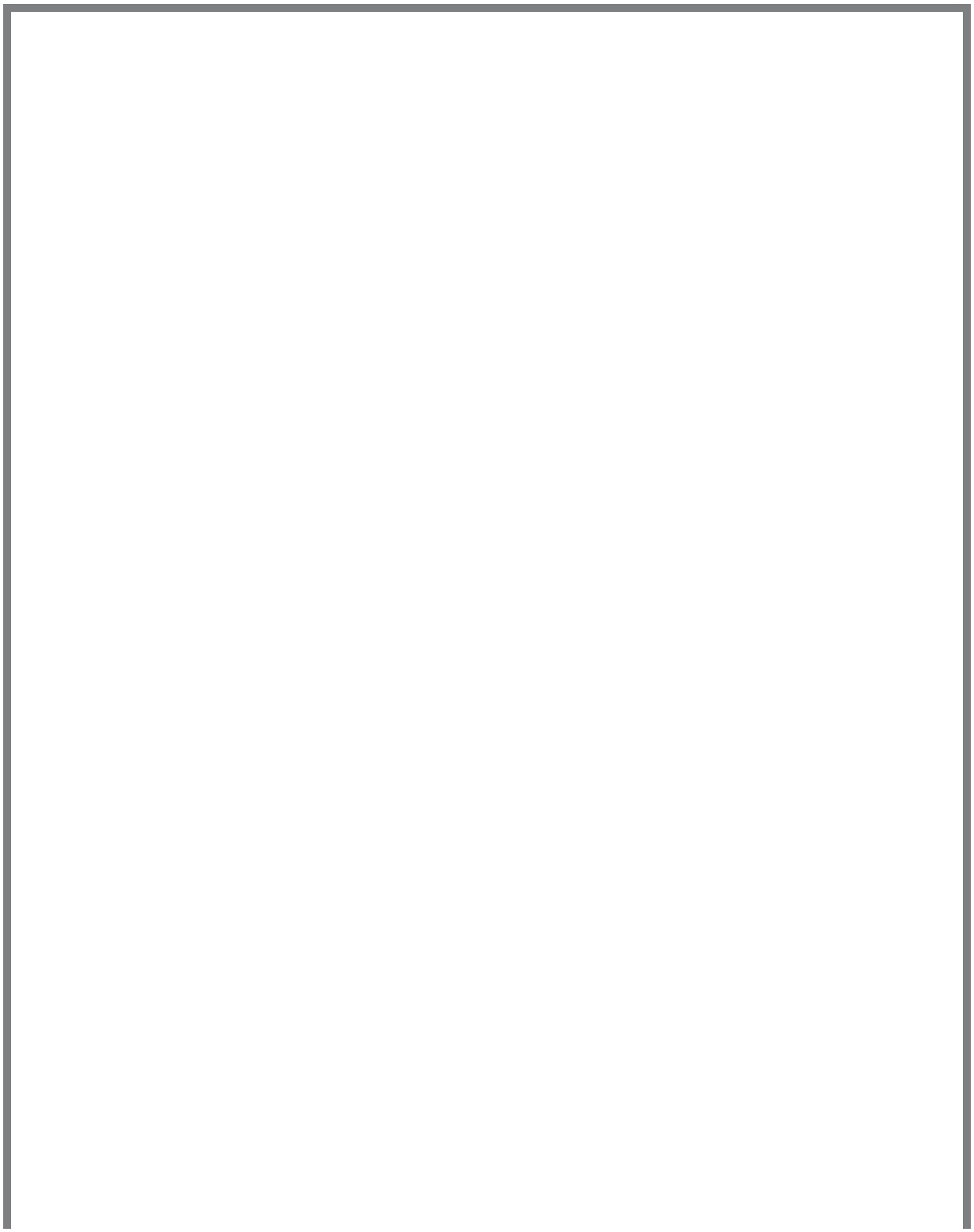
– Eu não conhecia este restaurante Miranda, "Mein Hauss" muito bom. O interior do Paraná é muito interessante, em cidades de pequeno e médio porte temos opções de restaurantes e serviços que não deixam nada a desejar aos grandes centros urbanos.

– E ainda tem a vantagem de não haver transito e a violência ser muito menor, Bettini.

– Sim, Dias, mas com esse negócio do Novo Cangaço esta realidade está mudando e a violência tem sido um problema nesta região.

Por alguns instantes a mesa permaneceu em silêncio. Olhando para a comida, finalmente respondi:

– Vamos mudar isto, Miranda, vamos mudar isto…



# 4

# POREČATU

# 4

# Porecatu

Fevereiro de 2017.

– Bom dia, Vossa Magnificência. – eu disse ao Dias, fazendo humor com a lei que até então determinava que o pronome de tratamento do delegado fosse de Vossa Excelência em documentos oficiais e audiências.

– Bom dia, Vossa Excelência. – ele respondeu, devolvendo a piada, como sempre fazia.

– Tá sabendo de Porecatu?

– Estou, explodiram três bancos. São os mesmos de Terra Rica, Mandaguaçu, Querência etc.

– Tá foda.

– Tá. Precisamos ir até lá para pegar as imagens das câmeras de vigilância e para conversar com o pessoal da PM sobre a ação. Eles podem ter alguma informação.

– OK, eu vou.

– Miranda vai com você.

Seguimos para Porecatu, a 120 km de Maringá. Ao chegar à cidade, deparamo-nos, mais uma vez, com uma cena de filme de guerra. As pessoas da pequena cidade do interior paranaense, às margens do rio Paranapanema, estavam assustadas. Fomos direto ao primeiro dos dois bancos assaltados na noite anterior. Em frente à agência havia uma grande aglomeração de pessoas. Curiosos faziam um tipo de "romaria" ao local. Estacionamos a viatura em um local próximo e seguimos caminhando. O veículo que utilizamos e nossas vestimentas eram "paisanos", ou seja, descaracterizados. Ninguém sabia que éramos policiais. Passamos por um bar onde alguns bêbados conversavam.

– Cadê a polícia nessas horas?! Na hora de vir revistar a gente aqui no bar tem polícia, mas quando aparece esse bando de "homi" com essas armas todas os "puliça some".

Seguimos em direção ao banco.

– O pior é ter que escutar esse tipo de coisa. – eu disse.

– Sim, e não dá nem para dar um esporro nele, acaba que a população toda está se perguntando a mesma coisa. – respondeu Miranda.

– Com certeza.

Eu gostava muito dessas diligências com o Miranda. Nessa época, ele já tinha mais de 35 anos de polícia. Era escrivão e concentrava boa parte de seu tempo compilando informações de Inteligência. Miranda era uma espécie de "cérebro" da delegacia. Extremamente humilde, de fala mansa, sempre muito paciente, poderia se passar por um padre, um professor ou qualquer outra profissão, menos a de policial (quando observados do ponto de vista estereotipado, que é o normal de acontecer quando as pessoas pensam em polícia). Mas era um dos melhores policiais que eu já havia conhecido. Sempre pronto a ajudar, com uma disposição ao trabalho inabalável e funcionando como uma espécie de banco de dados vivo sobre o crime, Miranda era o companheiro ideal para aquele tipo de trabalho. Eu tentava aprender com ele tudo o que podia. Nessa época eu estava há 15 anos na polícia, era praticamente um "zerinho" perto de um cara com 35 anos na PF!

– E a PM, assim como está, com dois homens em cada cidade, não pode fazer milagre.

– Sim, eles chamam de "Companhia da Polícia Militar", mas colocam dois policiais ali, com pistolas de péssima qualidade e, muitas vezes, sem um fuzil sequer. Costumo dizer que se chama "Companhia" porque um policial faz "companhia" para o outro.

– Hahahahaha. É isso mesmo.

– Pior que é.

Chegamos à agência, um segurança mantinha a preservação do perímetro do local, que havia sido isolado com uma fita plástica.

– Polícia Federal.

– Por aqui, por gentileza.

O prédio estava completamente destruído. Parece que havia sido bombardeado por um míssil. Pisávamos em cacos de vidro e escombros.

Não dava para saber se aquilo era uma agência bancária. Fiquei imaginando o cenário de guerra instalado naquele local algumas horas antes e desejei estar ali.

– Bom dia! Que bom que vocês chegaram.

– Bom dia. Somos da PF de Maringá.

– Vocês não são os peritos de Londrina?

– Não, nós somos agentes. Não viemos fazer perícia, viemos para investigar.

– Ah…entendi. É que estamos aguardando os peritos para poder iniciar os trabalhos com os pedreiros aqui. Vamos ter que construir um muro com tapumes etc.

– Sim, mas nosso objetivo é outro. Você sabe nos dizer como as coisas aconteceram aqui? Se existem testemunhas, se eles fizeram reféns, se existem imagens de câmeras do banco e do comércio da vizinhança?

– Tem, sim. Eles fizeram um rapaz de refém, ele estava bebendo no bar em frente ao banco. Há imagens do nosso banco e do outro que eles explodiram também e posso ver com o pessoal do comércio aqui perto se eles têm imagens das câmeras de segurança. O dono do posto de gasolina na esquina já me falou que lá tem boas imagens.

– Se o senhor puder nos ajudar com isso, gostaríamos de gravar tudo em um HD externo e levar para podermos analisar com calma.

– OK, vou começar a conversar com o pessoal.

– Podemos falar com o rapaz que foi pego de refém?

– Sim, ele está no bar. É o dono da sorveteria ao lado do bar.

Saímos da agência e fomos ao encontro de algumas pessoas que estavam sentadas em uma mesa de bar. Estavam todos muito sérios, entre eles havia um rapaz de uns 30 anos de idade, alto, moreno, que estava com a cabeça baixa.

– Claudemir.

– Eu.

– O pessoal da PF quer falar com você.

– Tudo bem.

– Bom dia, Claudemir. Você testemunhou o assalto aqui nessa madrugada?

– Testemunhei, sim. – disse levantando a cabeça e nos olhando com um olhar perdido, cansado e sem expressão, um olhar morto, sem vida.

– Você pode ter informações importantes para nós.

– Tudo bem, eu falo tudo o que eu vi. – disse resignado.

– Se você puder dizer desde o início como foi será bom. Por favor, não esqueça nenhum detalhe, não tenha pressa e nem deixe de contar algo que acha que não tenha importância. Tudo, qualquer detalhe para nós, é de grande valia.

– Tá, eu falo tudo do jeito que eu vi. Minha esposa aqui estava comigo. Nós somos donos da sorveteria ao lado.

– Sei. Vou deixar o gravador ligado.

– Foi assim. Nós fechamos a sorveteria ontem à noite, por volta de 23h e vim para o bar tomar uma cerveja. Ficamos aqui "papeando" até 1h da manhã mais ou menos, quando chegaram dois carros, um Corolla preto e um Jetta branco. Eles pararam bem em frente ao banco e desceram oito caras dos carros, tudo com arma longa, fuzil mesmo. Nós não acreditamos, ficamos sentados olhando pra eles. Dois desceram com marretas e quebraram os vidros do banco e entraram lá para dentro. Dois ficaram na esquina de baixo e dois subiram para a esquina de cima. Outros dois vieram para o nosso lado e meteram as armas na cara da gente, xingando de filho da puta, essas coisas, mandaram nós abaixarmos a cabeça e ficar de joelhos. Ficou todo mundo de joelho. Logo depois, eles mandaram a gente subir em direção ao posto de gasolina. "Vamo! Levanta!". E deu uma coronhada com o fuzil nas minhas costas, olha a marca.

Ele levantou a camiseta e mostrou uma grande marca arroxeada nas suas costas.

– Essas outras marcas menores aí foram tudo eles que me bateram também.

Havia várias marcas pelo corpo do rapaz.

– Aí, enquanto dois ficaram dentro do banco e outros dois na esquina de baixo, nós subimos andando rápido com os outros dois. Chegamos na

esquina de cima e eles tudo de joelho na frente deles, falaram que se viesse polícia eles “matava” tudo e que nós “iria” ser o escudo deles. Eles “batia” em nós de vez em quando. Dava chute, batia com as armas, o tempo todo. Ficamos na esquina por uns cinco minutos aí ouvimos uma explosão forte, chegou a tremer o chão. Depois veio mais uma e logo depois mais outra. Foram três explosões muito fortes. Após cada explosão, eles “comemorava, dava grito e atirava” pro alto e nos prédios também. Eles “atirou” na vidraça da loja ali de cima também. Mais uns cinco minutos e vieram dois em um dos carros. Aí eles “falou” pra nós descer a pé, dobrando a esquina pra direita, até o outro banco. Eles fizeram a mesma coisa, quebraram a vidraça e dois entraram. Nós fomos andando até a esquina de baixo e ajoelhamos de novo, tudo igual. Mais uns dez minutos e ouvimos as explosões de novo. Eles atiraram mais ainda, o prédio para baixo da esquina ficou todo cravado de bala de fuzil. Depois de uns quinze minutos, “veio” os dois carros, parou e eles falaram pra nós “correr” sem olhar pra trás, que se olhasse eles “atirava” em nós pelas costas. Nós corremos. Os carros foram embora em alta velocidade e atirando pra tudo o que é lado. Foi isso.

– Você se lembra da fisionomia deles.

– Não me lembro, porque eles não “deixava” nós olhar pra eles. Eles “batia” na gente.

– E sotaque?

– Um deles tinha sotaque parecido de goiano. Era o mais velho, quem parecia que dava as ordens para eles.

Olhei para Miranda, que gesticulou com a boca:

– “Goiano”.

Acenei positivamente com a cabeça.

“Goiano” era nosso alvo. Ele liderava uma quadrilha de aproximadamente 20 homens, muito bem armados e extremamente violentos que vinham cometendo uma série de assaltos a bancos na região. Eram praticamente dois assaltos por mês. Eles dividiam o bando em duas equipes de 8 a 12 integrantes e agiam em cidades diferentes. Sem dúvida, era a “nossa” quadrilha que havia roubado os bancos na madrugada anterior.

– Muito bom, Claudemir, obrigado por sua ajuda.

– De nada. O que eu puder fazer para ajudar vocês a pegar esses caras…

– Vou deixar meu cartão com número de telefone para você, caso se lembre de mais algum detalhe, por favor, me ligue.

– Ligo, sim. Isso que eles fazem é muito errado. Humilhar desse jeito a gente, na frente da esposa, bater na gente, humilhar ela, isso não se faz. Nós trabalhamos o dia todo, pagamos imposto, fazemos tudo certinho e vem esses caras e fazem isso. Agora a cidade fica sem banco, o dinheiro não chega, o comércio quebra, os aposentados não recebem, o desemprego aumenta…vocês precisam pegar esses caras.

Olhei dentro dos seus olhos e prometi.

– Nós vamos pegar eles, prometo.

– Deus ajude os senhores. Mas olha, vocês têm que vir bem armado e pelo menos em 20 “polícia”, senão eles “vai” matar vocês. Eles não têm dó, “atira” em criança, em mulher, em tudo.

– Não se preocupe, Claudemir, Ele está do nosso lado e Ele vai nos entregar a cabeça desses covardes em uma bandeja de prata. Até mais. Boa sorte e veja se procura um psicólogo para tratar você e sua esposa. Em 100% dos casos de pessoas que ficam na condição de refém, as pessoas desenvolvem algum tipo de estresse pós-trauma. Portanto, busque ajuda, mesmo que ache que está tudo bem.

– Vou procurar, sim. Não consigo dormir e minha esposa não para de chorar. Eu mesmo fui ao banheiro chorar umas cinco vezes já.

– Obrigado por sua ajuda, Claudemir.

– Eu que agradeço ao senhor.

Seguimos andando em direção ao outro banco.

– Bettini, vamos fazer assim, vou dar uma olhada nas câmeras de vídeo da vizinhança, enquanto você vai no outro banco. Depois vamos no posto, pois o rapaz já está avisado lá e buscamos outras câmeras na vizinhança do banco 2.

– Ok.

Dividimo-nos e segui rua acima. Dobrei a esquina à direita e desci novamente em direção ao segundo banco assaltado. Identifiquei-me ao vigilante novamente e conversei com o gerente da agência. A situação do

local da segunda agência era exatamente a mesma da agência anterior, destruição total. Deixei um pendrive e orientei o gerente a gravar todas as imagens disponíveis sobre o evento, enquanto eu buscaria por outras câmeras em locais próximos. Na sobreloja do banco ficava a Justiça do Trabalho. Subi e conversei com o responsável pela segurança.

– Nossa…foi um terror só. Os prédios aqui perto estão todos cravados de bala. Eles não paravam de atirar. Ficaram atirando e gritando durante toda a situação. A cidade toda está aterrorizada.

Observamos todas as imagens. Entre os criminosos percebi que o chefe era um homem mais baixo e moreno. Era "Goiano". Esse era o apelido do homem responsável por montar as cargas explosivas que destruíam cofres e caixas eletrônicos, era o explosivista deles. Proveniente do Estado que lhe rendeu o apelido, Goiano tinha uma longa carreira dedicada ao crime. Entre outras coisas que descobrimos nos meses que passamos investigando sua atuação criminosa, estava uma vida dupla como pecuarista. Goiano tinha um lote em um assentamento do MST (Movimento dos Trabalhadores Sem Terra). Em algumas ações, como a de Terra Rica, ele era o homem com chapéu, botas e cinto de cowboy. Antes de identificarmos "Goiano", como era chamado pelos amigos e por familiares, nós o apelidamos de "Peão", por conta da sua aparência, gravada nas câmeras de vídeo, de um "peão de boiadeiro". Na Justiça do Trabalho, o funcionário responsável pela segurança, Zé, passou-nos todas as imagens disponíveis e pudemos visualizar de maneira bem clara o *modus operandi* da quadrilha, ou seja, a maneira como eles "trabalhavam".

– Uma covardia o que eles fizeram essa madrugada com essa cidade, policial…

– Sim, eles são covardes. Obrigado pelo empenho em nos passar as imagens, Zé.

– Disponha, eu queria poder ajudar mais vocês. Mas fico na torcida para que vocês consigam pegar esses bandidos. O que eles fizeram essa madrugada é muito errado. Atirar daquele jeito contra prédios, lojas etc. Eles podiam ter machucado alguém, crianças, mulheres. Esses caras não respeitam nada.

– Exatamente, Zé. Mas nós vamos encontrá-los.

– Vou rezar para que isso aconteça.

– E quando encontrarem não tenham piedade! – disse uma das funcionárias da Justiça, que estava em outra mesa, a uns cinco metros de distância. Ela continuou: – Esses monstros não têm pena de ninguém! Se eles tiverem chance, eles vão matar vocês!

– Eu sei disso, senhora, mas eles não vão ter essa chance.

– Vou rezar para vocês, meu filho.

– Obrigado. Até mais, Zé. Até logo, senhora.

Saí e me encontrei com Miranda. Mais uma vez, analisamos as imagens, agora do posto de gasolina. Todos os criminosos carregavam armas longas, com exceção de dois, que portavam somente armas curtas. Esses que portavam as armas curtas eram os responsáveis por destruir as portas com as marretas e instalar as cargas explosivas. Conversamos com alguns policiais e tentamos acompanhar o trajeto feito pelos criminosos ao saírem da cidade. Através de câmeras instaladas no comércio local acompanhamos o trajeto dos veículos até a saída. Seguimos a pista até uma estrada rural. Conversávamos com pessoas que haviam visto os veículos passarem ou simplesmente ouvido, geralmente agricultores que moravam à beira da estrada vicinal. Chegamos a um ponto praticamente sem saída, bem perto do rio Paranapanema.

– Não tem sentido esses caras virem para cá! Eles teriam que dar uma volta muito grande para retornar para o asfalto.

– Lembra de Porto Rico, Bettini?

– Sim, a caminhonete que jogaram na água.

– Isso. Achamos que eles tinham caído na água sem querer. Mas pode ser que tenham jogado o veículo na água e fugido de barco. Só não contavam que o carro não ia afundar completamente, nesse caso.

– Nesse caso, eles estariam usando o rio como rota de fuga!

– Isso mesmo. Se fizerem isso, eles ferram com a polícia. Quem vai conseguir acompanhá-los no rio?

– Ninguém.

– Então, se você observar, Bettini, todas as cidades que estão sendo assaltadas são próximas ao rio, seja rio Tibagi, Paranapanema ou Paraná.

– É verdade. Tanto as cidades de São Paulo quanto as do Paraná.

– Isso mesmo.

– Na realidade, se eles estiverem fazendo isso, nossas chances de pegá-los aumentam muito. Eles não contam com o GEPOM na água.

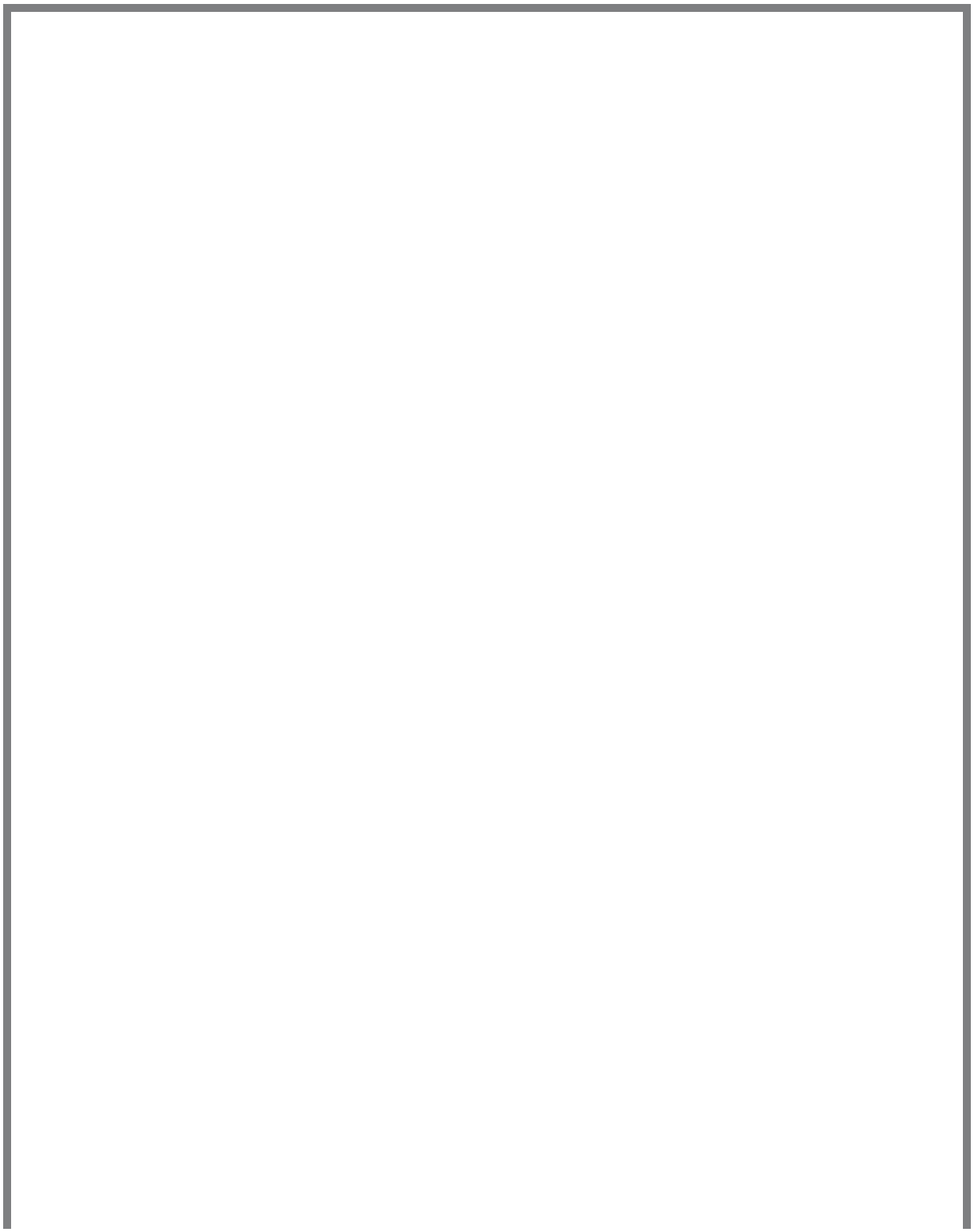
– Não mesmo.

– E a água é nosso *habitat.* Dentro d'água eles não têm chance alguma, apesar da provável superioridade numérica…

À beira do Paranapanema, no final de tarde, comemos alguns biscoitos e tomamos água antes de pegar a estrada com destino a Maringá novamente. Pelo WhatsApp, antes de sair, mandei uma mensagem ao Dias: "Você estava certo, estão usando o rio para a fuga". Ele retornou um emoji de uma carinha com óculos escuro. Eu ri.

No dia seguinte passamos todas as imagens, anotações e gravações para o pessoal da Inteligência. Rodnei, Daniel e Monteiro estavam no caso. Ângela também, ela era quem compilava todas as informações em relatórios circunstanciados e detalhados. Com mais de 20 anos de polícia, Ângela já havia sido adida adjunta da PF na Itália, entre outras coisas. Sempre focada e criteriosa no trabalho, era quem comandava a Inteligência ao lado de César, com um perfil completamente diferente do dela e com o qual formava uma equipe forte e extremamente profissional. Se existe uma cabeça que eu não conseguia entender era a do César. Com perfil totalmente distinto do de Ângela, ambos se completavam. Ângela era a pessoa da consolidação, responsável por escrever os relatórios, ela era quem dava alma para tudo o que os analistas descobriam, e eles descobriam muita coisa! César, mais agitado, conseguia fazer ligações entre as pessoas, criar vínculos e descobri-los com uma destreza que beirava o absurdo. Quando o César me explicava alguma situação, eu geralmente me desligava do planeta Terra nos primeiros minutos, porque era inútil eu tentar entender de onde ele tinha conseguido extrair tal informação. Aí quando ele falava algo do tipo "então, eles estão pensando em…" ou, "o alvo está se deslocando para…" eu voltava para a sala da Inteligência e começava a prestar atenção. Eu nunca entendia a parte inicial de como ele havia descoberto algo, mas ele sempre tentava me explicar, crente, é lógico, de que eu fosse mais esperto ou inteligente do que eu realmente sou. O importante é que eu

conseguia, juntamente com os outros colegas do GEPOM e em diversas vezes com outros colegas de outros setores da Delegacia da PF de Maringá, traduzir estas informações em flagrantes com muito empenho, muita transpiração e uma boa dose de sorte.



# 5

# A EQUIPE

# 5

# A Equipe

> *"Reestruturamos nossas forças, desde nossa base, a partir de princípios de compartilhamento extremo de informações – que nós chamamos de consciência compartilhada -, uma descentralização da autoridade sobre o processo decisório (´execução empoderada´). Nós dissolvemos as barreiras – as paredes das nossas fortalezas e* o *piso da nossa hierarquia – que no passado nos fizeram eficientes."*
>
> Stanley McChystal

As semanas se passavam e o GEPOM seguia com suas atividades rotineiras. Prestávamos apoio à Inteligência, fazendo o trabalho de rua para as operações em curso. A "Miguelito" era somente uma de três operações em andamento. O nome da operação foi sugerido pelo Fabiano, uma referência aos "miguelitos", ou seja, artefatos feitos com ferro retorcido e soldado, que serviam para furar os pneus das viaturas da polícia, lançados pelos criminosos em fuga, após os assaltos. No dia a dia do GEPOM, além das demandas da nossa "base", sempre havia demandas de outras unidades, seja para acompanhar um caminhão com drogas ou fotografar algum alvo para alguma investigação de outra delegacia da PF. Éramos os responsáveis por esse tipo de trabalho "de rua", essencial às investigações e complementar àquele realizado pelos analistas, nossos policiais de Inteligência. Somente cinco policiais compunham o GEPOM. Eu, Calixto, Cidinei, Fábio e Vicentini. Cidinei, o "Bolsinha de Sangue", estava em licença médica. Ele havia sido baleado em fevereiro em uma missão em Querência do Norte. Por pouco não morreu. Foi salvo por um torniquete tático colocado em sua perna. O disparo atingiu uma ramificação da artéria femoral e provocou intenso sangramento. O criminoso que o atingiu morreu durante a ação. Cidinei era o mais velho da equipe. Com 47 anos, aproximadamente 1,70m de altura e 130 kg, tinha algumas limitações físicas para as missões de mato, infiltrações, etc. Mas era muito bom em ações táticas, como assaltos a edificações. Com uma destreza incomum no tiro e provido com uma coragem proporcional ao seu peso, raramente

observada nos homens normais, a sua presença na equipe sempre trazia muita segurança aos outros integrantes do time. Calixto, o "Locutor", era o típico "profissional quieto". Dono de uma voz grave e sempre muito tranquilo, Calixto sempre se esmerava em fazer bem qualquer missão que era "paga" a ele. Com 46 anos, o "02" da equipe era conhecido por sua calma e pelo equilíbrio incomum em situações de estresse e pelo extremo profissionalismo. O "02" era o cara que você gostaria de ter ao seu lado em uma missão quando as coisas ficassem realmente ruins. Fábio, o "Professor Pardal", era, à semelhança de Calixto, calmo e sensato. Era o mais inteligente e inventivo de todos, daí surgiu seu apelido. Vicentini era o responsável pela parte administrativa do grupo, como preparar relatórios e informações. Além disso, ele constantemente prestava apoio às missões. Contudo, um problema grave em sua coluna o limitava, assim como Cidinei, a participar das missões embarcadas ou no "mato". Com trabalho demais e gente de menos (quatro somente, descontada a baixa temporária de Cidinei), o GEPOM estava sobrecarregado. Minha esposa estava no oitavo mês de gravidez e, apesar de entender como poucos a natureza do meu trabalho, cobrava o mínimo de atenção com ela e com nossa filha, que estava para nascer. O resultado é que não conseguíamos treinar os procedimentos operacionais padronizados e as técnicas especiais como eu gostaria e como deveria ser feito por um grupo como o nosso. Isso me preocupava. Contudo, adaptabilidade, e não eficiência, era a nossa capacidade central.

– Senhores, quando conseguirem treinar, mesmo que seja treino individual, não percam a chance. A qualquer hora, em qualquer lugar, vamos encontrar esses caras do "Alfa Bravo" (Assalto a Banco). Nessas horas, quando o aço encontra a carne, vence quem está mais bem treinado, quem tem mais técnica e quem aplica a melhor tática. Não se enganem, em breve estaremos em uma situação de vida e morte.

Quando não éramos demandados pela Inteligência da delegacia ou de outras unidades da PF, nós íamos para o rio.

– Vamos pegar barco!

Era a senha para todos começarem a rir. "Pegar barco" significava que iríamos colocar nossa lancha no rio Paraná, durante a noite, para perseguir e prender contrabandistas e traficantes de drogas e armas que saíam do

Paraguai e seguiam destino a São Paulo utilizando o rio Paraná. Eles navegavam à noite, com potentes lanchas, motores 200 ou 250 HP acoplados a cascos de fibra, de cor preta, que atingiam velocidades de até 110km por hora. Eles seguiam com as luzes de navegação apagadas e realizavam a travessia em alta velocidade durante as noites escuras. As ações de "pegar barco" eram garantia de emoção certa e muita adrenalina.

– Dias, precisamos trazer alguém em missão para termos uma equipe mínima, de quatro policiais nossos, caso aconteça alguma ação do pessoal do Novo Cangaço. Não evoluímos muito nas investigações, mas, a qualquer momento, pode surgir algo novo. O Cidinei está fora de situação por ter sido baleado, está de licença médica.

– Tudo bem, quem você sugere?

– Acho melhor deixarmos o Martin de sobreaviso.

– OK, você fala com ele?

– Falo, sim.

Martin era o delegado chefe do GISE (Grupo de Investigações Sensíveis) de Cascavel. Ele havia sido meu aluno no Curso de Atirador Designado Marítimo[7] dois anos antes, realizado parte em Brasília/DF e parte no Rio de Janeiro. Era alguém em quem eu confiava, já havíamos trabalhado juntos em várias situações. Além do mais, a formação como ADM (Atirador Designado Marítimo) poderia ser essencial caso houvesse um confronto entre nós e os criminosos, em algum dos rios que, ao que tudo indicava, eles usavam como rota de fuga. Se tem uma coisa que eu fiz ao longo dos meus quinze anos devotados às operações especiais foi seguir os Princípios e Valores, rigorosamente. Em várias situações críticas, os resultados que consegui alcançar, juntamente com os integrantes das várias equipes que já integrei, foram o fruto desse cuidado extremo com os detalhes. Mesmo estando afastado de uma unidade tática e dos equipamentos especiais, eu sabia que "seres humanos são mais importantes do que equipamentos". A convicção na primeira, das "Cinco Verdades das Operações Especiais"[8], dava-me a certeza de que estávamos no caminho certo. Mesmo sem ter acesso a "coisas especiais", eu sabia que fazia parte de uma equipe com seres humanos especiais. Aliás, se tem algo que eu procurei fazer em minha carreira foi isto: estar cercado de pessoas com

coerência de propósitos e com apreço à estratégia da unidade, em detrimento dos desejos individuais, da vaidade e da busca incessante pelo conforto. A preocupação com a "quarta Verdade" – Forças de operações especiais não podem ser criadas após a emergência acontecer – possibilitou que, seis anos antes, eu me preparasse e preparasse o meu time para os acontecimentos dramáticos que se seguiram no ano de 2017.

No ano de 2011, dadas as necessidades operacionais da unidade onde eu então trabalhava, a Coordenação de Aviação Operacional – CAOP, da Polícia Federal, iniciamos o projeto de realizarmos o primeiro curso de Atirador Designado Policial no Brasil. No caso, como a especialidade desse atirador engloba as ações embarcadas em aeronaves, criamos o Atirador Designado Aerotático. A autorização para o início do curso foi obtida ao término de um intercâmbio com unidades de Forças Especiais Norte-americanas. À época, o Chefe de Operações da CAOP era o Delegado da Polícia Federal, Carlos Afonso Coelho. Eu era o então chefe da equipe de operadores aerotáticos e trazia comigo a experiência de ter atuado por 6 anos no COT – Comando de Operações Táticas da Polícia Federal como Atirador de Precisão, atuando, ainda, de 2005 a 2010 como instrutor no Curso de Atirador de Precisão – CAP do COT. A realização do curso naquele momento, só foi possível por haver pessoas certas nos locais certos, com disposição, coragem e conhecimento para a empreitada. A necessidade da existência do atirador designado era certa para nós. O nome foi sugerido pelo DPF Afonso, um dos grandes policiais com quem já trabalhei, além de profundo conhecedor do universo das operações especiais. O Afonso sempre teve um passo à frente da grande maioria dos policiais no que se refere a emprego das unidades de operações especiais, planejamento e vocação tática das unidades. As aeronaves utilizadas para a realização do curso foram o Huey II do SAER/CORE/PCERJ, pilotado por nada menos do que o lendário Adonis Lopes de Oliveira e as aeronaves do GAM (Grupamento Aero Marítimo) da PMRJ, pilotadas e operadas por profissionais altamente qualificados e comprometidos com a missão. A parte técnica relacionada ao tiro em si ficou sendo a minha responsabilidade. Durante 30 dias os alunos, foram treinados na doutrina que espero, um dia seja difundida para todo o departamento e para outras polícias. Acredito que um dia teremos ao menos uma dupla de atiradores

designados em cada delegacia da Polícia Federal, em cada posto da Polícia Rodoviária Federal, em cada delegacia da Polícia Civil e em cada Batalhão da Polícia Militar. No ano de 2014 mais dois policiais entraram neste "circuito" e foi possível, durante a chefia do DPF Martin, no SAT (Setor de Armamento e Tiro da Academia Nacional de Polícia), e da atuação inigualável do APF Eldo Maranhão a frente do SEPOM (Serviço de Polícia Marítima), a elaboração do Curso de Atirador Designado Policial e do Curso de Atirador Designado Marítimo. Todos, Afonso, Martin, Eldo, Yan, Bunn, Rocca, Vargas, Tostes e muitos outros que não cito aqui, sofreram por acreditarem em uma doutrina que SALVA VIDAS. Anos após eu formar um dos melhores alunos que eu tive, pude contar com ele ao meu lado na manhã daquele 7 de abril, fazendo o que um Atirador Designado foi feito para fazer: SALVAR VIDAS nas pontas de lança das nossas polícias, sobretudo nas áreas de fronteira, com suas características de um ambiente **VICA** – VOLÁTIL, INCERTO, COMPLEXO e AMBÍGUO. O Atirador Designado é essencial para nossas "pontas de lança" converterem nossos "Black Spots" em áreas civilizadas, e os ambientes VICA em locais onde impera o Estado Democrático de Direito. Como o tempo é o senhor de todas as coisas e por meio dele muitas verdades são reveladas: Vida longa aos Atiradores Designados!

Liguei para o Martin, que ficou feliz em poder participar desse tipo de trabalho. Ele deixaria seu equipamento e seu fuzil prontos para um provável acionamento.

Atiradores Designados Aerotáticos durante exercício de tiro em abril de 2012. Em pé, eu (com o lenço na cabeça) e o DPF Afonso, de binóculo, um dos idealizadores da doutrina do Atirador Designado.

Instrução de tiro de precisão embarcado, no primeiro Curso de Atirador Designado Aerotático – CADAER, a bordo do Huey II do SAER/PCERJ. APF Bunn era o aluno

em instrução. Nos cursos seguintes, Bunn passou a fazer parte da equipe de instrutores.

Instrução do piloto Adonis Lopes de Oliveira, em maio de 2012, no primeiro Curso de Atirador Designado Aerotático – CADAER, da CAOP/ANP, realizado em parceria com o BOPE/PMERJ e o SAER/CORE/PMERJ.

Curso de Atirador Designado Marítimo, realizado no Rio de Janeiro, em março e abril de 2015. Ao centro, o DPF Martin, um dos maiores responsáveis pela segunda, terceira e, até o momento, únicas duas, de três edições, do Curso de Atirador Designado.

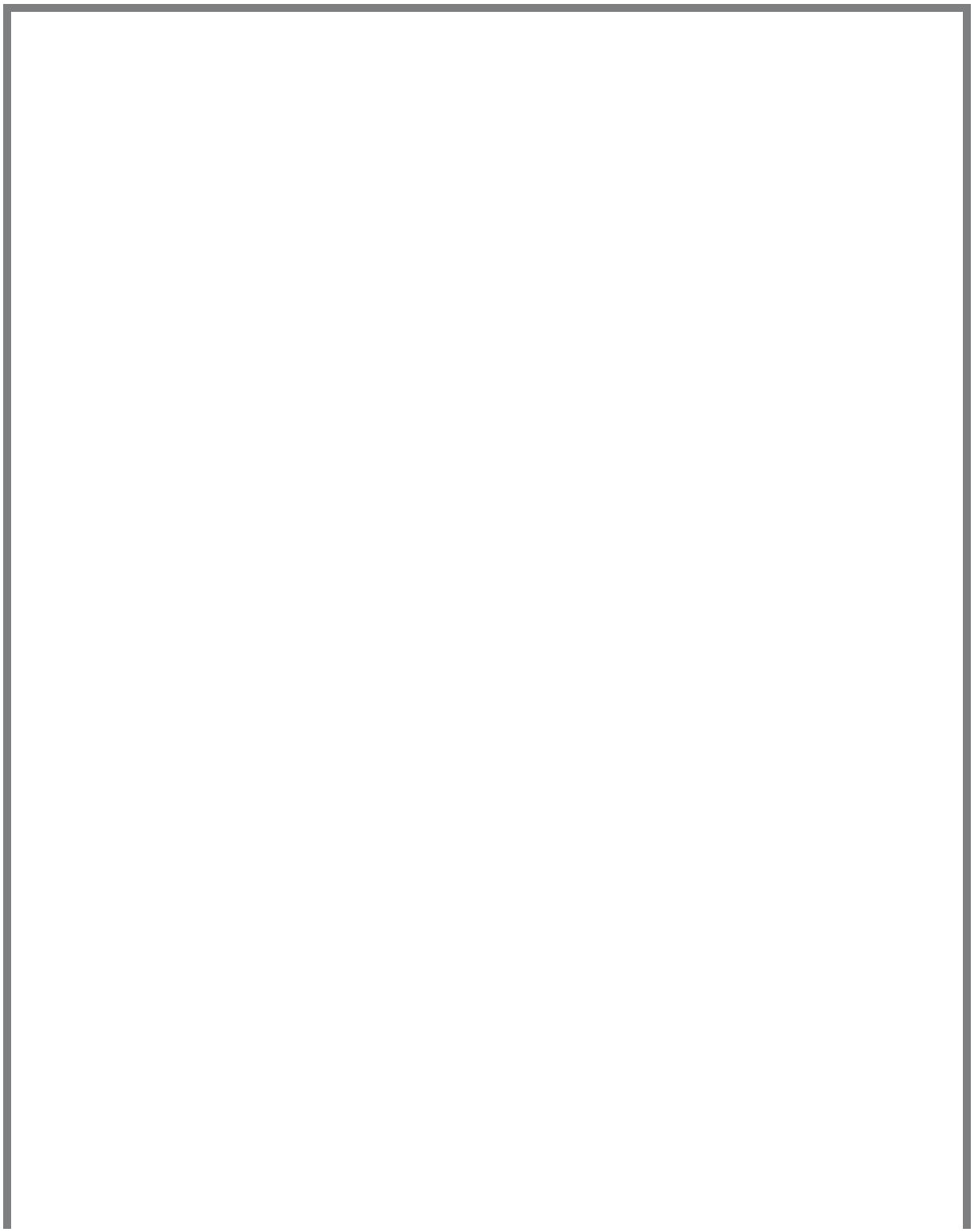
Aluno durante exercício de tiro do Curso de Atirador Designado Marítimo no Rio de Janeiro, abril de 2015. À direita e abaixo da foto, o brevê do Curso de Atirador Designado Marítimo, idealizado pelo APF Haroldo Victoriano Bunn.

Alunos do Curso de Atirador Designado Policial, em 2014, durante exercício de tiro.

Instrutores Rocca (a maior lenda entre os atiradores de precisão brasileiros), Yan e Bettini durante exercício de campo do Curso de Atirador Designado Policial-ANP, 2014.

---

8 1– Humanos são mais importantes do que máquinas; 2– Qualidade é mais importante do que quantidade; 3– Forças de operações especiais não podem ser produzidas em massa; 4– Forças de operações especiais não podem ser criadas após a emergência acontecer; e 5 – As unidades de operações especiais necessitam de assistência de forças convencionais.



# 6

# FORÇA-TAREFA

# 6

# Força-Tarefa

*"Não é pela certeza da vitória, é pela defesa dos ideais."*

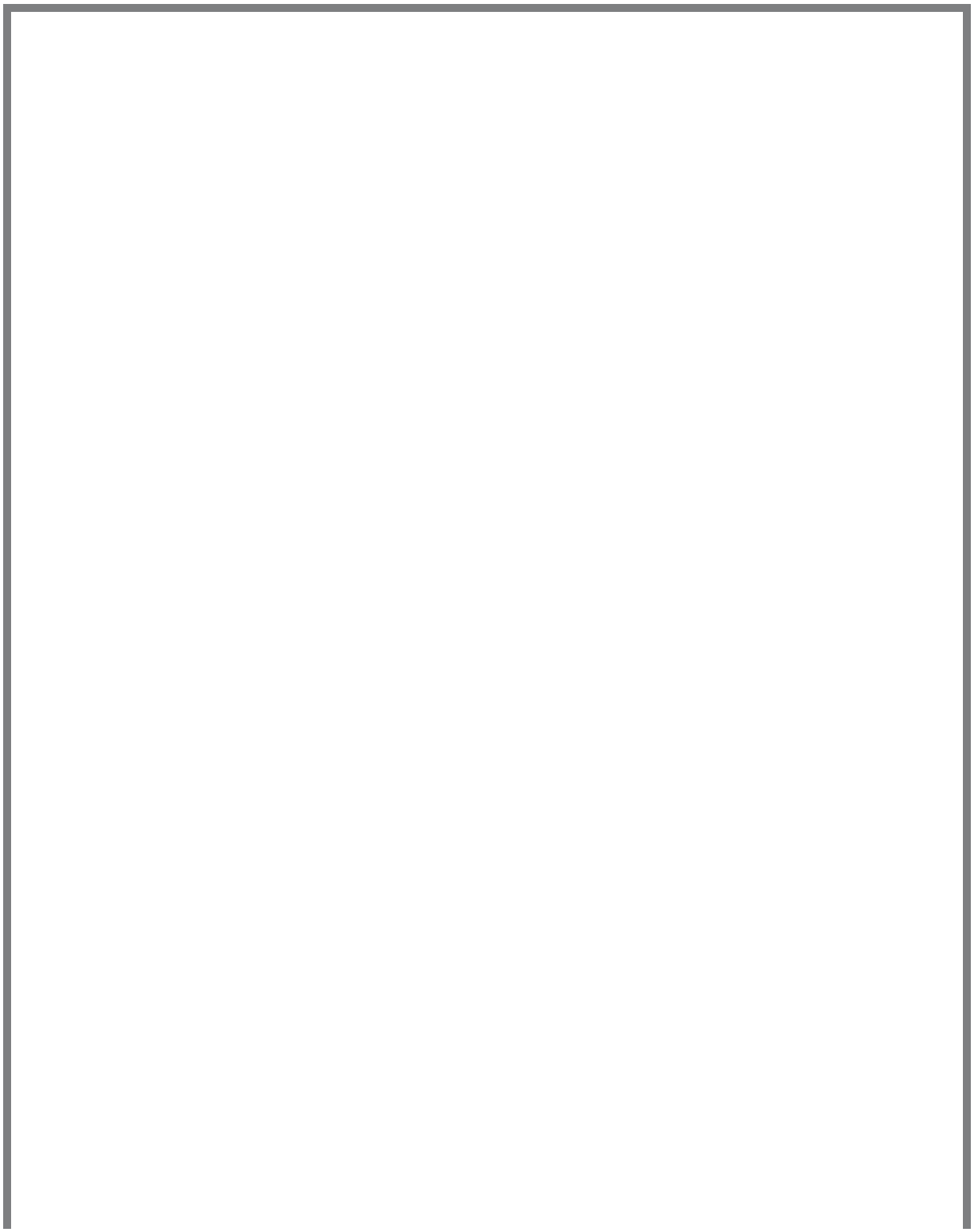
Steven Pressfield[9]

Na semana seguinte, nossa equipe se reuniu com uma equipe do DIEP (Departamento de Inteligência do Estado do Paraná), da Secretaria de Segurança Pública do Estado. A nossa Inteligência havia feito alguns contatos com o pessoal de lá e acabou descobrindo que as duas unidades de Inteligência, a da PF e o DIEP, estavam investigando a mesma quadrilha. Essa reunião "mudou o jogo", possibilitando uma verdadeira sinergia entre as informações das duas unidades policiais, que passaram a trabalhar de maneira integrada e cooperativa. Ambas possuíam informações parciais e quando começamos a falar sobre o que tínhamos de dados e eles a falar sobre o que conseguiram compilar de informações, ficou óbvio que, além de investigar o mesmo grupo, cada equipe de Inteligência havia evoluído por ramos da organização praticamente desconhecidos pelo outro time. Conversamos durante horas. Alguns integrantes surgiram para nós, como Samir, um assaltante de banco de Sandovalina/SP, ligado à política local, e José Honorato,um ex-jogador profissional de futebol, que morava em Cambé/PR. Foi criada então uma Força-Tarefa com a somatória de esforços para a captura do grupo criminoso. Por intermédio de um grupo de WhatsApp, as informações entre o DIEP e a Inteligência da delegacia da PF de Maringá eram trocadas *on-line*.

Após essa reunião fatídica, nada seria como antes em relação à investigação. As coisas finalmente começaram a andar e percebemos que a qualquer hora poderia chegar a informação que proporcionaria a esperada antecipação em relação ao local e dia em que o bando do Novo Cangaço atuaria novamente.

---

9 Pressfield, Steven. Portões de Fogo. Contexto. São Paulo. 2017.432p.



# 7

# RANCHO ALEGRE

7

# Rancho Alegre

> *"A incerteza e* o *risco são inerentes às operações táticas e não podem ser eliminadas. Um líder não pode ser bem-sucedido sem a capacidade de agir sob condições de incerteza, enquanto faz* o *balanceamento dos vários tipos de risco, tirando vantagem das oportunidades."*
>
> Larsen e Wade[10]

– Pronto.

– Bettini, você está na delegacia?

– Não, quer que eu vá para a delegacia, chefe?

– Por favor, tem uma situação aqui da operação de "Miguelito" que pode evoluir.

– Em 10 minutos chego na delegacia, chefe.

– Ok.

Era quarta-feira, 15h, o quarto dia do mês, uma data sensível para as ocorrências de Novo Cangaço em nossa região.

Cheguei à delegacia e fui direto para a sala do chefe, o delegado da PF, Carrer. Lá dentro estavam Kummer e Bozza, do DIEP, além do nosso pessoal da Inteligência.

– Bettini, o pessoal da Inteligência está achando que os bandidos podem agir esta madrugada, em Rancho Alegre. Explica para ele, Ângela.

– Então, o José Honorato esteve em Rancho Alegre ontem. E ele não retornou para a casa dele em Cambé. Estamos achando que eles podem estar reunidos em alguma propriedade rural da região, aguardando para fazer o assalto. O Goiano também foi viajar, não sabemos para onde, pode ser para Rancho Alegre também.

– OK, vamos para lá, então.

– São aproximadamente 170 km daqui, Bettini.

– O horário de atuação deles é a partir da meia-noite, correto?

– Sim,isso mesmo, sendo que o mais provável é entre 1h e 3h da manhã. – respondeu Rodnei.

– Vamos para lá, então. Não dá para chegar muito antes, não vamos conseguir. Acho que o melhor é utilizarmos a van e mais uma viatura.

– Estivemos olhando aqui e só tem duas agências bancárias na cidade, eles devem assaltar a ambas. Ficam em frente uma da outra. Olhe aqui no computador.

Observei no Google Street View, que já estava aberto na tela do computador. Ambos os bancos ficavam em frente a uma praça onde havia uma igreja. Abri meu celular e marquei no aplicativo Motion X as posições e coordenadas das agências e outros pontos de referência no terreno. Por alguns minutos, permaneci ouvindo o que eles falavam, enquanto observava as imagens de satélite do meu telefone. Ali mesmo tracei um "plano tentativo", um esboço da ação tática mais provável para nossa equipe.

– Vamos pensar em pessoal para compor com nossa equipe, Bettini. – disse o Chefe Carrer.

– Sim, já liguei para o Martin que está no sobreaviso, chefe. Ele falou que está preparando o equipamento e sai de Cascavel assim que dermos o "start". O Bandini vem com ele.

– Sim, com três do GEPOM são cinco. Ainda é pouco, eles podem estar em doze ou mais.

– Sim, chefe, sugiro contato com o Choque daqui, o pessoal lá está avisado e iriam conosco com certeza.

– Ok.

Dali mesmo o Chefe Carrer ligou para o comandante do Quarto Batalhão da PM, que disse que gostaria muito de ajudar, mas que não poderia enviar uma equipe do Choque para outra circunscrição, no caso, de Londrina.

– Choque não vai poder nos ajudar, Bettini.

– Chefe, conversei com o Hoinatski e ele falou que pode mandar uma equipe com oito Caveiras do COE (Comandos e Operações Especiais) da Polícia Militar do Estado do Paraná (PMPR), eles viriam de Curitiba.

– Perfeito.

– O senhor só precisa falar com a chefia dele.

– Vou ligar agora mesmo.

Em pouco tempo, a equipe da COE estava liberada para seguir viagem. Combinei com meu camarada, Caveira Hoinatski, que encontraríamos a equipe da COE em Londrina. Lá, eles deixariam as duas viaturas na delegacia da PF e seguiriam embarcados na van descaracterizada, conosco. Utilizaríamos somente duas viaturas, a van e a *pick-up* Amarok, descaracterizada, de Cascavel, que àquela hora já estava pegando estrada. Acionei o restante da equipe do GEPOM. Ajustei meu equipamento pessoal, conferi as baterias dos rádios e da mira termal do "Bebezão", o HK 417 calibre 7,62 X 51mm que eu usaria na situação. Sempre escolhia o fuzil utilizado de acordo com o tipo de ocorrência. Em situações em que seria possível eu me posicionar a distâncias maiores e, principalmente, em situações de baixa visibilidade, eu dava prioridade para o "Bebezão". Em outras situações, como assalto tático, uso corriqueiro em patrulhas embarcadas, seja no rio Paraná, seja em veículos mesmo, e para missões de reconhecimento em área rural, eu dava prioridade para o uso do "Bebezinho", um Mini Draco AK 47, calibre 7,62 X 39mm, equipado com mira holográfica Eotech 552. O "Bebezinho" era pintado na cor camuflada e havia sido eu mesmo o "artista" responsável pela obra. Com três sprays de tinta automotiva, cor verde-oliva, bege deserto e marrom, além do uso de algumas folhas de vegetação variada, eu havia feito a camuflagem do pequeno e rústico, mas preciso e letal, fuzil de assalto de fabricação romena. Foi o Martin mesmo que me ajudou nessa tarefa.

– Bettini, o que mais você acha importante levar?

– A mochila de APH-Tático – era onde ficava o material de Atendimento Pré-Hospitalar Tático, todo ele de acordo com o protocolo TC3 (Tactical Casuality Combat Care), que havíamos padronizado em nossa unidade, por meio de um curso com um médico e dois enfermeiros do BOPE-PMERJ.

– Verdade.

– Rádio comunicadores, o JIM (binóculo termal), os coletes individuais com duas placas de cerâmica, dorsal e ventral, fuzis com munição extra, 500 por combatente, lanternas táticas com pilhas novas, ração etc.

– Qual o horário de saída?

– Vamos deixar tudo pronto, saímos quando o pessoal de Cascavel chegar.

– Ok.

Organizamos nosso equipamento na van, deixando bastante espaço para o equipamento do pessoal do COE que embarcaria em Londrina. Mais umas duas horas e chegavam Martin e Bandini. Estavam animados. Martin, como sempre, sorria muito, estava eufórico.

– Graças a Deus você me tirou daquela burocracia!

– Hahahahaha. Foi escolher o cargo errado, parceiro!

– Caralho, nesse ponto é verdade. Hahahahaha.

– Saímos que horas, Bettini?

– Estamos prontos, acabamos de acondicionar nosso equipamento na van.

– Você acha melhor já ir uniformizado?

– Sim, eu acho. Como vamos trabalhar com a equipe do COE e eles também usam o camuflado Multicam, acho importante padronizarmos isso, para evitar "fogo amigo". Além disso, podemos ser abordados por outras polícias, sobretudo a PM. É melhor, neste caso, estarmos todos ostensivos.

– Beleza, vamos trocar de roupa, então.

– OK, podemos deixar para equipar os coletes táticos e balísticos quando chegarmos perto de Rancho Alegre. Até lá, vamos "leves".

– Positivo!

– Rapaziada, conversei com o pessoal do COE e eles estão perto de Ponta Grossa. Demoram mais duas horas aproximadamente para chegar a Londrina. Daqui vamos em menos de uma hora. Como a noite vai ser longa, sugiro um lanche na hamburgueria aqui ao lado mesmo, após a reunião final com o pessoal da análise.

– Ok, vamos lá.

Retornamos e chamei todos para uma reunião final com o pessoal da Inteligência, para ajustar os detalhes e para que nos fossem passadas algumas informações que eles poderiam ter. Entramos e fomos nos

sentando. Percebi que os colegas nos olhavam de uma maneira diferente, senti um misto de admiração e de apreensão na maneira como nos encaravam. Ângela se aproximou do Calixto, colocando sua mão sobre os ombros do colega.

– Pessoal, muito cuidado, hein. Encontrá-los assim, durante o assalto, é confronto certo!

– Sim, vai ser "esquisito".

– Está com medo, Calixto?

– Estou sim, as pernas quase faltam.

Todos riram na sala por um longo período.

– Mas é verdade! – ele insistiu.

– Eu sei que é verdade, eu disse, mas o engraçado é a sua sinceridade. Hahahahahaha. Fiquem tranquilos, senhores, vamos vencê-los. Vai dar trabalho, mas vamos acabar com eles. E sobre o medo Calixto… ótimo que você sinta! Eu também estou com medo e espero que todos que participarão dessa missão sintam a mesma coisa. Mas nós vamos para cima deles assim mesmo.

Todos riram novamente.

– A diferença entre coragem e temeridade é pequena, senhores. Temeridade é não enxergar o perigo. Coragem, ao contrário, é enxergar o perigo e "ir" mesmo assim.

Seguimos na reunião, o pessoal da Inteligência nos passou as últimas informações que haviam conseguido, que não era muita coisa. Só confirmavam a teoria de que pelo menos parte do grupo estaria reunida na região de Rancho Alegre. Despedimo-nos e saímos.

Comemos e finalmente embarcamos nas viaturas para sair, eram mais de 18h. O Chefe Carrer, Dias e Fabiano vieram na viatura desejar boa sorte, como sempre.

– Rapaziada, muito cuidado lá, hein. Esses caras não dão mole.

– Pode deixar, Chefe.

– Estaremos acompanhando tudo pelo grupo do WhatsApp.

– OK, vamos mandando o passo a passo por lá.

Despedimo-nos e partimos. Na van seguimos eu, Calixto, Fábio. Na outra viatura iam Martin e Bandini.

Chegamos a Londrina e aguardamos o pessoal do COE por aproximadamente 40 minutos. Combinamos de nos encontrar na base que, à época, era chefiada por um amigo antigo, o delegado da PF, Elvis Secco. Aproveitei para revisar o nosso planejamento e checar novamente a parte de navegação terrestre, conferindo nosso itinerário de viagem. Eu não conhecia Rancho Alegre, nem o caminho que nos levaria até lá. A única noção que eu tinha da cidade era aquela que havia conseguido nos estudos de mapas e por meio da visualização do Street View.

– Pessoal do COE chegou, Bettini.

– Bom, vamos fazer um *briefing* com eles e embarcar o mais rápido possível, para não perdermos tempo.

Demos as boas-vindas aos Caveiras. Estava feliz em encontrá-los novamente, principalmente naquela situação. É muito bom poder ir para um confronto com seus camaradas. Reunimos todos em uma pequena sala, na realidade era a copa da Base e passamos os detalhes do nosso planejamento.

– É isso pessoal, não tem muita coisa que possamos fazer. Nossa ideia é fazer um "Cavalo de Troia" mesmo, com a van, enquanto a Amarok fica a uma distância maior, com o posicionamento de um atirador. Nossa ideia é parar a van a uma distância de uns 70 metros do banco. Assim que os assaltantes chegarem, deixamo-los entrar na agência e iniciamos o "contato" com os que ficaram de fora. Segundo as notícias que recebemos, eles relaxam após a primeira explosão, atiram para tudo o que é lado e comemoram. Estamos em dois atiradores na van, eu e mais um do COE, e temos o Martin, na Amarok. Vamos ficar posicionados em "L tático". A 70 metros e abrigados, vamos acabar com todos os vagabundos que estiverem portando uma arma em frente aqueles bancos. A equipe do Martin foca no pessoal que fica avançado, fazendo a segurança nas esquinas; nós focamos no pessoal que entra nas agências. Assim que começar o assalto, vamos avisar o pessoal da base e eles vão comunicar a PM local para se manter longe dos bancos. Alguma dúvida?

Ninguém teve dúvida. O plano era simples e audacioso. O tenente que estava chefiando a equipe do COE somente confirmou alguns dados que eu

havia passado e também nossa intenção de fazer um “Cavalo de Troia”. O restante era linguagem operacional relacionada a isto, ou seja, pura consequência.

– OK, 15 minutos fora é o suficiente para estarmos todos embarcados nas viaturas?

– Sim.

– Tudo bem, vai mais um na Amarok, pode ser o Fábio.

– Ciente.

Em 15 minutos começamos o deslocamento de nossas equipes rumo a Rancho Alegre. Eram 21h30. Gastamos muito mais tempo do que pensávamos para percorrer pouco mais de 80km. Parte do trecho era de estrada de terra e havia chovido no dia anterior, o que a deixou escorregadia e perigosa para a van, que não possuía tração 4X4.

23h30.

Finalmente, chegamos às proximidades de Rancho Alegre. Alertei os outros policiais de que estávamos próximos ao nosso PE (Ponto de Espera) e de que em instantes faríamos uma breve parada para nos equiparmos com os coletes. Durante um longo período, seria ainda a última oportunidade para urinar. Paramos em uma estrada vicinal. Alguns aproveitaram para fazer um breve lanche. Minutos depois, prosseguimos em direção aos PEs que avaliamos serem os melhores locais, de acordo com o Google Earth. A cidade estava praticamente vazia. Era quase meia-noite e somente alguns bêbados e viciados perambulavam pelas ruas, sem destino certo. Evitamos passar pela avenida principal, seguimos por ruas secundárias. Parei a van em uma rua lateral, perpendicular à avenida principal. Tínhamos uma boa visão dos dois bancos. Como havíamos planejado, ficamos a uns 70 metros do local. A Amarok passou por nós e seguiu por mais uma quadra, dobrando à esquerda e entrando em uma pequena viela, nos fundos de uma garagem de máquinas e tratores. Eles aguardariam nosso aviso para se deslocarem no sentido da avenida principal, para formar o “L tático” com nossa equipe. Passei para a parte detrás da van, troquei minha camiseta paisana pela “Combat Shirt” e coloquei meu colete tático. Desde a saída de Maringá, já estava vestido com calça tática, “bute” e cinto tático. Só a camiseta que era paisana para não chamar a atenção. Fechamos todas as

cortinas da van. Não havia lugar para eu sentar, então fiquei de frente para quem estava sentado na primeira fileira de poltronas, no chão, com as pernas encolhidas.

– Caralho, estou vendo que eu vou me foder essa noite.

Enviamos mensagem no grupo dizendo que estávamos em posição, a equipe Bravo, da Amarok, fez o mesmo. Senti uma boa dose de tensão no grupo de WhatsApp com essa informação.

– Que Deus esteja com vocês. – disse o delegado Fabiano.

Aquele era o ponto sem volta. Quando você finalmente chega ao Ponto de Espera percebe que não tem mais como voltar atrás, é definitivo. Caso os bandidos realmente entrem em ação, a única coisa que iria fazê-los parar seria o trabalho da nossa equipe. Sabíamos que não existia possibilidade de isso acontecer sem a ocorrência de um confronto sangrento, uma refrega cruenta e letal. Senti-me bem em estar ali. Passei muitos anos trabalhando em unidades de operações especiais, aguardando acionamentos que custavam a acontecer e que quando aconteciam eram burocráticos, envolvendo muitas pessoas e que na maioria das vezes não davam em nada. Na delegacia de Maringá tudo era diferente. Éramos poucos, a maioria da equipe não era constituída de policiais oriundos de operações especiais, tínhamos pouco ou nenhum tempo para nos dedicar ao treinamento e, no entanto, estávamos cumprindo as piores e mais arriscadas missões da PF. Enquanto alguns grupos gastavam milhões e milhões em equipamentos de última geração que raramente eram usados e treinavam para situações que quase nunca aconteciam, em Maringá contávamos com uma situação que beirava a precariedade em relação a nossos equipamentos, mas a ação era constante. Eu gostava disso. Sentia que fazíamos a diferença, na ponta de lança da instituição, naquela região de fronteira, esquecida pelo poder público. Fiquei ali sentado, por alguns instantes, simplesmente aproveitando aquela sensação boa de fazer algo realmente importante do ponto de vista operacional.

Avistamos um homem se aproximar da agência. Os policiais dentro da van se agitam. Passei a informação pelo grupo, mas poucos minutos depois percebemos que se tratava somente de um bêbado. O tempo custava a passar.

2h da manhã.

– “Chegamos na hora crítica”. Escreveu o Fabiano.

– “Sim, 90% das ações deles acontecem entre 2h e 3h da madrugada. – Acrescentou o Dias.

Pouco tempo depois passou por nós uma motocicleta. O condutor e o carona seguiam sem capacete e eles passaram em uma velocidade muito baixa ao lado da van.

– Atenção, equipe Bravo, tem uma motocicleta com dois suspeitos indo em direção ao banco.

– Bravo, ciente.

Informamos pelo grupo e a tensão aumentou. A motocicleta passou novamente pela rua, era a segunda passagem. O nível de alerta ficou máximo. Estávamos prontos para a ação. Durante os próximos 15 minutos, a motocicleta passou mais duas vezes na rua, sendo que a última passagem foi somente com o motorista. O carona já não estava lá. O tempo continuou passando sem que acontecesse o que parecia que estava prestes a acontecer. 3h da manhã e nada. Dentro da van fazia muito calor, apesar do horário.

Às 4h, o pessoal da Inteligência entra em contato. Não havia sinal algum de movimentação. Estava tendo câimbras em minhas pernas há mais de duas horas e minhas costas estavam adormecidas. Levantei-me dentro da van para esticar as pernas. Fiquei em pé, parado, por mais de uma hora. As duas posições eram ruins: sentado, porque eu não tinha apoio para as costas e não podia esticar as pernas, que ficavam prensadas pela cadeira a minha frente;e em pé, porque meu pescoço ficava torto, por não ser possível ficar totalmente ereto dentro da van.

– Nunca é fácil. – eu disse a um dos Caveiras, que estava sentado à minha frente. Ele acenou positivamente com a cabeça.

O tempo passava e com ele aumentava nossa frustração. Aquela sensação de iminência e a adrenalina despejada em nossa corrente sanguínea deram lugar a uma sensação angustiante de impotência e desânimo. Mas precisávamos manter o moral elevado. As poucas palavras ditas dentro da van eram sussurradas. Alguns afortunados conseguiram cochilar e até pegar no sono pesado, mas na posição em que eu estava aquilo era impossível. Além do que, alguns, principalmente o tenente do

COE e eu, estávamos na condição de líderes de equipe e precisávamos estar atentos à movimentação próxima ao banco.

5h da manhã.

As primeiras pessoas começaram a se movimentar pelas ruas da cidade, na maioria eram trabalhadores rurais indo para o local onde o ônibus os apanhava. Nossas chances de um encontro com os criminosos caíam vertiginosamente a partir desse horário. A proximidade com a alvorada diminuía as chances de a quadrilha atacar, justamente por ir contra seu método de atuação

5h45min.

O pessoal da Inteligência faz contato, perguntando qual a nossa situação. Repassei que nada acontecera em frente à agência e que agora as pessoas começavam a andar pela cidade. Daniel, que estava acompanhando tudo da delegacia de Maringá, disse que aguardássemos até que o dia clareasse, o que estava programado para aproximadamente às 6h45min. Segundo ele, os bandidos poderiam ter abortado a ação ou mesmo não ser Rancho Alegre a cidade alvo da quadrilha.

6h45min.

Informei à Inteligência que desmobilizaríamos nossa posição, retornando para Maringá. Passamos primeiramente por Londrina, despedimo-nos dos Caveiras do COE e seguimos viagem. Chegamos à delegacia eram quase 11h da manhã. Cheguei em casa quando já eram 14h. Deitei e dormi até as 19h.

– Vem jantar, pedi aquela comida árabe que você gosta, tem cerveja também. – disse Adriana.

Alguns dias depois, a Inteligência descobriu que José Honorato, o “Jogador”, tinha alguns parentes que eram proprietários de um sítio na região de Rancho Alegre. Alguns integrantes da quadrilha, Goiano entre eles, podem ter se reunido no local para planejar a próxima ação.

No dia seguinte, acordei cedo e liguei para minha irmã.

– Janinha (desde garoto, nunca a chamei pelo nome, Juliana), pode deixar que eu vou levar o pai na clínica hoje, faz tempo que não fico com ele.

– Tá bom, Du…

Cheguei à casa dos velhos, conversei um pouco com minha mãe, tomei o café que ela havia feito minutos antes e comi um pão com ovo que ela fritou na hora.

– Trabalhou ontem, filho?

– Sim, mãe.

– Chegou que horas em casa?

– Saí antes de ontem cedo de casa e voltei ontem, às duas. Dormi até agora há pouco.

– Serviço perigoso, filho?

– Que nada mãe, só mais uma "campana", esse pessoal do contrabando.

– Que bom, filho, descansa uns dias.

– Vou descansar, mãe… E o pai?

– Ele está bem, essa doença judia demais da pessoa, mas ele vai tocando a vida dele. A Juliana leva ele cedo, ele chega à noite, faço um pão com leite para ele, ele come tudo e o coloco para dormir.

– Sinto falta dele…

– Ele era tão inteligente, gostava tanto de ler, sabia mexer em tudo, na época que plantava, desmontava a colhedeira, consertava o trator, fazia de tudo.

– Sim, sempre foi bom com mecânica.

– Agora não lembra mais de nada.

– Maldita doença.

– Essa é maldita. Ele estava sentado na cama.

– Oi, velho.

Ele me olhou e sussurrou algo como um "oi".

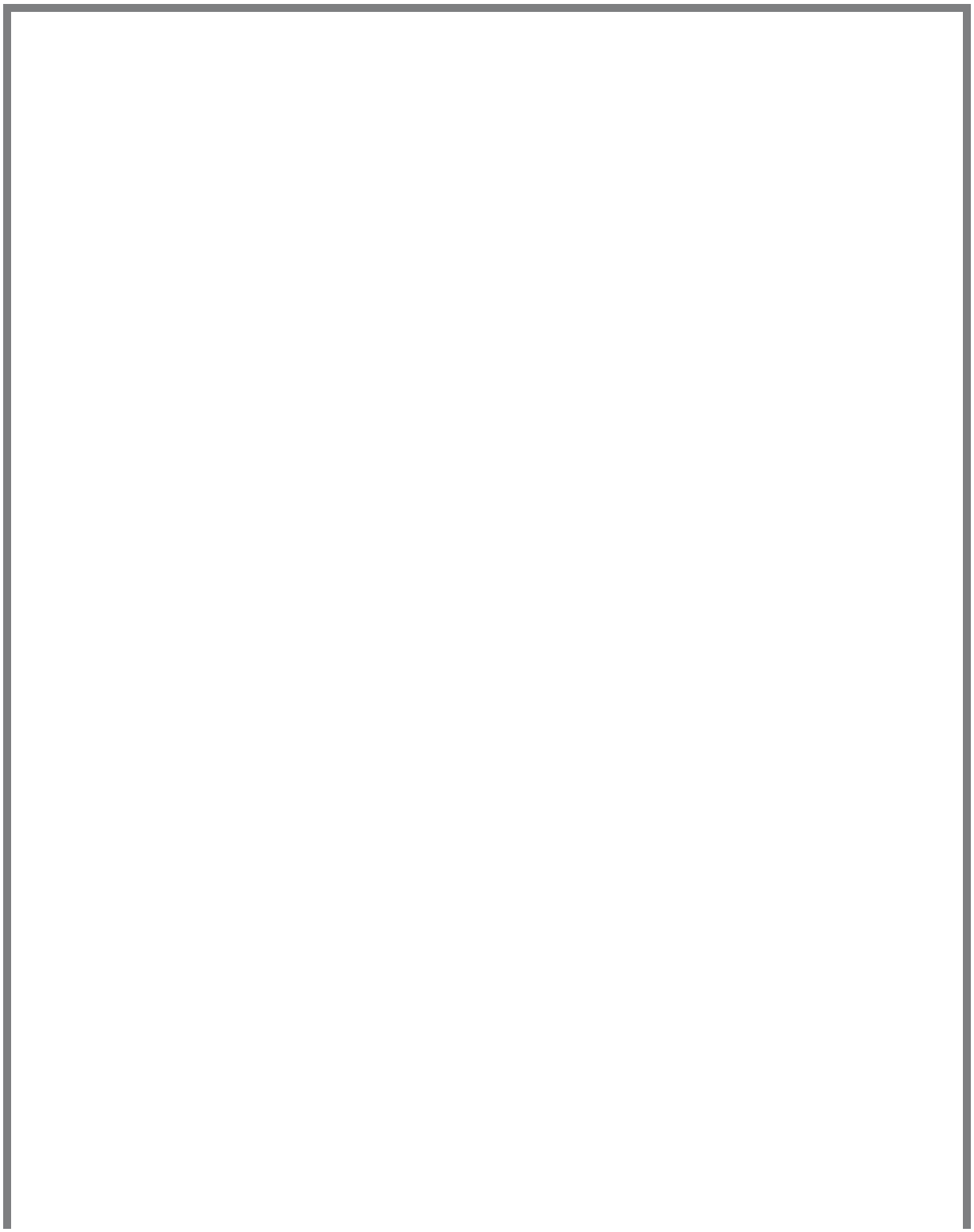
– Saudade de você, cara…

Ele deu aquele sorriso tímido de sempre.

---

10 Larsen, Christopher; Wade, w. Norman. The Small Unit Tactics Smartbook: Leader ´s Reference Guide to Conducting Tactical Operations. The lightning press. Lakeland.

2008.



# 8

# PEDRINHAS E ALVORADA

# 8

# Pedrinhas e Alvorada

> *"Nós que voltamos para casa, seja pela sorte ou mesmo por um milagre – tanto faz* o *nome dado a essa condição – nós sabemos: os melhores de nós não retornaram."*
>
> Victor Frankl[11]

Alguns dias depois do evento frustrante de Rancho Alegre, o agente Rodnei me procurou.

– Bettini, tem uma situação aqui que eu fiquei intrigado. É o seguinte, o José Honorato, da última vez que assaltaram Pedrinhas Paulista (fato ocorrido na semana passada), esteve em Alvorada do Sul. Sabemos que ele estava lá dois dias após o assalto de Pedrinhas. Olhando aqui no mapa eu percebi que Pedrinhas fica muito perto da lagoa da Capivara, no rio Paranapanema. De barco dá pouco menos de 40 km até Alvorada. Pode ser que esses caras estejam usando um sítio ou chácara, alguma coisa assim, em Alvorada do Sul.

– Entendi.

– Eu estava pensando em você ir para Pedrinhas para pegar as imagens do assalto e conversar com os policiais do local e depois dar uma passada em Alvorada, ver se encontra alguma chácara suspeita, algo assim. Pode ser?

– Pode, sim, Inocêncio (esse era o sobrenome de Rodnei, maneira que eu preferia chamá-lo, só por brincadeira mesmo). Posso ir amanhã cedo?

– Perfeito, combinado então.

No dia seguinte, com Rômulo, um colega de Curitiba em missão conosco em Maringá, parti para Pedrinhas Paulista. Ao chegar à cidade, fomos até o destacamento da PM e conversamos com o Sargento Sidney sobre o ocorrido. Ele deu uma série de detalhes enquanto gravava todas as imagens disponíveis diretamente do computador do Destacamento para nosso pendrive. O *modus operandi* dos assaltos na cidade era o mesmo da

quadrilha de Novo Cangaço que estávamos investigando na Operação "Miguelito". Não restavam dúvidas de que eram os mesmos criminosos que estávamos tentando encontrar. Os relatos davam conta das mesmas situações: homens fortemente armados, que atiravam o tempo todo contra tudo e contra todos que se movimentassem, reféns, explosões brutais e uma fuga perfeita, sem deixar rastros e frustrando o cerco e bloqueio de vias, realizado por viaturas, de mais de dez municípios próximos, além da Polícia Rodoviária Estadual.

O Destacamento da PM da simpática e elegante Pedrinhas Paulista contava com dois policiais de serviço por dia. Por coincidência, no dia da ação do Novo Cangaço, a equipe de serviço era a mesma que nós encontramos em nossa visita. O outro policial era o Cabo Candela, um policial a alguns meses da aposentadoria, com cinquenta e poucos anos. Candela era bonachão e um pouco desengonçado, mas muito receptivo e educado.

– Nós não sabemos como esses caras podem ter sumido assim, cercamos a região toda, fizemos barreiras por dois dias consecutivos e não achamos nada… – disse o sargento Sidney.

– Então, eu tenho uma opinião. – falou timidamente o Cabo Candela, parceiro do sargento no Destacamento.

– Sim, Cabo, o que o senhor acha que aconteceu?

– Vem aqui, por favor, vou mostrar para o senhor no mapa o que eu acho que aconteceu. Está vendo essa estrada? Foi nessa estrada que eles foram vistos da última vez. Eles passaram em alta velocidade em frente a uma fazenda que tem bem aqui e o leiteiro de lá confirmou que eram os mesmos dois carros que estavam no assalto. Ele fez uma pausa e olhou para mim, como quem aguardasse algum consentimento para prosseguir.

– Sim, estou entendendo.

– Essa estrada vai terminar no "Panema". Porque para ele voltar pra rodovia, se ele saísse por aqui, à esquerda, tinha que dar uma volta muito grande e aí, com certeza, ia dar tempo de alguma viatura que veio dar apoio pra nós ter cruzado com eles. E para direita, não vai dar em lugar nenhum essa estrada, vai dar em um banhado que não tem saída. A única alternativa deles, vindo por aqui, é ter saído direto para o rio.

– Tem sentido.

– Então, eles deixam um barco, chegam, jogam o carro dentro da água e somem no rio à noite. Quem vai conseguir pegá-los no rio escuro?! Ninguém! Mesmo que cruzem com a Ambiental não tem o que fazer porque são oito homens fortemente armados. No barco da Ambiental vai dois ou três de pistola.

– Verdade, Candela, penso que sua teoria tem muito sentido.

Coletamos todo o material, trocamos contato telefônico com os dois policiais, agradecemos e partimos para Alvorada do Sul, não sem antes postar no grupo a última localização dos veículos dos criminosos, juntamente com a impressão do Cabo Candela de que a fuga havia ocorrido por água.

Atravessamos a ponte que faz divisa com o Paraná.

– Olha ele aí, parceiro, o Paranapanema.

– Sim, grande, não é?

– Sim. Vamos encontrar esses caras aí dentro, você vai ver.

– Perigoso demais, hein.

– Sim, vai ser muito perigoso para eles.

– Hahahahahaha. Caveira maldito.

– Arrogância em combate, parceiro.

– Hahahahaha. É isso aí, arrogância em combate.

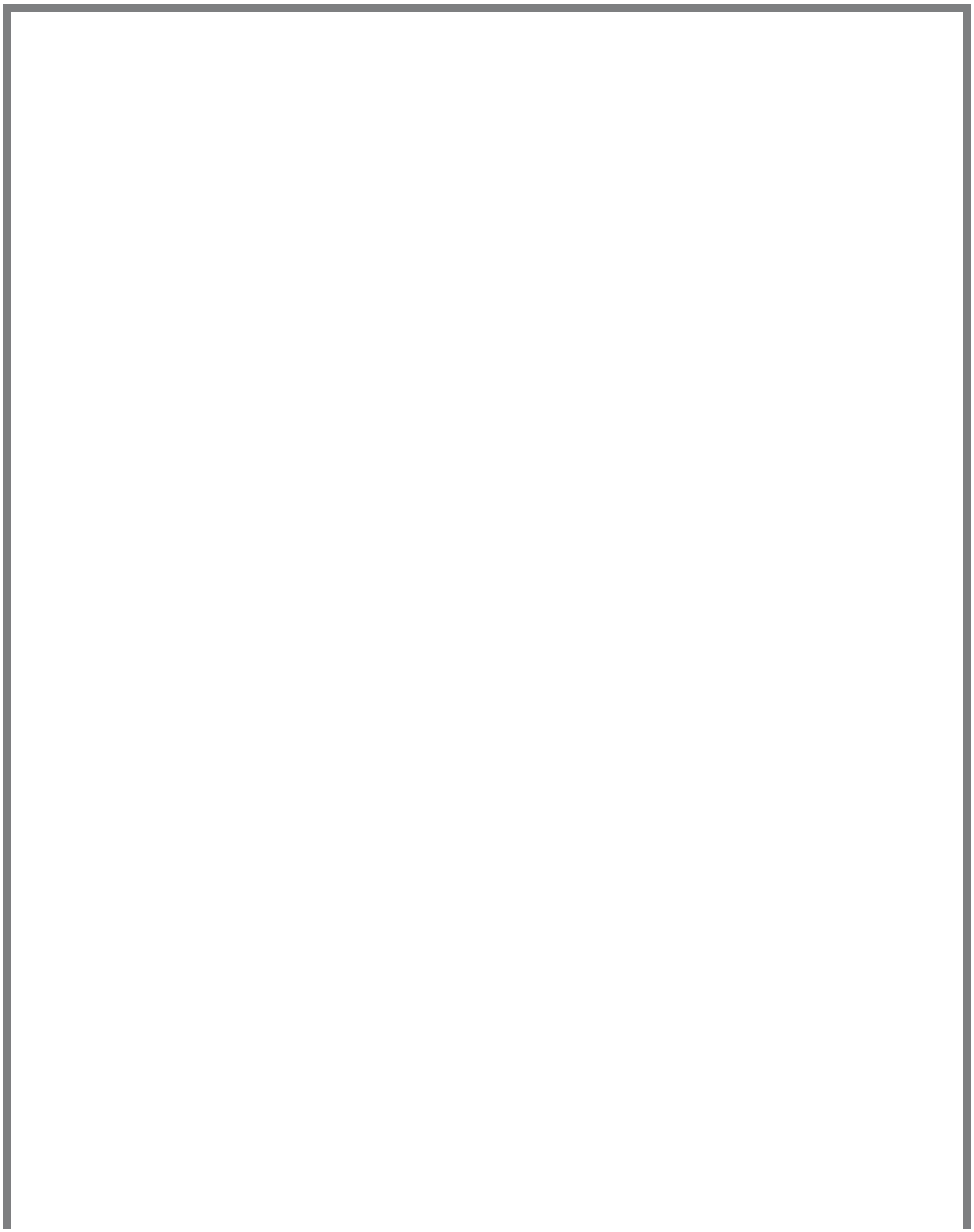
Chegamos à Alvorada do Sul por volta de 15h.

Passamos pela avenida principal da cidade e seguimos em direção ao rio Paranapanema. Assim que acabou o asfalto, começou uma estrada de chão e pedras. À nossa esquerda estava a área onde ficam localizadas as chácaras à beira da lagoa da Capivara. Andamos pela região com a “estória cobertura” de que precisávamos alugar uma chácara para o final de semana. Continuamos pela esquerda em uma estrada e logo chegamos a um ponto onde é possível descer barcos de pequeno porte na água. Olhei aquele lugar e fui tomado de uma sensação estranha, a mesma que já senti algumas vezes em incursões em favelas ou em situações nas quais sinto estar sendo observado. É uma sensação forte, não é a sensação de estar sendo observado por pessoas comuns, é diferente, é algo muito mais denso, mais

nebuloso. Fiquei por alguns instantes parado ali,olhando para aquela pequena baía, tentando decifrar seus enigmas. Tive a impressão de que aquele realmente era o nosso lugar e senti como se já estivesse estado ali outras vezes, apesar de ser a primeira vez que pisava em Alvorada do Sul. Parecia que aquele lugar me era familiar. Passamos o restante do dia observando as chácaras de lazer, conversando com pessoas do local e tentando obter alguma informação que pudesse nos levar até o bando do Novo Cangaço. Por volta de 18h, com o início do cair da noite, decidimos retornar a Maringá. Antes, porém, passamos via aplicativo do celular, as fotos dos locais mais suspeitos e as impressões que tivemos de Alvorada do Sul. Rômulo dirigia enquanto eu passei boa parte do tempo traçando rotas possíveis da fuga de barco de Pedrinhas Paulista, em São Paulo, até Alvorada do Sul, no Paraná.

---

11 Frankl, Victor. Man's Search for Meaning: na introduction to logotherapy. Beacon Press. Boston. 1992.



# 9

# JAGUAPITÃ E CAMBÉ

# 9

# Jaguapitã e Cambé

Nos dias seguintes, passamos a analisar as imagens de satélite e traçar as LGAs (Linhas Gerais de Ação) para o caso de se confirmar nossa teoria de fuga pela água. Finalmente, tínhamos algo para nos orientar em relação ao Novo Cangaço em nossa região. Era pouco, mas comparado ao que tínhamos em mais de cinco meses de investigação, as informações obtidas nos últimos dias nos deram ânimo novo. Pedi para o Rômulo e o Pavani outro colega em missão no GEPOM de Maringá, para buscarem a nossa lancha mais rápida, que estava guardada em uma fazenda, a 180 km de Maringá. Costumamos deixar nossas embarcações em "LINS" (Locais Incertos e Não Sabidos), para dificultar a ação dos malditos "olheiros" e "batedores" que tentam sempre antecipar as nossas ações.

– Senhores, vamos deixar a Mamba Negra pronta para a ação. Manteremos ela abastecida e equipada para operarmos, caso a investigação evolua rapidamente. Acho que vamos conseguir pegar esses caras na água.

No dia seguinte, os dois colegas saíram bem cedo e, no final do dia, estavam de volta com nossa lancha. Havíamos apreendido a Mamba durante uma operação no rio Paraná. Usada para transportar drogas e contrabando, possuía um casco de fibra, de cor preta, com motor Mercury PRO XS de 250 HP. Só havia o assento do piloto. Utilizávamos cadeiras de escritório amarradas ao casco, pedaços de espuma e pneus como assentos. O tanque de combustível era um galão azul de onde saía uma mangueira diretamente para o motor.

– Senhores, deixem os fuzis de vocês clicados e prontos, não esqueçam de "manutenir" todo o equipamento, deixar as baterias carregadas de lanternas e dos optrônicos noturnos.

Nos últimos dias, outra investigação da Inteligência estava proporcionando excelentes resultados contra uma quadrilha que atuava no contrabando de cigarros provenientes do Paraguai. Apreendemos várias carretas em duas semanas. Apesar de ficar eufórico com os resultados, eu me preocupava com a questão do adestramento e treinamento da equipe para a situação, que eu vislumbrava, aconteceria em pouco tempo dentro do rio.

Logo depois de orientar o pessoal da equipe sobre a necessidade de nos mantermos treinados, meu telefone toca.

– Pronto.

– Bettini, é Boza. Precisamos fazer alguns levantamentos na região de Jaguapitã. Sabemos que o "Goiano" andou por lá e temos um suspeito que acreditamos ter uma granja por ali.

– Sim.

– Então, acreditamos que eles podem guardar as armas nessa granja. O nome do suspeito é Pablo e estou mandando, via aplicativo, sua qualificação. A granja é a Santa Inês e precisamos identificar esse local. Amanhã é dia 4 e sabemos que hoje o "Goiano" esteve por lá. Eles podem se reunir ali para pegar as armas antes do assalto.

– OK, me passa os dados e eu vou fazer esse "recon"[12].

Conforme as informações chegavam ao meu celular, eu tentava traçar uma estratégia de ação utilizando o Google Earth. Por fim, identificamos a região onde poderia estar localizada a tal granja. O problema é que era uma área vasta demais. Combinei com o Buenão, que iria comigo, de sairmos no dia seguinte logo pela manhã. Utilizamos uma viatura descaracterizada. Ainda não eram 8h da manhã quando chegamos a Jaguapitã, localizada a aproximadamente 70km de Maringá. Rodamos por horas pelas estradas rurais da parte leste da cidade. Sabíamos o nome da propriedade e que Pablo era o arrendatário da granja. Retornamos à cidade, paramos em um boteco e comemos um sanduíche.

– Então, Buenão, acho que a direção que o pessoal da Inteligência nos passou está errada.

– Sim, também acho.

Logo no início da manhã, havíamos conversado com um trabalhador rural, um senhor de idade, e ele havia dito que a granja Santa Inês ficaria na direção contrária à que estávamos procurando. Terminamos o lanche e retomamos nossa procura. Rodamos a tarde toda, mas ninguém sabia onde ficava a tal da granja. Por volta de 17h, abordamos uma dupla de pescadores que saíam de um carreador. Perguntamos da tal da granja e eles não sabiam dizer onde ficava. Insistimos, dizendo que no local morava um tal de Pablo. Não é costume fazermos isso, pode estragar toda a investigação, mas naquela situação não poderíamos perder mais tempo. Eles conversaram entre si e disseram que não conheciam. Despedimo-nos e abaixei a cabeça para digitar uma mensagem no grupo do aplicativo. Bueno disse que o carro dos pescadores estava voltando.

– Viu! Será que não é a granja Santa Matilde?

– Não sei, pode ser, nos falaram granja Santa Inês.

– Porque tem um Pablo que mora lá na Santa Matilde.

– Deve ser ele, então.

– Vocês têm o telefone dele?

– Não, só temos a granja dele como referência. Estamos fazendo estudos topográficos e nos passaram a granja como referência.

– Faz assim, estamos indo para lá, é por essa estrada aqui. Me acompanhem!

– OK.

– Vamos manter a atenção hein, Bettini, vai saber, né.

– Sim, vai que seja alguém que conhece esse povo.

Continuamos seguindo o veículo dos pescadores. Logo chegamos a uma estrada pavimentada que dava acesso a Jaguapitã. Após uns 5 ou 6 km, o carro dos pescadores reduziu a velocidade. Percebemos que iria parar. Os pescadores acabaram encostando à direita em uma entrada de fazenda. No mesmo momento estava saindo de lá um veículo Renaut Sandero preto. O pescador, que seguia dirigindo, saiu do carro e foi correndo em direção ao Sandero preto.

– Esse pessoal tem uma boa vontade fodida para ajudar, né!

– Verdade. Povo do interior é assim, Bettini.

Em alguns instantes, o pescador volta correndo, logo atrás dele vem um homem, caminhando devagar, desconfiado.

– Pronto! Esse aí é o Pablo! Podem falar com ele, tá? – O homem falou sorrindo, todo feliz em ter nos ajudado.

Um pouco sem jeito e sem graça, agradecemos. Logo Pablo chegou, ficou parado ao lado da nossa caminhonete, olhar desconfiado.

– Boa tarde! – falei sorrindo, para descontrair um pouco.

– Boa tarde… – ele respondeu sem muita vontade.

– Então, nós perguntamos para o rapaz onde era o km 7 da rodovia. – Tentei disfarçar pois eu havia visto, pouco antes da entrada da granja, uma placa onde estava escrito km 7.

Paralela à rodovia seguia uma linha de baixa tensão, com postes de madeira. A adesivagem em nosso veículo era de uma empresa fictícia de topografia.

– Estamos procurando o km 7, onde a linha de baixa tensão cruza com o asfalto. – Percebi que alguns metros a nossa frente havia esse cruzamento.

Pablo parece ter relaxado um pouco.

– Km 7 é esse aqui mesmo, a linha de baixa tensão cruza o asfalto uns 100m ali para a frente.

– Ah! Então é ali mesmo, obrigado, viu amigo! Amanhã voltamos então para fazer o levantamento topográfico! Vamos trocar estes postes de madeira por postes de concreto.

– Ah…tá bom.

– "Té" mais!

Ele acenou com a cabeça.

– Puta que pariu! É o Pablo! Essa é a granja!

– Sim, será que ele percebeu?

– Não sei, estranho né, aparecer dois malucos assim, perguntando de linha de baixa tensão, papo de doido.

– Caralho! Tomara que esse filho da puta não tenha se ligado.

Chegamos à cidade. Marquei a posição da granja no aplicativo Motion X e enviei para o grupo da Força-Tarefa. Logo surgiram mensagens

comemorando nosso feito. Ficaram todos eufóricos. Finalmente encontramos um local onde seria possível pegar a quadrilha antes do assalto, quando iam buscar as armas, ou mesmo após a ação criminosa, quando retornavam para deixar as armas para serem enterradas (geralmente era assim que as escondiam) e também para dividir o dinheiro roubado entre os integrantes da quadrilha.

Comemos mais um sanduíche antes de sair de Jaguapitã, uma pequena e pacata cidade do interior do Paraná, e seguimos para Cambé, cidade próxima a Londrina, com o objetivo de fazer um reconhecimento no edifício onde morava José Honorato, o "Jogador". Após pouco mais de uma hora de viagem, chegamos a um condomínio.

– Pronto, é aqui. Precisamos tentar encontrar o carro dele aí dentro. Ver onde é a garagem para checar qual é o carro desse cara.

– Tudo bem, mas tem uma placa ali dizendo que é proibida a entrada e que todos devem se identificar com documentos.

– Você viu a faculdade ali atrás?

– Vi sim, Bettini, que tem isso?

– Vamos tentar dar um "migué[13]".

Entrei com a caminhonete e parei na cancela. Ao lado, dentro de uma guarita, havia dois seguranças.

– Boa noite, amigo! Você sabe me dizer se tem apartamento de dois quartos para alugar aqui?!

Ambos nos olharam, sérios, por uns três segundos. Eu continuei.

– É que estou mandando minha filha para estudar aqui na Faculdade. Nós somos de Maringá e estou procurando um lugar pra ela ficar. Mas tem que ser condomínio barato. Aqui é muito caro?

– Ah não, o condomínio é uns 500 reais.

– E o aluguel?

– De dois ou três quartos?

– Dois! Não quero que ela more com ninguém. É só ter um quarto para ela e um pra eu e a mãe dela quando virmos aqui.

– Em média 500 reais também. Tem vários para alugar. O senhor quer dar uma olhada?

– Mas eu posso entrar? Não vai dar problema para vocês?

– Não, tudo bem, o senhor pode entrar. Pode estacionar a caminhonete ali naquela vaga.

– Ok, obrigado!

Entramos, estacionamos a viatura e seguimos em direção ao apartamento de José Honorato, um ex-ídolo local do futebol profissional de segunda divisão. Rodamos por algum tempo, checamos a sua vaga de garagem, que estava vazia. Em alguns minutos chegou um dos seguranças, orientando-nos sobre vários apartamentos para alugar. Ele foi extremamente simpático. Retornamos até a guarita, conversávamos sobre as vantagens daquele condomínio para estudantes da faculdade, tão próxima dali. Anotamos alguns telefones em um mural, com ofertas de apartamentos para alugar, agradecemos o vigilante, muito solícito e retornamos.

– Não é que deu certo!

– Falei que ia dar certo Buenão. Hahahahaha.

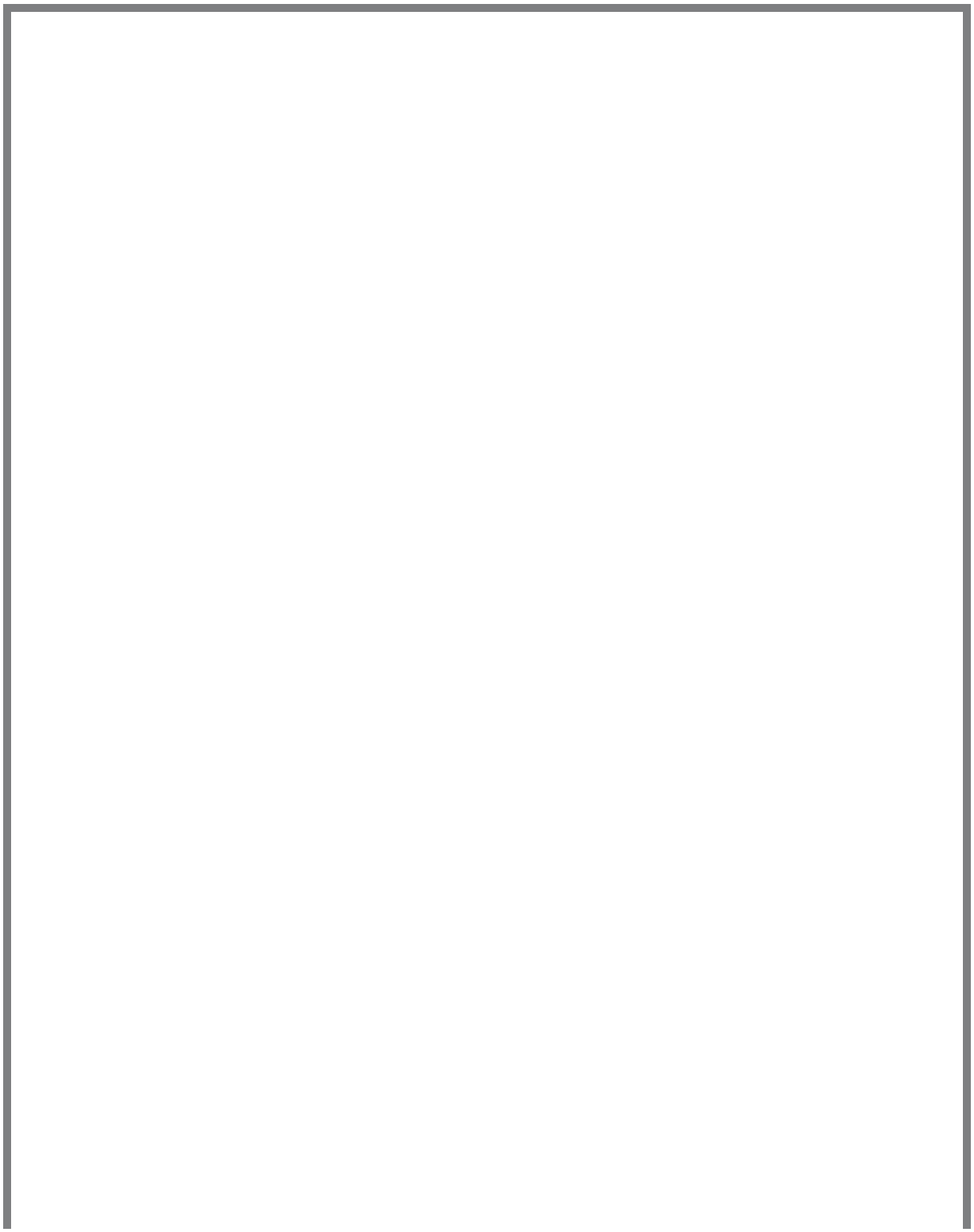
– Estou precisando sair mais para o serviço de rua! Estou meio enferrujado.

– Hahahahaha.

Passamos as informações finais de um produtivo dia de trabalho de campo para o grupo do aplicativo e retornamos para Maringá. Chegamos à delegacia eram quase 23h.

---

12 Reconhecimento.
13 Significa que tentaríamos criar uma história falsa para enganar os porteiros.



# 10

# INCERTEZA

# 10

# Incerteza

> *"São quatro os componentes que constituem a atmosfera da guerra:* o *perigo, a incerteza,* o *esforço físico e* o *acaso, facilmente se compreende que é necessária uma grande força moral e física para avançar neste elemento desconcertante com alguma garantia de segurança e de êxito."*
>
> Clausewitz

Quinta-feira, 6 de abril de 2017. Por algum motivo, a quadrilha do Novo Cangaço não agiu no dia 5, como era de se esperar. O pessoal da Inteligência estava trabalhando em sistema de rodízio, 24 horas, desde o dia 4. Estavam todos muito desgastados. Mas percebi que algo dizia ao Rodnei que os criminosos estavam na iminência de mais um assalto. E se tem algo que aprendi a considerar seriamente em uma operação, desde que entrei na polícia, foi a intuição de um analista experiente como o Rodnei.

9h da manhã.

– Pronto.

– Bettini, o pessoal do DIEP está vindo para cá. Marcamos uma reunião às 10h, você pode vir para delegacia esse horário? – disse o Chefe Carrer.

– Posso, sim, chefe. Na realidade estou chegando em 20 minutos.

– OK.

Cheguei à delegacia e fui direto para a sala do GEPOM "manutenir" o "Bebezão". Não é comum eu fazer isso, mas a inquietação de Rodnei me deixou em um nível de alerta acima do normal. Faltando cinco minutos para as 10h eu fui até a sala do chefe. Vários colegas do DIEP, entre eles Kummer e Boza estavam lá, além de todo o pessoal da Inteligência, os delegados Carrer, Fabiano e Dias e o restante do GEPOM em atividade, ou seja, Calixto e Fábio.

– Bem, pessoal, o motivo de nós fazermos essa reunião aqui é para fazermos um *brainstorm,* uma mesa redonda, sobre as ações da quadrilha de

Novo Cangaço que estamos investigando. – começou o Chefe Carrer. Olhando para o Dias, assentiu com a cabeça para que ele continuasse.

– Então, a nossa ideia é compartilhar conhecimento com vocês e saber também o que vocês têm de detalhes que nós não temos, com o objetivo de poder traçar uma estratégia para esta noite. O Rodnei acha que eles estão reunidos desde ontem, quarta-feira, dia 5, para fazerem o assalto. Não sei o que o pessoal do DIEP acha disso.

– Nós achamos a mesma coisa! – disse Kummer.

– Então, nós não temos ideia de onde eles vão atuar, não sei vocês.

– Também não temos, Dias.

– O Bettini e o Bueno descobriram ontem onde é a granja do Pablo. Sabemos que eles se reúnem lá antes dos assaltos, para pegarem as armas e os explosivos que achamos que ficam escondidos lá. Sabemos ainda que é lá, muito provavelmente, que eles vão após cometer os assaltos, para dividir e talvez enterrar também parte do dinheiro. Dois ou três dias após os assaltos, geralmente.

– E vocês não têm noção de onde eles irão atuar, não é?

– Nada.

– Nem nós.

– Então, conversando com o pessoal do GEPOM aqui, nós chegamos à conclusão de que a linha de ação mais provável é a possível rota de fuga por Alvorada do Sul. O fato de o José Honorato e do Wilmar terem estado por lá após os assaltos de Pedrinhas Paulista e Iepê, em São Paulo, é nossa melhor possibilidade, mesmo que muito vaga.

– Mas como é que faríamos isso? – perguntou Kummer.

– Bettini, explica para o pessoal.

– Bom dia, senhores. Nossa ideia é descer a Mamba Negra em algum ponto na região de Porecatu, acima da barragem, já na represa da Capivara. Faríamos isso por volta de 23h de hoje. Não sabemos ainda onde faríamos isso, mas olhando no Google Earth vejo duas boas possibilidades, que são condomínios com rampas de acesso ao Paranapanema.

– A partir de lá podemos prosseguir por rio. Deixamos uma equipe no apoio, por terra, e vamos em quatro embarcados na Mamba, pelo rio. O

GEPOM todo, que somos três e mais o Martin, que é Atirador Designado Marítimo formado por mim mesmo e de extrema confiança e capacidade técnica. O pessoal por terra pode ir para a região de Centenário, pois sabemos que em pelo menos uma vez eles retornaram para lá, para o sítio do "Goiano", no assentamento do MST. Se precisarmos de algum apoio para retirar o barco da água ou qualquer outra situação, nós poderemos acioná-los.

– Mas vocês vão somente em quatro, Bettini?!

– Sim, Kummer, vamos em quatro!

– Não é muito arriscado?!

– Sim, arriscado é, mas a previsão do tempo é de chuva e vento esta noite. A represa pode ficar muito agitada, com maré. Estamos levando muito equipamento. Mesmo com somente quatro tripulantes a bordo, estaremos com um peso considerável. A Mamba Negra é uma excelente lancha, seu casco modelo "Quest" proporciona excelentes resultados em relação à performance, principalmente equipada com um motor PRO XS de 250HP, além de um "Jack Plate". Mas é um barco apreendido, uma embarcação clandestina, construída em uma empresa também clandestina, que depois de apreendida e após a liberação do uso pela Justiça Federal, foi homologada pela Marinha do Brasil. Por se tratar de uma embarcação que visa à performance, além do uso na pesca esportiva, sua borda baixa não é feita para condições extremas de navegabilidade. Além disso, vamos abastecidos com 250 litros de combustível, pois não sabemos o que pode acontecer. Pode surgir alguma informação durante a noite e talvez tenhamos que nos deslocar para outros pontos da represa. O resultado de tudo é que estaremos pesados, com um barco com borda baixa, navegando à noite, em uma represa que não conhecemos e em condições climáticas desfavoráveis. Não sei o que podemos esperar no caso de encontrarmos ventos acima de 15km/h no sentido da calha principal da represa. Podemos ter problemas sérios com a maré. Resumindo: melhor irmos com pouco peso e com mais segurança em relação à navegabilidade, do que colocarmos mais um ou dois policiais a bordo e comprometermos nossa segurança, aumentando as chances de naufrágio.

– Ok, está decidido, então. – concordou o Chefe Carrer.

– É, vocês são especialistas em operações no rio, não somos nós que vamos ensinar isso a vocês.

– Podem ficar tranquilos, no rio eles não têm chance alguma. Temos muito mais experiência em confrontos fluviais, 100% de nossas operações são noturnas e nossa embarcação é a mais rápida da região. Nada que esteja se movendo naquele rio vai superar a Mamba Negra em velocidade. Portanto, rezem para que nós os encontremos no rio. Mesmo que estejam em oito ou até doze pessoas, nossas melhores chances, acreditem, são em um confronto embarcado. Duvido muito que eles estejam neste número de pessoas em um só barco, vão estar em mais de um e vão ficar perdidos com nossa velocidade, sincronização e precisão na abordagem.

– Que bom! Sua segurança me deixa mais tranquilo, Bettini! Hahahahahaha. – completou Kummer.

– Sim, ficamos todos mais tranquilos, principalmente porque não somos nós que estaremos naquela lancha esta noite! – disse Dias, com seu senso de humor de sempre.

– Eu vou estar! Hahahaha. Mas não gosto nem um pouco disto. – disse Calixto.

– Nem eu! – completou Fábio.

Todos riram, nervosos. Por um momento o clima da sala do Chefe Carrer ficou perto do ameno. Havia uma forte tensão no ambiente que deixava o ar denso, quase palpável. Todos que estavam ali sabiam das consequências de um encontro como aquele. Estávamos lidando com nada mais, nada menos, do que a maior quadrilha de Novo Cangaço em atividade no Paraná e São Paulo e uma das mais perigosas do País.

– Se tem um lugar bom de estar nesta noite, esse lugar se chama Mamba Negra.

– Você é doente, Bettini! Hahahahaha. – brincou Dias.

– Tem que manter o moral não é, Dias, mesmo que mentindo um pouco. Hahahaha.

Novamente todos riram.

– Senhores, nós precisamos coordenar uma série de medidas, não podemos perder mais tempo: já acionei o Martin e sua equipe, eles estão na

estrada, vindo de Cascavel. Precisamos acionar as equipes da P2 de área, para avisarem as polícias civil e militar da região que atuaremos. Como não sabemos onde será, o contato terá que acontecer após o assalto. Precisamos embarcar todo nosso equipamento na van e na *pick-up.* É necessário ainda preparar a Mamba para a viagem, com abastecimento, óleo etc. Temos que montar nossos bancos ainda.

– Ok, senhores, vamos ao trabalho então. Bettini, crie um grupo no WhatsApp específico para esta missão. Coloque somente as pessoas que estão aqui, além da equipe de Cascavel. Vá demandando ao pessoal que está aqui o que vocês precisam para adiantar a saída de vocês. Que horas você pretende pegar a estrada?

– Chefe, minha intenção é deixar tudo pronto para sairmos assim que o Martin e sua equipe chegarem.

– OK, mãos à obra então.

Voltamos para a sala do GEPOM onde chequei meu equipamento por meio de um checklist. Conferi as baterias do OVN, da mira termal do fuzil, do Binóculo Termal "Jim", do GPS e a bateria externa para celular. Chequei as baterias extras também para todo equipamento que precisava de uma bateria para funcionar. Chequei meu fuzil. Por ser uma missão de provável "contato" noturno, dei preferência ao "Bebezão", meu HK 417 com cano de 16 polegadas. Acondicionei o fuzil e os carregadores em seu "case", mas antes aproveitei para dar uma última carga nas baterias da Mira Termal Sword TD.

– Bettini, vamos levar os "Spots"?

– Eu gostaria Calixto, mas acho que não pagamos a anuidade.

– É inútil levar os "Spots". Não temos verba para pagar a anuidade, que venceu no dia 30 do mês passado. – disse o Fábio.

– Foda! É importante o pessoal da base saber a nossa localização para nos posicionar melhor no terreno. Não sabemos como é a comunicação via celular no rio. Se for como no Paranazão, nós podemos ficar isolados, sem contato, e eles sem saber onde estamos. – concluí.

– Sim, a anuidade de cada um é uns quinhentos reais. Foda, não é.

– O jeito vai ser levar o GPS, deixar no “track on” e passar as coordenadas de tempo em tempo para que o pessoal do comando e controle aqui na base consiga nos posicionar no terreno.

– OK, vou levar o meu também. – disse Fábio.

– O meu também está no jeito. – concluiu Calixto.

– Confiram baterias de tudo. Não se esqueçam de levar “poncho”. De acordo com o aplicativo Weather Underground, vai chover esta noite, vai esfriar também. Vocês vão molhar essas bundas esturricadas.

– A bunda não tem problema molhar, o problema é o saco.

– Hahahahaha. Assim que molha o saco o moral do combatente vai lá no calcanhar.

– Depois que molha o saco, o combatente não se esquenta mais.

– Hahahahaha. Não mesmo!

Continuamos a preparação. Conforme eu checava os equipamentos, retornava-os para as mochilas e cases onde eram acondicionados, e levava para a van.

– Água, senhores, e comida.

– Estou levando a minha garrafa térmica de 5 litros.

– Eu estou levando a minha também.

– Acho que é suficiente.

– Sim, Calixto, também acho.

– E ração? Quantas levamos?

– Duas R2 são suficientes. Cada uma provê um combatente com calorias necessárias para 24h. Nós estamos em quatro, mas cada um vai levar seu “melhorado”, com certeza. Deixamos as rações só para último caso.

– Sim, não dá para ficar comendo ração o tempo todo. Só em caso de necessidade mesmo. – concordou Calixto.

Comecei a inspeção na minha mochila de APH-Tático (Atendimento Pré-Hospitalar Tático). Utilizamos um protocolo que nos foi repassado pelas Forças Especiais do exército norte-americano, o TC3 (Tactical Casuality Combat Care). Dominamos o uso de equipamentos como

Torniquete Tático, Sonda Nasofaringeal, Máscara Laríngea, agulha de 14 Gauge para tratamento de pneumotórax compressivo, bandagem israelense ou de combate, entre outros. Chequei os "equipos" e os jelcos para a aplicação de solução endovenosa.

– Tenho quatro litros de soro aqui. Dois litros de soro fisiológico e dois litros de ringer lactato. Tenho ainda algumas ampolas de cloreto de sódio para fazermos uma hipertônica no caso de sangramento abundante e outra de Transamin.

– Acho que está bom.

Conforme ia conferindo tudo o que havia na minha mochila de APH Tático, eu repetia em voz alta para que os outros integrantes da equipe, que também tinham formação em Socorrista de Combate, soubessem tudo o que havia no kit.

– Temos ainda anestesia, adrenalina para o caso de choque anafilático, material de sutura, Super Bonder…

– Hahahahahaha! Ele não fica sem Super Bonder no kit! – gargalhou Fábio.

– Você lembra naquela missão no rio Paraná que ele se cortou logo no primeiro dia?!

– Lembro, naquela que pegamos os quatro barcos com contrabando!

– Sim, assim que chegou na missão ele foi consertar alguma coisa com o alicate multiuso dele. O alicate caiu e ele teve a brilhante ideia de aparar o alicate com o pé.

– Hahahahahaha! Eu lembro! Só que a lâmina do alicate multiuso estava aberta e entrou na canela dele, cortando como um bisturi! Deu para ver o osso antes de começar a sangrar.

– Hahahahaha. O bicho brabo pegou algumas gazes, limpou o ferimento com álcool iodado e lascou Super Bonder!

– Ué, o que eu ia fazer?! Missão no rio, eu faço uma cagada daquelas logo no primeiro dia. Como eu ia ficar uma semana no mato depois? Todo molhado, com o ferimento exposto? Tinha que fechar aquilo.

– Hahahahaha. Mas uma pessoa normal iria a um hospital dar pontos com um médico.

– Parceiro, uma pessoa normal não ficaria uma semana no rio Paraná, enfrentando temperaturas na casa de 2 graus Célsius, chuva, neblina, banco de areia etc., para correr atrás de barco de vagabundo na escuridão da madrugada!

– Sim, isso é verdade! Hahahahahaha.

– E nem iria sair hoje à noite, em um rio que não conhece, embaixo de chuva, atrás da mais perigosa quadrilha de assalto a banco do Estado!

– Hahahahahaha! Verdade! É mesmo!

Continuamos fazendo aquilo, organizando nosso equipamento e nos preparando para a missão enquanto aproveitávamos para descontrair um pouco o ambiente, que naturalmente estava tenso. Concluímos nossa inspeção final nos equipamentos individuais e coletivos, na sequência acondicionamos todo nosso equipamento nas bolsas e mochilas e começamos a carregar tudo para a van de passageiros. O Chefe Carrer entrou na sala. Percebi uma certa tensão em sua fisionomia. Ele tentava parecer descontraído, mas estava preocupado. Levantei do chão uma das bolsas, ele se aproximou e apanhou outras duas. Aquilo era constrangedor para mim, o chefe da delegacia carregando nossos equipamentos.

– Pode deixar, chefe, nós carregamos isso.

– Negativo, eu vou ajudar.

Agarrou duas bolsas e saiu em direção à van. Logo chegaram Fabiano e Dias que estavam na sala da Inteligência, checando as últimas informações sobre a quadrilha. Os três fizeram questão de nos ajudar com o trabalho braçal. Era uma demonstração de que eles nos apoiavam e estariam conosco o tempo todo, mesmo que não fisicamente. Do ponto de vista moral, eles estavam sempre ao nosso lado. Os três formavam uma equipe poderosa e extremamente discreta. Nada do que descrevo nesta obra teria sido possível sem a participação ativa de cada um deles. O Chefe Carrer era a última e sensata palavra em todos os assuntos, Fabiano era o responsável por ligar o mundo real ao mundo jurídico, fazia uma espécie de link entre nossa atividade operacional e as demandas junto ao Judiciário. Ele era o cérebro por trás dos pedidos e das representações junto aos Juízes e Procuradores da República. O Dias coordenava os trabalhos da Inteligência, uma equipe de agentes, escrivães e papiloscopistas altamente profissional e comprometida

com o trabalho. Dias unificava todas as informações e relatórios disponíveis, criando a estrutura de conhecimentos sobre os quais nos apoiávamos. Aquilo serviu como energia extra para a equipe. Engatamos a Mamba Negra na *pick-up* e concluímos o check na lancha.

– Hélice.

– Hélice OK.

– Hélice reserva.

– Hélice reserva OK

– Espelho de popa.

– Espelho de popa sem alterações.

– Caixa de ferramentas.

– Caixa de ferramentas OK.

– Cabos de proa e de popa.

– Cabos de proa e de popa OK.

– Combustível.

– 250 litros na caçamba da *pick-up.*

– Óleo 2T.

– Reservatório pleno com Optimax.

Um a um seguimos no nosso check da lancha. Enquanto o Calixto lia um pequeno memento, Fábio seguia confirmando cada item. Por fim, a lancha foi acionada no teste de motor.

– Trim OK, motor OK, bateria OK, sistema elétrico funcionando, bomba de porão, luzes de navegação, tudo pronto.

– Perfeito. Vamos agora para a inspeção do reboque, depois vamos deixar as viaturas na posição de saída. Checamos as pressões dos pneus do reboque, as condições das longarinas, se havia ou não folga nos cubos das rodas, a trava do engate e as travas do fiel. Tudo estava em ordem.

– Vamos retirar o tanque externo para não vazar combustível dentro da lancha, deixamos somente o tanque principal.

– OK.

– Fábio, você desliga o cabo da bateria? A Mamba não tem chave geral e não podemos viajar com a bateria dela ligada, o tanque tem combustível e pode ocorrer um incêndio.

– Tudo bem.

– Calixto, vamos travar o Trim e enlonar a lancha, está pronta.

– OK.

Fiz contato com o Martin pelo celular, ele falou que estavam a uns 30km de Maringá. Aproveitei para dar as últimas instruções para a equipe. Nosso plano era colocar a Mamba na água por volta de 23h. Uma equipe de apoio ficaria em terra: Cassemiro, Diogo e Rômulo.

– E aí, Cassemiro? Animado?

– Opa, estou sim! Eu queria mesmo era ir com vocês na lancha.

– Hahahaha. Todo mundo né, parceiro, mas não dá, não adianta colocar todo mundo dentro da lancha e não ter uma equipe de apoio. Com somente uma embarcação, qualquer problema mecânico que tivermos nos deixa em uma condição muito precária no rio. Precisamos de uma equipe para nos dar suporte.

– Eu sei disso.

Cassemiro era lotado no N.O. (Núcleo de Operações) da delegacia da PF de Guaíra. Ele veio em missão para Maringá por conta de sua esposa, que como a minha, estava no último mês de gestação.

– E o bebê?

– Está para nascer!

– A minha filha também. Hahahaha.

– Só espero que não seja hoje.

– Eu também! Hahahahaha. Minha esposa está bem puta comigo. Falei que iria ficar com ela nestas últimas semanas, mas não paro em casa.

– E eu! Vim em missão pra Maringá porque minha esposa está grávida e aqui tem melhores condições para ela neste final da gravidez. Ela não

conhece ninguém aqui e, é óbvio, quer que eu fique com ela!

– Você não esperava que o ritmo aqui fosse tão intenso, não é?

– Lógico que não! Hahahaha. Vocês não param! Mas é bom demais isso, o serviço aqui é muito bom.

– É, sim. A equipe da delegacia é sensacional.

– É mesmo.

– Senhores, podemos colocar nossos uniformes, o Martin e sua equipe devem estar chegando a qualquer momento. Quando chegarem e organizarem o equipamento nas nossas viaturas, podemos comer algo aqui perto mesmo.

– Podemos comer um sanduíche aqui ao lado, Bettini – disse Calixto.

– Perfeito Calixto, ganhamos tempo com isso!

Os outros integrantes da equipe de apoio terrestre eram o Rômulo e o Diogo, que estava vindo com Martin, de Cascavel. O Rômulo estava passando uma temporada em missão no GEPOM. Na ocasião, ele estava lotado em Curitiba e já tinha trabalhado em Guaíra. Eu o conheci há muitos anos, durante uma operação na Ilha do Bananal, Tocantins. À época, eu trabalhava como Operador Aerotático da CAOP, a Coordenação de Aviação Operacional, hoje Comando de Aviação Operacional. Havíamos sido acionados para dar apoio à Superintendência do Tocantins na explosão de algumas pistas de pouso clandestinas localizadas em uma reserva indígena no interior da Ilha do Bananal. Na ocasião, montamos nossa base operacional em São Félix do Araguaia.

Eu sabia que estaria, de alguma maneira, frustrando aqueles três policiais, colocando-os em uma função de apoio de uma missão de combate. Mas é assim, neste tipo de trabalho. Não dá para agradar a todos. Alguém tem que ser o chato da história e, como líder de equipe, essa função era minha. Ser “bonzinho” no tipo de trabalho que realizamos é sinônimo de amadorismo.

Aproveitei o breve intervalo que teríamos e liguei para minha esposa.

– Oi linda…tudo bem?

– Tudo, vocês vão sair agora?

– Vamos…

– Tome cuidado.

– Eu tomo. Se você precisar de algo, ligue para o Cau (nunca chamei meu irmão pelo seu nome, Carlos).

– Pode deixar, eu ligo.

– Te amo.

– Eu também…fica com Deus.

Chefe Carrer se aproximou da Mamba enquanto Calixto providenciava nossos bancos e assentos, com muita boa vontade e uma dose extra de improvisação. O banco principal era um pedaço do banco de uma outra lancha apreendida, que Calixto colocou em cima de um pneu velho e amarrou ao painel da Mamba. Seria a acomodação do Martin. Por ter menos experiência embarcado, ele iria ao meu lado, fazendo a segurança do bombordo da embarcação. Calixto improvisou uma almofada para ser seu "assento executivo". Como operador mais experiente, ele seguia como atirador de proa. Por conta de ficar na minha frente, Calixto tinha que sentar em algo próximo ao assoalho da lancha, para não atrapalhar minha visão. Logo atrás dele e servindo como um tipo de "encosto" para as costas, iam quatro galões extras com 200 litros de combustível. Outro galão, com mais 50 litros, ficava ao lado do Fábio, na lateral de bombordo, na popa da lancha.

– A minha poltrona aqui é bem confortável! E segura! – Brincou Calixto. Pouca gente tem a oportunidade de ficar com as costas apoiadas em 200 litros de gasolina.

– Hahahahahahaha. Com a gasolina neste preço isso é um privilégio parceiro!

– Acho que nesse caso eu não queria ser um privilegiado. Hahaha.

Fábio improvisou seu assento amarrando com cordas uma cadeira de escritório azul, daquelas que povoaram quase todas as unidades da PF por muito tempo, e que agora já estavam desgastadas pelo uso. Pedi a ele que ficasse de costas para bombordo (esquerda) e de frente para estibordo (direita), com visão para a popa (parte detrás) da embarcação. Fábio faria nossa segurança de retaguarda e de estibordo (lado direito da embarcação). Chefe Carrer e Fabiano se aproximaram da lancha. Ficaram impressionados.

– Vou tirar algumas fotos, isso aqui tem que chegar ao conhecimento das outras pessoas. Vocês trabalham em condições surreais!

– O problema, chefe, é que não existem muitas pessoas preocupadas com as nossas condições de trabalho.

– Pior que é verdade…

– Infelizmente é assim, chefe.

Chefe Carrer tirou as fotos. Mal ele acabou e vimos cruzar o portão de entrada da delegacia a viatura onde vinham Martin e Diogo. Assim que estacionaram, Martin veio ao nosso encontro, sorrindo como era de costume.

Novamente, ele estava feliz em ter sido chamado.

– Só assim mesmo para você sair daquele escritório! – eu disse mais uma vez.

– Bah! Graças a Deus vocês me chamaram novamente! É muito papel!

– Foi escolher o cargo errado! – disse Carrer.

– Hahahahaha! Todos riram.

– Pessoal, estamos atrasados. Ainda precisamos nos deslocar até a região de Porecatu, na divisa com São Paulo e encontrar um lugar discreto para colocarmos a Mamba na água. Sugiro que façamos nosso *briefing,* depois podemos fazer uma refeição rápida e pegar a estrada o mais rápido possível. Martin, você pode ir equipado já, provavelmente não vamos ter tempo e nem um local apropriado para fazermos isso quando sairmos daqui.

– Sim, Senhor! – disse ele, em tom alto e batendo uma continência.

– Hahahahaha. Figura!

Na sala do Chefe Carrer passamos toda a situação para os dois colegas de Cascavel que haviam acabado de chegar. O pessoal da Inteligência, principalmente Rodnei, Monteiro, Daniel e Razente passaram também as últimas informações de que dispunham. Praticamente nada. César e Ângela também acompanharam a reunião. O silêncio dos criminosos era nossa maior comprovação de que eles já estariam reunidos para o assalto. Só não sabíamos onde estavam, nem para onde iriam, nem sequer onde realmente seria o assalto. Mas tínhamos que fazer algo e iríamos fazer. Comemos

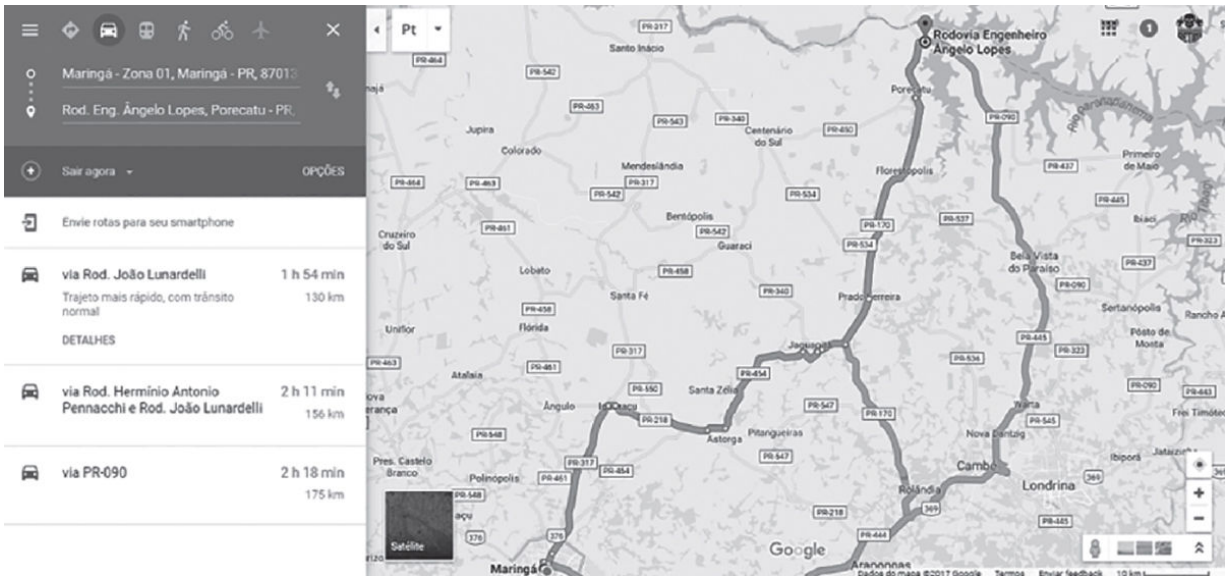
nossos sanduíches rapidamente e, sem perder tempo, embarcamos nas viaturas.

– Quer que eu dirija, Bettini?

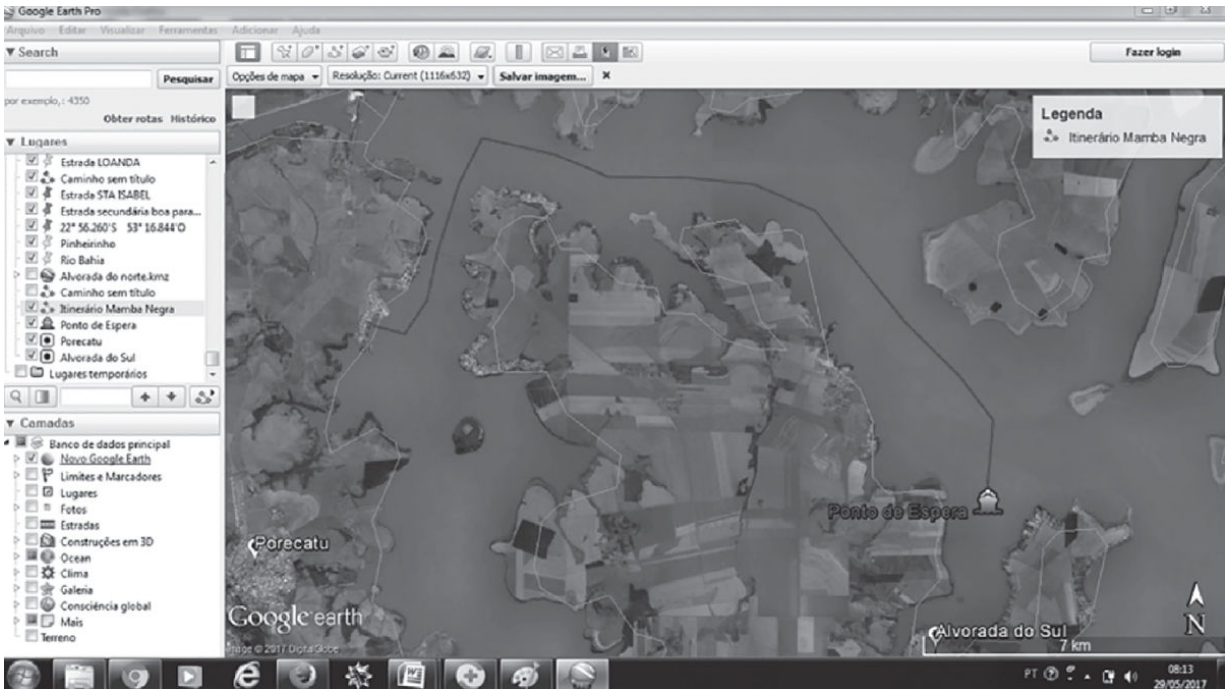
– Por favor, Fábio, tenho que ficar no celular e ainda não fiz nosso mapa de orientação e navegação, vou aproveitar para fazer isso agora.

No portão de saída da delegacia, Chefe Carrer, Fabiano e Dias estavam esperando, em pé. Saudaram-nos e desejaram boa sorte. Em seus olhares percebi um misto de apreensão, admiração e respeito. Àquela altura éramos muito mais do que colegas de trabalho, ou uns chefes e outros subordinados, éramos grandes amigos e percebi que aquilo era muito difícil para eles.

– É por isso que lutamos, é por essa sensação de pertencer a algo maior e é pelo respeito de nossos camaradas – pensei.

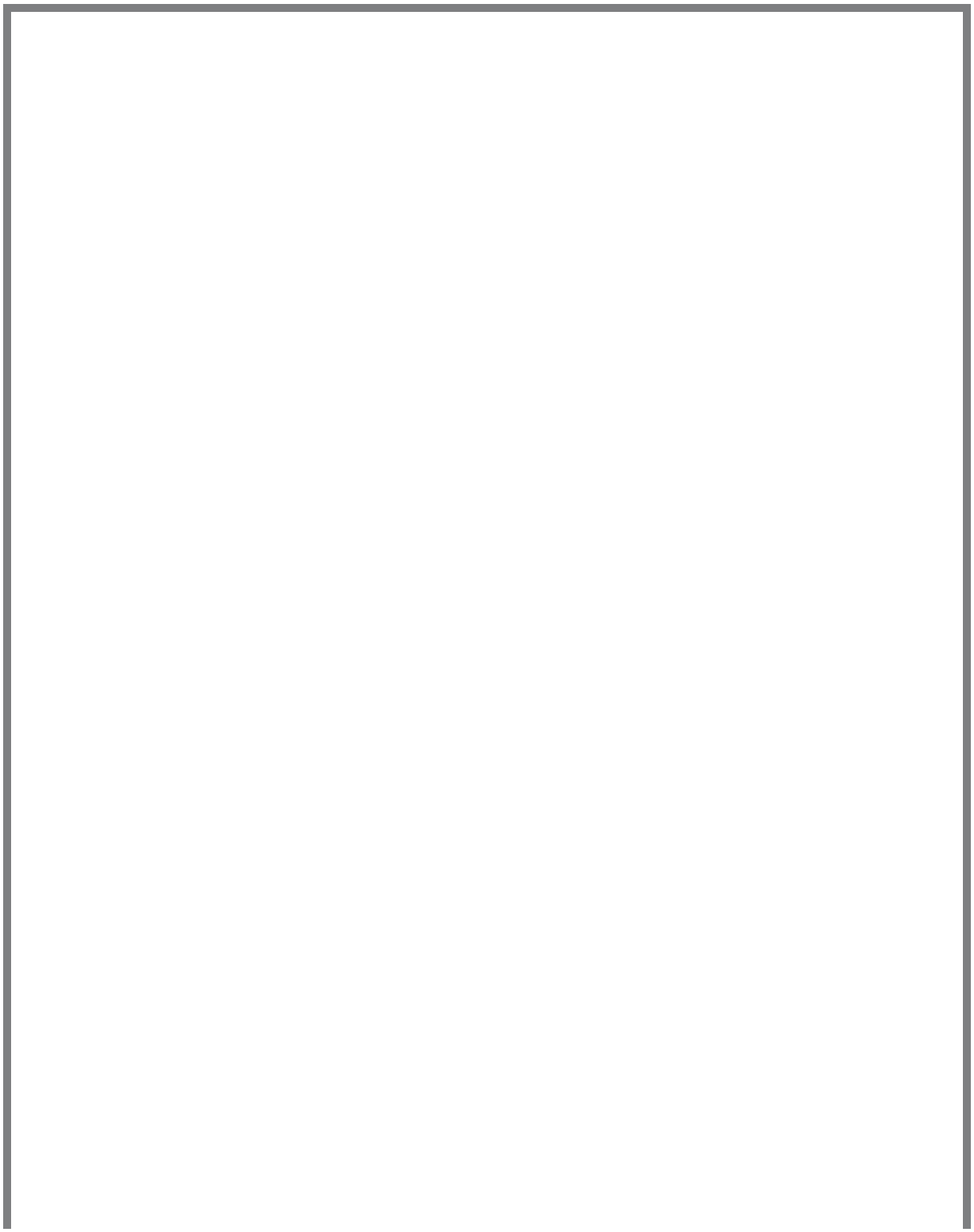



Itinerário de aproximadamente 130km, de Maringá até a região de Porecatu, onde a lancha “Mamba Negra” da Polícia Federal foi colocada na água.




Itinerário de aproximadamente 22km, da rampa de acesso onde a lancha da PF, Mamba Negra, foi colocada na água até a região do “Ponto de Espera”, na entrada da baía de Alvorada do Sul, em destaque.

Mamba Negra em seu reboque, na delegacia da PF de Maringá.



# 11

# INFILTRAÇÃO

# 11

# Infiltração

Saímos da delegacia eram quase 21h.

– Impressionante! Como é enrolado sair para uma missão como estas! Estamos tentando sair da delegacia desde às 15h!

– Sim, é muita coisa para ajustar – concordou Calixto, com a calma de sempre.

– Foda! Precisamos melhorar nosso “pronto operacional”.

– Verdade, mas essa missão é muito mais sensível do que a grande maioria das missões a que vamos. Normalmente estamos prontos para as missões que recebemos. Pegamos algumas mochilas onde está acondicionado todo nosso equipamento, uma garrafa térmica com cinco litros de água e um pacote de ração. Pronto!

– Sim, isso é verdade. Esta aqui é bem mais complexa, envolve o pessoal de outra delegacia que teve que se deslocar, informações da PF e do DIEP, além da questão de barco. Colocou barco na história, a parada complica.

– Sim, a logística do barco é muito grande.

– Muito. Teria que ter uma equipe de logística só cuidando de barco, para deixar ele pronto, aí teríamos mais tempo livre.

– Então, se não temos isso fica bem mais complicado, acaba atrasando mesmo.

– É verdade. Calixto, vamos manter a velocidade em 90km/h. Estou preocupado com o reboque da Mamba.

– Sim, reboque apreendido, não tivemos verba nem para dar uma revisada nele. Só deu para trocar os pneus e os rolamentos dos cubos das rodas, mais nada.

– Se tem uma coisa que me preocupa são esses reboques que usamos. A Mamba é muito pesada. Apesar de o reboque ser trucado, não sei se a estrutura dele aguenta esse peso todo do 250 HP lá atrás.

– OK, vamos na faixa de 90 por hora então.

No trajeto até Porecatu passamos por algumas cidades, o que atrasava mais ainda nosso deslocamento.

– Caralho, era só o que faltava! Chovendo nessa porra – reclamei.

– Eu avisei que a previsão era de chuva.

– Sim, eu só não esperava que ela viesse tão cedo… e tão forte!

– Pois é, veio…

Agora havia mais um complicador na questão do tempo, além de estarmos atrasados em relação ao cronograma que eu havia traçado, a chuva iria complicar nossa situação.

– Ainda temos que arranjar um lugar para colocar essa lancha na água, tem que ser perto de Porecatu.

– Alguma marina?

– Estou pensando em algum condomínio. Vi alguns no Google Earth. Só não sei as condições da rampa.

– Vamos ter que avaliar isso quando chegarmos lá.

– Sim. Tem ainda a questão da navegabilidade. Nunca naveguei na represa da Capivara e não conheço essa região do Paranapanema. A parte do rio que eu conheço é somente os 30 ou 40 km finais onde ele se encontra com o Paranazão. Não sei se tem pedras, lá para baixo tem, árvores, paus, se vai ter maré por conta do vento, não conheço porra nenhuma. Teríamos que ir devagar, mas com a questão do tempo vamos acabar tendo que acelerar.

– É complicado demais sem conhecer o rio. A noite não dá para enxergar muita coisa.

Era praticamente 23h quando finalmente contornamos Porecatu em direção à ponte que leva ao Estado de São Paulo.

– Isso Calixto, continua na PR-170 em direção à PR-090. Ali podemos pegar à direita para procurar algum local.

No caminho entrei em contato com um amigo da polícia ambiental que conhecia a região e ele me indicou o que seria um bom local para colocar o barco na água. Me passou o nome de uma pousada e a localização dela para

eu seguir no GPS do celular. Ao chegar no trevo da PR-090, o localizador nos mandou para esquerda.

– Estranho isso, eu pensava que deveríamos ir para a direita. Vou ligar para meu camarada da PMA.

Chovia forte.

– Você tem certeza que é nesse local?

– Tenho, Bettini, pode seguir, é uma estrada de terra, após uns 5 km você vai chegar em uma pousada. Lá é bem discreto e eu já avisei o dono que você vai descer o barco lá. Pode seguir a estrada mais batida, não saia dela – disse o policial.

– Ok, obrigado.

Eu seguia na van, juntamente com o restante da equipe, enquanto Cassemiro e Romulo iam na pick-up com o reboque. Fábio dirigia a van.

– Tá ficando escorregadio, porra! Só falta atolarmos aqui!

– E não está difícil de acontecer isso, não.

– Puta que pariu! Só falta essa! Acabar a missão atolados na merda desse barro do caralho! Se atolarmos nessa terra roxa, não saímos daqui hoje!

– Realmente… não saímos, não.

A essa altura, a calma do Calixto me deixava ainda mais acelerado.

Percorremos uns 3 km em uma estrada que só piorava. A cada quilômetro rodado, aumentavam os buracos, a lama, e a estrada parecia ficar mais estreita.

– Não é possível só ter uma merda de lugar desses para descer o barco! Bosta! Tem que ter uma porra de rampa mais fácil nesta desgraça de lugar!

– O reboque lá atrás está sambando e está difícil de controlar a van nessa lama!

Eu procurava me orientar pelo aplicativo do celular. Percorri a estrada onde nos deslocávamos até ela encontrar o rio Paranapanema. Parecia faltar uns 10 km. Resolvi percorrer o caminho do rio até o trecho onde eu havia planejado inicialmente colocar a lancha na água, na região da PR-090.

– Para essa merda! Puta que pariu! Tem a porra de uma barragem! Ele nos mandou para baixo da barragem! Como é que vamos subir o rio?! Vamos atravessar a barragem?! Vira essa porra! Vamos embora dessa merda. Puta que pariu, que inferno!

– Vou tentar virar em um lugar mais plano, se eu sair da estrada aqui e cair nessa vala da plantação de cana nem uma pá carregadeira nos tira do buraco hoje.

– Puta que pariu!

Percorremos mais alguns metros até que Fábio encontrou um local onde poderíamos conseguir dar a meia-volta e retornar.

Já passavam das 23h.

– Não é possível, após todo esse desgaste, nós "morrermos na praia" desse jeito. Isso é um desrespeito com o pessoal da Inteligência que está fazendo das "tripas ao coração" para poder jogar alguma "luz" sobre esse serviço! Nós temos que estar no ponto de espera, perto de Alvorada do Sul até, no máximo, meia-noite.

– Essa de entrarmos nesta estrada aqui foi desnecessária…

– Foi mesmo, Fábio – concordei.

Calixto desceu para balizar e sinalizar as manobras das duas viaturas e em alguns segundos já estava encharcado pela chuva e enlameado pelo barro vermelho e pegajoso.

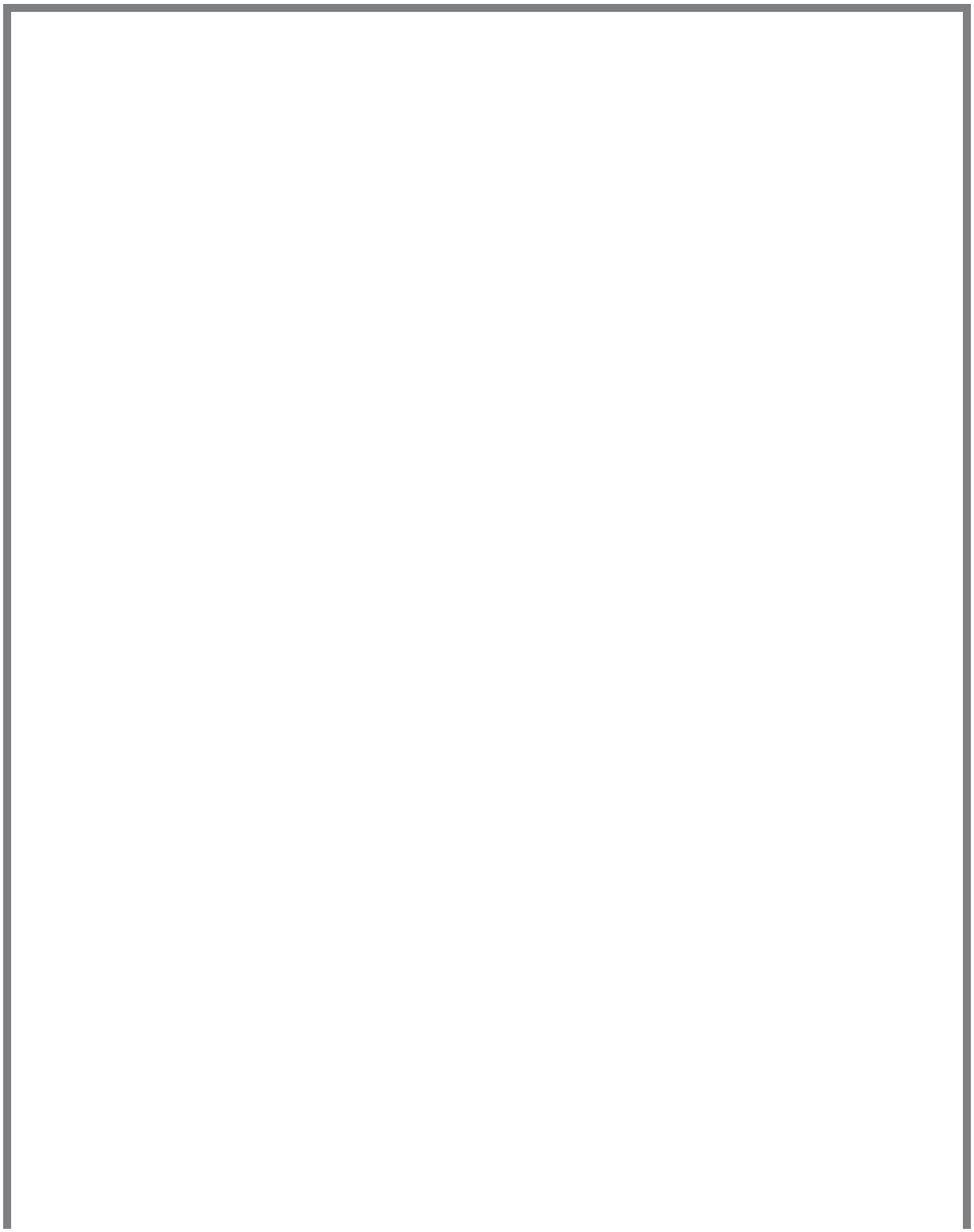
– Vai ser uma longa noite – eu disse.

Finalmente as duas viaturas manobraram e, pela primeira vez, a Mamba Negra ficou a nossa frente. Observei aquela lancha e ela parecia ter vida própria, alheia à nossa inquietação, ela me pareceu fria, silenciosa e letal. A visão daquela máquina fantástica, com suas linhas arrojadas, e seu aspecto sinistro, quase imperceptível a poucos metros de distância, confundindo-se com a escuridão, fez-me pensar em quão ruim seria para nossos adversários o indesejável encontro com a Mamba Negra nas águas escuras daquele rio, na noite igualmente escura e chuvosa que se avolumava, densa e úmida. Extremamente rápida e quase invisível, o único sentido que seria útil à sua presa seria a audição. Mas mesmo esta, para a infelicidade de quem ousasse estar no rio no lado oposto ao da Lei naquela madrugada, seria entorpecida

pelo ronco ensurdecedor da Mamba Negra acelerando a mais de 100 km/h na vasta escuridão da represa da Capivara.

Começamos o angustiante caminho de volta através da estrada que havíamos percorrido inutilmente. Por um breve momento me senti um imbecil sem forças, como Sísifo em um trabalho desnecessário e sem fim. Por alguns minutos xingamos o colega que havia indicado aquela posição para colocarmos a Mamba Negra na água. Ele não tinha culpa alguma. Se alguém era responsável por aquela situação, esse alguém era eu. Não se deve confiar a orientação e navegação terrestre a terceiros, sem ao menos checar em um mapa, como fiz tardiamente. Essa situação fica ainda mais complicada quando a orientação é dada remotamente, por meio de aplicativos de celular ou até mesmo pelo telefone. Eu deveria ter sido mais diligente em relação às nossas rotas de aproximação.

Em destaque, a estrada para a pousada onde a Mamba seria colocada na água na posição errada, ou seja, abaixo de uma Barragem (em destaque). Em destaque, o ponto onde a equipe realizou o embarque na lancha Mamba Negra, da Polícia Federal.



# 12

# EXPECTATIVA

# 12

# Expectativa

– Finalmente estamos de volta ao asfalto!

– Até que enfim. E agora, para onde vou?

– Pega a esquerda e depois pode seguir reto, vamos em direção à ponte, antes dela tem um condomínio, vamos tentar colocar a lancha na água por lá.

– E se os seguranças da portaria criarem caso?

– Parceiro, é quase meia-noite, está chovendo pra caralho, vamos encostar duas viaturas descaracterizadas carregando uma lancha, o camarada vai olhar e ver sete malucos vestidos de “Rambo”, duvido que ele vá criar caso.

– É verdade, não vai criar.

– Olha só, é ali na frente, uns duzentos metros, pode reduzir e encostar na guarita.

Lá dentro dois vigilantes olham assustados para nosso comboio.

– Boa noite, Polícia Federal, amigo – eu disse. – Precisamos que o senhor nos indique onde fica a rampa de acesso ao rio, precisamos colocar esta lancha na água com urgência.

– Sim, o senhor pode seguir reto nesta via, vai passar um “redondo”, continua seguindo reto, no segundo “redondo” o senhor pode pegar a esquerda, já é a rampa.

– OK, o senhor sabe me dizer se tem pedras e pau neste trecho do rio?

– Tem, sim, mas é só navegar pelo meio do rio que não tem problema.

– Então se eu for bem pelo meio do rio, não tem risco de paus e pedras?

– Não, o senhor pode ir tranquilo.

– Daqui até Primeiro de Maio é assim?

– É, sim, senhor.

– OK, muito obrigado!

– De nada, boa noite para os senhores!

– Boa noite para os senhores também!

O portão se abriu e, sem perder tempo, seguimos em direção à rampa de acesso.

– Foi fácil!

– Sim, te falei que eles percebem quando a coisa é séria. Não tem razão para o cara “encrespar” com a polícia em uma hora dessas.

– É que vemos de tudo, sempre tem um xarope para azedar as coisas pro nosso lado.

– Isso é verdade.

– Rapaziada, vamos chegar e colocar a lancha na água sem perder tempo, assim que o Fábio parar a van já descem dois para balizar e colocar a Mamba na água. Tem que colocar o tampão na popa e tirar a lona, enfim, fazer o “cheque list” dela, mas sem enrolação. Estamos com, pelo menos, uma hora de atraso.

– OK.

– Então, enquanto dois lidam com a Mamba, os outros podem se equipar, fazer os últimos ajustes nos optrônicos, GPS, armamento, enfim, preparar-se para o embarque. Quem não for embarcar prepara a lancha.

– OK.

Chegamos à rampa. Era ampla, com suave inclinação e com uma boa área para manobra da viatura, o que acabou abreviando o tempo necessário para colocar o barco na água.

– Vamos deixar a van aqui, vocês três seguem na pick-up. Engatamos o reboque na van e vocês vão somente com a caminhonete. Se precisar nos resgatar na represa, vocês voltam aqui e pegam o reboque.

– Ciente.

Cassemiro e Rômulo se esforçavam agora para colocar a Mamba na água o mais rápido possível, enquanto Diego ajudava a tripulação nos preparativos finais. Fizemos o transbordo do nosso equipamento da van para a Mamba enquanto os dois terminavam o checklist pré-navegação.

– É coisa pra cacete hein! – disse Martin.

– Sim, é muita coisa, no rio não dá para parar no próximo posto de combustível ou esperar no acostamento. Tem que ter tudo de que se possa precisar, mas sem exageros porque o peso é nosso inimigo.

– Sim, complexa essa “parada”.

– Você ainda não viu nada, parceiro.

Ele abriu um sorriso largo. Martin estava feliz em estar ali. Eu o havia conhecido há uns quatro anos, quando ainda trabalhava como operador aerotático nos helicópteros da CAOP. Eu era o líder da equipe de operadores e Martin havia pedido apoio das aeronaves para desencadear uma missão contra o contrabando na região de Cascavel, no Paraná. Depois, coincidentemente, ele foi para Brasília, chefiar o SAT – Setor de Armamento e Tiro da ANP (Academia Nacional de Polícia) e estreitamos ainda mais nossa amizade. Ele me convidou para ministrar o Curso de Atirador Designado Marítimo no SAT. O próprio Martin foi aluno do curso. Alguns anos antes, havíamos criado o Curso de Atirador Designado Aerotático na CAOP e ele achou interessante difundir a doutrina do Atirador Designado para o restante da Polícia Federal. Martin estava sempre de bom humor. Alto, com quase 2 metros, era um pouco desajeitado. Grande apreciador de churrasco, como bom gaúcho que era, gostava de beber e, em algumas ocasiões, fumava charutos. Mas o que Martin mais gostava de fazer era atirar e era exatamente por isso, e não por nossa amizade, que eu havia o convidado para aquela missão. Martin era um exímio atirador.

– Pessoal, 10 minutos fora! Vamos sair meia-noite em ponto!

– OK.

Coloquei meu colete tático flutuante. Dentro dele havia uma placa balística nível III (capaz de suportar o impacto de um projétil de fuzil calibre 7,62X51mm) ventral e outra dorsal. Ajustei o GPS, calibrando a bússola e checando os “PRIs, ou “Pontos de Reunião de Itinerário”, ou seja, pontos que eu plotei e que escolhi como locais para uma parada rápida, com objetivo de facilitar a navegação, observar o rio, escutar a presença de outras embarcações e para qualquer outra eventualidade. Chequei também o aplicativo MotionX do celular, que seria meu instrumento principal de orientação e navegação. Observei a luminosidade. Havia pouca luz, como

era de se esperar. A chuva agora havia diminuído, mas caía constantemente, era uma chuva fina e persistente. Chequei o funcionamento da minha lanterna de cabeça, depois do holofote que carrego à frente do meu colete e, por fim, da minha lanterna secundária, uma lanterna tática. Estava tudo pronto, as baterias todas carregadas. Faltava somente ajustar a regulagem do OVN (Óculos de Visão Noturna) no meu capacete.

– 5 minutos! Vamos embarcar!

Eu já estava sentado no banco do piloto da Mamba.

– Vou acionar!

– Ciente, hélice livre – disse Fábio.

– Ciente – disse Calixto.

Dei partida no motor. O ronco do motor 6 cilindros de dois tempos tomou conta do lugar.

– Eita!

– Hahahahaha. Gosta do barulho do Maverick V8 Martin?

– Que coisa linda!

– Você ainda não viu nada. Ela ainda está na lenta.

– Vamos ver a bicha roncando, então!

– Um minuto! Está todo mundo pronto?

– Calixto pronto!

– Martin pronto!

– Fábio pronto!

– OK, vamos embora então, senhores!

Começamos nossa viagem em direção ao "coração das trevas". Em poucos segundos, a escuridão total nos envolveu. Parece que a chuva esperou nossa partida para intensificar.

– Olha que beleza… foi só sairmos, e a chuva engrossou.

– Martin… se eu quero que eu me foda…imagine você!

– Hahahahahaha.

Junto com a chuva, veio o vento e formaram-se marolas e pequenas ondas que se chocavam com o casco da Mamba. A cada batida eram

lançados vários jatos de água sobre nós e para dentro da nossa embarcação. Liguei a bomba de porão. O clima ficou rapidamente tenso, como era normal naquele tipo de navegação. Eu tentava observar com o visor noturno, mas a chuva e a escuridão da noite não proporcionavam uma visão sequer razoável. Tentei manter a velocidade da lancha baixa, mas suficientemente alta para manter a "decolagem" dela. Quando a lancha acelera, acontece o que chamamos de "decolagem", que é a conformação do casco da lancha com a água e com a velocidade, deixando a embarcação mais horizontal e menos "derrabiada", que é quando a popa fica mais baixa do que o restante da nau. A Mamba tinha um agravante, que era o pequeno calado de popa dela, consequência da baixa altura do espelho de popa somado ao peso do motor de 250HP. Isto significava que, em situações de maré e de águas agitadas, eu não poderia navegar com velocidades muito baixas, principalmente quando acontecia vento de popa, como era o caso daquela noite. Qualquer onda que nos atingisse pela popa da embarcação era suficiente para jogar vários litros de água para dentro da lancha. Quando isso acontece, costumamos falar que a embarcação "bebeu água". Caso a bomba de porão não consiga dar vazão à quantidade de água entrando na embarcação, significa que em pouco tempo ocorrerá um naufrágio. Em poucos minutos avistamos uma ponte, o que, em parte, era bom sinal. Estávamos saindo do braço de rio e entrando na lagoa, mais larga e com melhores condições de navegação em relação ao risco de batermos contra pedras e paus. Por outro lado, o risco de pegarmos algum tipo de maré ou turbulência nas águas era maior, pois os efeitos do vento são mais contundentes em áreas de água menos protegidas por margens, barrancos e vegetação. Na represa nossas chances de termos que lidar com a maré aumentariam exponencialmente.

Continuamos a navegar. A tensão era óbvia no silêncio da tripulação. Ninguém desperdiçava seus sentidos com qualquer tipo de comunicação desnecessária, tudo o que era falado era importante. Dentro da embarcação, todos têm uma função e isso é o que distingue passageiros de tripulantes. O passageiro, como o próprio nome diz, é alguém que está ali de passagem, sem uma função definida. O tripulante não, ele faz parte dos recursos à disposição, formando um conjunto, juntamente com embarcação e equipamentos, que proporcionam realizar a missão com segurança. Após

cada missão, realizamos o que chamamos de CRM, ou, do inglês, crew resource management, que significa “gerenciamento dos recursos de tripulação”, ou seja, um alinhamento para mostrar como é importante que todos na embarcação tenham a correta consciência situacional para cada tipo de missão e, principalmente, mostrar como é importante a observação e comunicação de tudo ao piloto. Muitas vezes, por arrogância ou simples vaidade, o piloto constrange um tripulante quando este o alerta de algum perigo, como a aproximação de uma embarcação ou mesmo um tronco de árvore boiando no rio. Isso é errado do ponto de vista do CRM, pois faz com que o piloto e a tripulação em geral percam a capacidade de comunicação efetiva. É preferível a redundância, ou seja, é melhor que duas pessoas informem a aproximação de um perigo do que os dois fiquem calados, supondo que o piloto esteja vendo a situação. Caso não esteja ciente do perigo próximo, pode haver um acidente evitável. A consciência situacional também é de extrema importância. É muito perigoso que alguém da tripulação não esteja com a consciência adequada ao nível de risco da missão. Uma brincadeira na hora errada pode desestabilizar toda a tripulação, por exemplo. Nossa missão já era complexa desde o início. Navegar em uma represa vasta como a da Capivara, cheia de perigos e surpresas, em uma noite escura e chuvosa era, por si, uma missão perigosa. Mesmo que eu conhecesse aquelas águas, a navegação seria, por si só, perigosa. Navegar ali pela primeira vez, como fazíamos, naquelas condições, era arriscado demais. A infiltração se constituía, portanto, em uma “missão dentro da missão”. Reduzi a velocidade ao ver, pela tela do celular, que estávamos praticamente sobre o primeiro PRI (Ponto de Reunião do Itinerário)

– Pronto, chegamos à represa, estamos bem no meio dela.

– Está agitada!

– Sim, Martin, e pelo “Weather Underground” vai piorar. Os ventos estão de 9km/h e, segundo a previsão, vão chegar a 15 esta noite. Ventos de 15km/h no sentido oeste, coincidindo com a calha principal da represa e contra a corrente…eu acho que vai ficar ruim pra cacete pra navegar durante a noite.

– Que pica.

– Sim, navegar à noite é sempre complicado, principalmente com esse tempo. Tudo certo aí, Calixto?

– Tudo certo – respondeu o sempre calmo Calixto.

– Tudo certo aí, Fábio?

– Aqui atrás tudo ok.

– Ok, senhores, vamos prosseguir.

Continuamos nossa jornada, passamos pelo segundo PRI, mas não reduzi a velocidade. Eu já estava acostumado à visibilidade sempre muito complicada nos primeiros minutos da navegação, os mais tensos no período noturno. Estávamos há uns vinte minutos navegando, e o OVN já me causava náuseas, o que é comum. Parei no último PRI antes de partirmos para o Ponto de Espera, localizado bem no meio da represa.

– Essa porra de OVN com um só tubo não dá sensação de profundidade, não é adequado para pilotar. Você não sabe se está perto ou longe das coisas. Além disso a cabeça dói. A porra do capacete está com o forro ruim, está dando uma pressão filha da puta na nuca.

– Vocês tinham que ter um com dois tubos, disse Martin.

– Na realidade não temos nem este aqui. Eu emprestei um de outra unidade e está acautelado no meu nome. O restante da tripulação tinha que ter OVNs. Tudo aqui é emprestado, de OVN a Termal, fuzil, tudo. Muitas vezes nossas instituições não direcionam seus recursos para as pontas de lança. Algumas unidades centrais possuem recursos para tudo, vivem em um mundo à parte. Enquanto isso, aqui na fronteira nós “usamos nossos dentes quando deveríamos ter alicates”.

– Infelizmente, nem todos têm compromisso com o trabalho policial. Sem conhecer o “chão de fábrica”, fica difícil entender as necessidades de quem está aqui.

– Sim, espero que isso mude um dia… Mas essas dificuldades todas não alteram em nada a nossa missão aqui hoje! Vieram porque “quereram”, senhores! Hahahahahaha.

– Hahahahaha. “Vieram porque quereram!”

– E Martin…” se eu quero que eu me foda, imagine você!”.

– Hahahahahaha.

As ondas e a maré levavam a lancha de um lado para o outro, que agora sacudia violentamente.

– É, senhores, vai ser uma longa e agitada noite. Eu só quero ver quem vai ser o primeiro a enjoar com essa marola toda.

– Hahahaha. Quem enjoar paga a rodada de cerveja no retorno.

– Por falar em rodada de cerveja, o Ivan, que prestava assistência aos computadores da delegacia, abriu um boteco. Parada bem simples, mas ele mesmo faz a cerveja, que é de excelente qualidade. Quando voltarmos, vamos lá, para comemorar. Ele faz uma Ipa espetacular.

– Opa, vamos lá, sim!

– Chama boteco do Brutus, e o lema é: "Aqui o cliente nunca tem razão".

– Combinado, então! Vamos comemorar o sucesso deste serviço lá!

– Se tudo der certo, amanhã estaremos bebendo no boteco do Brutus!

– Boa! Senhores, vou acionar.

– OK.

Partimos para o Ponto de Espera, na boca da baía que fica em frente a um conjunto de chácaras que margeiam a represa. Era o nosso trecho final da infiltração. Era quase uma hora da madrugada.

– Caralho! – virei a lancha violentamente para bombordo (esquerda), o que fez Calixto se desequilibrar a ponto de quase cair da sua "almofada" tática.

– Que porra foi essa?! – disse Martin, assustado.

– Passamos por um paliteiro! Olhe para estibordo (direita da embarcação)!

– Puta que pariu! Um monte troncos secos de árvore! Se você bate nessa merda estávamos fodidos!

– Foi por pouco! É o que eu falo! Navegar pela primeira vez à noite em um rio ou represa é muito perigoso! Se der para fazer o "recon" de dia tudo fica mais fácil!

– É verdade. – concordou Martin.

Não falávamos, gritávamos, o barulho do vento, a chuva e o ensurdecedor ronco da Mamba Negra transformavam a comunicação verbal em uma difícil tarefa.

Alguns minutos depois estávamos chegando, finalmente, ao nosso PE (Ponto de Espera).

– Estamos muito expostos aqui, a represa está muito "batida", vamos nos posicionar um pouco mais para dentro da baía.

Novamente acionamos a lancha, que foi posicionada na margem esquerda para quem chega na baía de Alvorada do Sul.

– Opa! Tem umas boias aí à frente – falei enquanto guinava a lancha para estibordo. A essa altura estávamos em uma velocidade baixa e a situação estava sob controle. – São tanques de peixe!

– "Oloco", tanques de peixe! Se você vem com velocidade ia ficar complicado de parar.

– Ia, sim.

Contornei as boias do tanque e posicionei a Mamba um pouco para dentro da entrada da baía, onde as ondas eram menores e nossa condição um pouco mais segura.

– Pronto, vamos aguardar aqui. O vento vai nos levar para a margem oeste da baía, quando fizer isso acionamos e voltamos para a margem leste.

– Ciente.

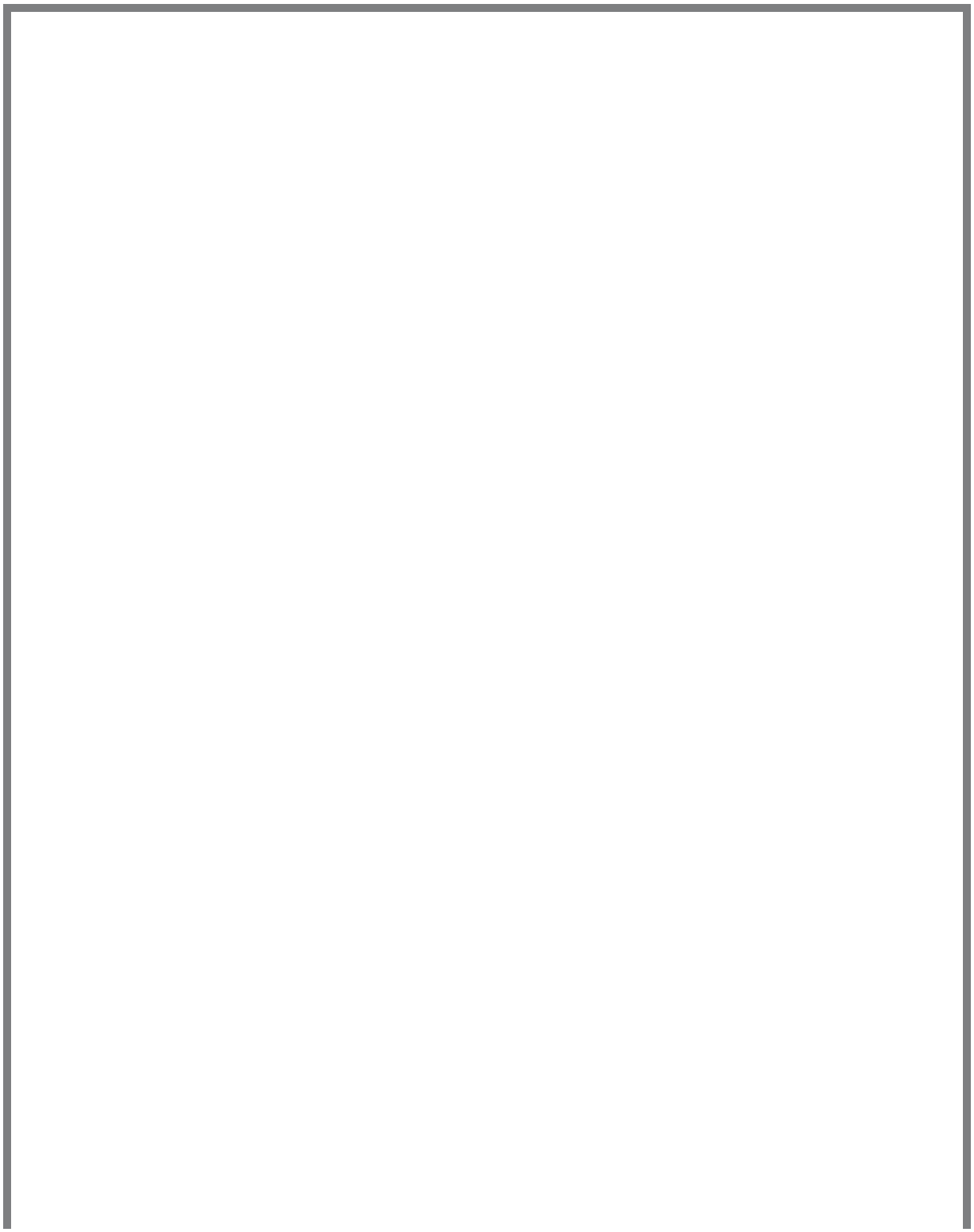
Ficamos parados por uns trinta minutos, até chegarmos próximos à margem leste. No retorno, percebi que havia um tronco enorme, bem no meio da baía, um pouco mais para dentro da margem, na direção de Alvorada do Sul. Conduzi a lancha até o tronco. Calixto nos amarrou a ele com o cabo de proa. Eram quase duas horas da madrugada a essa altura.

– Esse é o horário dos caras assaltarem. Geralmente eles atuam por volta de 2h da manhã. Como está nosso contato com a base?

– Aqui o celular está pegando "full".

– Excelente, passe nossa nova posição para eles. Aqui não vamos cobrir uma área tão extensa, fico preocupado se esses caras forem para as chácaras que ficam fora da baía, nós não vamos conseguir vê-los.

– Tudo quieto na Inteligência, sem novidades por lá – disse Calixto.



# 13

# FRUSTRAÇÃO

# 13

# Frustração

Ficamos boiando, parados, aguardando alguma informação da Inteligência.

– Será que eles vão agir esta noite?

– Por que será que não atuaram ontem, que era a data mais provável?

– Será que eles vão atacar alguma cidade de São Paulo ou será que vão agir no Paraná?

– Será que eles realmente vão fugir por água?

– Será que eles vêm pra cá? São tantas possibilidades! O rio é enorme e a represa da Capivara, gigantesca!

Essas e outras perguntas assombravam nossas mentes. Todos nós estávamos com dúvidas quanto às reais probabilidades de nosso plano dar certo. Eu diria que de uma probabilidade de 100%, teríamos 1% ou menos de chance de encontrar os assaltantes naquele local. Mas esse 1% era nossa única esperança de dar um fim àquela situação insustentável a que o Novo Cangaço havia chegado.

– Será que eles vão agir esta noite? – perguntou Fábio, com franqueza.

– Não sei. Só sei que é melhor estar aqui nesta situação de merda, fodidos, e tentando alguma coisa do que estar confortável em casa e ler em um grupo de WhatsApp que mais uma cidade foi assaltada por esses filhos da puta. Prefiro ficar aqui na chuva, boiando igual merda nesse rio todo agitado do que estar em casa, isso eu te garanto.

– Eu também! – disse Martin. “O não a gente já tem”!

– Sim, “o não nós já temos”. – concordei.

2h18min.

A cada minuto que passava, nossas esperanças diminuíam, sabíamos que o horário mais provável da ação do Novo Cangaço era no máximo por volta das 3h da madrugada. Os criminosos usavam a noite para encobrir

suas fugas espetaculares e não era comum arriscarem ações que entravam dia a dentro.

2h30min.

– Bettini! O pessoal da Inteligência postou aqui que estão roubando os bancos de Cruzália, em São Paulo, neste momento!

Senti o baque violento da adrenalina jorrar para dentro de minhas veias.

– Excelente! Se eles vierem para cá realmente, se o destino deles for Alvorada do Sul, não tem como escaparem.

– Dá quantos quilômetros pelo rio, de Cruzália até aqui?

– Aproximadamente 40km, eles vão levar mais ou menos uma hora e meia, dependendo da embarcação. Pode ser bem antes disso, se estiverem com um barco rápido como o nosso. Mas duvido que naveguem com velocidade na situação que a represa está, com tanta maré.

Todos os tripulantes da lancha da PF ficaram agitados. Por mais que você esteja preparado para uma missão como essa, tudo muda quando o contato com o adversário fica iminente. Só a expectativa do contato faz você acreditar realmente na importância dos mínimos detalhes. Nessas horas você quer garantir que tudo estará perfeito, que nada poderá falhar ou atrapalhar. Tínhamos consciência da dificuldade da nossa missão e estávamos cientes dos riscos inerentes a ela. Seria uma abordagem muito difícil e arriscada.

– A sorte acompanha os audazes, senhores! – repeti o lema do SAS Britânico *(Special Air Service)*.

– Essa porra mesmo! – repetiu Martin.

– Fábio, você concentra na observação com o binóculo termal. Fica ligado na retaguarda, se alguma ameaça vier por trás você mesmo atira ou pode pedir apoio para o Martin, orientando os fogos dele.

– Calixto, você fica de artilheiro de proa.

– Martin, você apoia o Calixto como artilheiro de bombordo ou de estibordo e, se for solicitado pelo Fábio, faça nossa segurança de popa também. Observe sempre para onde está o binóculo. Veja a direção em que o Fábio posiciona o binóculo para poder realizar os disparos quando solicitado. Você não vai conseguir ver mesmo, confie no que ele diz, não

temos OVNs para toda a tripulação. Lembre-se de que ele sempre estará olhando para a ameaça, portanto, atire para onde o binóculo dele estiver direcionado, sempre que for solicitado.

– Ok.

– Senhores, lembrem-se de que não existe "aqui", "ali", "lá", nada disso! Para todas as ameaças, vocês têm que se lembrar dos três Ds: Distância, Direção e Descrição do alvo. Para indicar a direção, esqueça "aqui", "ali" e "lá", use sempre a técnica do relógio. Se for um alvo a 90 graus de nossa posição, ele está a 3h de nós; se estiver a 180 graus, ou em nossa retaguarda, ele está a seis horas, e assim por diante.

Enquanto eu falava, cada um fazia a autoinspeção nos equipamentos. Testavam suas lanternas, checavam se o fuzil estava corretamente carregado, se a posição de tiro estava estável etc. O ambiente estava tenso.

3h.

– Dependendo do barco que eles estão utilizando, esses caras já podem estar chegando por aqui de agora em diante.

– Ok.

– Vamos reposicionar mais para fora da baía, em direção a Cruzália. Vamos ficar mais para fora, mais no meio da represa, pode ser que esses caras sigam para alguma daquelas chácaras, nesse caso é inútil ficarmos aqui.

– OK.

– Calixto, pode soltar o cabo de proa. Vou acionar aqui.

– Soltando cabo de proa…cabo de proa solto.

– Motor a ré…motor avante.

O tempo havia piorado novamente. Apesar de não estar chovendo, o vento frio nos açoitava. Relâmpagos e raios no céu se misturavam a ondas e a maré na água formando um cenário apocalíptico. O Armageddon se aproximava. Fiz uma curva para a esquerda para não ficar com a lateral da Mamba voltada para a direção do vento e da maré. Seguimos com um vento de popa para través até um determinado ponto e, então, fiz uma outra curva para a direita, agora, sim, aproando com o vento e com a maré. A cada

onda, a Mamba subia para, logo na sequência, cravar boa parte da sua proa pontuda, no formato de nariz de um feroz tubarão negro, na água.

– Segura, Calixto! – disse o Martin, rindo.

– Estou tentando!

A posição que ele ocupava na lancha era a mais instável naquelas condições. A cada cravada que o nariz da Mamba dava na água, Calixto sentia o peso todo de seu corpo sendo jogado para cima e para baixo, violentamente. Além disso, ele tinha que segurar seu fuzil e ele mesmo se segurar, já que nossa lancha só dispunha de um assento fixo, o do piloto, o restante era pura improvisação.

Em pouco mais de cinco minutos, alcançamos o Ponto de Espera II (PE II). Desliguei o motor da Mamba e ficamos à deriva, sendo levados pelo vento e pela maré para trás, para a direção de onde havíamos saído alguns minutos antes. De tempos em tempos eu acionava os motores para avançar novamente para o PE II ou simplesmente para deixar a Mamba em uma posição mais favorável para nós.

3h30min.

– Está bem na hora desses putos passarem aqui.

– Sim, está. Mas vou te dizer, não sei se esses caras têm peito para navegar em uma condição dessas.

– Esses caras são malucos, eles tocam de qualquer jeito.

– Não sei não, está complicado demais. Com a Mamba, que é uma lancha segura, está perigoso. Se eles tiverem com barcos menores, acho difícil arriscarem.

– Depois de assaltar um banco, eles não vão ficar parados com o dinheiro, vão meter o pé de qualquer jeito. – Dizia Martin.

4h.

– Está bem no horário de eles passarem! Daqui a pouco estão estourando aqui!

– Tomara!

4h30min.

– Vai ser nos próximos minutos, com certeza!

– Esses filhos da puta têm de aparecer!

5h15min.

– Dá uma provocada no pessoal da Inteligência, Calixto, para ver o que eles falam.

– Eles acabaram de perguntar aqui no grupo, Bettini, se os caras não passaram por aqui.

– Puta que pariu!

6h.

– Daqui 40 minutos vai clarear essa caceta! Abordá-los de dia é ruim pra caralho para nós.

– Não sei não, Bettini, acho que eles foram para outro lugar.

– Pode ser.

6h15min.

– Bettini, o pessoal da Inteligência está falando que talvez os caras estejam em Primeiro de Maio, ou que possam ter subido o rio Tibagi em direção a Rancho Alegre.

– Pergunta se eles querem que nós vamos para Primeiro de Maio?

– OK.

6h20min.

– Eles estão perguntando quanto tempo leva para chegarmos lá.

– Diga que nessas condições levamos meia hora.

6h22min.

– Bettini, eles acham que os caras subiram o Tibagi e que não dá mais tempo para os alcançarmos.

– Puta que pariu! Que merda! Deveríamos ter nos posicionado em Primeiro de Maio! Eu devia ter pensado nisso!

– Como é que você iria saber? Não tinha como saber.

– Foda, perder esses filhos da puta assim é frustrante pra cacete!

– É mesmo.

6h45min.

– Pessoal da Inteligência está falando que os caras continuam em Primeiro de Maio.

– Pergunta para ele se devemos ir até lá.

6h50min.

– Daniel falou que acha melhor ficar mais um pouco nesta posição.

– OK, o que eles falarem nós fazemos, a Inteligência manda.

7h.

– É, senhores, não foi desta vez. – eu disse.

– Fica para próxima. – respondeu Martin.

– É, esta noite foi a deles. – completou Calixto.

– Vamos aguardar o que o pessoal da Inteligência fala, enquanto eles não derem o comando, manteremos nossa posição aqui. Não desmobilizaremos enquanto eles não desistirem.

– OK.

– Vamos retornar para o Ponto de Espera I, aqui está batendo demais. Vou acionar. Mas antes vou gravar um vídeo para mandar para o Yan. Hahahahahaha.

Saquei meu celular e fiz um vídeo para enviar para um agente que era amigo comum, meu e do Martin. Ele havia sido, junto comigo, instrutor do Curso de Atirador Designado Marítimo. Yan tinha problemas com barcos e costumava enjoar. Mas mesmo enjoando eu gostaria de contar com o Yan na embarcação caso encontrássemos os assaltantes. Fiz o vídeo mostrando como a Mamba balançava e fazendo ironia com nossas condições dentro da embarcação, principalmente em relação aos assentos dos tripulantes. Eu finalizo a gravação do vídeo com a seguinte frase: – "Na próxima pegamos eles!"

Posicionamos a Mamba novamente próxima ao ponto onde passamos boa parte da noite, mais protegido e com menos maré do que o ponto anterior. O vento nos levou rapidamente para bem perto da margem oposta.

– Vamos embora?! – disse o Fábio.

– Só mais um pouco, Fábio, vou fazer meu "desjejum".

Peguei a metade de um mamão que estava na minha bolsa térmica com o “melhorado”, que é tudo aquilo que levamos para comer que seja diferente das sempre presentes rações de campanha.

– Isso que é ter uma boa logística! – disse Martin.

– É parceiro, o negócio é a busca incessante pela qualidade de vida!

– Hahahahahaha!

– Hahahahahaha!

Tomei água também. Os outros também se alimentaram. Apesar de tentarmos nos motivar, a frustração e o cansaço eram perceptíveis em nossa equipe. A diferença entre nós e uma equipe convencional é que não deixávamos isso transparecer, fingíamos que estava tudo bem e dávamos risada de praticamente tudo, principalmente de nós mesmos e da condição ridícula em que estávamos.

– Assim que terminarmos nossa refeição, vamos retornar, senhores.

– OK, só me resta comer esses biscoitos encharcados mesmo.

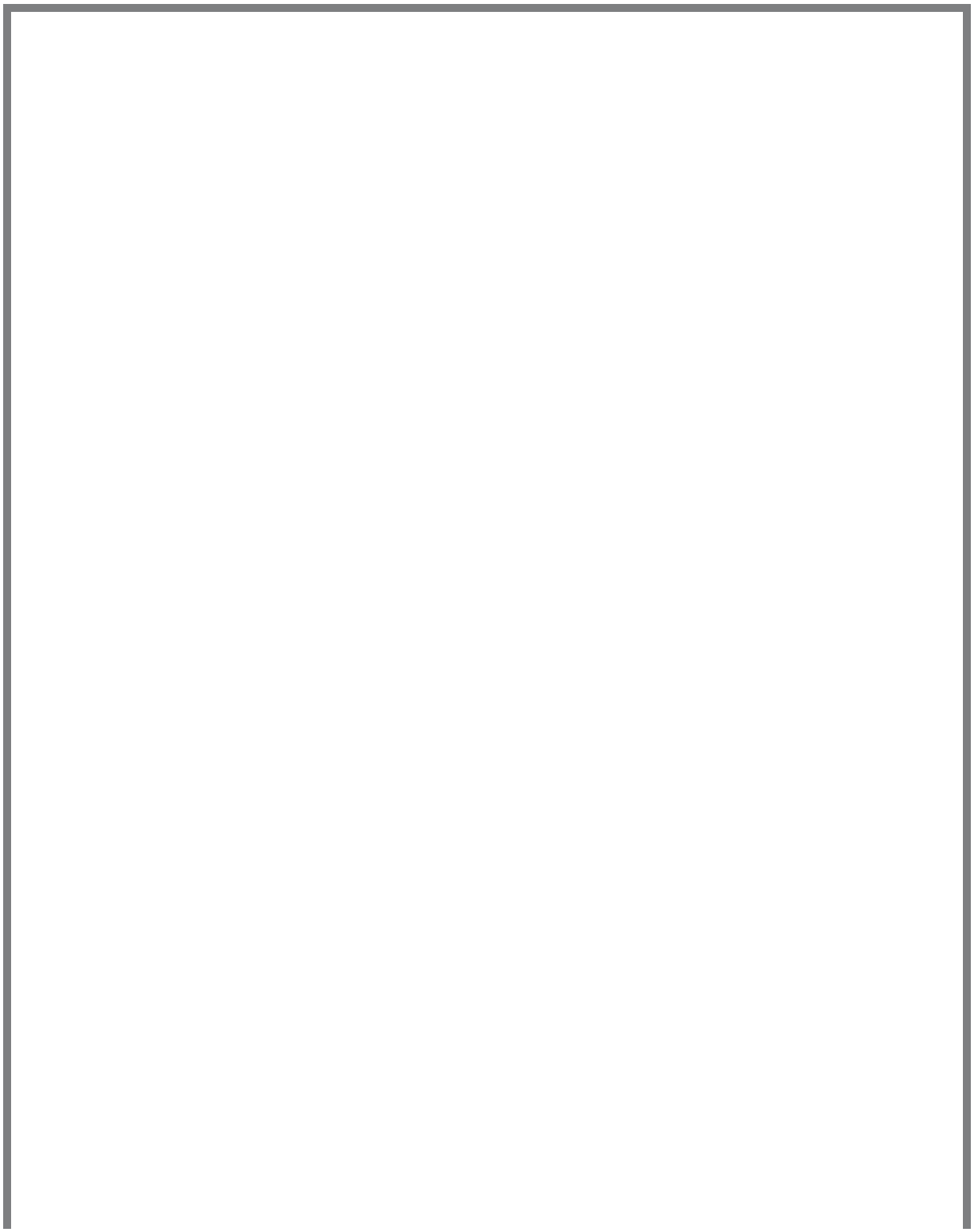
– Martin!

– Fala, Bettini!

– Se eu quero que eu me foda, imagine você! Hahahahahaha!

– Hahahahahaha!

Em destaque, o itinerário do Ponto de Espera I, na boca da "baía" ao Ponto de Espera II, no meio da represa.



# 14

# CONTATO

# 14

# Contato

> *"E* o *terceiro anjo derramou a sua taça nos rios e nas fontes das águas, e se tornaram em sangue. Então ouvi* o *anjo das águas dizer: 'Tu és justo. Tu,* o *Santo, que és e que eras, porque julgaste estas coisas.' Como eles derramaram o sangue dos teus santos e profetas, também tu lhes deste o sangue para beber, como eles merecem".*
>
> Apocalipse 8, 10-11.

– Bettini, vamos bater no barranco daqui a pouco.

– OK, Calixto, vou acionar aqui e dar ré.

– Hélice livre.

Acionei a Mamba Negra, engatei motores à ré e tirei a lancha de perto do barranco, uns 50 metros em direção à margem oposta.

– Nada do pessoal da Inteligência, Calixto?

– Não, mas o Daniel não nos desmobilizou ainda.

Achei estranho aquilo, mas conhecendo bem o Daniel, sabia que o fato de ele não ter desmobilizado ainda era por conta de alguma intuição ou sensação que ele tinha, de que os bandidos poderiam ir à nossa direção. Eu já havia trabalhado com ele antes e conhecia o potencial daquele policial. Quando Daniel tomou posse em Corumbá, no Mato Grosso do Sul, eu mesmo trabalhava na Inteligência e, após alguns meses, sugeri ao chefe da delegacia, o DPF Arthur Ferreira da Silva, que o recrutasse para a Inteligência. Da mesma forma que eu sabia que eu era um péssimo analista e por isso larguei a "carreira" na Inteligência, eu sabia que o Daniel era provido de um tirocínio policial incomum. Resolvi ligar para ele.

– Bom dia, Daniel. Nada dos caras?

– Nada, Bettini. Mas também não temos nada de que eles estão em outro lugar. Então acho que podemos segurar um pouco mais, até definirmos alguma linha de ação.

– OK, Daniel, seguramos aqui até você dar última forma.

7h30min. Daniel me liga.

– Bettini, fica a critério de vocês, podem retrair se for o caso, já faz muito tempo que aconteceu o assalto, mais de cinco horas.

– OK, Daniel, vamos retrair aqui então.

– Valeu. Fica pra próxima.

– Sim, Daniel, fica pra próxima.

– É, Bettini, pelo teor da conversa parece que acabou. – disse Martin, desanimado.

– O pessoal da Inteligência nos deu liberdade de ação, senhores. Vamos desmobilizar, mas sem pressa.

Iniciei uma manobra lenta, para aproar a Mamba com nosso sentido em direção à rampa onde havíamos, na noite anterior, colocado a lancha negra na água. Continuava ventando e uma chuva fina voltou a cair. Era uma manhã cinza, úmida e fria. Olhei para a baía e tive novamente uma sensação antiga, parecia que aquele local tinha vida própria, parecia que alguma força maligna estava nos observando, senti um calafrio na espinha que me subiu o corpo e fez meu estômago doer. O barulho da Mamba Negra parecia o de um animal feroz rosnando baixo, um poderoso aliado me dizendo que havia algo de errado naquele lugar.

– Calma, minha amiga – eu disse enquanto passava minhas mãos no painel – na hora certa vamos pegar esses caras.

A Mamba estava pronta para pular sobre qualquer adversário que estivesse por perto, esturrando seu ronco gutural por meio de seus seis cilindros e 250 cavalos indomáveis de pura potência, despejados pela hélice de aço prateada em um violento vórtex de água negra, à semelhança do líquido pegajoso a escorrer por entre as presas de uma fera faminta prestes a atacar. No outro lado da baía, pude ver a esteira de um barco. Mantive fixo o olhar no ponto distante. Logo pude ver que eram, na realidade, dois pontos, duas embarcações que riscavam a água e deixando para trás uma esteira de espuma branca.

– Olha lá, senhores, tem dois barcos lá do outro lado.

Os barcos margeavam a baía, passando bem próximos à barranca oposta, entre as fazendas de tilápias e a margem da lagoa.

– Devem ser pescadores. – disse o Martin.

– Duvido, parecem ter vários em cada barco, o normal dos pescadores é navegarem em dois. Preparem-se para a abordagem.

– Acho melhor não, esse lugar aqui é muito bom, se abordamos vamos "queimar" para as próximas missões. Pode ser que a Inteligência tenha mais informações da próxima vez.

O que o meu amigo falou tinha todo sentido. Se por um lado eu queria checar aqueles barcos, não fazia sentido algum, do ponto de vista dos criminosos, estar navegando à luz do dia. Mas duas coisas me deixavam inquieto. A primeira era a situação da navegabilidade durante aquela noite. Eu sabia que poucos homens se arriscariam a navegar em barcos pequenos sob aquelas condições e que os bandidos poderiam ter esperado o dia clarear e a maré diminuir um pouco. A segunda era a Mamba, ela estava inquieta demais.

– Estão vendo? Os pontos amarelos? Os tripulantes estão todos com capas de chuva. São muitos. Temos que checar isso de qualquer jeito. Vamos abordar.

– OK, então vamos lá. – disse Calixto.

– Vamos lá, então! – disse o Martin.

Estava com óculos tático para proteger meus olhos do vento, enquanto aguardava os outros tomarem suas posições.

– Vou acelerar, segurem-se.

Coloquei minha mão esquerda sobre o volante, enquanto minha mão direita repousou sobre o comando da Mamba Negra. Apertei a embreagem e senti a conexão entre mim e aquela máquina fascinante. Finalmente, fiz o que a Mamba Negra estava pedindo desde que havíamos avistado aqueles dois barcos, empurrei a alavanca de comando toda para frente, de uma só vez, despejando toda potência disponível do motor que, como um coice, jogou-nos para trás, com violência. A Mamba Negra esturrou, como uma besta feroz que se precipita sobre sua presa, rasgando as águas agitadas da lagoa da Capivara e deixando para trás a esteira de espuma branca que

contrastava com a água escura do rio. Acelerei a potência máxima e, em frações de segundos, havíamos alcançado as fazendas de peixe. Percorremos o trajeto fazendo uma forte curva à esquerda para não sermos vistos pelas duas embarcações, buscando uma aproximação ao máximo pela retaguarda, tanto quanto fosse possível. Os tripulantes dos dois barcos não perceberam nossa aproximação. Pude ver quando eles cumprimentaram um grupo de pescadores que estava na margem, preparando-se para alimentar as tilápias da fazenda de peixes. Reduzi a aceleração para não chamar a atenção, tanto pelo barulho, quanto pela volumosa esteira d'água que a Mamba deixava à nossa retaguarda. Pude confirmar que eram realmente dois barcos, o da frente com três a bordo e o de trás, com quatro. Pareciam barcos de pesca, de seis metros, com motores pequenos. Todos os ocupantes usavam capa de chuva amarela. Assim que o barco que seguia atrás deixou o limite do tanque de pesca, acelerei a Mamba, lentamente, até ganharmos velocidade suficiente para a lancha "decolar", mas sem chamar a atenção. Passamos das boias que marcavam o final dos tanques e fizemos uma curva acentuada para a esquerda, percorremos uma reta até o ponto onde os dois barcos navegavam. Daquele ponto, o último barco não teria como fugir de uma abordagem nossa. Fiz uma curva acentuada à direita e despejei novamente toda a potência dos motores da Mamba Negra contra as águas do Paranapanema, que se contorceu novamente em um vórtex poderoso. Mais uma vez, e de uma maneira brutal, fomos lançados para trás. Surpreendentemente, nenhum dos ocupantes dos dois barcos percebeu nossa aproximação, entorpecidos que estavam com o barulho do motor dos seus próprios barcos e com a proximidade da chácara que, mais tarde, descobriríamos que estavam ocupando (apenas 500 metros). Os outros três tripulantes da Mamba apontaram seus fuzis para a embarcação que seguia mais atrás, a primeira a ser abordada por estar mais próxima de nós. Somente quando retirei todo o motor, a aproximadamente 15 metros de distância da popa e a estibordo com a outra embarcação, é que seus ocupantes perceberam a nossa aproximação. Em uma fração de segundos estávamos abalroando suavemente a lateral de bombordo do barco. Olhei para o piloto, que reduziu completamente a velocidade do barco. Não gostei da expressão em seus olhos, eles demonstraram um apetite furioso por sangue. Engatei motores à ré e pareei a nossa embarcação com a deles. Os

outros homens a bordo demonstraram a mesma reação do piloto e senti um frio na espinha quando reconheci José Honorato.

– Polícia Federal! Levantem suas mãos! – gritou Calixto.

A partir desse momento iniciou-se uma sequência brutal de ações e reações tomadas em frações de segundo, em um ambiente hostil, entre dois grupos de homens dispostos a matar e a morrer, cada um por sua causa. Percebi que eram os Novos Cangaceiros e me preocupei com a possibilidade de o primeiro barco retornar pela direita e nos abordar pela retaguarda. Na parte da frente da embarcação, um dos homens – que usava cavanhaque – olhou para o assoalho do barco. Me levantei para poder sacar minha pistola. A maneira como ele me olhou não deixava dúvida: aquele homem queria me matar. Nenhum deles demonstrou qualquer interesse em obedecer aos comandos do Calixto.

– Fiquem parados! Ninguém se move! – alertei, inutilmente.

O homem de cavanhaque, na proa da embarcação, era Augusto Pica-Pau e ele jamais se entregaria vivo. Não sabíamos que ele havia se associado ao bando de José Honorato e "Goiano". Augusto era o inimigo público número um do Estado do Paraná naquela época. Algum tempo antes, ele havia orquestrado uma fuga cinematográfica de um presídio da região metropolitana de Curitiba, com direito à explosão do muro, entre outros requintes de ousadia e demonstrações de força e agressividade. Sua vida era roubar, matar e esbanjar uma vida de luxo que levava com o dinheiro do crime. Entre Pica-Pau e José Honorato estava José Pedro. Assim como José Honorato e Augusto Pica-Pau, ele era extremamente perigoso. O piloto do barco era Wilmar, o mais novo deles, que estava na fase de "aprendizado". Era um soldado, fazia o que os mais experientes mandavam e buscava se estabelecer na organização criminosa. Esse perfil de bandido é muito perigoso por sua constante procura por provar para os mais experientes que merece estar no "bando". A busca por aceitação pode levar à prática de atos temerários, muitas vezes de crueldade brutal, sem se preocupar com qualquer consequência.

– Eles vão atirar! – gritei para minha equipe.

– Não se mexam!

– Fiquem parados!

Martin e Calixto – que estavam na proa – gritavam para o bando. Logo à frente de um deles havia um balde branco, grande. Em cima do balde, servindo como tampa havia um colete balístico azul. O Guilherme Ferreira, o "Gui", jogou o colete na água, deixando o acesso ao balde, cheio de pistolas, livre.

– Parados!

José Pedro, juntamente com "Gui", enfiaram as mãos no balde, pude ver quando puxaram de lá de dentro duas pistolas. Augusto Pica-Pau pegou um fuzil que estava no assoalho do barco enquanto o piloto agarrou um outro fuzil que estava próximo a José Honorato. Não tive dúvidas, eles iriam nos matar.

– Atirem!!!!

Antes de pronunciar a palavra toda, eu já havia iniciado uma sequência de disparos com minha pistola Glock G17 calibre 9mm. Os outros policiais abriram fogo na sequência. Após dez disparos, minha pistola apresentou uma pane. Uma das munições não deflagrou. A espoleta, apesar de percutida, não foi acionada, efeito, provavelmente, da umidade. O barulho dos fuzis era ensurdecedor.

Augusto Pica-Pau foi alvejado quatro ou cinco vezes antes de cair, desequilibrando o barco e levando todos os outros ocupantes, já baleados também, a caírem na água. Não me preocupei em sanar a pane da pistola. Rapidamente, coldreei-a e acelerei em direção ao outro barco, que agora acelerava a uma distância aproximada de uns cem metros à nossa frente. Naquela situação, ficar ali parado não era nada bom, em pouco tempo a outra embarcação poderia manobrar e nos atacar de outro ângulo. Na água, boiando junto com os corpos, ficaram vários malotes com o dinheiro roubado por eles dos bancos da pequena Cruzália.

O piloto da segunda embarcação acelerou em direção à margem da represa. Em pouco tempo pude ver os ocupantes do barco que já corriam em direção a um matagal que ficava a uns 50 metros da margem. Senti o vento forte cortando minha face, a Mamba literalmente tentava voar, saltando para fora da água e eu lutei para manter o controle daquela fera. Os homens se abaixaram e abriram fogo contra a Mamba Negra ao perceberem que estávamos nos aproximando. Agora estávamos a menos de 100 metros

de distância da posição deles e não havia nada que pudéssemos fazer a respeito dos malditos disparos, não havia abrigo para nós. Por outro lado, era praticamente impossível àquela distância e em uma lancha que navegava a quase 100 km/h, que os policiais acertassem os atiradores que estavam deitados e, com certeza, em uma posição estável de tiro.

– Estão atirando de fuzil!

Ao invés de acelerar na direção deles, fiz uma forte curva para a direita e passamos direto, acelerando agora a praticamente 110 km/h. A velocidade era a nossa única defesa contra a sequência brutal de disparos de fuzil que os criminosos faziam contra a Mamba Negra. Nesse momento, o combate encontra seu clímax. É quando você tem a certeza de que pode morrer a qualquer momento que o combate acontece. A sensação de não ter controle algum sobre o que vai acontecer na próxima fração de segundo é a mais pura manifestação da liberdade. É justamente neste ponto que você descobre que não tem controle algum sobre a sua vida e é essa sensação que garante que você viveu, e não simplesmente "passou pela vida". Só sai vivo de um combate armado aquele que não tem medo de morrer. Se você se apegar a sua vida, vai perdê-la, petrificado e congelado pelo medo.

Martin se desequilibrou e caiu no chão da lancha.

– Está desequilibrando, caralho! Volte, porra! – eu disse, pois o peso estava fazendo a lancha pender para a esquerda, deixando-a adernada, uma situação crítica por conta da perda de controle naquela velocidade. Eu não sabia ainda exatamente o que iria fazer, eu só sabia que ir para cima deles em uma abordagem direta, da água para a terra, com aquele volume de fogos em nossa direção, era suicídio. E eu não estava nem um pouco a fim de me suicidar ou de permitir que alguém fizesse mal a algum camarada da minha equipe. Mantive a curva para a direita e percebi que, um pouco mais à frente, havia um braço da lagoa que avançava para dentro da margem.

Olhei para trás e os bandidos agora corriam em direção ao matagal, estavam a uns 30 metros somente. Virei bruscamente para a esquerda e entramos no braço da represa, que seguia bem ao lado da porção de terra onde, segundos antes, aqueles homens estavam deitados atirando freneticamente. Finalmente consegui sentir a sensação inebriante de estar novamente em combate. Nada se compara a ela. A rapidez com que tudo

aconteceu no primeiro confronto me roubou essa sensação. Agora, conforme nós e a Mamba preparávamos o bote contra nossas presas, senti meu corpo todo entorpecer e entrar em um estado de atenção relaxada. Eu podia sentir aflorarem todos os meus sentidos. Audição, visão e olfato, principalmente. Tudo o que se passava à frente de meus olhos parecia estar em câmera lenta e, por mais que nossos adversários estivessem em uma situação de superioridade tática, eles jamais alcançariam nossa condição de superioridade técnica e moral. Eles lutavam por um punhado de notas rasgadas, nós lutávamos por um ideal. Poderia haver centenas de criminosos ali. De alguma maneira, o universo conspiraria a nosso favor. No final, o bem vence e eu sempre acreditei nisso. Na pior das hipóteses, teríamos uma morte honrada por uma causa justa, o que faria a nossa memória ser mais forte do que nós mesmos. Naquela situação, nada poderia nos derrotar, nem a morte, pois lutávamos por algo muito maior do que nossos corpos físicos.

– Segurem-se!

Percebi que o Fábio e Martin me olharam, meio que sem entender o que eu iria fazer. Em momento algum eu reduzi a velocidade e ficou claro para eles que àquela distância que estávamos da margem, a mais de 100 km/h, seria impossível evitar a colisão.

– Vamos subir no barranco! – alertei a todos novamente.

Os bandidos estavam em uma situação extremamente favorável. Além de novamente estarem deitados e em uma superfície estável para efetuarem seus disparos, eles estavam na parte alta do terreno, taticamente chamada de "ponto de dominação". Segurei firme a direção da Mamba, que avançava ferozmente para cima dos nossos adversários. A alavanca de potência cravada para frente, despejando todos os 250hp de potência nas águas do Paranapanema. A única ação que realizei nos próximos quatro ou cinco segundos foi apertar o botão de elevação do trim, levantando a rabeta do motor da Mamba, levantando o hélice e propiciando que a lancha "deslizasse" para fora da água. Os três homens corriam, acreditando que a sua primeira investida atirando contra a Mamba Negra havia surtido efeito. Estavam enganados. Vi quando "Goiano" e Samir mais uma vez se viraram contra nós e começaram a atirar. Um terceiro homem formava o grupo, mas

não vi arma em suas mãos. Mais tarde descobrimos que, durante sua fuga, ele havia deixado sua arma no barco, uma espingarda calibre 12.

Após deslizar barranco acima, a Mamba Negra finalmente parou. Pude ver claramente "Goiano" e Samir atirando histericamente contra nós. Eles usavam uma pistola calibre .40 e um moderno fuzil FN Herstal Scar calibre 5.56. Ambos estavam deitados, reduzindo muito a nossa probabilidade de atingi-los e mostrando que possuíam conhecimento tático. Ouvi o "assovio" dos projéteis passando a poucos centímetros de nossos corpos.

– Atirem! – eu disse.

Responder fogo e se abrigar são as duas primeiras ações que aprendemos a realizar quando alguém atira em nós. Como não havia qualquer tipo de abrigo ou cobertura onde estávamos, só nos restava abrir fogo. Mas eu estava com um grande problema. Além de estar sentado no comando da Mamba, o que me deixava sem mobilidade, minha pistola Glock G17 estava em pane por conta do evento anterior. Meu fuzil, o "Bebezão", estava peado na lateral da Mamba, logo atrás da minha poltrona. Tive que me levantar e retirar a bandoleira de um mosquetão que o prendia a um cabo do tipo "corre mão" que eu havia colocado na nossa lancha. Quando estamos embarcados, deixamos todos os nossos equipamentos peados a embarcação. Como eu estava pilotando, meu fuzil ficava conectado a um cabo, amarrado à lancha, logo atrás do meu banco. Fiquei de costas para o tiroteio.

– Puta que pariu! Só falta eu tomar um tiro na bunda nessa merda! Imagina só, morrer com um tiro na bunda, ou ser baleado nas costas! Vão pensar que eu estava correndo?!

Fábio, Calixto e Martin respondiam fogo com fogo, mas o volume de tiros de "Goiano" e Samir ainda era muito grande.

– Bora, Bebezão! "Cospe" chumbo na rajada para cima desses filhos da puta!

Coloquei o seletor de disparos em rajada, levantei o fuzil de modo a ser possível atirar por cima da cabeça de Calixto e Martin e apertei o dedo no gatilho, deixando sair os vinte disparos do primeiro carregador em uma rajada constante. Ainda não eram 8h da manhã, a brisa fria em contato com a água do Paranapanema provocava uma leve neblina. A lama negra que

grudava em nossos coturnos contrastava com a água turva atrás de nós, criando um cenário sinistro de desolação e desesperança. Aquele lugar era o Armageddon. Novamente fui tomado pela sensação estranha da noite anterior, de que não estávamos sozinhos naquele vale de lágrimas. Talvez o anjo da morte estivesse sussurrando em meu ombro que eu seria o próximo. Dizem que a morte sussurra no ouvido de quem ela veio buscar. Ou talvez fosse o velho Caronte, barqueiro de Hades, pedindo passagem para carregar aquelas duas almas perdidas através do Aqueronte, diretamente para o inferno. Na realidade, nunca sabemos o que está prestes a acontecer, mas a questão é que eu sempre sinto uma forte presença nessas situações. Não gosto de dizer isso, que é Deus, porque na sua infinita bondade acredito que Ele não tomaria parte em um conflito, afinal de contas somos todos filhos Dele. Talvez seja um anjo, como Miguel, protetor dos policiais, enviado por Deus para interceder em favor do bem em um combate. Ou talvez não haja o bem em um combate e isso tudo seja somente devaneio de uma mente belicosa como a minha. Nunca se sabe, só sei que acredito, na minha fé, que Ele envia seus anjos para interceder por nós. E posso dizer, com convicção, que todas as vezes que estive bem próximo da morte, senti essa presença, dando-me conforto e segurança.

– "Bendito seja o Senhor, meu rochedo, que adestra minhas mãos para o combate e meus dedos para a guerra". – repeti o versículo 1 do Salmo 144 enquanto atirava.

– Alfa! – significava que eu estava sem munição.

Fiz uma troca rápida ou de emergência de carregador do "Bebezão".

– Bravo! – significava que eu havia trocado de carregador e já estava em condições.

Calixto e Martin, mais à frente, atiravam freneticamente.

– Vai! Os dois! Vai! Pela direita! – gritei para eles saírem da lancha e avançarem pela direita, flanqueando a posição dos criminosos.

Apertei o dedo novamente e descarreguei mais um carregador de 7,62, em rajada, contra a posição deles. Calixto e Martin aproveitaram a cobertura de fogos proporcionada pelo "Bebezão cantando" e abandonaram a Mamba, correndo em direção ao próximo ponto, ou seja, realizando o que chamamos de "lanço". Assim que Calixto saiu da proa da Mamba, um dos

projéteis calibre 5,56 disparados do fuzil FN SCAR de “Goiano” explodiu contra a proa. Por muito pouco Calixto, um dos melhores policiais que eu conheço, um grande amigo, pai de quatro filhos, avô e marido, não foi atingido. Continuei com as trocas e com as sequências em rajada. Fábio, à minha esquerda, e já fora da lancha, atirava durante as minhas trocas de carregadores. Nossa equipe estava totalmente sincronizada, cada um fazia exatamente o que tinha que fazer, sem titubear. Todos lutavam com ímpeto e voracidade.

– “Morre, filho da puta, morre!” – eu repetia toda vez a frase, falando sem pausa. Esse era o tempo que deveria durar uma rajada de um fuzil ou de metralhadora segundo as instruções que certa vez eu recebi de um Ranger do US Army.

– “Morre filho da puta, morre”… Alfa!

Fiz isso mais três vezes.

– Um foi atingido! – Fábio disse.

Samir ainda não estava fora de combate, apesar de ter sido atingido. “Goiano”, percebendo que sua posição estava sendo fulminada, rastejou para outro local. Samir tentou acompanhá-lo, deixando um rastro de sangue no capim úmido, como pudemos observar mais tarde.

Assim que descarreguei os cinco carregadores, larguei o fuzil e saquei novamente a minha pistola. Sem perder tempo, sanei sua pane para continuar a nossa manobra de “fogo e movimento” contra a posição de “Goiano” e Samir. Um tiro pegou a um metro da minha posição, próximo ao casco da lancha, jogando em mim um pouco da lama preta e grudenta.

– Filho da puta! Vamos para cima deles!

Com Fábio, avancei pela esquerda, enquanto Calixto e Martin os flanquearam pela direita, exatamente como havíamos treinado.

– Vamos pra cima deles! – gritou Martin.

– Toma aqui! Usa ele!

Olhei para o Fábio e ele estava me oferecendo o seu fuzil. Ele sacou sua pistola e continuou com ela, a minha estava em pane e o meu fuzil já estava sem munição. A arma do Fábio era um Colt M16, calibre 5,56. Ele estava equipado com uma mira holográfica Meprolight que eu mesmo havia

passado para o Fábio. Era a mira que eu usava na CAOP. Tinha trazido na minha cautela e sabia muito bem como utilizá-la. Há algumas semanas havíamos feito um treinamento, justamente para testar a "intercambialidade" das nossas armas e miras. Como não temos armas padronizadas no GEPOM, é importante que todos saibam usar as armas dos companheiros, para situações extremas, como a que estávamos passando. Por exemplo, o fuzil de assalto que eu uso é um AK 47, calibre 7,62X39mm, MINI DRACO, equipado com uma holográfica EOTECH 552, que eu chamo "carinhosamente" de "Bebezinho". Calixto usava um FAL calibre 7,62X51mm, o "Bicudo", enquanto Fábio usava o Colt.

Peguei o M16 do Fábio e novamente abri fogo contra a posição dos bandidos. Agora, contudo, eu não executava mais as rajadas. Procurava fazer visada e atirar com a máxima cadência possível, com toda a precisão que fosse possível. Contudo, quando os outros dois policiais estavam realizando o lanço, eu e Fábio novamente passávamos a executar a supressão do fogo adversário pelo fogo de nossas armas. Calixto e Martin já haviam feito três ou quatro "lanços", ou seja, deslocamentos de cobertura a cobertura, já que no local não havia abrigos para nós. Simplesmente tentávamos ajoelhar e nos esconder atrás de algumas moitas de capim que começavam a partir de uns 15 metros à frente da Mamba. Agora nós sincronizávamos as ações das duas equipes dentro de nossa patrulha. Enquanto Calixto e Martin realizavam disparos, que chamamos tecnicamente de fogos, eu e Fábio corríamos em direção à posição dos bandidos. Após alguns metros, parávamos, ajoelhávamo-nos e começávamos a atirar, eu com o fuzil do Fábio e ele com sua pistola. Agora, enquanto atirávamos, eram Calixto e Martin que corriam para cima das armas dos criminosos. Essa alternância de atirar e de se movimentar chamamos de "fogo e movimento"; e à somatória de "fogo e movimento" damos o nome de "manobra". Estávamos manobrando sobre a posição dos nossos adversários e isso os confundiu. Eles esperavam um confronto direto, estático, frontal e nós oferecemos a eles justamente o contrário, um confronto indireto, móvel, flanqueando-os. Samir foi baleado mais duas ou três vezes e então percebi que, muito provavelmente, já estava morto. "Goiano" também já havia sido baleado, mas continuava a atirar ferozmente. Estava sem ângulo para realizar meus disparos e então fiz a

última progressão. Parte da lateral do tórax dele ficou na minha mira e realizei uma sequência de dois ou três disparos.

– Cessar fogo! – eu disse.

– Parece que estão mortos! – respondeu Martin.

– Avancem aí, estou com esse filho da puta na mira! Se ele se mexer eu "rasgo" ele.

– OK, avançando.

Com cautela, Calixto e Martin se aproximaram dos dois. Estavam mortos.

– Fábio e Martin! Fiquem aqui! Calixto, vamos atrás do que fugiu!

Entramos em um matagal que dava acesso a uma chácara. Seguimos na direção em que o fugitivo correu. Deslocávamo-nos com cuidado. O criminoso poderia estar atrás de cada árvore, de cada parede, de cada moita, somente nos esperando com uma arma na mão. Com precaução, tentamos cercar a área. Chegamos à estrada que dava acesso à parte da frente da chácara.

– Bettini, o Fábio e o Martin estão sozinhos lá. Pode ser que tenha mais vagabundo por aí, nós não sabemos, eles estavam indo para alguma dessas chácaras.

– OK Calixto, vamos retornar. Pegamos esse filho da puta depois. – meses mais tarde Wilmar, o fugitivo, foi preso na deflagração da Operação Miguelito.

Voltamos para o local do segundo confronto e nos reagrupamos com Martin e Fábio. Nossa patrulha estava completa novamente. Peguei meu celular e enviei uma mensagem ao grupo do WhatsApp.

– Atenção, base, confronto em Alvorada do Sul! Nenhum policial ferido até o momento e seis assaltantes de banco feridos – pois não sabíamos se os que foram atingidos no primeiro barco estavam todos mortos – Temos ao menos um fugitivo na região. A princípio está a pé. Solicito apoio de ambulância e helicóptero. Repito, nenhum policial ferido até o momento. Estamos nas seguintes coordenadas geográficas…

Olhei para os meus camaradas, estavam todos imundos, impregnados com aquela lama preta grudenta. O forte cheiro de pólvora queimada saindo

das armas, ainda muito quentes, misturava-se ao cheiro de sangue e de fezes, que escorriam das vísceras expostas dos corpos dos homens do Novo Cangaço. Olhei para o relógio e eram pouco mais de 7h30min.

– Lampião é o caralho rapaziada! Meu ídolo é o Tenente Bezerra! – eu disse.

– É essa porra mesmo! – concordou Martin.

Comemoramos contidamente o resultado da operação. Estávamos vivos e os criminosos receberam a justa punição por seus crimes bárbaros: estavam onde deveriam estar, mortos. Afinal de contas essa foi a escolha deles, pois, caso tivessem se entregado e adotado uma postura colaborativa durante a abordagem, teriam saído vivos.

– Que porrada, hein!

– Caralho, essa vai ficar para a história! Bem que você disse que os dois barcos estavam estranhos!

– Sexto sentido.

– Isso é faro mesmo! Coisa de predador!

– Deve ser. Eu tenho essas coisas, as vezes eu tenho uma sensação e acredito nela, geralmente dá certo.

– Boa!

Afastei-me um pouco do grupo, andando uns 50 metros até a margem onde estava o barco abandonado pelos três criminosos. Dentro dele estava a calibre 12, várias munições, uma máquina de contar dinheiro, uma balaclava, roupas estilo militar e um chapéu de selva, camuflado. Fábio e Calixto permaneceram no local do confronto, preservando o local para a perícia. Martin me acompanhou, uns 15 metros atrás. Ao fundo eu vi o primeiro barco afundando, a uns 300 metros de distância. Espalhados pela represa, havia quatro corpos boiando. Percebemos que uma ambulância naquela situação não teria utilidade. Fui tomado por uma sensação que misturava a satisfação em ter cumprido minha missão e a gratidão por permanecer vivo após os eventos daquela manhã.

– “Mesmo que eu ande pelo vale da morte, não temerei mal algum”.

Martin se aproximou.

– Aproveita essa sensação, Martin.

Ele me olhou, sem dizer uma palavra.

– Você vai passar o resto da sua vida se lembrando desta manhã, tentando se lembrar de todas as sensações, do cheiro, da temperatura, de tudo. Sempre que você tiver uma dificuldade, vai se lembrar que andou pelo vale da sombra da morte e não se feriu, sempre que viver coisas boas, vai agradecer a Ele por continuar vivo.

– Tenho certeza disso, Bettini.

Ficamos parados por alguns segundos, tentando guardar todas aquelas informações e sensações.

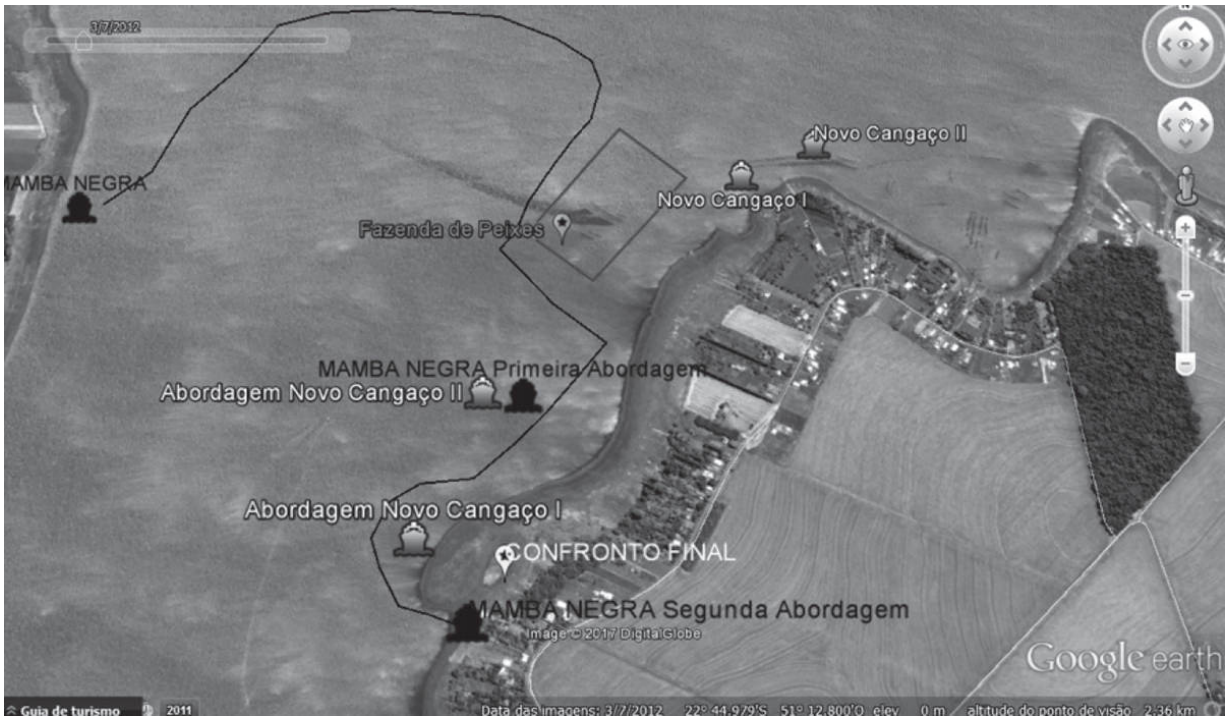
– Que imagem de destruição, Bettini! Corpos para todo lado, na terra, no rio! A visão da lancha na terra!

– Sim, Martin. Para lutar contra os monstros, você precisa se tornar um monstro.

– É verdade.

– O rio está vermelho de sangue.

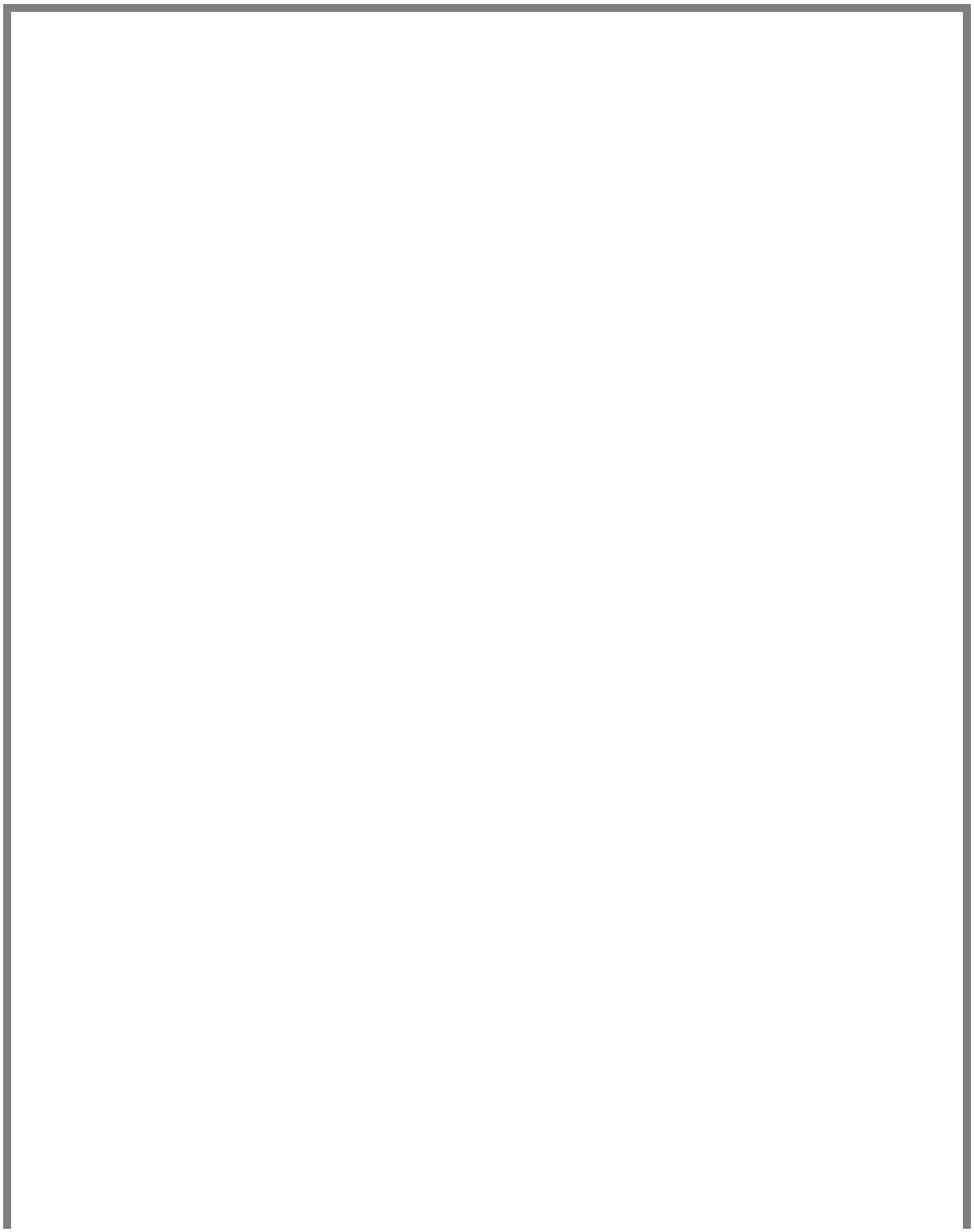
– Sim, está.




Esquema e manobras das abordagens da Mamba Negra aos dois barcos com integrantes do Novo Cangaço.

Equipe da Polícia Federal em solo, com a Mamba Negra fora da água, no local do segundo confronto.

Mamba Negra na barranca da represa. Ao fundo, o pescador exatamente no local onde estava no momento do confronto.



# 15

# FASE PÓS-CONFRONTO

# 15

# Fase Pós-Confronto

Em poucas horas, o “vale de lágrimas”, como passamos a chamar o local dos confrontos, estava repleto de viaturas da Polícia Federal, Polícia Militar, Corpo de Bombeiros, Polícia Civil, além de um rabecão de uma funerária local. Ficamos aguardando a chegada do helicóptero, que nunca aconteceu.

– E o helicóptero, Bettini? Será que vem?

– O pessoal falou que mandaria dois helicópteros, mas conhecendo a aviação policial, não sei não.

– Seria muito útil um helicóptero aqui.

– Com certeza seria…

– É…quem sabe um dia…

– Até lá, vamos nos virando como podemos. Cumprindo nossa missão da melhor maneira possível, com os poucos recursos que temos à disposição.

– É verdade. Temos muito trabalho pela frente até consolidarmos nossa unidade.

– Sim, temos. Em um pouco mais de um ano, revolucionamos a atividade dos NEPOMs. Estamos aplicando a doutrina, os fundamentos éticos, os princípios e os mandamentos das Operações Especiais como poucos.

– E os resultados estão aí, para todo mundo ver.

– Sim, fizemos história, Calixto. Hoje vai ser um dia lembrado por muitos anos na Polícia. Em uma condição de inferioridade numérica, mas sendo fiéis aos princípios das Operações Especiais e aplicando conceitos inerentes às ações não convencionais, como a superioridade relativa, a surpresa, a rapidez e a agressividade nas ações, nós conseguimos subjugar uma fração mais numerosa e mais bem armada do que a nossa.

– E isto ninguém pode tirar de nós.

– Exatamente, este é o nosso legado e isto ninguém nos rouba.

Ouvimos no rádio alguém da PF dizer que o Chefe Carrer e o adjunto Fabiano estavam chegando.

– Chefe Carrer e Fabiano vêm pessoalmente acompanhar a situação aqui.

– Isto é o que eu sempre falo: ter uma chefia assim é o que faz a diferença.

– Verdade.

Meu telefone tocou, era o Dias.

– Parceiro, me conta tudo aí!

– Meu irmão, estou no departamento há 15 anos esperando por este dia. Parece que toda a minha preparação e tudo o que eu treinei foi no sentido de me proporcionar o resultado que tivemos aqui hoje!

– Velho, me conta tudo! Como foi a abordagem?!

Expliquei a ele exatamente como havia acontecido tudo, ou pelo menos como foi a minha visão daquele período de três ou quatro minutos em que se desencadeou aquela sequência de ações e reações, emaranhadas em um turbilhão de acontecimentos caóticos. Ele vibrou muito por telefone. Uma das características do combate, assim como em toda e qualquer situação de forte estresse, é a distorção da percepção do tempo. Ao escrever estas linhas, minha mente teima em tentar me enganar, dizendo-me que se passaram horas desde o momento em que decidimos fazer a abordagem e investimos contra os dois barcos, até a neutralização, por fim, de “Goiano” e Samir. Mas a realidade é que tudo isso não levou uma dezena de minutos.

– Meu irmão, você não tem noção como as coisas estão aqui! A PF toda está querendo saber o que aconteceu aí e como quatro nossos enfrentaram sete vagabundos! Vocês estão de parabéns! Puta que pariu!

– Vocês que estão de parabéns, parceiro! Sem as informações da Inteligência e sem o seu empenho na parte jurídica nada disso aqui seria possível. Eu só tenho a agradecer vocês! Agora eu vejo como minha decisão de vir para Maringá foi acertada! Eu esperava por este confronto desde que entrei na PF!

Conversamos por mais alguns minutos. Falamos de como tudo no serviço havia dado certo e em como as coisas melhorariam no Estado do Paraná e em São Paulo sem aquela quadrilha de assalto a banco. Ele falou do Augusto Pica-Pau, o Augusto Natalino.

– Vocês atiraram no que não conheciam e acabaram acertando o alvo mais importante. O Augusto Natalino, que morreu no confronto, era o inimigo público número 1 do Estado. Esse cara era um demônio!

– Que bom! Isso torna a nossa ocorrência mais especial ainda.

Despedimo-nos na sequência, mas antes, Dias falou que a nossa chefia no Estado do Paraná, o Superintendente Regional, Rosalvo Ferreira Franco, estava muito contente com nossa ação, parabenizando a todos que participaram da operação. O DPF Rosalvo prometeu intensificar o apoio dado ao GEPOM.

Permaneci ali por mais alguns minutos, observando o trabalho dos Bombeiros Militares no resgate do barco naufragado e na remoção dos corpos que boiavam, espalhados por toda a baía.

– Bettini, Chefe Carrer e Fabiano chegaram e estão te procurando.

– OK, Fábio, onde eles estão?

– Estão próximos à Mamba Negra, onde estão os dois corpos.

– OK, vamos para lá.

Caminhei acompanhando a linha da margem da água. A cada pegada meu coturno afundava na lama negra e pegajosa, fazendo com que o ato de caminhar se tornasse lento, pesaroso e cansativo. Pela primeira vez eu sentia dificuldade em caminhar, foi então que me dei conta de que estava cansado. Crec, crec, crec. Antes de afundar até a canela, eu sentia minha bota esmagar as milhares de conchas de caramujos espalhadas pelo chão.

– Malditos caramujos.

Aproximei-me da árvore onde estava o Chefe Carrer. Ele veio à minha direção, me deu um forte aperto de mão e um abraço, apesar de eu estar muito sujo e fedendo mais que um javali.

– Parabéns! Que trabalho lindo! Estou orgulhoso do que vocês fizeram aqui! Isto me faz sentir orgulho de ser Federal.

– Obrigado, chefe! Obrigado por todo o apoio que o senhor sempre nos deu.

Logo à frente estava Fabiano, com seu computador, ouvindo algumas testemunhas. Como sempre, Fabiano trabalhava muito e falava pouco. Ele deixou o que estava fazendo e me cumprimentou com entusiasmo, o que significava muito para um cara que era extremamente contido em demonstrar suas emoções. Fabiano é daqueles caras que você vai gostando mais dele à medida que observa suas ações, já que ele mesmo não consegue expressar seus feitos. Se fosse ele a escrever este livro, o conteúdo seria mais ou menos assim: "fomos lá e fizemos o que precisava ser feito…mas poderíamos ter feito melhor". Crítico ao extremo de si mesmo, nada que ele mesmo fazia estava bom o suficiente. Esse era o resultado de uma criação rígida e voltada para os resultados em torno do Supermercado Zanin, o comércio do pai onde ele passou boa parte de sua infância e juventude trabalhando.

– Você precisa ouvir o depoimento que estou colhendo deste senhor aqui. Ele estava pescando no trapiche. A Mamba Negra parou entre ele e os criminosos. Quando eles atiraram em vocês, os tiros que passavam pegavam perto do trapiche. Ele se jogou no lago para não morrer. Disse que nunca imaginou ver aquilo, que vocês foram verdadeiros heróis, indo para cima dos bandidos que atiravam em vocês daquele jeito.

– Que bom! Esse tipo de depoimento é importante para o processo. Mas nada de heroísmo, só fizemos nosso trabalho, não havia outra coisa a se fazer.

– Você que pensa.

O pescador me cumprimentou. Logo depois, o Chefe Carrer pediu para eu falar tudo o que aconteceu, mostrando os locais de cada ocorrência no cenário. No caminho, Fabiano me contou como ficou a sala da Inteligência nos segundos que antecederam o confronto.

– O Galhardo avisou no grupo de WhatsApp que os criminosos estavam em Alvorada do Sul. Ficou todo mundo agoniado, mas não sabíamos se vocês estavam lá ainda, se haviam retornado para Porecatu ou se encontraram os caras. Acabou que deu a terceira opção. O clima ficou muito tenso, todos com os nervos à flor da pele. Quando chegou o seu áudio

no grupo, o Galhardo se emocionou, acho que todos se emocionaram, foi um momento único!

– Eu queria ter visto isso!

– Hahahahahaha! E eu queria ter visto o que aconteceu aqui!

– Nós tínhamos câmeras prontas, mas não ligamos porque achamos que seria somente uma abordagem sem maiores consequências. Na realidade não achamos que seriam os caras, já estávamos nos desmobilizando para retornar.

– Caralho, Bettini! Que foda!

– Foi, no final tivemos muita sorte. Era o dia da polícia!

– Com certeza! Era o dia da polícia, o dia da sociedade!

Retornamos ao local onde estava concentrada a maioria das viaturas e descobrimos que uma patrulha da Polícia Militar local havia descoberto a chácara onde os criminosos estavam escondidos. Era a chácara 44 e ficava a menos de 500 metros do local do segundo confronto.

– Por pouco eles não chegam no esconderijo! – disse o Chefe Carrer.

– Sim. Se eles chegassem, a situação poderia ter ficado complicada para nós. Assaltar uma edificação, com indivíduos barricados, sem contar com o elemento surpresa, com sete ou oito criminosos armados de fuzil, em quatro, seria crítico.

– Muito crítico.

– Praticamente um suicídio.

Fomos até a chácara 44. Lá havia oito sanduíches, sendo que sete estavam intactos e um havia sido mordido. No local apreendemos farta quantidade de munição de vários calibres, inclusive de fuzil 5,56 e 7,62, três veículos e uma quantidade assustadora de explosivos. Havia cordel detonante NP10, explosivo plástico Pentex 250, pavio e espoletas. A quantidade total de explosivos foi estimada pelos peritos do esquadrão antibomba da PM como suficiente para explodir aproximadamente 25 agências bancárias. As bombas estavam prontas, com as espoletas amolgadas nos pavios e escorvadas na carga principal, que consistia em um "buster" ou reforçador de Nitropenta 10 colocado rente aos petardos de Pentex 250. Ao conjunto da bomba era adicionado um grande ímã de alto-

falante de caixas de som, usando fita isolante. Ao chegar à agência bancária a ser roubada, o grupo arrombava as portas de acesso com o uso de marretas ou simplesmente quebrava as paredes de vidro, entrava e grudava as bombas imantadas nas paredes dos cofres e caixas eletrônicos, acendia o pavio e se afastava até um local seguro. Depois era só retornar e recolher os malotes com o dinheiro.

Alguém apareceu com um pacote de salgadinhos, daqueles grandes e baratos, que chamamos de "mendigão".

– Opa! Até que enfim temos algo para comer! Mendigão!

Eram quase 17h quando o esquadrão antibomba finalizou seu trabalho. Retornamos para a área do segundo confronto onde permaneceram alguns policiais fazendo a segurança do local, enquanto os peritos também concluíam seu trabalho. No caminho, conversava com o Chefe Carrer sobre o rumo que os últimos acontecimentos tomaram.

– A "Sede" deveria saber sobre o que acontece nas "pontas", dar mais apoio. Um trabalho como este tem que ser valorizado…

– Quem sabe um dia as coisas não mudem, não é, Chefe… quem sabe um dia as "pontas" não tenham oportunidade de estar em Brasília…

– Sim, vamos torcer para que isto aconteça um dia, mas não com esse Governo, quem sabe um dia mude isso.

Chegamos à zona do segundo confronto. Havia várias pessoas observando, admiradas, a Mamba Negra, que repousava imóvel em seu leito de barro. Poder se aproximar de um predador indomável como aquela máquina causava fascinação em todos os presentes. A Mamba se deixava observar elegantemente.

– Meu Deus do céu, não consigo imaginar como tenha sido esta chegada de vocês…a Mamba percorreu mais de 20 (vinte) metros fora da água… – disse o Chefe Carrer.

Aproximei-me da nossa companheira, coloquei as mãos sobre ela e agradeci por ter nos conduzido em segurança por entre o "Vale da Morte". Olhei para a "barca", o interior da lancha e pude ver a quantidade de estojos vazios de munições deflagradas no confronto. Um filme rápido passou pela minha cabeça e me lembrei da minha esposa grávida.

– Obrigado, minha amiga…

– Falando sozinho novamente, 01! – disse Fábio, que se aproximou sem eu perceber, sorrindo, como sempre.

– Ele está conversando com a Mamba, Fábio. Hahahahahahaha! – brincou Martin.

– Estou pensando em como vamos tirar ela daqui…

– Com esse tanto de gente aí observando, é só pedirmos ajuda e arrastamos ela para a água novamente. – disse Fábio.

– Bem, se o Engenheiro Civil está falando que dá… eu não vou falar nada. – disse o Martin.

– Será que conseguimos, Fábio? – perguntei.

– Confia, Bettini, confia!

– Tá bom, Martin, se o Fábio e você estão falando…vou confiar. Ei, pessoal, vocês nos ajudam a colocar a Mamba na água novamente? – Gritei, olhando para as pessoas.

Imediatamente todos correram para nos ajudar, disputando um local da borda da Mamba para segurar, empurrando a "Monstra" para dentro da água.

– Vamos levantar a popa dela, pra não danificar nada! – algum cidadão gritou.

– Não podemos estragar a Mamba! Depois do que ela fez por nós, vamos cuidar bem dela, heim! – outro respondeu.

As pessoas seguiram divertidamente naquele trabalho braçal, retribuindo à Mamba um pouco do que ela havia feito por eles. Finalmente, a Mamba estava na água. Todos pararam e, por alguns segundos, permaneceram somente a admirando. Era como se tivessem soltado um perigoso animal selvagem no seu habitat.

– Senhores, nada mudou, vamos embarcar porque vai escurecer e não quero passar outra noite neste lago!

– Bettini, se eu quero que eu me foda, imagina você! – disse o Martin.

– Hahahahaha. – todos riram.

– Atirador de proa pronto! – disse Calixto.

– Retaguarda pronto! – disse Fábio.

Navegador Pronto! – disse Martin.

– Excelente, Senhores! Vou acionar!

– Hélice livre! – gritou Fábio.

– Vão com Deus! – disse o Chefe Carrer.

– Cuidado na estrada, se for preciso, parem para descansar! – completou Fabiano.

– Positivo, Chefe!

Lentamente nos afastamos da margem em direção à calha central do lago, após 100 ou 200 metros, avisei a todos para se segurarem, pois eu "soltaria o cabresto" da Mamba.

– Muito bom, meus amigos, parabéns a todos! Calixto, Fábio e Martin, vocês foram incríveis e tenho muito orgulho e estou honrado de ter combatido ao lado de vocês. Com esta equipe eu iria até o inferno!

– Bettini…

– Fala, Calixto.

– Nós viemos ao inferno.

– Hahahahaha. Boa, Martin! Viemos mesmo. – completou Calixto.

– Então, deixa eu mudar, Calixto… rapaziada, vocês foram "ducaralho" e com uma equipe assim eu iria até no Bar do Brutus, onde o cliente nunca tem razão, para tomar cerveja na conta do Martin, que é delegado e ganha mais!

– Hahahahaha! Essa eu pago com prazer, Bettini.

– Essa não, Martin, essas!

– Hahahahaha.

– Martin, sabe o que você tem mais do que eu?

– Não, Bettini.

– Você tem mais é que se foder! Hahahahaha!

– Bettini, se eu quero que eu me foda, imagina você!

– Hahahahaha.

Pela segunda vez naquele local, fiz o que a Mamba estava me pedindo enquanto “jogávamos conversa fora” e nos divertíamos, e avancei o manete cravando-o todo para frente.

– Eita!!! Hahahahahaha. – festejou Martin.

– Vamos pra casa, senhores!

Chegamos à delegacia eram quase 23h. Descarregamos o equipamento sensível, como armas e optrônicos, e deixamos o que era menos sensível para descarregar no dia seguinte. Estava tudo enlameado, muito sujo e molhado. Já passava da meia-noite quando saí da delegacia. Entrei na pick-up, liguei o som e dirigi de volta para casa escutando “I Apologize” do *Five Finger Death Punch.* Cheguei em casa e entrei pela área de serviço. Antes de entrar, retirei minhas botas enlameadas. Quando abri a porta, meu cachorro pulou em cima de mim, fazendo festa. Fiz carinho na barriga dele e o coloquei para fora da área, para não se sujar com o meu barro. Ali mesmo retirei minhas calças e a gandola. O chão ficou vermelho de barro, a terra “rossa”, vermelho em italiano, que com o passar dos anos foi sendo chamada de terra roxa, encontrada pelos pioneiros italianos, como meu avô, quando colonizaram o norte do Paraná. Coloquei tudo na máquina de lavar, e fui direto para o banheiro tomar um banho quente. Quando saí do banheiro, minha esposa estava fazendo purê de batatas e um bife para mim.

– Boa noite, linda.

– Oi. Estou preparando sua janta, você está com fome?

– Muita, a última refeição que eu tive foi o almoço, dois dias atrás. Depois disso só “obreia” e “melhorado”. Só não sei se estou com mais fome ou com mais sono. Como está a bebê?

– Come primeiro, depois você dorme. Ela está bem, chutando muito a minha barriga. Fiz o ultrassom ontem, o médico falou que ela está bem, no peso, mas ainda está sentada. Aí o obstetra marcou o parto para daqui três semanas. Vai ser cesariana.

– Que bom, está tudo certo então.

– Sim, depois que você descansar, amanhã, tem muita coisa para conversarmos, você precisa tirar um tempo pra se organizar antes de ela nascer. Precisa montar o bercinho dela, tem que lavar o carro por dentro, colocar a cadeirinha dela, muita coisa.

– Amanhã prometo que começo a fazer essas coisas. Acabou. Agora vou tirar férias e ficar por conta da nossa filha até o nascimento.

– Que bom, espero que seja assim então.

– Vai ser.

– Vi a notícia na TV, passou em todos os jornais. Quem estava com você?

– Calixto, Fábio e Martin.

– Só três?

– Sim.

– Vi que foram seis.

– Sim, foram.

– Vocês estavam em quatro?

– Sim.

– Estão todos bem?

– Estão, sim.

– Graças a Deus… Lembre-se que agora tem mais alguém em casa te esperando além de mim e dele (ela olhou para o cachorro).

– Eu sei.

– Eu confio em você, só me preocupa o que pode sair do seu controle.

– Não sou eu que controlo as coisas, linda, Ele controla.

– Sim, mas às vezes acho que você dá muito trabalho para Ele poder cuidar de você.

– Ele gosta dos guerreiros, linda, é só ler a Bíblia que está lá. Alguém tem que fazer o meu trabalho.

– Sim, mas lembre-se que você não é só trabalho, tem sua família também.

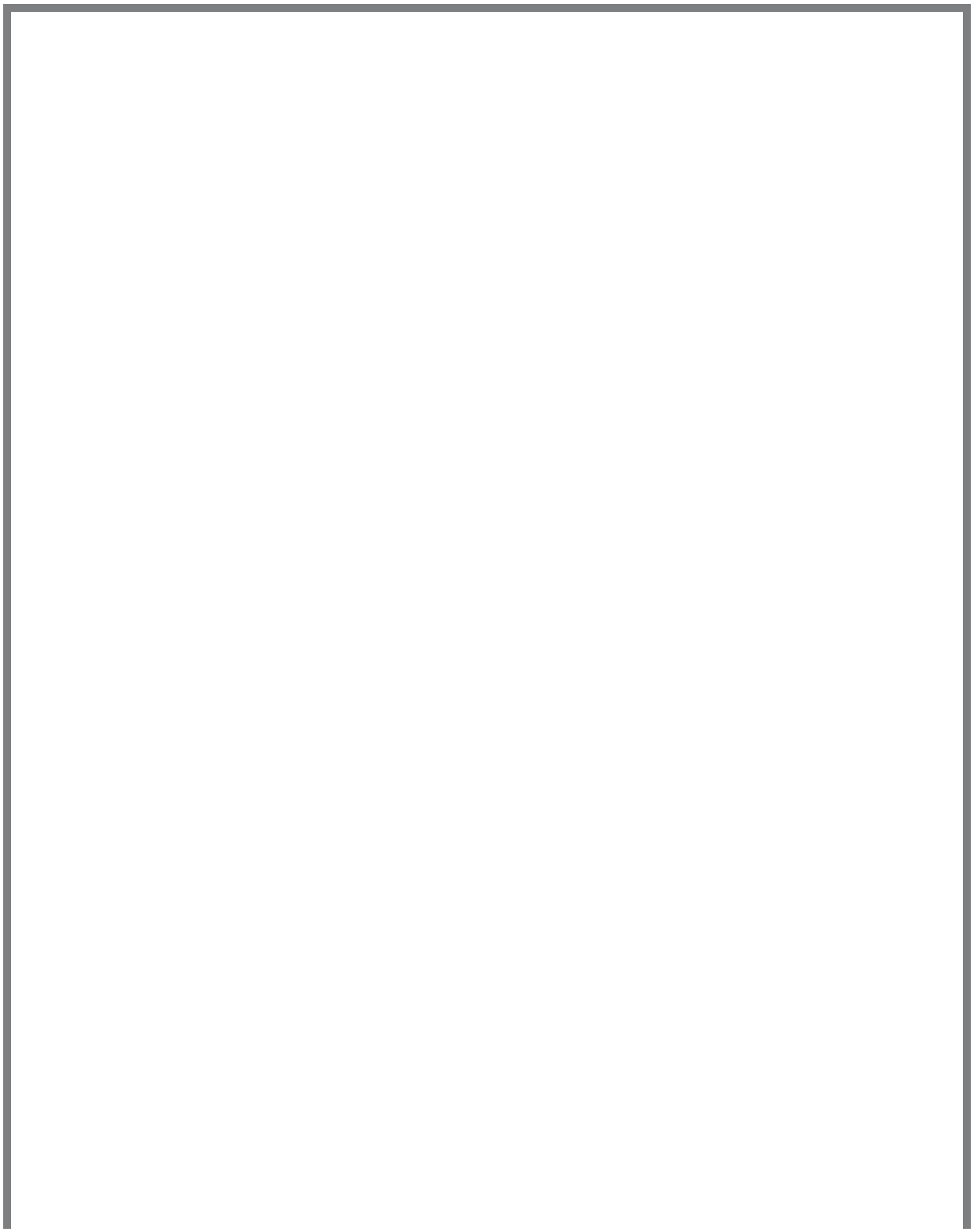
– Eu nunca me esqueço disso.

– Às vezes não parece.

– Tem cerveja? Quero tomar uma antes de jantar.

– Sim, tem aquela de trigo que você gosta.

Tomei o primeiro copo de cerveja e adormeci no sofá. Ela me chamou para jantar. Com dificuldade, levantei-me e cambaleei até a mesa, comi e fui me deitar, não lembro como. Acho que adormeci antes de deitar na cama.



# 16

# O GRANJEIRO

# 16

# O Granjeiro

Dia seguinte ao confronto, sábado, 8 de abril de 2017, 11h.

– Bettini! Seu telefone está tocando faz quase uma hora.

Abri o olho e por alguns instantes não sabia onde eu estava. Olhei para o lado e vi minha esposa em pé, ao lado da cama. Ela só me chama de Bettini quando está brava comigo, ou quando está conversando com pessoas do meu trabalho, que não sabem meu primeiro nome, para evitar confusão. Mas em casa não é normal, geralmente, quando ela me chama assim, é confusão. Por outro lado, se usa o "Du" ou o "Edu" está tudo bem, se as coisas estão estranhas ou se eu fiz algo errado que geralmente nem sei o que é, ela me chama de Eduardo. Neste caso, serve como um alerta, é melhor eu checar o que não está bem, pode ser que evolua para Bettini, aí é encrenca na certa. O telefone continuava tocando. Ela gesticulou e falou mais lentamente.

– Seu te-le-fo-ne, está tocando! É da delegacia.

Olhei para o outro lado e estabeleci contato visual com o inimigo. Estiquei o braço e o agarrei, com um misto de raiva e confusão mental.

– Pronto!

– Bettini, é o Fabiano, desculpa estar ligando assim, insistentemente, mas mandei mensagem no WhatsApp e imaginei que você estivesse "desmaiado", dormindo.

– Está tranquilo Fabiano, manda! (sempre que o Fabiano me ligava era serviço bom).

– É o seguinte, temos dois mandados de busca e apreensão para cumprirmos e precisa ser hoje. Ontem, na correria, acabamos não cumprindo os mandados na chácara do Pablo e na outra granja que vocês levantaram que ele frequentava.

– A essa altura se ele tivesse algo lá já deve ter "dado fim".

– Sim, também acho isso, mas precisamos cumprir os mandados.

– OK, estou indo para a delegacia. Vai que esse cara dá uma bobeira, nós pegamos ele.

– Isso, temos o Mandado de Prisão dele, além dos dois Mandados de Busca e Apreensão.

– Em trinta minutos estarei na delegacia.

– Certo, vai o delegado Catto e o escrivão Passolongo com vocês. Quem mais pode ir?

– Os de sempre: GEPOM, ou seja, eu, Fábio e Calixto mais o Vicentini, Kenji e Cassemiro. O Rômulo foi visitar sua família ontem e o Cidinei continua na licença para tratamento de saúde por conta do tiro que tomou na perna.

– Cara, eu sei que vocês estão acabados, moídos com a situação de ontem, mas precisamos finalizar isso.

– Lógico, Fabiano, estamos aí para isso. Vou tomar um banho aqui, comer alguma coisa e partir para a delegacia.

– Beleza.

Levantei-me e fui até a cozinha. Meu cachorro veio fazer festa para mim. Parecia que não me via há meses. Mas eu não o via somente pelo tempo que dormi, umas nove ou dez horas, talvez mais.

– Bom dia.

– Bom dia. Vai querer tomar café ou vai almoçar?

– Vou tomar café, se puder fazer uma tapioca “completona” para mim, com queijo, presunto e ovos, um suco e café com leite…

– Assim você não vai conseguir almoçar.

– Não vou poder almoçar, tenho que voltar para a delegacia, tem trabalho para nós.

– Que absurdo! Você não tem a mínima condição de voltar para delegacia, não pode sair para trabalhar assim! Faz mais de uma semana que está virando noite direto. Você viu o estado que chegou em casa ontem?! Eu vou filmar o jeito que você chega em casa! Só assim para você acreditar que está ficando velho pra isso!

– Então, eu sei, eu gostaria muito de ficar em casa, passar o sábado todo dormindo e comendo, mas não posso, tenho que trabalhar.

– Isso está errado!

– Está bem, quando eu voltar nós conversamos a respeito, mas agora preciso ir, vou tomar um banho e me trocar.

Uma das características que mais admiro na minha esposa é que ela não guarda rancor. Fica irritada comigo, com estas questões do trabalho, da ausência e das faltas que cometo como marido e pai, com minhas constantes faltas por conta do trabalho, mas ela não fica "remoendo" as coisas, nem valorizando demais sentimentos ruins. Fala o que tem para dizer, fica irritada por alguns minutos, mas é o tempo de um banho e parece que já se esqueceu de tudo. Voltei à cozinha, já pronto para sair.

– Toma seu café com calma, então. Parti mamão para você também.

– Obrigado, linda, estou com muita fome.

– Lógico que está! Passa duas semanas correndo atrás de vagabundo, sem comer e sem dormir, chega em casa mais de meia-noite e nem doze horas depois já está saindo novamente! Você não é mais garoto! Seu corpo não é mais o mesmo de quando fez o curso do BOPE ou de quando lutava MMA! Você precisa descansar!

– Eu sei, princesa, só mais esse serviço e vou descansar. Estou cansado de tudo isso.

– Está nada, Eduardo, você está cansado fisicamente, mas se ficar em casa e dormir uns dois dias fica louco novamente, você adora esse seu trabalho!

– Não gosto não, estou cansado desse trabalho.

– Está nada!

– Estou sim, eu quero lidar com a roça novamente.

– Não quer não, você quer fazer exatamente o que você faz.

– Não quero não.

– Come sua tapioca, senão esfria.

– Faz uma doce também?

– Do quê?

– De queijo minas com doce de leite, pode ser?

– Tudo bem. Vou te falar viu…

Terminei o desjejum, dei um beijo nela, acariciei nossa filha dentro da barriga da mãe ainda, joguei um biscoito para meu cão e saí.

– Ela está certa, adoro esse trabalho, essa delegacia e esses caras… – Falei alto, sozinho, ainda no elevador.

Pouco menos de 15 minutos depois eu estava chegando à delegacia. Fui direto para a sala do GEPOM e fiquei desanimado ao ver a situação de nosso equipamento. Estava imundo. Havia lama preta colada em tudo. Havíamos deixado o ar condicionado ligado, mas mesmo assim estava tudo muito úmido. Meu fuzil, o "Bebezão" estava em cima da minha mesa, fiquei com pena de ver o seu estado. Aproveitei que os outros integrantes da equipe ainda não haviam chegado e o desmontei, lambuzando com Wd40 todas as suas peças, tanto por dentro como por fora.

– Depois eu te limpo, Bebezão, por enquanto vou te deixar de molho no óleo.

– Falando sozinho novamente, 01?

– Conversando aqui com meu amigo Bebezão, Calixto.

– Hahahaha. Isso pode evoluir, hein!

– Com certeza vai evoluir. Hahahaha.

– Sabe quem vai conosco?

– Catto, Passolongo, Fábio, Cassemiro, Kenji e Vicentini.

– Vamos em quantas viaturas?

– Então, pensei em três.

– Quais?

– Vamos na Ranger, na Amarok e na Triton.

– OK.

Aos poucos os outros integrantes foram chegando à delegacia. Antes de sair fizemos um *briefing,* em que passei por meio das imagens de satélite a posição das duas granjas e os detalhes que eu e Bueno havíamos obtido no reconhecimento, três dias antes, na quarta-feira.

– Fábio, você leva o drone. Será importante para observamos a situação no caso de fuga, principalmente.

– OK.

– Quando chegarmos próximos à granja, vamos entrar em uma estrada vicinal, de terra, bem aqui. Paramos e daqui para frente o Fábio vai pilotando o drone. Vamos nos dividir em três equipes para fazer a abordagem, cada viatura vai em direção a um ponto. A Triton para na porteira, que tem um cadeado, arromba-o e mantém a segurança no local. A Ranger vai direto para a casa do Pablo, e a Amarok vai para essa outra casa aqui, mais no fundo da propriedade. Não sabemos quem mora ali, nem se mora alguém, mas tudo pode acontecer, e o próprio Pablo pode se esconder em outra edificação dentro da granja. Temos uma fotografia dele aqui, é bom que todos observem, vou passar todos esses dados para um grupo de WhatsApp que vamos criar logo após o *briefing,* com todos os dados da missão.

Passei mais alguns dados sobre o itinerário, algumas observações sobre a vegetação local e a probabilidade de não encontrarmos mais ninguém na chácara, por conta do nosso atraso em cumprir os Mandados de Busca e Apreensão e Prisão, muito tempo após o confronto com os outros integrantes da quadrilha. Havia um clima de "fim de festa" entre os integrantes da equipe, principalmente entre os três que haviam participado do confronto no dia anterior, eu inclusive. Estávamos muito cansados e sem nenhuma vontade de passar a tarde na estrada para tentar prender alguém que provavelmente nem estaria mais no local. Mas missão não se discute, cumpre-se. Chegamos a Jaguapitã, uma cidade prosaica do norte central do Paraná com pouco mais de 12 mil habitantes e com uma economia essencialmente agrícola. Eu conhecia bem o lugar, pois três dias antes, na quarta-feira, havia passado várias horas tentando localizar a granja de Pablo, junto com Bueno.

– Atento, todas as viaturas, estamos a menos de 700 metros do objetivo, vamos virar à direita em uma estrada rural e parar uns 500 metros pra dentro. Golf 04 – que era o Fábio – prepare o drone. Vamos manter mais distância entre as viaturas a partir daqui.

– Golf 04 ciente. – respondeu Fábio.

Nosso designativo era um número, dado a cada um de acordo com a antiguidade e hierarquia dentro da equipe, acrescido da palavra “GOLF”, em referência, no alfabeto internacional, a letra “G”, inicial da palavra GEPOM. Após pouco mais de 500 metros, fizemos o retorno em uma entrada de fazenda e paramos logo adiante, já no sentido da granja. Fábio adiantou-se e começou a preparar nosso drone para o voo.

– Drone pronto, 01!

– OK, podem embarcar, vamos para a ação no objetivo.

Todos embarcaram e partimos em direção ao nosso alvo, atravessamos a estrada asfaltada e entramos direto, à esquerda da pista principal, entrando em uma estrada de terra, novamente. Minha viatura, a Ranger, passou pela porteira e seguimos em direção à casa onde acreditávamos que Pablo morava. A segunda viatura, onde seguia Calixto, o Golf 02, parou na porteira. A equipe rompeu o cadeado com um alicate de corte e manteve a posição no local, bloqueando o acesso à granja. Permaneceram na vigilância sobre os dois barracões de frango. A terceira equipe, onde seguia Vicentini e os demais, seguiu em direção a outra casa, no fundo da granja.

Paramos a viatura e partimos, rapidamente, em direção à casa de Pablo, que estava fechada. Arrombamos a porta principal e fizemos uma entrada tática, mas não havia ninguém ali.

– Equipe Alfa. Limpo aqui. Alvo não localizado e objetivo vazio.

– Equipe Charlie. Limpo aqui. Alvo não localizado e objetivo não habitado e vazio.

– Equipe Bravo. Ninguém no visual.

– Bravo, avance para os barracões.

– Charlie, avance para a posição de Bravo e cubra a entrada da granja.

– Bravo ciente.

– Charlie ciente.

– Golf 04, informe situação.

– Nada no visual do “Pássaro”.

– Ciente.

Partimos para a fase seguinte do assalto tático, a varredura.

– Encontrei aqui!

Durante as buscas, o delegado Catto vistoriou um barril azul de plástico. Em seu interior, encontrou cordel detonante NP-10, espoleta número 8 e pavio, tudo em quantidade abundante. Havia ainda várias roupas e equipamentos, como balaclavas e luvas.

– Boa, Catto!

Havia outro barril maior. Procuramos algo em seu interior, mas estava vazio. Tanto no barril menor, que estava com os explosivos, quanto no maior, havia barro colado em toda a sua área externa.

– Estavam enterrados. Este maior devia estar com as armas e o outro com os explosivos. – sugeriu Catto.

– É verdade. – concordei.

Continuamos a varredura no interior da residência.

– Arma! Encontrei uma arma aqui!

– Boa, Kenji!

– É uma Winchester calibre .22.

– Excelente, já estamos com nosso flagrante em cima desse filho da puta, com armas e explosivos. Deve ter mais por aí, talvez enterrado na chácara ou na granja.

– E onde será que esse merda está? – perguntou Catto.

– Eu acho que ele deve ter ficado sabendo do que aconteceu em Alvorada do Sul e deve ter metido o pé, esse filho da puta. – respondi.

– Atenção, todas as equipes! Um Sandero preto acabou de retornar na entrada da granja! – alertou Golf 04.

– Coloca o "Pássaro" para acompanhá-lo, 04!

– Estou tentando, mas ele está muito rápido e eu estava sobrevoando a mata no fundo!

– DDD!

Significa Distância, Direção e Descrição do alvo. Com esse mnemônico passamos as informações essenciais para uma perseguição. Eu já estava correndo até a viatura, juntamente com Catto. Entramos e saímos em alta velocidade.

– Sandero Preto, 1000 metros à sua frente, tomou direção norte, sentido Jaguapitã.

Saímos derrapando da estrada de terra e entramos no asfalto, já estávamos a uma velocidade de 180km/h.

– Vamos alcançá-lo! Dessa "vtr" ele não escapa.

Percorremos rapidamente o trecho entre a granja e logo estávamos chegando a Jaguapitã, o velocímetro marcava 200km/h.

– Não é possível! Com esse carro e com somente 1km de vantagem ele não poderia ter ido tão longe, pegaríamos ele antes.

– Não mesmo, é impossível.

– Ele deve ter entrado em alguma vicinal.

– Sim, provavelmente. Vamos voltar e procurar?

– Vamos, é nossa única opção. Mas é estranho que tentei observar poeira ou rastros de veículos entrando em alta velocidade nas entradas pelas quais passamos e não vi nada.

– Estranho mesmo.

Informamos, via rádio, que não havíamos encontrado o suspeito. Os outros policiais continuaram na chácara. Passamos mais de duas horas percorrendo as estradas da região.

– Atento, Golf 01.

– Prossiga, Golf 02.

– Aqui está tudo limpo. A única coisa estranha é que no barracão de cima não tem frango, tem uns 30 cachorros presos e muita pulga.

– Coisa estranha.

– Sim, muito estranha.

– Ok, 02, pode cumprir o "MBA" na outra granja.

– Positivo, equipes Bravo e Charlie deslocando.

Alguns minutos mais tarde, Kenji entrou em contato via celular, pois o rádio não estava funcionando na distância em que estávamos das outras equipes. Apesar de não integrar o GEPOM oficialmente, Kenji era uma espécie de "agregado" do GEPOM. Seu profissionalismo, sua personalidade calma e seu equilíbrio emocional o colocavam entre aqueles colegas da

delegacia que desejávamos que ombreassem conosco no GEPOM. Nós o assediávamos constantemente para que fosse oficialmente para a unidade. Kenji, Catto e eu continuávamos procurando em todas as estradas da região.

– Bettini, o Sandero está aqui, vazio. Ele veio para cá.

– Estamos indo para aí!

– Que estranho, Catto! O Sandero foi para o outro lado, para o sul! Não o alcançamos porque viemos para o lado errado!

– Como pode ter sido isso? Será que ele voltou?

– Pode ter feito uma manobra que o "Pássaro" não conseguiu visualizar.

– Só pode.

– Que azar! Filho da puta!

Em 15 ou 20 minutos chegamos a outra granja. Até então não sabíamos exatamente o que estava acontecendo. O pessoal da granja poderia ser da quadrilha, poderiam haver armas e explosivos escondidos, enfim, havia mil hipóteses da relação da segunda granja com Pablo. O que percebemos no dia do reconhecimento, na quarta-feira, era que o Pablo foi até essa segunda granja e passou muito tempo lá. Era estranho, na véspera do assalto, um integrante da quadrilha que era o responsável por armazenar as armas e explosivos passar tanto tempo assim em outra granja. Sabíamos, ainda, que o bando do Novo Cangaço também utilizava a granja de Pablo para se reunir antes ou após os assaltos e que poderia, além de guardar as armas, munições e explosivos, esconder o dinheiro que obtinha com o assalto no local. Àquela altura dos acontecimentos, essa parte da investigação estava obscura ainda, nada estava claro para nós. Tínhamos somente algumas suspeitas e muitas dúvidas. O fato era que Pablo havia fugido para a segunda granja, evidenciando ainda mais que aquele era um local utilizado pela quadrilha. Dirigi a viatura em alta velocidade pelo "carreador" estreito da pequena propriedade. Ao me aproximar com o veículo, observei que havia três homens com os policiais, dois negros e um branco. Um outro, um velho de baixa estatura, estava com outro grupo de policiais. Freei bruscamente a viatura. Mal ela havia parado, eu já estava descendo.

– O que essa porra desse carro tá fazendo aqui?! – perguntei irado, olhando para os três homens.

Ficaram todos mudos.

– Você! – apontei para o branco e magro que estava mais à esquerda – Você mora aqui?!

– Não, senhor…

– É o Antônio que mora aqui, 01. Ele é amigo do Pablo, que deixou a chave com ele.

– Quem é Antônio?! – falei, o tom de voz estava alto, quase gritando.

– Sou eu. – disse um dos homens negros, o mais baixo, novo e forte.

– Vem aqui! – chamei-o até próximo da minha viatura. – Fala aí espertão! O que a porra do carro do vagabundo do Pablo está fazendo com você?!

– Ele deixou aqui, senhor.

– Por que ele deixou aqui?! Você o conhece de onde?! Você rouba bancos também, "camarada"?!

– Não, senhor, eu só trabalho aqui. Eu conheço ele da igreja…

– Da igreja não é, seu camarada! Vamos levar você preso para deixar de ser burro . Seu mentiroso!

O homem ficou quieto, não disse uma palavra. Somente me olhava. Eu respirava ofegante. Aquela história já estava me irritando. Eu estava há vários dias longe de casa, cansado, lutando contra o estresse e o que eles sabiam fazer era mentir e enganar o tempo todo.

– Posso falar com o senhor?

– Não! Seu mentiroso!

O homem abaixou a cabeça.

– Quem é o dono aqui? Eu quero saber para onde ele foi! Ele entregou a chave para quem? Onde ele está?

Caminhei até o velho e fiz a mesma pergunta que havia feito antes aos três homens.

– Eu não sei por que ele deixou o carro aqui. Só parou o carro, deixou a chave com a esposa do rapaz que trabalha aqui e saiu ali pelo pasto. Eu estava consertando uma cerca da divisa e ele só passou por mim, apressado.

– Quer dizer que o cara vem, deixa o carro dele na sua propriedade, sai apressado e você nem se preocupa em saber o que estava acontecendo?!

– Não, não me preocupei.

– Então é normal os outros deixarem o carro na sua propriedade?!

– Não, não é.

– Então, porque não perguntou?!

– Eu não sei.

– Vocês são todos uns mentirosos! Ficam protegendo esses vagabundos! Os comparsas dele explodiam dois bancos por mês! Depois vocês ficam choramingando quando as coisas acontecem com vocês! Nós vamos revirar a sua propriedade! Vamos deixar ela de cabeça para baixo!

Saí de perto dele resmungando.

– Idiotas! – falei comigo mesmo.

Voltei para os outros três.

– Então, posso falar com o senhor? – falou comigo novamente o rapaz negro, em seu olhar senti que estava constrangido.

Respirei profundamente e aguardei uns cinco segundos, na intenção de me acalmar. Daquele jeito percebi que não conseguiria chegar a lugar nenhum.

– Pode. – falei, um pouco mais calmo.

– Eu conheço o Pablo da igreja. Frequentamos a mesma igreja. Eu vim da Bahia, com a minha família há pouco mais de dois anos. Desde que cheguei, conheci o Pablo. Ninguém da igreja acha que ele é um bandido. Se o senhor me explicar o que ele fez, eu vou tentar ajudar o senhor. Mas eu trabalho aqui, não tenho nada a ver com coisa errada que o Pablo fez. Eu moro aqui com minha família, minha esposa e meus dois filhinhos.

– Então, como foi? Para onde ele foi depois de deixar o carro?

– Ele não falou comigo, não, senhor. Ele chegou aqui, parou o carro e deixou a chave com a minha esposa, lá em casa. Ele também a conhece da igreja. Depois ela falou que ele subiu direto aí pelo carreador. O seu Mauro, o dono da propriedade, falou que viu o Pablo passando por ele no pasto.

Continuei olhando para ele.

– É verdade, seu policial. Nós não sabemos de nada do Pablo. Ele sempre vem aqui, é uma pessoa normal, nós estamos surpresos por tudo isso que vocês estão falando. Ele toca uma granja, igual a nós, vive aqui. Hoje mesmo ele nos levou e também o Pastor da igreja para conhecer uma cachoeira aqui perto. Ele conhece essa região toda aqui. Praticamente todo dia ele vem aqui. Às vezes ele nos dá carona para o culto. Mas se o senhor quiser, nós o ajudamos a achá-lo. Não somos pessoas ruins, somos do bem. Se ele fez algo errado, nós queremos que ele pague por isso.

– Qual o seu nome?

– Antônio.

Percebi que eu havia cometido um erro, na realidade dois erros. Aquele homem parecia estar dizendo a verdade. Após vários dias envolvido naquele ambiente de maldade, mentira e desgraça, cansado e com fome, eu já estava com dificuldade em avaliar corretamente a situação. Respirei profundamente, buscando novamente meu equilíbrio, tentando me acalmar. Olhei para o senhor que eu havia ofendido há alguns segundos e lembrei-me do meu pai. Assim como ele, meu pai havia sido um agricultor. As roupas velhas, puídas e sujas, o rosto enrugado e o olhar sincero me fizeram sentir remorso. O mais jovem, Antônio, sempre muito educado e com o mesmo olhar sincero. Senti-me um idiota.

– Antônio, meu nome é Bettini. – falei calmamente. – Esse cara faz parte de uma quadrilha extremamente perigosa, alguns dos comparsas dele morreram ontem. Dos que estavam na ação, só sobrou um fugitivo e outro que estava no apoio, ao que tudo indica. Sabemos que parte da quadrilha ainda está solta. Nós precisamos pegar esse cara, tirar ele de circulação.

– Sim, entendo, policial, eu vou ajudar o senhor no que eu puder.

– Você falou de um Pastor.

– Sim, o Pastor que tem o telefone dele, eles sempre conversam. E tem a namorada dele também, ele fala com ela direto. Ela é uma menina boa, da igreja, começaram a namorar este mês.

– Você sabe onde ela mora?

– Acho que eu consigo chegar lá, sim, fui uma vez com ele deixar ela em casa depois do culto.

– E o Pastor?

– Esse é fácil, é só ir na igreja que falamos com ele.

– OK, vamos lá, então, mas antes vamos ajustar as coisas por aqui, ok?

– Sim, senhor.

Caminhei até o velho.

– O senhor me desculpe, viu.

Ele me olhou, os olhos cansados se encheram d'água. Lembrei-me de meu pai novamente. Apesar de ele não se lembrar de praticamente mais nada ultimamente, sempre que eu olhava em seus olhos parecia que ele se lembrava de quem eu era.

– Nós estamos há vários dias atrás desses caras, ontem tivemos um confronto com seis mortos, não descansamos e não nos alimentamos corretamente há mais de uma semana. Eu não sabia quem era o senhor, que era uma pessoa de bem, ninguém tem cara, não dá para saber quem é bandido ou não, eu me exaltei com o senhor… por favor, me desculpe.

– Tudo bem, filho, percebi que você estava muito nervoso, não tem como vocês saberem quem é quem mesmo.

– Sim, espero que o senhor me compreenda, me desculpe novamente.

– Tudo bem, eu entendo.

Senti-me mal em ter cometido dois erros tão graves em minha avaliação. Retornei e conversei com os outros colegas sobre a questão do Pablo.

– Vamos chamar o pessoal do Canil do Choque da Polícia Militar de Maringá.

– Mas eles virão até aqui?

– Sim, virão.

Peguei o telefone e fiz contato com o tenente que chefiava o grupo à época.

– Rodrigues!

– Fala, parceiro.

– Estamos precisando de um apoio aqui em Jaguapitã, parceiro. Tem um fugitivo que abandonou o carro e "caiu no mato". Precisamos rastreá-lo.

Está escurecendo e, sem os cães, não conseguiremos.

– OK, estamos indo para aí.

– Valeu, parceiro!

– Ah! Outra coisa, não se esqueça de preservar o veículo aí para o cão poder encontrá-lo.

– Tudo bem, temos roupas dele usadas, que estavam na casa. Estamos com elas aqui, coloquei tudo em um saco plástico, usamos o próprio saco para apanhá-las diretamente do cesto de roupa suja no banheiro. Não vai faltar cheiro dele para os cães!

– Excelente! Vamos pegar esse filho da puta.

– Boa!

Desliguei o telefone e fui direto para a viatura. Catto veio ao meu encontro.

– Você acha viável falar com a namorada?

– Não sei, nem sei se vamos conseguir encontrá-la.

– É, e talvez ela não coopere.

– Sim, mas o não nós já temos, Catto. Em breve o pessoal do Canil chegará. Se nós não tivermos voltado, o Calixto está com o saco de roupas do Pablo. Podem começar a procurar sem nós, mesmo. Acho interessante, ainda, esconder as viaturas e o pessoal ficar em algum lugar fora da visão de quem chega. Esse cara pode ser burro o suficiente para achar que nós fomos embora. Se ele voltar para pegar o carro, vocês pegam ele.

– OK. Boa sorte lá.

Entramos no carro e partimos, eu e Antônio. Estávamos em poucos no local e os colegas estavam fazendo buscas em propriedades vizinhas, seguindo a direção que seu Mauro havia indicado que Pablo havia seguido. Tecnicamente, aquilo não era certo e eu sabia, mas estávamos em poucos policiais, a situação havia evoluído muito e eu tinha que tomar uma decisão, fui sozinho com ele.

Em pouco mais de 10 minutos, estávamos chegando à igreja. No caminho, fomos conversando. Antônio era um cara legal, gostei dele. Parei a viatura branca descaracterizada na porta. Antônio entrou e, pouco tempo depois, estava saindo com o Pastor.

– Boa noite!

– Boa noite, Pastor, meu nome é Bettini, sou agente da Polícia Federal. O senhor conhece esse camarada aqui? – mostrei a ele a foto de Pablo em meu celular.

– Conheço, sim, estivemos com ele ontem, ele frequenta a minha igreja. Aconteceu algo com ele?

– Na verdade, sim, agora ele é um foragido da Justiça. O senhor ficou sabendo de um tiroteio entre a polícia e ladrões de banco em Alvorada do Sul, ontem pela manhã?

– Fiquei, sim, policial. Ontem todo mundo estava comentando sobre isso aqui na cidade. Não faz muito tempo, tivemos um desses assaltos aqui e as pessoas comentam muito quando acontece esse tipo de coisa.

– Pois é, o Pablo faz parte da quadrilha que confrontamos em Alvorada. Ele é bem ativo, realiza várias tarefas de grande importância na organização criminosa. Temos que prendê-lo.

– Nossa! Eu nunca imaginaria isso, não dele!

– Sim, já ouvi isso de outras pessoas… – olhei para Antônio, que estava olhando para mim.

– Ele não aparenta ser uma pessoa violenta, muito pelo contrário, muito calmo, educado, bem reservado.

– Sim, pelo que estamos ouvindo dele, acredito que seja um psicopata. Uma pessoa com vida dupla.

– Meu Deus! Que perigo!

– Sim. Preciso que o senhor me ajude a pegá-lo.

– Me diga o que é preciso fazer e eu farei.

– Se o senhor puder entrar em contato com ele, perguntar onde ele está ou tentar se encontrar com ele…

– Sim, farei isso! Agora mesmo!

– Obrigado, Pastor.

Ele pegou o telefone, digitou alguma coisa, mas, antes de enviar, olhou para mim novamente.

– Vocês não vão matá-lo, não é?

Olhei para ele. Normalmente, ficaria furioso com esse tipo de pergunta, mas já havia me irritado demais e cometido alguns erros de julgamentos naquele dia.

– Depende, Pastor, isso vai depender dele. No meu trabalho temos um ditado: “Arma na mão, corpo no chão”. Se ele vai ser pego vivo ou morto só depende da vontade dele, não da nossa.

– Tudo bem, policial, é só para ter certeza, me desculpe pela pergunta.

– Não precisa se desculpar, eu entendo a sua preocupação.

– Sim, para nós, policial, não existe pecado que não possa ser reparado pelas mãos de Deus. Mas para que isso aconteça é preciso que se siga a lei do homem. Ele vai ter que pagar tudo o que deve para a Justiça, mas nós não iremos abandoná-lo.

– Eu entendo. Vivemos em outra dimensão, Pastor. O senhor tem fé no homem, eu não tenho mais. Acredito, porém, que Deus tenha um plano para todos nós, mas não os vejo como parte desse plano. Para mim, eles são desviados do caminho, só isso, e precisam ser contidos ou aniquilados, dependendo da maneira como agirem. “Quem pela espada vive, pela espada morrerá.”

– Mateus, 25:52. Vejo que o senhor é um homem de fé, policial.

– Já tive um dia, Pastor.

– Sim, imagino como deve ser difícil seu trabalho e como a proximidade com essas atrocidades endureçam os corações dos senhores. Mas tenho certeza que tudo dará certo. Nós não vamos desistir do Pablo e tenho certeza que ele voltará para Deus.

– Como eu disse, Pastor, respeito sua fé, mas não acredito que todo homem tenha bondade dentro dele. Alguns são só maldade, esse aí é um desses.

– Nada é impossível para Nosso Senhor.

– Amém, Pastor.

– Ele não está respondendo, sequer está visualizando as mensagens.

O Pastor ainda tentou ligar algumas vezes, mas o telefone de Pablo estava desligado.

– Telefone desligado. Mas pode ficar tranquilo, policial, ele vai me retornar, com certeza.

– OK, fique com meu número de telefone então, se ele entrar em contato por favor me avise. Mas não deixe ele saber que estamos atrás dele, ok?

– Com certeza, pode deixar.

– Obrigado e boa noite para o senhor.

– Obrigado, policial, que Deus abençoe o senhor e os seus companheiros na batalha de vocês.

– Amém.

Entramos na viatura.

– E agora, Antônio, você dá conta de me levar até a casa da namorada?

– Acho que eu dou conta, sim, senhor.

– Me chame só de Bettini, não precisa senhor nem policial, só Bettini.

– Sim, senhor.

– Só Bettini, Antônio.

– Tudo bem, Be-Bettini.

– Isso, melhor assim.

Ele foi me mostrando o rumo e lembrei-me do lugar, pois havia rodado pela região na quarta-feira, durante o reconhecimento com o Bueno. No caminho, conversamos sobre o trabalho dele, sua vinda para o Paraná, como foi deixar a família no interior da Bahia etc. Antônio era um cara trabalhador, uma pessoa honesta e quanto mais eu conversava com ele, mais me sentia mal por tê-lo tratado tão mal na minha chegada no sítio.

– Eu acho que é naquela rua ali.

– Na próxima?

– Não, na outra.

– À esquerda ou à direita?

– Deixa eu ver, acho que à direita…peraí. Não sei, eu vim com ele apenas uma vez trazê-la, depois do culto…não, é à esquerda!

– Pronto, esquerda. Você lembra a casa?

– Pode subir, lembro que é bem no final da rua.

– OK, vai falando quando você achar a casa parecida, vamos perguntando.

– Acho que é essa aqui…

– Essa, de portão amarelo?

– Peraí…não, nós passamos, é aquela lá atrás, de portão de ferro marrom.

– OK, vou dar marcha à ré.

– Acho que é essa aqui.

– Essa?

– É essa! Olha lá! Aquela é a namorada dele!

– OK, você lembra o nome dela?

– Acho que é Maria ou Mariana.

– Tudo bem, bom trabalho.

Desci da viatura e bati palmas. Pude ver, ainda da viatura, através da janela da cozinha, que a namorada de Pablo deveria ser a mulher que estava fazendo comida. Ela olhou pela janela.

– Boa tarde, senhora.

– Boa tarde.

– Polícia Federal, posso falar com a senhora?

Ela saiu da casa, desconfiada.

– Pois não. Aconteceu alguma coisa?

– A senhora é namorada do Pablo?

– Sou, sim.

– E a senhora sabe onde ele está agora?

– Não, não sei…mas o que está acontecendo?!

– Senhora, o Pablo está na casa?

– Não, só estou eu e meu filho, se o senhor quiser, pode entrar… mas o que aconteceu com o Pablo? Ele está bem?

– Senhora, o Pablo é um criminoso foragido da Polícia Federal. Ele é integrante de uma quadrilha de assaltantes de banco. A maioria dos

comparsas dele morreu na ação de Alvorada do Sul ontem, horas após assaltar o banco em Cruzália, São Paulo, mas outros ainda estão nas ruas.

– Mentira! Não pode ser!

– Infelizmente é verdade.

– Meu Deus! Como pode ser uma coisa dessas?

– Sim, e a participação dele na quadrilha era efetiva, ele sabia exatamente o que fazia.

– Meu Deus! E meu filho! Ele vinha na minha casa!

– A senhora pode nos ajudar?

– Sim, eu vou ajudá-los. Ele vai se entregar, eu sei que ele vai.

– Precisamos que a senhora fale com ele. Tente encontrá-lo ou peça para ele vir aqui. Aí nos avise.

– Tudo bem, farei isso. Se ele deve, ele vai ter que pagar pelo que fez!

– Obrigado, senhora.

– Mas policial… vocês vão matá-lo?

– Só se ele tentar nos matar, senhora.

– E vocês não vão bater nele, não é?

– Não, senhora, nós não vamos bater nele, nós vamos prendê-lo somente, mas se ele estiver armado e reagir, nós vamos matar ele, sim.

– Tudo bem, mas ele não vai vir aqui armado. Eu vou falar com ele.

– Obrigado. Vou deixar meu contato com a senhora. Mas preste atenção, é muito importante, pela sua segurança, do seu filho, do Pablo e nossa que ele não saiba que estamos atrás dele, tudo bem?

– Pode deixar, policial, não vou falar nada. É só o senhor me prometer que não fará mal nenhum a ele.

– Nós não vamos fazer, a menos que ele tente fazer mal a um de nós. Os amigos dele tentaram isso e estão mortos e ele já deve saber disso.

– Tudo bem, obrigada, policial.

Entrei na viatura e retornei, com meu novo amigo, Antônio, para a segunda granja, onde ele trabalhava. No caminho de volta, seguimos conversando novamente, da mesma maneira que havíamos feito no caminho

de ida para a cidade. Na granja, encontrei os colegas do Choque Canil da PM de Maringá.

– Fala rapaziada! Obrigado pelo apoio de vocês novamente!

– Que isso, Bettini! Quando precisar é só chamar, parceiro! – disse o Ricardo.

– Porra, valeu mesmo, irmão, vocês são foda.

– Você sabe que nós queríamos ter ido com você para Alvorada, mas a chefia não liberou por ser de outra área, pertencente à região de Londrina. Aqui também, mas para esse tipo de serviço, nós metemos a cara e vamos. Para assalto a banco, tem que ter liberação no papel, você sabe.

– Sim, parceiro, eu sei. Não esquenta não, você sabe que sempre que eu puder eu vou chamar vocês!

– É isso aí, temos o maior prazer em ajudá-los.

– Eu sei disso, irmão.

– Olha só, Bettini, os guias estão terminando de "calibrar" os cães com os odores do fugitivo. Eles estão sentindo os cheiros dos policiais que vão seguir na patrulha também, principalmente do seu pessoal, que eles não conhecem. Em 10 ou 15 minutos partirão.

Já era noite. Por volta de 19 horas, a patrulha saiu. Os cães com seus guias seguiam à frente, na trilha de Pablo. Em poucos minutos, eles sumiram na escuridão. Por algum tempo ouvimos suas vozes, mas logo deixamos de escutar. Ficamos na granja aguardando o contato da patrulha.

– Fui burro para cacete! Achei que essa porra de missão ia ser molezinha, não trouxe nenhum "melhorado". Tudo o que eu tinha na mochila acabou em Alvorada, ontem, e eu não "reformei" as minhas "obreias". Estou sem nada pra comer. – eu disse.

– Eu também caguei o pau e não trouxe. Só temos água. – concordou Catto.

– Pior que eu fui até a cidade, poderia ter parado em um boteco, em uma padaria e comprado uns sanduíches de mortadela para nós, um refrigerante, mas nem pensei nisso. Estou com tanta vontade de pegar esse filho da puta que nem pensei nisso.

Ficamos ali, escondidos e observando o Sandero preto de Pablo, caso ele voltasse para buscá-lo. De tempos em tempos, fazíamos contato com a patrulha do Canil. Eles seguiram a trilha de Pablo até a casa novamente. Ficamos intrigados, por qual motivo ele poderia ter voltado a casa? Como na granja havia odor do Pablo por todo canto, a patrulha de rastreamento e busca resolveu retornar. Aproximadamente duas horas após a partida, por volta de 21h, eles regressaram.

– Parceiro, precisamos voltar, infelizmente não vamos poder ficar mais tempo aqui. Como é fora de nossa área, não dá para dar bobeira por muito tempo, você entende?

– Sim, lógico. Valeu rapaziada! Obrigado pelo apoio!

Antes que saíssem, pedi que ligassem as luzes do giroflex e estroboscópicas, para chamar a atenção de Pablo, parecer que a polícia estava indo embora. Chamei nosso pessoal para uma pequena reunião.

– Senhores, podem voltar, amanhã o Catto e o Passolongo têm serviço na delegacia. Vicentini e Kenji também. O GEPOM vai ficar aqui. Eu, Calixto, Fábio e o Cassemiro. Se precisarmos de ajuda, chamamos vocês. Se vocês levarem o carro do Pablo, já vai estar ajudando muito. Além disso, esse carro pode dar algum problema na estrada e é bom vocês saírem mais cedo.

– OK, tudo bem, se precisarem é só ligar e retornamos. – afirmou Catto.

– Tranquilo, ligamos, sim.

– Onde vocês vão dormir, Bettini?

– Nas viaturas mesmo, Catto. O Calixto e o Cassemiro vão até Guairaçá na casa dos parentes do Pablo, para ver se ele está por lá. Eu e Fábio vamos a pé até a granja para ver se ele voltou para casa. Esse cara é maluco, vai que resolve voltar para dormir por lá. Essa história de os cães seguirem a trilha dele até lá está estranha.

– Está bem. Boa sorte para vocês, rapaziada!

– Obrigado! Bom retorno, vão devagar!

Os dois veículos foram embora, uma viatura e o carro de Pablo, conduzido por um dos policiais.

– Bettini, então nós vamos nos adiantar para Guairaçá, ainda temos que encontrar a casa do pai do Pablo, não sei se entendi bem a explicação. – disse Calixto.

– OK, boa missão para vocês, rapaziada.

– Obrigado.

Ficamos eu e Fábio. Escondemos a viatura atrás de alguns galpões e apagamos as luzes. Mantivemos a vigilância no carreador de acesso à propriedade.

– Enfim, sós!

– Hahahahaha!

– Estou com fome. Você é um inútil, não trouxe comida!

– E você, trouxe?!

– Não, mas confisquei um saquinho de amendoim do soldado Ricardo, do Choque!

– Hahahahaha.

– Lógico! Ele vai voltar para cidade! Pode parar na primeira padaria e comer. Nós estamos aqui, vamos passar a noite e sabe Deus quanto tempo mais nesse lugar. Confisquei a "obreia" do Ricardo mesmo! Hahahaha!

A temperatura começou a cair bruscamente. Dividimos o saquinho de amendoim e bebemos água.

– Que horas vamos para a granja do Pablo?

– Estou pensando em sair daqui lá por volta de meia-noite.

– OK. Está ficando frio, né?!

– Muito! Caindo rápido demais a temperatura!

Calixto entrou em contato. Eles estavam próximos à casa do pai de Pablo. Viram algumas pessoas na casa, mas em uma atitude convencional, não observaram nada de suspeito.

– OK, aguardem aí mais um pouco.

– Que horas você acha que é o limite para ficarmos aqui?

– Até a hora em que vocês perceberem que o pessoal foi dormir, apagarem as luzes e fecharem as portas.

– OK, vamos aguardar mais um pouco.

– Sim, porque o Pablo pode aparecer aí ainda. Se ele não voltar para a granja, vai precisar de algum lugar para passar a noite. No mato vai estar muito frio.

– OK. Antes de sair, avisamos vocês.

– Tudo bem. Atenção aí.

– Vocês também.

– Se quiser dar uma cochilada eu fico no "toco". – sugeri ao Fábio.

– Já está quase na hora de sairmos. Falta pouco.

Ficamos no carro, olhando para o carreador escuro. O galho de uma árvore que estava sobre a *pick-up* batia insistentemente na lataria. O vento aumentou e com ele a sensação térmica baixou ainda mais.

– Que friaca!

– Caralho, está mesmo. Vamos se foder pra ir nessa porra de granja pelo mato.

– Esse filho da puta desse Pablo…

– Está na hora, vamos embora?

– Sim, está na hora. Vamos sem pressa, o mais importante é não sermos vistos.

Deixamos a *pick-up* escondida no mesmo lugar e seguimos a pé na noite escura, úmida e fria, em direção à granja do Pablo. Andamos uns 600 metros até chegarmos à estrada asfaltada e, então, seguimos para a esquerda, andando "a cavalo" da estrada, ou seja, seguindo pelo mato, mas acompanhando a estrada. De tempos em tempos, passava um veículo e nós nos escondíamos. Poderia ser qualquer um, alguém resgatando o Pablo ou ele próprio dirigindo algum outro veículo. Caminhamos por quase dois quilômetros e então chegamos à via de acesso da granja. Finalmente, após aproximadamente uma hora de marcha, chegamos bem próximos à casa do fugitivo. Ficamos quietos, no mato. Não nos aproximamos muito por conta dos cães.

– Está tudo muito quieto lá. – cochichou Fábio.

– Demais. – respondi, também cochichando.

– Acho que esse filho da puta não vai vir aqui hoje. Vamos esperar até umas 2h da madrugada, se ele não der sinal de vida, nós voltamos.

A casa estava com a porta da sala e com as janelas abertas, exatamente como havíamos deixado.

– Puta que pariu, da onde veio esse vento?

– Alguém encanou essa porra desse vento da Antártida, não é possível!

– E o pior é que está serenando muito, a roupa fica toda úmida.

– Sim, minhas pernas, do joelho para baixo está tudo molhado, sapato, a porra toda.

– Não sei, não, esse cara não parece estar aí.

– Também acho que não. Vamos observar aqui um pouco, ficar até umas 3h da madrugada. Se ele não aparecer, voltamos.

– OK.

Ficamos ali, sentados, sussurrando e observando a granja.

– Acho legal essas casas de madeira. Isso é bem característico do Paraná.

– Essas casas são boas.

– Sim, eu tinha uma pequena, na minha chácara. Quando fui pra Corumbá arrendei a propriedade e ficou tudo abandonado. Não sei como, mas a casa acabou pegando fogo, acabou tudo.

– Deve ter sido alguns drogados fumando maconha dentro dela.

– Certeza que foi. Há uma represa no sítio vizinho e costumava ficar um monte de viciado lá, nadando e pescando. Devem ter ateado fogo mesmo.

– Que pena!

– Sim, era velha, mas era de peroba, bem pequena, não tinha banheiro, só uma privada, daquelas que são só um buraco no chão. Coisa muito antiga.

– Dá para comprar uma dessas casas. O pessoal não pede muito caro, não.

– Isso. Eu penso em voltar a produzir lá no sítio. Aí vou construir uma dessas. Pessoal vende barato isso.

2h.

– Caralho, quando estamos em campana o tempo não passa!

– Não mesmo, ainda mais com frio e com fome. Hahahaha.

– Hahahaha.

– E a gravidez da Adriana? Como está? – perguntou Fábio.

– Apesar de tudo o que ela passou, está correndo bem, graças a Deus.

– A situação da irmã mais nova está muito difícil para ela também, não é?

– Está, sim, Fábio, bem no meio da gravidez dela, a irmã descobriu que estava com câncer… imagina só a situação dela. Ela está muito abalada.

– Pois é. Essas coisas de saúde são complicadas, 01. Acabou a saúde, acabou a paz. Nada está bom se alguém da família está com a saúde comprometida.

– Não mesmo, você tem toda a razão. Para piorar ainda mais, ela sofreu aquele acidente.

– Essa eu fiquei impressionado!

– Sim, demais. O início da gravidez foi tumultuado também, ela teve dois descolamentos de placenta grandes. Enfim, nós não entendemos os desígnios de Deus.

– Agora você precisa dar uma parada, sossegar um pouco. Ela deve estar precisando de você, 01.

– Sim, está. Depois desse serviço aqui vou dar uma segurada, dar atenção a ela. Falta pouco para a bebê nascer, coisa de um mês aproximadamente.

– 3h da manhã. Podemos ir retornando devagar.

– Beleza, vamos indo, então.

Levantamo-nos e retornamos pela estrada. Eu gostava de conversar com o Fábio. Era um cara inteligente, engenheiro civil. Gostava de mecânica, de eletrônica e de inventos. Era nosso professor Pardal, sempre criando algo novo. Seu “hobby” era voar de parapente. Muito habilidoso e com uma conversa mansa, raramente falava um palavrão. Eu nunca ouvi o Fábio gritando com ninguém, nem sequer levantando sua voz. Era sempre calmo e eu gostava de ter gente assim na minha equipe. Algum tempo depois,

estávamos chegando próximo à viatura novamente e eu fiquei aliviado por isso.

– Caralho, vou ligar o aquecedor aqui para dar uma quebrada nessa friaca!

– Faz isso!

– Hahahahaha!

Em 10 ou 15 minutos chegaram Calixto e Cassemiro. Conversamos com eles pelo rádio, apesar de parados a poucos metros da nossa viatura. Combinamos de fazer um "quarto de hora". Um de nós ficava acordado, na vigilância, enquanto os outros dormiam. Eram 4h da manhã e fizemos a previsão de dormirmos até 6 ou 7h. Cassemiro estava no seu turno enquanto nós estávamos dormindo. Antônio, o funcionário da granja, apareceu com uma garrafa de café quente e um pacote de biscoitos de maisena. Bateu na janela da viatura e eu acordei.

– Bom dia. Vocês devem estar doidos por um café quente, não é?

– Nossa, Antônio! Nem te falo! Obrigado, irmão!

– Aí, sim!

– Tomem, tem um pacote de biscoitos aqui para você.

– Não precisa Antônio, obrigado, só o café já está bom demais, parceiro.

– Tome, rapaz! Eu sei que vocês estão com fome!

– Obrigado!

Comemos aquelas bolachas de maisena com café quente, passado havia poucos minutos. Que café da manhã gostoso!

– Nunca comi uma bolacha de maisena tão gostosa! Hahahaha. – Disse Fábio.

– E este café, então! Não existe expresso que chegue perto do sabor deste café!

– Hahahahaha.

Pegamos metade do pacote de biscoitos, a outra metade e o restante do café que estava na garrafa Antônio levou para os colegas da outra viatura, que ficaram igualmente felizes. Chamei a outra equipe pelo rádio.

– Golf 02, quanto vale uma xícara de café quente e meio pacote de bolacha maisena uma hora dessas?

– A xícara de café quente vale uns quinhentos reais, e o meio pacote de biscoito de maisena uns trezentos e cinquenta.

– Hahahahaha!

Antônio também riu, ele ficou feliz ao perceber que seu pequeno gesto era muito mais importante do que ele pensava. Recebi uma mensagem no celular: "Bom dia, o Pablo mandou a seguinte mensagem para mim: Amor, estou em casa, a tarde passo aí pra falar com você, te amo."

– 04, ele está por aqui ainda, combinou de ver a namorada.

Respondi a mensagem dela com um "Obrigado! Por favor, continue me mantendo informado".

– Será que ele está na granja? – perguntei.

– Não sei, mas acho que devemos nos separar novamente, a equipe do Golf 02 fica na vigilância da granja enquanto eu e você vamos para a cidade, fazer uma vigilância na casa da namorada, parece que à tarde ele vai tentar falar com ela. – sugeriu Fábio.

– OK.

Conversei com Calixto e partimos imediatamente. Na cidade, paramos a umas duas quadras da casa da namorada de Pablo e iniciamos uma vigilância no local.

– Nós vamos pegar esse filho da puta hoje!

Fiquei feliz quando notei que o sol estava esquentando meu braço. Com o raiar do dia e, principalmente, dentro da viatura, não estávamos mais com frio. Mas a "memória" do frio que passamos à noite fazia com que eu sentisse prazer em estar em um local quente e ensolarado. Para outras pessoas, talvez fosse um incômodo ficar parado dentro do carro no sol, pois a temperatura durante o dia não estava baixa. Mas para nós, que passamos frio a noite toda, aquilo era prazeroso. Por volta de 9h da manhã, Calixto entra em contato pelo rádio.

– Golf 01, Golf 02 chamando.

– Prossiga, 02.

– Alvo "está na mão".

– Repita, 02!

– Pablo está preso. Estamos com ele aqui.

Liguei a viatura enquanto continuava a modular no rádio com Calixto.

– Onde vocês estão?

– Te passo a localização via aplicativo. Estamos na BR, próximo da granja, ele estava caminhando a pé no sentido da granja, achamos ele na estrada.

– Boa!

Percorremos em pouco tempo o trecho de Jaguapitã até o local onde estavam Calixto e Cassemiro. Ao chegar, cumprimentamos os dois efusivamente, dando os parabéns para eles.

– Está vendo! Tem que insistir! – eu disse.

– Sim, você é teimoso! Tem que ter alguma vantagem em ser teimoso desse tanto. – brincou Calixto.

– Parabéns! Vocês mandaram muito bem! – elogiei.

Aproximei-me de Pablo. Tive a impressão de que ele não se lembrou de nosso rápido encontro na quarta-feira.

– Seu pilantra!

Ele olhou para mim, com cara de coitado.

– Agora fica com essa cara de cu?!

– Não, senhor…

– "Não, senhor" é o caralho, seu ladrão. Olha aqui para minha cara, lixo!.

Ele manteve o olhar fixo em mim.

– Quero saber como você vai querer ser tratado? Diz para mim se você quer ou não ser tratado como homem?

– Eu quero, sim, senhor…

– Então abre a porra da boca e fala onde estão as porras das armas!.

– Eu falo, sim, senhor.

Surpreendentemente Pablo indicou os dois buracos onde estavam enterrados os barris com armas, explosivos e uniformes. Com um pouco

mais de insistência de nossa parte, ele acabou entregando ainda outro local, onde estava escondida grande quantidade de munições de vários calibres, uma pistola, duas metralhadoras, rádios comunicadores, uniformes paramilitares e alguns malotes de banco vazios, onde esse material estava acondicionado. Pablo foi conduzido algemado para a delegacia da PF de Maringá. Montamos o comboio e nos deslocamos com cuidado pelo caminho de volta, estávamos exaustos a ponto de se tornar uma verdadeira tortura a luta por nos mantermos acordados.

Na delegacia, Fabiano já estava esperando para lavrar o flagrante, juntamente com Passolongo. Dissemos a ele que Pablo havia concordado em falar sobre a organização criminosa, contando detalhes que até então desconhecíamos. Fábio pediu para sair mais cedo, pois ele não faria parte do flagrante. Ficamos eu e Calixto na sala de Fabiano, ouvindo o que Pablo tinha a nos falar. Realmente ele sabia de muita coisa. Meu telefone toca, era Fábio.

– Que isso, deu saudade?

– Zero Um, preciso do apoio de vocês, bati o carro aqui no Contorno Sul. Estava com muito sono e cochilei.

– Estamos indo!

Chamei Calixto e saímos para dar apoio ao Fábio.

– É o que eu sempre digo, Calixto, esse retorno de operações é muito perigoso, estamos muito cansados e a adrenalina abaixa muito, de repente. Aí o corpo pensa que pode descansar e acontece isso. Espero que ele esteja bem e que não tenha machucado ninguém.

Felizmente, a batida somente causou prejuízo financeiro, pois ninguém se machucou. Serviu ainda para colocarmos o Fábio em "cheque" que, por mais de um mês, foi motivo de piada para a equipe. Costumamos falar que final de missão parece "sonho ruim", não acaba nunca. Você acha que a missão acaba quando alcança seu objetivo, mas não é verdade. Quando alcança o objetivo, você cumpriu somente 50% da sua missão. É necessário executar uma série de etapas até consolidar todos os procedimentos e, finalmente, concluir o trabalho. São horas nas oitivas de testemunhas, condutores do flagrante, presos, contando drogas, armas, munições, catalogando, pesando etc. Geralmente o escrivão fica responsável por boa

parte desse trabalho. Chamamos essa parte de procedimentos “cartorários”, e tudo isso leva tempo. Tudo tem que ser “reduzido a termo”, tudo tem de “ir para o papel”, passando a fazer parte de um mundo jurídico, ou seja, existir para a Justiça. Retornamos à delegacia eram quase 18h. Meu telefone toca.

– Pronto.

– Você vem para casa hoje?

– Vou.

– Que horas?

– Para não ser otimista demais, devo chegar em casa lá por 21h.

– Nossa, você passou mais um fim de semana fora. Estou o dia todo sozinha em casa, não estou mais dirigindo por conta da gravidez, estou com fome, quero comer alguma coisa, preciso conversar com você.

– Dri, assim que acabar aqui eu vou para casa, tudo bem?

– Tudo bem.

Desliguei o telefone frustrado. É muito ruim perceber que não está correspondendo minimamente ao que se espera de um pai de família: estar presente.

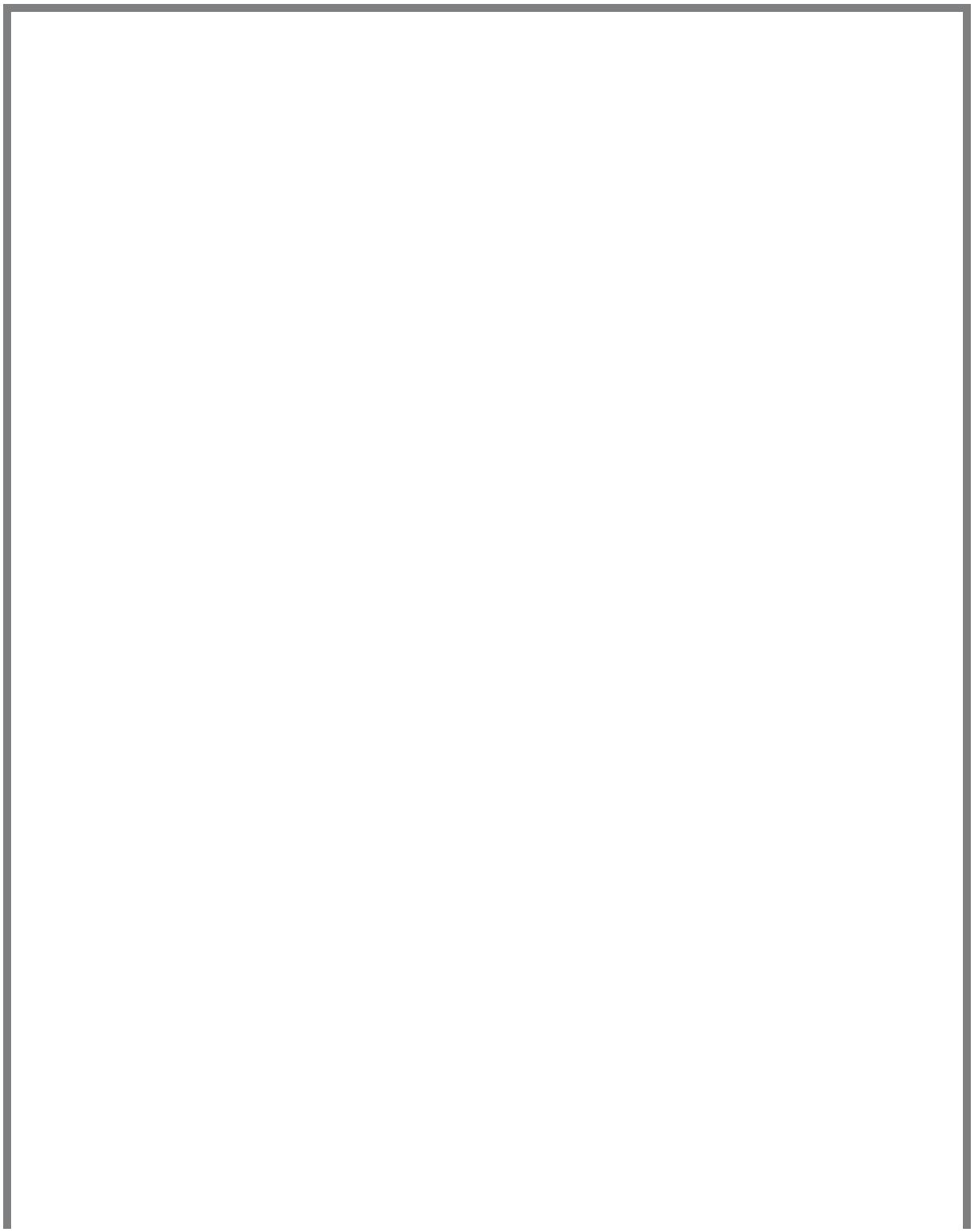
– Bettini, pode ir descansar. O Passolongo já terminou as oitivas de vocês, imprimiu tudo, termo de arrecadação etc. É só passar lá e assinar.

– Beleza, Fabiano, eu queria acompanhar a oitiva do Pablo, mas estou muito cansado. Ir para casa mais cedo vai ser bom. Falei que chegaria somente às 21h, se chegar às 19h, a Adriana vai fazer uma festa.

– OK, bom descanso e… parabéns, cara!

– Parabéns para todos nós, parceiro! Equipe sensacional!

– É mesmo!



# 17

# A MORTE

# 17

# A morte

Segunda-feira, 6h da manhã. Como de costume, tomei o "café da manhã" rapidamente e fui para o "mínimo necessário", a lesão no ombro continuava a me incomodar muito, limitando as minhas possibilidades de treinamento. Mas é assim, a "máquina" vai sentindo o peso da idade e, sobretudo, a intensidade do desgaste físico ocasionado pelo "excesso de uso", seja ele decorrente da prática de lutas ou do trabalho operacional, afinal de contas, a carcaça contabilizava milhares de horas em operações. Como o pessoal do GEPOM sempre dizia, meu corpo somente havia "rodado em estradas ruins". Nesse contexto, a questão dos cursos operacionais e do treinamento de alto rendimento no MMA "pesavam" demais, desequilibrando o "fiel da balança" em meu desfavor. Durante minha carreira, fiz dezenas de cursos operacionais, entre eles o Curso de Operações Policiais Especiais – COEsP, do BOPE-PMERJ. Anualmente nós, os Caveiras formados no curso de 2006, reuníamo-nos para uma confraternização. Entre as várias lembranças dos cinco meses que passamos juntos, sempre costumávamos brincar dizendo que o curso tirou 10 ou 15 anos de vida de cada um. É uma brincadeira, mas mostra como é a sensação de fazer um curso como esse. Às vezes eu estava caminhando pelo centro de Maringá e me pegava pensando nas "outras vidas" que eu tive dentro de uma mesma vida. Pensava nas missões que havia participado cedido ao BOPE no Rio, lembrava do período de pouco mais de seis meses que eu havia trabalhado cedido ao SAER da Polícia Civil do Rio de Janeiro, atuando como operador aerotático do "Caveirão do Ar", à época pilotado por nada menos do que Adonis Lopes de Oliveira, considerado um dos melhores pilotos policiais do mundo, uma lenda viva no meio operacional. Às vezes, enquanto andava ao longo da tranquila praça da Catedral, lembrava-me da marcha através do rio Envira, na retomada da Base Xinane, nas terras Ashaninkas, na fronteira do Acre com o Peru, no período em que eu liderei a equipe de operadores aerotáticos da CAOP, a Coordenação de Aviação Operacional da Polícia Federal. Certa vez, em uma dessas

caminhadas, durante o inverno frio de Maringá, senti o sol batendo e esquentando minha face e me recordei das manhãs geladas em Itatiaia, do lago congelado e do vento frio do imponente Agulhas Negras e das pedras congeladas no Pico das Prateleiras e de como cantávamos “O sol é meu amigo, ele é muito legal, ele aquece o aluno, isso é sensacional”. No dia a dia do trabalho policial, quando estava em uma missão qualquer e começava a chover, imediatamente me lembrava de Ribeirão das Lajes e da “Semana do Inferno”, convertida em duas semanas de suplício gelado, úmido e molhado o tempo todo na dolorosa e sensacional experiência da transformação de um jovem policial em um Caveira. Nada pode ser tão frio quanto Ribeirão das Lages e, depois daquela experiência, a palavra desconforto adquire um novo significado. Por vezes, abaixava minha cabeça e sorria levemente quando ouvia um colega, geralmente mais novo, mais forte e mais saudável, reclamando do sol quente sobre sua cabeça. Um sorriso disfarçado escorregava dos meus lábios ao me lembrar de que eles próprios já estiveram partidos pela sequidão da Caatinga de Chorrochó ou em Barra do Tarrachil, na Bahia, em uma tarde brutalmente ensolarada, quente e esturricada, enquanto “caçávamos” traficantes de maconha em meio ao solo pedregoso e os espinhos das Favelas de Galinha e dos Salgueiros. Eu me sentia “gasto”, velho, cicatrizado, abatido e, às vezes, aos cacos fisicamente, mas psicologicamente havia um abismo entre mim e a maioria dos outros policiais. Talvez fosse porque eu já havia sido submetido incontáveis vezes ao “frio da desgraça” tão bem descrito por Francisco Otaviano e havia, com isso, aprendido a máxima de Tolstoi: “O que não te destrói te deixa mais forte”. Talvez Tolstoi falasse isso porque não sabia o que era ter três hérnias de disco para começar qualquer conversa sobre dores, lesões e traumas ortopédicos. Ou talvez ele tenha escrito isso justamente por conhecer muito mais profundamente a dor do que eu no auge da minha ridícula autopiedade. Acredito que seja a segunda opção, acho que para escrever algo tão profundo e verdadeiro, ele tenha sofrido o suficiente para valorizar o sofrimento. Por mais que eu estivesse na companhia de meus companheiros de trabalho ou que estivesse rodeado de amigos e até de parentes, uma sensação estranha de solidão sempre me acompanhava. Por mais que estivessem comigo pessoas amadas, eu sempre estava longe de outras pessoas, camaradas de outras tantas jornadas, com os quais eu já havia enfrentado as mais brutais adversidades e, principalmente,

aprendido a vencer e sobrepujar meus próprios monstros e demônios. Eu já havia sentido a frieza do aço quente sendo derramado, impiedosamente, sobre nós, à semelhança da saliva incandescente saída de uma boca imunda de satanás aos berros, colérico e tomado pela ira mortal dos demônios. Senti falta de meus antigos camaradas de patrulha durante centenas de missões ao longo de anos de dedicação, sentia falta da loucura e insanidade do caos. O combate é caótico e solitário, mas é nele que são forjados os laços mais fortes entre seres humanos. Ao lado deles, eu conheci cenários impossíveis de descrever, pois seria como tentar colocar em uma fotografia a experiência de Dante atravessando os Nove Círculos, Três Vales, Dez Fossos e Quatro Esferas da sua jornada inglória. Seria impossível. Lembrava-me, caminhando na mais absoluta paz de uma manhã de domingo no interior, que fiz caminhadas noturnas na Vila Cruzeiro, dei risada sendo emboscado no Santa Marta, que desembarquei do Fênix no campo de futebol do Salgueiro, que eu abandonei a segurança do Pássaro de Ferro no Morro do 18 e, juntamente com meu camarada Bunn, fomos de encontro ao combate. Sempre fomos fiéis a ele, jamais lhe dando as costas ou o ignorando. Se tem algo que aprendi com o Bunn é que não se pode ignorar um bom combate. Eu estive na Retomada do Alemão e pude ver a felicidade do Sargento Gripp, altivo, elegante e garboso na caçamba das primeiras viaturas que se deslocavam em direção ao inferno, nosso inferno particular do “Hell de Janeiro”, mantido assim como mundo inferior, para que os zumbis dos jantares milionários na Europa pudessem render aos Cabrais e Garotões da vida mais um pouco de sangue dos inocentes, para lhes saciar o apetite monstruoso, vampiresco. Por mais que o tenha encontrado várias vezes após isso, minha memória teima em lembrar do Gripp, somente naquela condição. Talvez seja algum tipo de homenagem fúnebre. Às vezes, eu buscava estar só, para poder reencontrar meus velhos amigos. Por mais de uma vez, durante estas caminhadas, mantive conversas longas com o P. Antonio, morto há quase uma década, ou dei risada com alguma brincadeira do 22, que eu não via há quase três anos. Em um desses dias, ao ver um monte de areia lavada em uma construção, cheguei a sentir o peso da mochila em minhas costas quando caí em um atoleiro de areia movediça na Selva Amazônica. Pude ouvir as risadas de Bernardo enquanto eu me arrastava naquela lama com somente parte da boca e o nariz fora da água. Sentia falta dos amigos da CAOP, dos camaradas do COT e de uma

gama de companheiros, de todas as polícias, com os quais já tive a honra de trabalhar. Observei um jovem que tomava um refrigerante e pensei na instrução do Bosco, do CEPAC, da PM da Bahia, ensinando-nos a retirar água da palma ou da coroa de frade no Sertão, uma riqueza. Lembrei-me da época dos treinamentos e das lutas de MMA. A sensação de subir em um octógono pela primeira vez foi indescritível. Eu conseguia sentir o medo se transformar em algo tão físico quanto tijolos que precisam ser abandonados para que você siga sua caminhada e lute com honra. O medo é um peso que precisamos abandonar no caminho para que consigamos finalizar o trajeto. Todos ficaram para trás e eu sentia falta deles. Os camaradas das artes marciais, os guerreiros das missões policiais, os companheiros dos treinamentos mais extenuantes. Mas eu tinha que trilhar um caminho novo, continuar escrevendo a minha história e fazendo o que eu mais sabia fazer: lutar. Não interessa onde, se em um ringue, em uma favela, em um tatame, na Caatinga ou no rio Paraná, a característica que mais me descrevia era a predisposição para entrar em uma boa peleia e ficar nela o maior tempo possível. Era exatamente nessa condição que eu me sentia bem. A maior lição que meu pai me deixou foi essa: jamais deixe o medo limitar você. Ele, o medo, é a pior prisão que existe, pois ele prende você por dentro. Ao longo da minha vida, busquei seguir o maior conselho de meu pai. Passei boa parte dela indo ao encontro dele, encarando-o nos olhos, fazendo-o ficar cada vez menor enquanto eu crescia.

Após aquela manhã em Alvorada, eu voltei para casa carregando a leveza que inunda os dias após um bom combate. Eu estava tranquilo. Sentia que todos os movimentos que realizava eram firmes, porém suaves. Talvez a palavra que mais descreva a sensação nos dias após aquele evento fantástico seja a serenidade. Eu estava em paz comigo, com minha natureza e com o que eu havia feito. Nenhum vestígio de arrependimento ou desconforto poderia ser encontrado em meu corpo ou mente. Nem tampouco prazer, uma sensação tão fugaz não combinaria com aquele momento tão rico. Acho que o sentimento de plenitude é suficiente para descrever essa “atmosfera” em que eu estava imerso nos dias seguintes aos acontecimentos das primeiras semanas de abril de 2017. Eu ainda estava “digerindo” tudo o que havia acontecido. Eu já conhecia aquele tipo de evento e, mesmo assim, era como se tudo fosse novo. Era como se surgisse

a partir daquela manhã a possibilidade de se começar tudo de novo, mais uma vez. Estar vivo era uma novidade, pois ia contra todas as probabilidades. Estar saudável também era novo, pois um centímetro a mais ou a menos, um sobressalto, o atraso de frações de segundos ou sua antecipação, tudo isso ou qualquer coisa assim seriam suficientes para eu ter perdido a minha vida ou a minha saúde. Detalhes afastaram os projéteis de alta velocidade dos Novos Cangaceiros de nossos corpos. A partir de agora, portanto, tudo era novo. Eu já havia passado por várias situações críticas em minha vida, mas o momento em que o confronto de Alvorada aconteceu fez de tudo ainda mais especial. O isolamento dos membros das minhas antigas equipes, a proximidade do nascimento da minha filha, o estado de saúde do meu pai, que me fez olhar para a vida de outra maneira, tudo isso fez com que, dessa vez, o "sabor" dos acontecimentos estivesse mais acentuado. Eu também estava mais velho e já observava os acontecimentos à minha volta sob a perspectiva da desaceleração que o tempo nos impõe. Estar em casa, conversar com minha esposa, falar sobre nossa filha, imaginar como ela seria, tudo isso era novo para mim. Por muito pouco ou quase nada eu poderia nunca mais viver essas coisas, nem sentir essas sensações, nem ser visto por minha filha. Sem alarde, minha alma comemorava a vida em tudo o que meu corpo fazia.

A semana passou sem novidades. Na quarta-feira aconteceu nossa reunião no Bar do Brutus, em comemoração da nossa operação. Em uma pequena mesa de plástico colocada na calçada, conversamos sobre os detalhes do serviço.

– Bettini, você já leu o depoimento do Pablo?

– Ainda não, respondi a Fabiano.

– Amanhã pega lá comigo, interessante você dar uma lida, fiquei preocupado com algumas coisas.

– Então, Bettini, ele fala de um jeito…não sei, parece que ele não sabe exatamente quem foi pego. E ele fala de algumas pessoas que nós não conhecemos. Não estavam na nossa investigação. – complementou Dias.

– Desenha para mim, Dias… você sabe que esse negócio de Inteligência não é minha praia.

– Hahahahaha!

– Malditos agentes!

– Eu sou A-GENTE. Meu trabalho é AGIR! Se fosse pensar, eu seria um APENSANTE.

– Hahahahaha! Cidinei que fala isso, Bettini.

– Roubei essa máxima dele! Hahahaha. Combina comigo!

– Então, fizemos uma reunião com o pessoal da Inteligência.

– E aí? Desenha porra! Hahahaha.

– Estamos achando que tem alguns integrantes que ficaram de fora.

– Vocês acham que pegamos somente parte da quadrilha?

– Sim, exatamente isso. No dia do assalto em Cruzália, teve outro em Itambé, aqui no Paraná e o *modus operandi* foi o mesmo. Pelas informações do depoimento e por alguns fragmentos de pistas que tínhamos, juntados aos que o pessoal do DIEP tinha, achamos que podemos ter pegado somente uma célula do Novo Cangaço.

– E seriam quantas ao todo?

– Duas.

– Falta uma, então?

– Sim, provavelmente. O problema é que agora eles sabem que estamos atrás deles e vai ficar ainda mais difícil. Por outro lado, a parte menos ruim é que, com certeza, os líderes e os mais experientes morreram na ação de Alvorada do Sul. Essa outra célula seria o pessoal mais "verde".

– Pior para eles. Se os mais experientes tiveram o fim que tiveram, os menos vão se foder ainda mais. – concluí.

– Se é que é possível alguém se foder mais do que eles…

– Mas tem outra questão, Bettini. – disse Dias, com ar preocupado.

– Sim, diga.

– O chefe está preocupado. Não sabemos como o pessoal da Justiça vai lidar com a situação dos seis mortos.

– Estou entendendo.

– Se tivermos outro confronto agora, a situação de vocês, perante a Justiça, pode ficar complicada.

– Mas nossas ações foram legítimas. O que mais os caras tinham que fazer para justificar usarmos a força letal?

– Bettini, eu sei disso, o Dias sabe, o Carrer também, todo mundo sabe. Mas você sabe que, muitas vezes, a pessoa que vai julgá-los pode não pensar assim.

– Sim, entendo, a realidade deles é diferente…

– Sim, muito diferente, temos que considerar, portanto, que um novo confronto pode ter uma má interpretação.

– E por isso temos que voltar à política do "evitar o confronto".

– Mais ou menos isso. Não vamos deixar de fazer o que for preciso, mas se for o caso, vamos ter que pedir para outra unidade atuar na parte tática, preservando vocês.

– Eu entendo, mas não concordo. Assumo os riscos de ser mal interpretado pelo Judiciário, mas não assumo os riscos de me sentir um omisso.

– Calma, Bettini, vai dar tudo certo, é só darmos uma segurada enquanto está "rolando" esse processo de Alvorada do Sul. – disse Dias, com o equilíbrio de sempre.

– Tudo bem. Não penso assim, mas respeito a maneira de vocês pensarem e, em última instância, fico feliz por se preocuparem comigo.

– Alguém tem que se preocupar com essas questões, não é…

– Hahahahaha! Senão como ia justificar ganhar o dobro do que eu ganho?

– Hahahahaha. Isso mesmo! – brincou Dias.

Eu sabia que Fabiano e Dias estavam certos, assim como o Carrer, mais uma vez, também estava. E, mesmo me sentindo frustrado por nossa equipe estar "impedida" temporariamente de atuar na parte tática da operação, era bom saber que eles se preocupavam conosco.

Durante a semana, aproveitei para colocar algumas questões pessoais em dia. Levei a Adriana a uma clínica para o último ultrassom antes do parto. No último mês ela decidiu não mais dirigir para evitar problemas. Na quinta-feira à noite e no sábado fui buscar meu pai na clínica de repouso onde ele passava o dia. Desde que o Alzheimer avançou a ponto de ele não

conseguir fazer sozinho as atividades mais simples do dia a dia, decidimos colocá-lo em um lugar onde tivesse tratamento especializado. Afinal de contas, minha mãe também estava passando por momentos difíceis em relação à saúde.

– Oi, Edu! Hoje ele está bem-humorado! – disse a Sandra, a proprietária da clínica onde meu pai passava os dias. Ela era muito carinhosa com ele.

– Que bom, Sandra, fico feliz de vê-lo bem, ele merece.

Ela vinha de mãos dadas com ele, que usava a boina italiana que eu havia lhe dado como presente.

– Olha aí, seu Carlos! É o Edu!

– Oi, Pai! Vamos entrar na pick-up pra dar um passeio?

Ele me cumprimentava, mas não sabia quem eu era. Mesmo doente, ele ainda sorria e eu podia ver suas gengivas, como de um bebê. Há quase três meses ele não aceitava mais usar a dentadura. Todos os dias minha irmã o buscava pela manhã em sua casa e o deixava na clínica. No final do dia, fazia o caminho inverso. Sempre que eu podia, principalmente após esses períodos intensos de ausência, eu fazia questão de buscá-lo. Após uns vinte minutos tentando "convencê-lo", ele entrou no carro com duas pedrinhas nas mãos.

– Eita, seu Carlos! Que trabalho que o senhor dá hein, rapaz!

– É…

– Vamos para casa agora? Vamos ver a Dona Júlia?

– É…

– Por onde o senhor quer que eu vá?

– É ali ó…

E assim eu ia o caminho todo. Mesmo sabendo que ele não se lembrava de mim, era importante estar olhando para ele, saber que ele ainda estava por ali. Mesmo tendo passado quase quinze anos fora, meu pai sempre foi meu grande amigo e meu maior mestre. Aprendi com ele quase tudo que eu sei na vida e tudo o que eu precisava para me tornar um homem. Muito da minha decisão de voltar para Maringá estava relacionado ao estado de saúde dele, que deteriorava rapidamente. Eu conversava com ele durante todo o caminho. As respostas que eu obtinha eram sempre as mesmas. Mas tudo o

que ele precisava me falar já havia dito antes. Eu sabia exatamente quais seriam as suas respostas, fossem elas ditas ou não.

No dia seguinte fui almoçar na casa de minha mãe. Era domingo de Páscoa. Minha irmã também foi. Meu irmão não pôde ir, estava viajando. Ele trabalhava muito. Desdobrava-se para tentar dar todo o conforto possível a sua família e aos nossos pais, que por isso, tinham uma vida digna. Mas nessa Páscoa ele estava de férias, na Europa, descansando.

– Edu, você pode cortar uma árvore seca lá de casa?

– Lógico que não.

– Ah. Para! Se você não cortar, ela vai cair em cima do Paco.

– Não gosto de cachorros e não vou cortar uma árvore.

– Para seu chato, você é apaixonado por cães. E a árvore está morta.

– Quanto você me paga?

– Eu te sirvo um café feito na hora.

– E se estiver ruim?

– Para, tonto, não vai estar ruim.

– Então quem vai fazer?

– Eu, uai.

– Então não tem como não estar ruim.

– Para, corta lá pra mim! Estou precisando arrumar o canil dos cachorros.

– Se você se comportar eu vou pensar no seu caso.

– Hahahahahaha. – Pedro, meu sobrinho, riu.

– Ele é chato, né. – disse minha irmã.

– Olha que eu não vou cortar nada.

– Mentira, você é bonzinho!

– E bonito?

– Muito bonito.

– E inteligente?

– E inteligente.

– Então eu corto.

– Nossa, ele é chato demais! – interveio a Adriana.

Finalizamos o almoço, tomei o café que eu mesmo torro e cuja moagem eu faço no quintal da casa da minha mãe. De tempos em tempos, meu grande amigo, Eduardo, o chefe do GEPOM de Naviraí me manda o café que seu pai produz em sua pequena chácara e que, segundo ele, é tão bom porque seu pai aplica somente esterco de carneiro no pequeno cafezal. Fui até meu quarto de ferramentas, misturei um pouco de óleo dois tempos à gasolina e testei a motosserra.

– Pronto, vamos cortar essa árvore.

Levei aproximadamente duas horas até cortar a árvore e picar seu tronco em pequenos pedaços com menos de um metro de comprimento. Tirei tudo do canil do Paco, enquanto meu sobrinho Pedro fazia um monte de madeira próximo à rua. Depois do serviço nos sentamos para tomar um suco, café e comer bolo de fubá. Minha irmã morava em uma casa de madeira, muito simples, mas com um quintal espaçoso. Apesar de ser alugada, ela cuidava daquela casa como se fosse dela. Tomei a minha xícara de café e olhei para o Pedro, que estava olhando para a motosserra.

– É do vô, Pedro. Aprendi a usar com ele. Consigo regular, trocar vela, apertar a corrente, afiar, trocar o saibro, enfim, sei bem como lidar com ela. Tudo isso foi seu avô que me ensinou. Nunca conheci ninguém mais habilidoso do que ele.

– E calmo também. Ele sempre foi muito calmo.

– Sim, muito calmo.

Estava uma tarde agradável, ensolarada e um pouco fria. Meu telefone tocou. Olhei e era a Sandra.

– Pronto.

– Edu…

Percebi sua voz embargada. Minha espinha gelou.

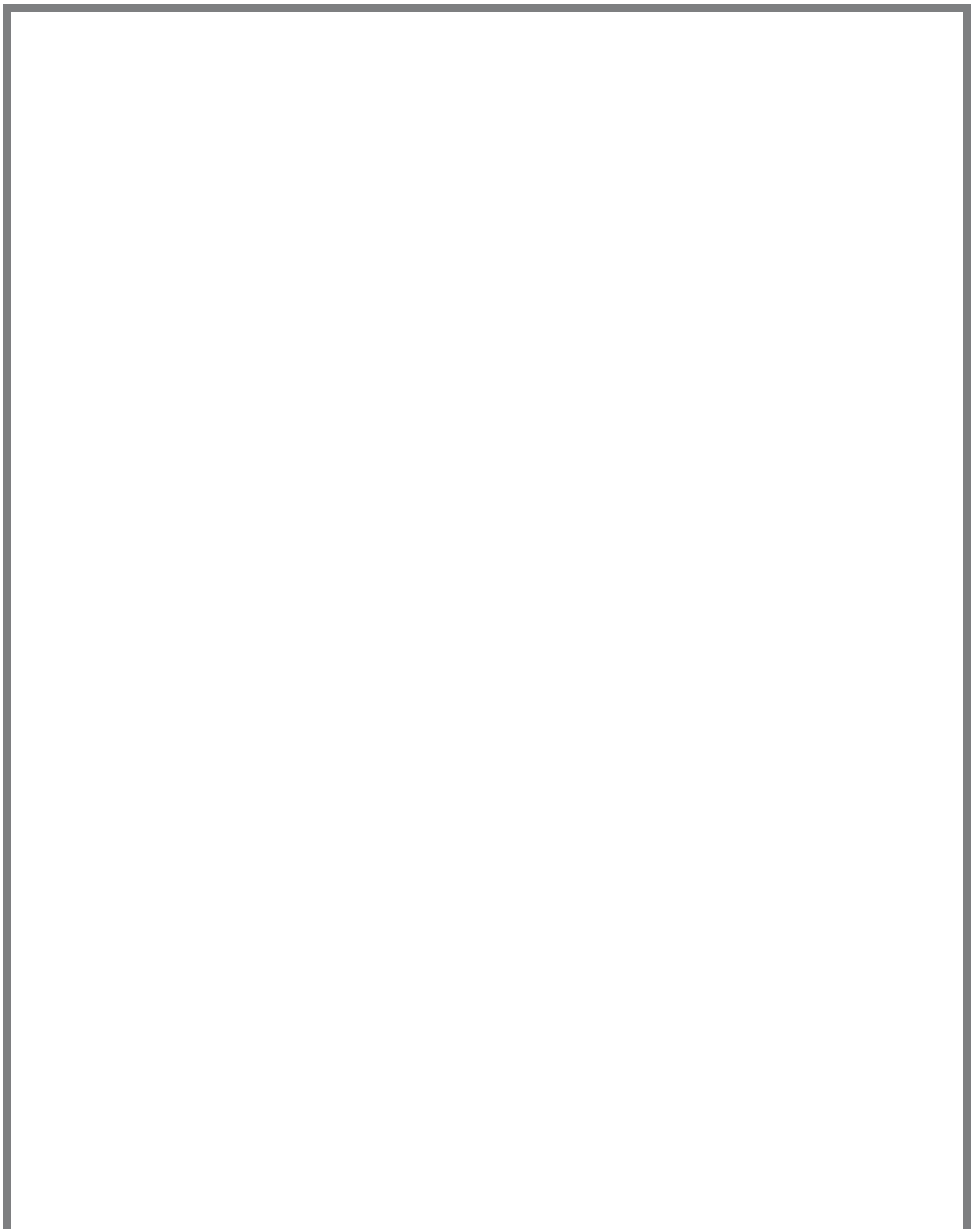
– Fala, Sandra!

– Edu…

– É o pai, Sandra?!

– É, Edu…

– Que foi, Sandra?!
– …
– Meu pai morreu, Sandra?
– … Edu… sim, ele… ele morreu, Edu…



# 18

# A CÉLULA

# 18

# A célula

Sétima semana após o confronto em Alvorada do Sul, 6h15min da manhã.

– Pronto!

– Bom dia, parceiro, te acordei? – perguntou Dias.

– Negativo, parceiro, eu acordo às 6h, perdeu por 15 minutos. Quer vir em casa tomar café?

– Não, obrigado. Você viu as mensagens no grupo aí?

– Não, o que aconteceu?

– Explodiram as agências em Barbosa Ferraz.

– Sério? Achei que demoraria mais tempo para alguma quadrilha voltar a atuar na nossa região, ainda não faz dois meses do confronto de Alvorada do Sul.

– Então… essa é a questão. Você lembra do depoimento do Pablo?

– Sim, lembro.

– Lembra da conversa que tivemos lá no Bar do Brutus?

– Lembro, sim, sobre coisas que ele falou que desconhecíamos, talvez pessoas etc. Mas daí a terem condição de operacionalizar esse tipo de ação em pouco menos de dois meses… você acha possível.

– Parceiro, nós pegamos uma célula do Novo Cangaço. A outra ainda está ativa. Pegamos os mais violentos, os líderes e pessoas de referência para eles, como o explosivista, por exemplo. Mas ainda tem oito ou dez bandidos soltos dessa quadrilha, atuando no Novo Cangaço.

– Essa é uma notícia ruim.

– Péssima…

– Mas estamos "engessados" agora com essas questões legais. As armas de todos da equipe estão apreendidas e tem a tal da instrução normativa que obriga o chefe a nos retirar do trabalho operacional.

– Eu sei, isso deixa a situação ainda mais péssima.

– Vivemos em um país estranho.

– Muito!

– Cães de guerra sempre serão necessários, a natureza do ser humano é complicada.

– Eu sei disso, parceiro. E a neném?

– Está conhecendo o pai ainda.

– Coitada!

– Hahahahaha. Estou dando atenção a ela, revendo um pouco a maneira como eu estava vivendo.

– Isso é bom…

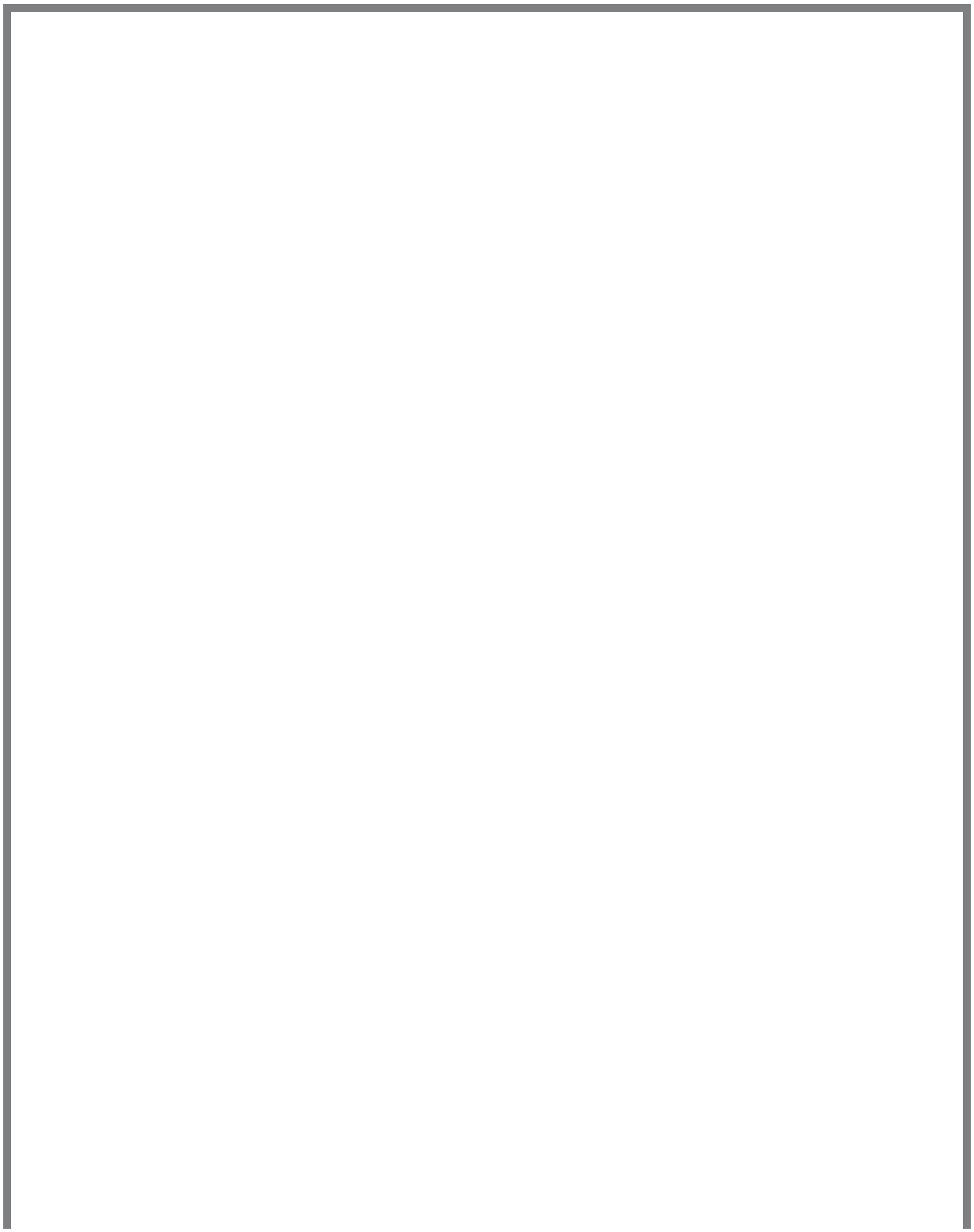
– O que você está pensando em fazer a respeito da outra célula?

– Faz assim, toma seu café da manhã e vem pra “firma”, precisamos conversar.

– Achei que eu iria entregar intimações.

– Duvido que tenha achado isso realmente. Estou te esperando.

– Caveira!



# DOIS ANOS…

# Dois anos…

Ela está no tapete da sala, de tempos em tempos me olha e sorri. É um jeito diferente de ser observado e por um único sorriso seu, viver faria sentido, assim como morrer também o faz. Agora ela corre atrás do pequeno cãozinho, Paçoca. Ambos estão brincando. Ele se irrita com ela e corre para debaixo da minha cadeira, buscando abrigo. Estamos somente os três em casa, eu, a pequena Stella e o Paçoca. A minha esposa, Adriana, está no hospital, pois hoje nasceu meu filho, Hector. Passei o dia todo no pequeno quarto, com os dois, ele é muito mais bonito do que eu imaginei que seria, principalmente se considerarmos os atributos estéticos do pai. São pouco mais de 20h e passei quase vinte dias sem ver a minha família. Estou trabalhando em Brasília, fui chamado para ocupar um cargo no Ministério da Justiça e Segurança Pública – MJSP. Agora, atuo trabalhando como Coordenador-Geral de Fronteiras (CGFRON) da recém criada Secretaria de Operações Integradas – SEOPI. A missão agora é consolidar e expandir a nível Nacional a síntese de uma vida dedicada as operações e ao estudo doutrinário delas: O Programa V.I.G.I.A[14]. de Segurança Nacional das Fronteiras e Divisas. Este é o meu "combate" atualmente e nele venho convergindo todo o meu propósito e energia. Após 17 anos dedicados às operações policiais, eu troquei, pelo menos por algum tempo, o camuflado pelo terno. Mais uma vez eu deixo para trás a minha equipe, as pessoas que trabalharam comigo nos últimos quatro anos e nas quais eu confiaria a vida da minha filha. Mais uma vez eu sigo a minha jornada, sozinho. Sinto a falta de cada um deles, sinto a falta do meu time, dos meus companheiros do GEPOM e da Delegacia da Polícia Federal de Maringá. Foram quatro anos de muito trabalho, de muitas conquistas, de muitas superações e de missões fantásticas realizadas ao lado de pessoas especiais. Deixei para trás mais do que amigos de trabalho, deixei a minha segunda família. Eu me preocupo com eles, com algo que possa acontecer caso eu não esteja por perto. Mesmo sabendo o quanto são profissionais, eu me preocupo. É que eu sempre gostei de estar por perto da minha equipe nos momentos críticos.

Pouco menos de dois anos se passaram desde aquela incomum manhã de 7 de abril de 2017. Os eventos que relatei nestas poucas páginas, de maneira alguma retratam toda a realidade ou esgotam o assunto. O texto retrata apenas a minha maneira, limitada e incerta, de observar aqueles acontecimentos, transcorridos em um período de aproximadamente 6 meses e que eu tentei descrever, segundo a minha maneira de ver e de acordo com o modo que eu, idiossincraticamente, observei o mundo e os acontecimentos à minha volta. Esses mesmos eventos, dos quais me apodero neste pequeno livro, na realidade, de maneira alguma, pertencem a mim. Eles são o resultado de um trabalho abnegado e intenso de uma equipe, ou melhor, de várias equipes. Muitas pessoas contribuíram e foram essenciais para o desfecho da operação, coroada de êxito, e que sequer são mencionadas nestas páginas. Por eles peço desculpas, enquanto rendo minhas mais sinceras homenagens a todos que, de alguma maneira, colaboraram para a realização da "Operação Miguelito". Foi realmente um belo trabalho em equipe e em estreita coordenação entre Justiça Federal, Ministério Público Federal, Polícia Federal e DIEP – Secretaria de Segurança Pública do Paraná. Entre todos os que contribuíram e que se sacrificaram, não posso deixar de citar aquele que foi o meu chefe por quatro anos e que se tornou um grande amigo, Ronaldo de Góes Carrer. Se fosse possível materializar em alguém a responsabilidade por nossa vitória naquela perigosa empreitada, essa pessoa com certeza seria o Chefe Carrer.

Após dois anos, hoje, ao olhar para minha filha, não posso deixar de pensar nas famílias daqueles que se foram, dos que tombaram em combate. Não vou entrar na seara moral, nem cair na tentação de tentar julgar seu caráter ou personalidade. Esse julgamento não nos cabe, somente a Deus. As diferenças que tínhamos foram resolvidas em nosso único e último encontro. Por trás dos homens que lutaram conosco e que, com suas armas, tentavam tirar nossas vidas, enquanto nós próprios tentávamos fazer o mesmo, existem famílias, filhos, esposas, pais e mães. Espero que esses familiares encontrem conforto na certeza de que, para Deus, nada é impossível e que possam, um dia, reencontrar seus entes queridos na Vida Eterna. Meus mais sinceros sentimentos aos familiares, mas foi uma luta justa e nós fizemos apenas nosso trabalho, que era impedir que eles continuassem a fazer o "trabalho" deles. Rezo pelas almas de cada um deles

com certa frequência e agradeço a Deus e a meus companheiros de trabalho pela oportunidade de beijar minha filha e por poder pegar meu filho, recém-nascido, no colo. E será assim, por todos os dias, até o dia em que, finalmente, eu mesmo seguirei o meu destino na certeza de que, se fosse necessário, faríamos, outra vez, tudo exatamente da maneira como fizemos.

**LEALDADE E DESTEMOR!**

---

14 Vigilância, Integração, Governança, Interoperabilidade e Autonomia.

**Reconhecimento das autoridades locais pelas ações da PF realizadas nos Municípios.**

**É o que eu chamo de salário indireto, pois representa a cultura das operações policiais.**

Câmara Municipal de Presidente Venceslau

AV. DOM PEDRO II, 289 - CENTRO - FONE: (18) 3271-4622 - FONE/FAX: (18) 3271-1530 - CEP 19.400-000
CNPJ: 51.391.944/0001-78 - ESTADO DE SÃO PAULO
e-mail: camarapv@uol.com.br / site: www.camarapv.sp.gov.br

**MOÇÃO Nº 004/2017**

***"Aplauso aos Integrantes da Polícia Federal de Maringá-PR.".***

APROVADO
EM SESSÃO DE
17 ABR. 2017
PRESIDENTE

Senhor Presidente:

**CONSIDERANDO que** no dia 07 de abril de 2017, a Polícia Federal de Maringá-PR, após investigação e confronto com uma quadrilha que vinha impondo terror aos cidadãos com ações criminosas, uma vez que roubavam caixas eletrônicos, no norte do Paraná e Oeste Paulista, atirando com armas de grosso calibre, tais como: fuzis, metralhadores, pistolas e explosivos;

**CONSIDERANDO que**, felizmente, o resultado desse confronto, teve baixa (mortes) de 06 (seis) criminosos pertencentes à referida quadrilha;

**CONSIDERANDO que** é importante destacar que os bravos policiais cumpriram muito bem sua missão, pois, foram prender os componentes pertencentes à tal quadrilha e houve reação por parte dos mesmos, não lhes restando outra opção além de mandar para o "inferno", seis criminosos perigosos, que com certeza não farão falta a sociedade;

**CONSIDERANDO que** diante da brilhante ação dos bravos policiais, verdadeiros heróis e defensores da ordem no país:

**REQUEIRO** à Mesa, satisfeitas as formalidades regimentais e ouvido o Douto Plenário, sejam consignados na Ata dos Trabalhos da presente Sessão, **"MOÇÃO DE APLAUSO", Polícia Federal de Maringá-PR**, pela brilhante investigação que revelou quadrilha tão perigosa, bem como pela bravura do confronto que eliminou da sociedade brasileira tais criminosos.

**REQUER ainda**, que seja oficiado para conhecimento do inteiro teor da presente propositura as seguintes autoridades: Comando da Polícia Federal de Maringá-PR, Delegado Ronaldo de Góes Carrer; Comandante do CPI-8, Ten. Cel. PM Nelson Ezequiel da Silva; e, Comandante do 42º BPM/I, Major PM André Timachi Madrid.

Plenário "Joaquim Gorgulho" da Câmara Municipal "Manoel Rainho" de Presidente Venceslau, 12 de abril de 2017.

WILSON FERREIRA DOURADO
Vereador

LUCIMARA DA SILVA DIAS
Vereadora

LUCIANO CÉSAR BARBOSA SANTOS
Vereador

PERCY PAULO PEREIRA
Vereador

Raphael Balbestero Junior
Vereador

Adelino Soares da Silva
Vereador

JOÃO ROBERTO C. PACHECO
Vereador

# Câmara Municipal de Cruzália

CNPJ (MF) 49.898.489/0001-50

**MOÇÃO DE APLAUSOS Nº 004/2017**

**de 12 de Abril de 2017**

**Aplausos à atuação da Polícia Federal no caso dos assaltos aos Bancos do Brasil e Santander na cidade de Cruzália.**

No dia 07/04/17 por volta das duas horas da madrugada a população de Cruzália foi acordada por barulhos de tiros e explosões. Foram mais ou menos 30 minutos de terror, onde bandidos armados assaltaram os cofres de dois Bancos em nosso Município, sendo eles o Banco do Brasil e o Banco Santander.

Soubemos após, na manhã deste mesmo dia, do confronto dos bandidos com agentes da Polícia Federal que ocorreu no Município de Alvorada do Sul, Estado do Paraná, que vitimou seis integrantes da quadrilha, com recuperação dos malotes dos referidos bancos, bem como armamentos pesados, explosivos e farta quantidade de munição.

Esta quadrilha foi desmantelada pela ação da Polícia Federal que nos enche de orgulho e nos mostra que ainda é possível acreditar nas forças policiais de nosso País, em um momento que a Segurança Pública é tão questionada pela população.

Soubemos também que no dia 09/04/17 ocorreu o sepultamento de um dos bandidos e que o velório do mesmo ocorreu na Câmara Municipal de Sandovalina/SP, o que encheu de revolta nossa população, mas soubemos do questionamento feito pelo Dr. Eder Rosa de Magalhães, delegado da Policia Federal e chefe da DPF/PDE/SP junto à Promotoria de Justiça de Pirapozinho/SP, um ato de grande relevância, que nos dignifica e representa o desejo de nossa comunidade.

Portanto, apresentamos à Mesa, ouvido o Plenário e cumpridas as formalidades regimentais, votos de aplausos à atuação brilhante da nossa Polícia Federal, seja na ação dos agentes em Alvorada do Sul, norte do Paraná, quanto no questionamento feito pelo Dr. Eder Rosa.

Solicitamos então, seja dado conhecimento da presente moção de aplausos à Polícia Federal na pessoa do Chefe Ronaldo de Góes Carrer da Delegacia de Polícia Federal de Maringá, e Chefe Celso Rogério Mochi da Delegacia de Policia Federal de Cascavel, Delegado da Polícia Federal e encaminhada cópia da mesma ao Dr. Eder Rosa de Magalhães, delegado da Policia Federal e chefe da DPF/PDE/SP.

Plenário "Vereador João Batista Vidotti", 12 de Abril de 2017

Arildo Osmar de Moro
Vereador

Amauri César Schwarz
Vereador

Antonio Totti
Vereador

Gilson Casimiro da Silva
Vereador

João Antonio Popp
Vereador

Luana Cirino Silva
Vereadora

Marcelo de Melo
Vereador

Mauro Paselli Nogueira de Souza
Vereador

Valquiria Soares de Godoy Cirino
Vereadora

## Alvorada…

Fora do cais seguro,
Sob tiros de fuzil,
O bem e o mal se encontraram
Num outro sete de abril.

E naquela manhã sombria,
Depois de uma noite de horror,
O mal encontrava, enfim,
Seus momentos de medo e de dor.

Nas águas outrora tão calmas,
Quando se definem as almas,
Ficaram os filhos Teus…

Aqueles que seguem além
Quatro guerreiros do bem,
Valentes soldados de Deus.

Alexander Boeing Noronha Dias